UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GLÁUCIA MENDES DA SILVA

O CORDEL EM GEOPOESIA *CENTROESTINA:* ESTRADAS E VERSOS DE PAULO NUNES BATISTA

UBERLÂNDIA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GLÁUCIA MENDES DA SILVA

O CORDEL EM GEOPOESIA *CENTROESTINA*: ESTRADAS E VERSOS DE PAULO NUNES BATISTA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Área de Concentração: Estudos Literários

Linha de Pesquisa 1: Literatura, Teoria e Crítica

Orientadora: Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo

Coorientador: Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior (UnB)

UBERLÂNDIA

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Gláucia Mendes da, 1982-
2024 O cordel em geopoesia centroestina: estradas e versos de Paulo Nunes Batista [recurso eletrônico] / Gláucia Mendes da Silva. - 2024.

Orientadora: Joana Luiza Muylaert de Araújo.
Coorientador: Augusto Rodrigues da Silva Junior.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Literários.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.274
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Literatura. I. Araújo, Joana Luiza Muylaert de , 1953-, (Orient.). II. Silva Junior, Augusto Rodrigues da ,1974-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Literários. IV. Título.

CDU: 82

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e atendppgelit@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários - PPGELIT				
Defesa de:	Doutorado em Estudos Literários				
Data:	26 de março de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:05
Matrícula do Discente:	11913TLT010				
Nome do Discente:	Gláucia Mendes da Silva				
Título do Trabalho:	O cordel em geopoesia *centroestina*: estradas e versos de Paulo Nunes Batista				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cartas e literatura brasileira: leituras contemporâneas do modernismo				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos Professores Doutores: Joana Luiza Muylaert de Araújo da Universidade Federal de Uberlândia / UFU, orientadora da candidata; Augusto Rodrigues da Silva Junior da Universidade de Brasília / UnB (Coorientador); Elaine Cristina Cintra da Universidade Federal da Paraíba / UFPB; Lemuel da Cruz Gandara do Instituto Federal de Goiás / IFG - Campus Formosa; Regma Maria dos Santos da Universidade Federal de Catalão / UFCat; Luiz Humberto Martins Arantes da Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Profa. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e revisada, foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Joana Luiza Muylaert de Araujo**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/03/2024, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Humberto Martins Arantes**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/03/2024, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **ELAINE CRISTINA CINTRA**, **Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Regma Maria Santos**, **Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Gláucia Mendes da Silva**, **Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Lemuel da Cruz Gandara**, **Usuário Externo**, em 26/03/2024, às 17:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5299267** e o código CRC **F2BD3443**.

Minhas palavras, suadas e
Avidas, aqui lavradas
Enquanto maternava, dedico,
Sincera e
Afetuosamente, às **mães atípicas**.
Tenho viva a
Imensidão do amor e do
Poder das lutas
Incansáveis, travadas
Cotidianamente em prol de
Amenizar as barreiras
Sociais aos nossos filhos criadas.

AGRADECIMENTOS

Expressar gratidão representa consolidar o reconhecimento de que nada que se projete na vida é possível realizar sem o apoio e a confiança depositada pelos agentes envolvidos na jornada proposta. A intensa trajetória de uma pesquisa acadêmica, neste caso de doutorado, engloba não apenas o pesquisador e o *corpus*, mas inúmeras pessoas que percorrem conosco, direta ou indiretamente, a caminhada até chegar à conclusão da tese. Muitas foram as pessoas que estiveram comigo na lida aqui materializada, às quais expresso os meus mais profundos e sinceros agradecimentos aqui neste espaço.

Sou grata às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, que acreditaram no projeto de pesquisa apresentado e auxiliaram na trajetória, por meio das disciplinas ofertadas, dos eventos propostos e dos diálogos realizados, todos de fundamental importância para o aperfeiçoamento dos caminhos da pesquisa.

À professora Doutora Joana Luiza Muylaert de Araújo, que gentilmente aceitou me orientar no meio do caminho, oferecendo o apoio não apenas intelectual, mas também acolhedor, tão necessário em tempos de tanta rudeza.

Ao professor Doutor Augusto Rodrigues da Silva Junior, que não somente viu como mostrou a geopoesia presente nos objetivos da pesquisa, abraçando a trajetória e oferecendo uma parceria mais que valiosa.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG – câmpus Formosa, o qual me concedeu uma licença para que a etapa de qualificação fosse possível, tendo como princípio o investimento na formação de sua equipe docente, da qual, orgulhosamente, faço parte desde o ano de 2010.

À Academia Goiana de Letras - Casa de Colemar Natal e Silva, em nome da colaboradora Ana Maria do Carmo, que auxiliou nos caminhos para o encontro com o acervo do qual se extraiu o *corpus* dessa pesquisa.

Aos familiares do poeta e cordelista Paulo Nunes Batista, em nome de sua filha Marlúcia Batista, que abriu as portas de sua residência em Anápolis, Goiás, fornecendo acesso ao rico arquivo deixado por seu pai, do qual prometi (e cumpri) zelar com todo o carinho e cuidado e escrever um trabalho com a boniteza com a qual o cordelista poetizou a vida – espero ter conseguido chegar ao menos perto disso. Gratidão imensa pela gentileza e confiança depositadas nesse projeto.

Ao escritor e poeta anapolino Henrique Alan Kardec Mendonça, amigo de longa data de Paulo Nunes Batista e de sua família, por ter concedido entrevista valiosa que subsidiou parte desta pesquisa.

Aos meus familiares, em especial ao meu pai, Antônio e ao meu irmão, Leandro e aos amigos, pelas vezes que me oferecerem escuta e ombro amigo, nos momentos de maior tensão. Agradecimento com destaque à minha amiga e eterna professora, Doutora Elaine Cristina Cintra, que há anos tem me incentivado a prosseguir e a evoluir academicamente.

À minha mãe, Maria do Carmo, à qual, por mais que eu procure, nunca encontrarei palavras suficientes para dizer o quanto a amo e o quanto sou grata por todas as vezes que, com o mais verdadeiro amor, enxugou minhas lágrimas, levantou o meu queixo e me disse: você não vai desistir. Hoje eu digo: - mãe, obrigada por não ter me deixado desistir!

Ao meu filho, Pedro Henrique, uma criança que me ensinou a ver o mundo com os olhos do coração. Obrigada, meu filho, por ter sido tão compreensivo e, dentro de suas possibilidades, ter entendido as minhas ausências – ainda que sempre presente. Como a mamãe sempre te dizia: era para chegar até aqui. Por você, por nós, por aqueles e por aquelas que são como nós - demasiadamente humanos.

Por fim, agradeço a Deus por ter me auxiliado a ter a resiliência necessária para prosseguir, mesmo diante das inúmeras condições adversas surgidas no meio do caminho. Gratidão ao Sagrado que alimenta a minha existência e me auxilia todos os dias a continuar acreditando que é possível viver em estado de poesia.

O olhar do Poeta

O olhar do poeta
enxerga além das máscaras
vê no oculto, inventa
o sonho, a 3ª margem.
O poeta sorri da vida,
zomba da dor que o mata
encontra as paralelas
em si, antes do infinito.
A alma do poeta sabe
que no evolver da matéria,
as pedras viram nuvens,
as nuvens se evaporam.

Paulo Nunes Batista

RESUMO

A presente tese tem como objetivo apresentar o cordel no Cerrado. Mais especificamente, aquele realizado por Paulo Nunes Batista. Para tanto, à luz do campo teórico da geopoesia, percorreu-se os caminhos da busca pela literatura que, em grande parte, não integra os gabinetes hegemônicos – a literatura goiana – afunilando para a vertente denominada literatura popular. A primeira pergunta motivadora foi: existe literatura de cordel feita em Goiás? E perante a positividade da resposta, vislumbrou-se compreender melhor esse cordel centroestino, suas origens e características. Com este foco e percorridos alguns caminhos iniciais de busca bibliográfica, chegou-se ao nome do escritor Paulo Nunes Batista, o qual surgiu com grandes indícios de ter sido ele um dos maiores (senão o maior) poetas populares a produzir literatura de cordel em solo goiano. Aprofundadas as pesquisas, confirmou-se o indicativo de que haveria um grande legado desse escritor nascido na Paraíba e migrado para Goiás em meados da década de 1940, cuja dedicação à literatura popular e erudita ultrapassou a marca de seis décadas, tendo vivido exclusivamente da renda obtida pela venda de folhetos de cordel entre as décadas de 1950 e 1960, na capital e em algumas cidades interioranas do estado goiano, fatores que instigaram os questionamentos sobre onde se encontraria toda essa obra cordelística e o porquê de não haver divulgação dela nos espaços de circulação literária estaduais. A partir dessas inquietações, o intuito foi o de acessar o acervo existente e para tal foi realizado um caminho geopoético: ir em busca do que estava até então escondido em Anápolis, cidade que foi a morada do geopoeta até o seu falecimento, ocorrido no final do ano de 2019. Acessada parte do acervo, a pesquisa desdobrou-se para selecionar, dentre os tão valiosos arquivos, o *corpus* para o estudo em voga, o qual se constituiu principalmente de cordéis em ABC, especialidade de Paulo Nunes Batista, nos quais ele versou sobre as goiani(ci)dades com o olhar do *flâneur* benjaminiano. Além dos cordéis, foram analisados também, com amparo na crítica genética, manuscritos que revelam parte do itinerário de criação do cordelista, que compôs cordéis no método do improviso, oriundo da sua vertente de repentista, mas não só, tendo sido um exímio pesquisador que escreveu cordéis temáticos a partir de listas e mais listas de nomes e dados colhidos nas fontes disponíveis à época, tendo como fonte de preferência o diálogo com as pessoas. Conhecer o outro, dar nome aos esquecidos e aos anônimos sertanejos, vivenciar com todos os sentidos as viagens e as experiências geopoéticas, corresponder-se com os grandes escritores e artistas brasileiros por meio da sua poesia, militar pela preservação da tradição herdada dos seus ancestrais repentistas, cantadores e cordelistas, exercer a crítica literária e jornalística de forma fiel aos seus ideais - doesse a quem doesse -, levar versos populares aos espaços de erudição: essas foram algumas das características constitutivas do perfil aqui traçado de Paulo Nunes Batista, um escritor que dialogou e transitou literariamente pelas diversas esferas culturais, com ilimitado talento e versatilidade poética e prosaica. O *corpus* analisado é parte de um riquíssimo material historiográfico da cultura goiana e este trabalho visa elucidar pontos que, não tendo sido registrados nos meios padronizados de se contar a história, foram registrados a partir do olhar e do canto poético do geopoeta-cordelista paraibano-goiano, um exímio lavrador de palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Geopoesia, literatura de cordel, Goiás, Paulo Nunes Batista.

ABSTRACT

This thesis aims to explore some of the nuances of Cerrado cordel poetry, made in Goiás. For this purpose, in light of the theoretical field of geopoetry, we followed the paths of searching for the literature that, in large part, does not integrate the hegemonic cabinets – Goiás literature – funneling into the aspect called popular literature. The first motivating question was: is there cordel literature made in Goiás? And given the positive response, it was possible to better understand this *centroestino cordel*, its origins and characteristics. With this focus and following some initial paths of bibliographical search, we came up with the name of the writer Paulo Nunes Batista, which emerged with great evidence of having been one of the greatest (if not the greatest) popular poets to produce cordel literature in Goiás. After in-depth research, the indication was confirmed that there would be a great legacy of this writer born in Paraíba and migrated to Goiás in the mid-1940s, whose dedication to popular and erudite literature exceeded the six-decade mark, having lived exclusively from income obtained through the sale of cordel leaflets, between the 1950s and 1960s, in the capital and in some interior cities in the state of Goiás, factors that instigated questions about where all this cordelistic work could be found and why there was no dissemination of it in the spaces of state literary circulation. Based on these concerns, the intention was to access the existing collection and to this end a geopoetic path was taken: to go in search of what was hidden until then, in Anápolis, a city that was the geopoet's home until his death, in end of 2019. Having accessed part of the collection, the research unfolded to select, among the very valuable files, the *corpus* for the current study, which consisted mainly of ABC's cordel, the Paulo Nunes Batista's specialty, in which he talked about *Goiani(ci)dades* with the eyes of a Benjaminian *flâneur.* In addition to the cordéis, manuscripts that reveal part of the cordelist's creative itinerary, who composed cordéis using the improvisation method, coming from his *repentista* side, but not only that, were also analyzed, with the support of genetic criticism, as he was an excellent researcher who wrote thematic cordéis based on lists and lists of names and data that he collected from the sources available at the time, with dialogue with people as his preferred source. Getting to know each other, giving names to the forgotten and anonymous *sertanejas* people, experiencing travel and geopoetic experiences with all his senses, corresponding with the great writers and artists through his poetry, fighting for the preservation of the tradition inherited from their *repentista*s ancestors, singers and cordelists, to exercise literary and journalistic criticism in a way that is faithful to his ideals - no matter who it hurts, to take popular verses to spaces of erudition: these were some of the constitutive characteristics of Paulo Nunes Batista's profile outlined here, a writer who dialogued and moved literary through different cultural spheres, with unlimited talent and poetic and prosaic versatility. The *corpus* analyzed here is part of a very rich historiographical material of Goiás culture and this work aims to elucidate points that, not having been recorded in the standardized means of telling the history, were recorded from the look and poetic song of the *geopoeta-cordelista paraibano-goiano*, the *lavrador de palavras*.

KEYWORDS: Geopoetry, cordel literature, Goiás, Paulo Nunes Batista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: recorte do jornal *Cinco de Março* 86
Figura 2: recorte do jornal *O Popular* 97
Figura 3: recorte do jornal *A União* 99
Figura 4: capa do folheto *ABC a Pirenópolis* 171
Figura 5: carta de Jorge Amado a Paulo Nunes Batista 180
Figura 6: telegrama de Bernardo Élis a Paulo Nunes Batista 181
Figura 7: carta ABC dedicada a Bernardo Élis 182
Figura 8: folha volante *ABC para o Morhan* 196
Figura 9: capa do folheto *ABC para F. Machado* 198
Figura 10: arquivos na residência da Srª Marlucia Batista 202
Figura 11: arquivos de correspondências de Paulo Nunes Batista 202
Figura 12: rascunhos de Paulo Nunes Batista 210
Figura 13: rascunho do poema "Este nome Jaraguá" 212
Figura 14: rascunho do *ABC para Pirenópolis* 213
Figura 15: manuscrito "Pai Nosso" 214
Figura 16: manuscrito do soneto "A vida" 214
Figura 17: manuscrito / rascunho do *ABC de Silvânia* (frente) 215
Figura 18: manuscrito / rascunho do *ABC de Silvânia* (verso) 216
Figura 19: lista – campo lexical sobre flores 218
Figura 20: seleção de palavras para compor um ABC (frente e verso) 219
Figura 21: processo criativo – ABC das Flores 220
Figura 22: lista – ABC das Frutas 221
Figura 23: lista de frutas e frutos do Brasil 222
Figura 24: rascunho ABC das Frutas 223
Figura 25: lista de frutas 224
Figura 26: lista de frutas 224
Figura 27: carta-correção *ABC para Alfenas* 229
Figura 28: projeto de capa para o livro *ABC de Luz* 230
Figura 29: PoemABC "Ao Bom Candidato" 231

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO I – **Frutos da tradição, legados da militância: geopoesia do Cerrado na poética de Paulo Nunes Batista 20**

As andanças de Paulo Nunes Batista – viagens e migrações, prisões e publicações 25

Zé Bico Doce – o primogênito 33

Zé Bico Doce: o anti-herói viajante 38

Geopoesia – um passeio pelos princípios fundadores 43

Diálogos geopoéticos: contos e encontros paraibanos-goianos 59

Estradas da geopoesia: novos territórios do cordel 66

CAPÍTULO II – **Jornada literária em Goiás – diálogos entre o erudito e o popular na obra de Paulo Nunes Batista 72**

O cordelista militante – defesa do cordel nas passagens e recortes de jornais 78

O geopoeta que também é crítico literário 86

O geopoeta-articulador: o MAPA do lavrador de palavras 102

CAPÍTULO III – **Passagens geopoéticas de Paulo Nunes Batista: pelos cantos do cordel 114**

Os abecês – passagens pelas goiani(ci)dades 121

Simplicidade em abundância – um ABC a Lagolândia 126

ABC rumo ao progresso – Anápolis em verso 134

Devoção e religiosidade – um *ABC da Trindade* 144

O turismo pelas águas – um ABC a Caldas 151

O Sudoeste é logo ali – um ABC a Jataí 159

História longe das metrópoles – um ABC a Pirenópolis 167

Goiás das personalidades: um ABC a Bernardo Élis, outro a Carmo Bernardes 176

Do poeta, do violeiro, do coquista e do trovador – um ABC à Casa do Cantador 189
Abecedeando temas: os ABC's por causas sociais e políticas 194

CAPÍTULO IV – **Itinerário da geopoesia: arquivo, rascunhos e listas 201**
As notas de fim: marcas do improviso, registros e mensagens 203
Trajetória reafirmada: as notas autobiográficas nos ABC's 205
Os rascunhos do geopoeta-fiscal: poesias e versos nos formulários 208
Listas, flores e frutos: itinerário de elaboração dos *poemABC's* 217
Letras e cores à caneta: desenhos e colagens nos rascunhos 230

CONSIDERAÇÕES FINAIS 233

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 235

ANEXOS 238

INTRODUÇÃO

O cordel é uma variante do gênero poético que movimenta origens migratórias coloniais, trajetória de transformações estéticas e de circulação e permanência como expressão de uma tradição cultural e literária que permeia as arestas entre o oral e o escrito, entre a voz da cultura popular e o livro impresso, tecendo uma espécie de intercâmbio entre essas esferas. No ano de 2018 a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por ser expressão viva e dinâmica que circula nos diversos espaços de comunicação, como forma de representação cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e a identidade dos brasileiros. Há mais ou menos cinco décadas[1] essa forma de expressão cultural ganhou espaço nas academias, tornando-se objeto de interesse de estudiosos de diversas áreas. Ainda assim, o recente processo de reconhecimento como patrimônio cultural e artístico foi de suma importância para o gênero dentro do campo da literatura popular brasileira, uma vez que oficializou um caminho de resistência de uma arte que por muito tempo não foi inserida em determinados espaços culturais e midiáticos.

A teoria corrente é a de que o cordel foi trazido durante a colonização, na bagagem de autores orais e nos hábitos de leitura individual e coletiva dos tripulantes das primeiras expedições ao que mais tarde seria o Brasil, o processo de identificação da literatura de cordel como uma forma de poesia popular brasileira, cantada pela voz e pela coletividade, passando da oralidade para a escrita, dá-se, segundo o estudioso Marco Haurélio, no fim do século XIX. Foi nesse período que, no Nordeste do país, "a voz do poeta popular, ampliada pela coletividade, pôde levar o necessário em termos de literatura a uma população em sua maioria ágrafa" (2010, p. 48). Nas últimas décadas do século XIX a consolidação da literatura de cordel foi impulsionada, primeiro na região Nordeste, depois nas demais regiões, pelo surgimento das primeiras tipografias que possibilitaram as edições, publicações e distribuições em grande escala de folhetos e folhas volantes, tendo como pioneiros desta empreitada os cordelistas Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros.

[1] Em 2013, foi realizado pela Fundação Joaquim Nabuco um levantamento de obras sobre a literatura de cordel no Brasil, tendo sido listadas 917 referências entre teses, dissertações e artigos. O objetivo era contribuir para o processo de reconhecimento do IPHAN, mostrando a relevância do tema no cenário acadêmico brasileiro. O inventário bibliográfico está disponível em: http://www.fundaj.gov.br/images/stories/literatura%20de%20cordel%20final%2023.9.2013%204%201.pdf Acesso em: 15 out. 2020.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel, fundada em 1988, com sede no Rio de Janeiro, lista em sua página virtual muitos cordelistas consagrados e conhecidos nacional e internacionalmente. No entanto, a maioria dos poetas populares permanecem anônimos, considerando um cenário literário mais abrangente. Muitos escritores renomados se inspiraram na literatura popular para comporem suas obras, ou aderiram ao gênero Cordel como forma de expressão de sua poética, a exemplo de Jorge Amado, Ariano Suassuna e Patativa do Assaré. A escritora goiana Cora Coralina publicou *Meu livro de cordel* (2013), obra que dedica aos "anônimos menestréis nordestinos". A dedicatória demonstra a ligação da poetisa com o Nordeste e menciona a questão da migração populacional dos nordestinos para a região Centro-Oeste, da qual ela mesma é originária (2013, p. 5):

> Meu livro de Cordel
>
> Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de Cordel, que este livro assim o seja, assim o quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio meu Pai para que eu nascesse e tivesse vida (Coralina, 2013, p. 5).

O livro da autora consagrada não apresenta nenhum poema em formato de cordel. Mas ela encontra na migração de pessoas a migração de uma variante literária. Evocando menestréis, Coralina também evoca essa marca oral e vocal em sua geopoesia.

Considerando que "é próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura" (Haurélio, 2010, p. 13) e que a região Centro-Oeste foi receptora de uma intensa migração da população nordestina a partir dos anos 1950, motivados pelo potencial agropecuário, pela modernização agrícola e pelos projetos de urbanização que incluem a conclusão arquitetônica da capital federal Brasília e da capital do estado de Goiás, Goiânia, é incontestável que a cultura da região Centro-Oeste seja composta por elementos da cultura nordestina, uma vez que, conforme já afirmado anteriormente, com a migração populacional, migra-se também a cultura, no processo que Carlo Guinzburg (1987) denomina de "circularidade entre culturas". Conforme demonstra o estudo realizado por José Marcos Pinto da Cunha, publicado no ano de 2002, o processo migratório da região do entorno de Brasília e da região metropolitana de Goiás foi bastante elevado entre as décadas de 1960 a 1980, sendo que "a maior parte dos fluxos migratórios tinha suas origens em estados do Nordeste, com destaque para Bahia, Piauí, Ceará e Maranhão, nesta ordem" (Cunha, 2002, p. 32).

Esse contexto de migração cultural, ou como denomina Santos (2010), o "deslocamento cultural" nordestino para o Centro-Oeste, como ocorreram e ocorrem esses processos de deslocamento, apropriação e aculturação nas diversas áreas, motivou os primeiros estudos que integram esta pesquisa. Em 2018, foi realizada uma pesquisa na modalidade de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio - PIBIC-EM, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, câmpus Formosa, com duração de um ano. A pesquisa, à época, focou no objetivo de acessar nomes e obras de cordelistas regionais, com metodologia bibliográfica, buscando materiais nas bibliotecas da cidade de Formosa – Goiás e demais cidades próximas. Esse primeiro percurso investigativo levou ao conhecimento de diversos cordelistas goianos e brasilienses, de diferentes gerações, como Décio dos Santos, Augusto Niemar, Gustavo Dourado, Davi Mello, Sabiá Canuto, Keyane Dias, João Santana, Onã Silva, dentre outros.

A grande contribuição dessa pesquisa PIBIC foi identificar que há autoria de cordel em Goiás e no Entorno de Brasília e que estes cordelistas imprimem em seus versos as temáticas do Cerrado *centroestino*[2], da cultura e das tradições regionais. Constatou-se também que a circulação dessas obras cordelísticas ocorre basicamente em eventos, encontros, feiras e demais atividades focadas no que se denominada cultura popular, pelos interiores e arredores do estado de Goiás e do Distrito Federal. A geopoesia, enquanto campo de estudo, embasa justamente essa busca literária pelo invisível do centro periférico, lugar no qual a literatura popular do Centro-Oeste se encontra, configurando um campo fértil a ser estudado. Compreender como a tradição da cultura nordestina expressa pela literatura de cordel se consolidou e se reinventou em territórios *centroestinos* faz-se de extrema relevância para os estudos da formação da cultura e da literatura popular goiana, em uma perspectiva geopoética e historiográfica de um fazer literário polifônico além-mar, advindo de uma tradição e de um movimento migratório que resiste e se ressignifica em novos territórios.

Entendendo que a literatura goiana em geral possui uma gama de autores e obras que estão fora da esfera do cânone literário, portanto configura-se no geral como campo geopoético, naquele exercício que a Geopoesia propõe: mapear e estudar autores para recontar a história literária em uma linhagem não hegemônica, considera-se que o questionamento sobre o lugar da literatura nomeada popular oriunda dos territórios goianos é relevante, pois traz à evidência caminhos pouco conhecidos ou até mesmo inéditos, em se tratando da literatura de

[2] O termo "centroestina" e suas derivações foram adotados na tese, em referência aos estudos em geopoesia que assim adaptaram a denominação da região Centro-Oeste para se referirem à literatura e a outros aspectos regionais.

cordel, especificamente. A Academia Goiana de Letras – AGL - possui um rol significativo de autores reconhecidos e canonizados no cenário literário nacional, tais como José J. Veiga, Gilberto Mendonça Teles, Bernardo Élis, Cora Coralina, dentre outros. No entanto, a mesma academia menciona em seu texto de apresentação o "retardamento da maturidade cultural da região", advindo de aspectos como o atraso econômico, a distância das grandes capitais do circuito cultural hegemônico, a ausência de vantajoso intercâmbio cultural com as metrópoles de avançada estrutura dos meios de veiculação da crítica e da formação cultural, a carência de investimentos públicos no setor e o tardio surgimento de centros de ensino. Destaca-se que fora a partir do ano de 1963, com o lançamento do Grupo de Escritores Novos – GEN, que autores goianos passaram a ser conhecidos e reconhecidos no circuito literário brasileiro.

Tendo em vista essa condição geral da literatura goiana em termos de espaço e destaque no cenário nacional, é legítimo afirmar que a literatura de cordel oriunda de Goiás também se encontra nesse lugar de reconhecimento ainda restrito, considerando-se o contexto histórico desse gênero integrante da cultura popular que, apesar de sua existência secular, apenas há poucas décadas foi reconhecida como genuína literatura popular brasileira e "somente nas décadas de 1960 e 1970 é que o cordel se torna um tema legítimo entre os intelectuais" (2015, p. 5). Sendo assim, seguir no intento de ampliar o leque de estudo, divulgação e circulação da literatura de cordel goiana, buscando compreender as relações interculturais Nordeste – Centro-Oeste presentes nas vozes e nos versos dos poetas populares goianos significa adentrar em um espaço promissor. Percorrer esses caminhos de pesquisa representa significativa contribuição, pois, de forma geral há relativamente poucos registros e estudos disponíveis e acessíveis até então a respeito da temática. Como teoria da geopoesia, visa contribuir também para a compreensão da identidade de Goiás, visto que a mentalidade coletiva, expressa na literatura popular constitui um campo muito colaborativo para a pesquisa historiográfica. Conforme afirma Maria Ângela de Faria Grillo (2015, p. 9), a literatura de cordel, desde a sua mais antiga produção, vem testemunhando fatos decisivos da História do Brasil, o que revela a preocupação dos poetas e ouvintes com o mundo ao seu redor.

O trabalho materializado nesta tese, o qual teve seu percurso de pesquisa iniciado no ano de 2018, ocasionou um encontro precioso, o qual ramificou e abriu um horizonte geopoético desbravador: o nome do cordelista Paulo Nunes Batista, o geopoeta-cordelista paraibano-goiano. Nascido em 1924, na capital do estado da Paraíba, a qual hoje se designa João Pessoa, ele migrou para o estado de Goiás no ano de 1947. Sua trajetória e raízes serão melhor apresentadas no Capítulo I, bem como a abordagem de sua importância no cenário

cultural goiano, tanto para a cultura popular, por meio da literatura de cordel, gênero do qual possui centenas[3] de folhetos, entre publicados e inéditos, como também na literatura erudita, contando com vinte e oito livros literários publicados, entre contos e poemas, além de sua intensa atuação jornalística e crítico-literária na imprensa goiana. Sua primeira publicação de folheto de cordel ocorreu no ano de 1949, em Anápolis, Goiás. Desde então, inúmeras composições emanaram de sua mente fértil e criativa herdada de seus ancestrais cantadores, típica dos que trazem consigo a habilidade do canto e da rima, muitas vezes em forma de improviso, outras vezes encomendados, mas sempre com o primor do ritmo e da sonoridade de quem herda a tradição da cantoria.

Com volumosa produção literária e grande representatividade nesse intercâmbio entre a cultura popular e a erudita, a obra de Paulo Nunes Batista é mais conhecida no âmbito das literaturas populares, o que permite afirmar ele faz parte de uma gama de autores que ainda estão na esfera dos autores invisíveis aos centros culturalmente hegemônicos. Em entrevista concedida ao site *Nova democracia*[4], o poeta se declarou comunista e se autointitulou um poeta do povo que faz cordel de resistência, conceituando a poesia de cordel como:

> Poesia popular não erudita, não sofisticada, não da elite. É poesia do povo, feita em folhetos baratos, humildes. Essa poesia do povo transmite de geração para geração os conhecimentos, as lutas como a do camponês sem terra. O cordel é um universo que pode abranger todo o conhecimento do povo (Batista, 2007).

O nome de Paulo Nunes Batista é citado em vários dicionários e enciclopédias de poesia popular. A Fundação Casa de Rui Barbosa, em projeto intitulado "Literatura popular em verso", propõe o resgate e a valorização da literatura de cordel, possuindo grande acervo bibliográfico de folhetos raros; em sua base de dados *on-line*[5] são listadas diversas referências de folhetos de autoria de Paulo Nunes Batista, muitos deles com títulos relacionados a Goiás, como *A história de Anápolis em versos, ABC a Pirenópolis, ABC do Doutor Sayão, De repente este ABC da Festa da Pecuária,* dentre outros. Títulos esses que motivaram a busca por esse legado, entendendo que ele traria contribuições elucidativas sobre um Goiás histórico e cultural cantado nos versos de cordel.

---

[3] O número de folhetos publicados pelo poeta Paulo Nunes Batista é incerto. No blog *Memórias da Poesia Popular* cita-se como quantidade "mais de 130". Disponível em: https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/paulo-nunes-batista/ Acesso em: 12 nov. 2019. Já na página *A nova democracia*, anuncia-se que "ele tem 319 escritos de cordel, folhetos e ABCs, entre obras publicadas e inéditas". Disponível em: https://anovademocracia.com.br/no-33/360-entrevista-paulo-nunes-batista-o-cordel-na-poesia-do-povo Acesso em: 12 nov. 2019.

[4] Disponível em <https://anovademocracia.com.br/no-33/360-entrevista-paulo-nunes-batista-o-cordel-na-poesia-do-povo> . Acesso em: 12 dez. 2020.

[5] http://www.casaruibarbosa.gov.br/

A cultura popular, por meio dos gêneros oriundos da tradição oral como a poesia, há séculos é fonte de inspiração para escritores e estudiosos e tem sido objeto de investigação em diversas áreas das ciências humanas, especialmente a partir do século XIX, como fonte de busca pela identidade nacional. Vivian Catenacci, em artigo publicado em 2001, afirma que já no século XIX Sílvio Romero dedicou-se aos estudos da literatura popular com a finalidade de compreender as tradições e a identidade cultural brasileiras:

> Esses estudiosos estavam ao mesmo tempo diante da necessidade de salvar o que pertencia ao nosso passado, e o desejo de esquecê-lo – colonização, exploração, escravidão e mestiçagem [...] Sílvio Romero passou a se dedicar, especialmente, ao registro de contos, poesia e cantos tradicionais, e a buscar neles a identidade nacional (Catenacci, 2001, p. 30).

Interessante notar que o mesmo crítico que confrontou de modo desleal o escritor Machado de Assis, utilizando traços eugenistas para apontar defeitos em suas obras, fez trabalho pioneiro voltado para o "folclore" e as vozes populares nacionais. E assim, nessa cadeia de cantos inspiradores, Paulo Nunes Batista desempenhou em solo goiano, por mais de seis décadas o exercício da escrita literária popular e erudita, deixando um acervo merecedor de reconhecimento. Acessar esse acervo foi um percurso de imersão geopoética: foi preciso buscar pistas e informações até ocorrer o encontro presencial, em fevereiro de 2022, na cidade de Anápolis, Goiás.

Mesmo em meio às circunstâncias do isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, foi possível, através do auxílio da Academia Goiana de Letras, da qual Paulo Nunes Batista foi membro por mais de dezenove anos, chegar presencialmente até o acervo deixado pelo geopoeta-cordelista em terras goianas, sob os cuidados de sua filha, Marlúcia Batista, que gentilmente abriu as portas de sua casa e dos arquivos de seu saudoso pai, fornecendo um material riquíssimo que compôs o *corpus* desta tese.

Ao chegar à residência da Senhora Marlúcia, o intuito era o de acessar os folhetos de cordel de autoria de Paulo Nunes Batista, já que, inicialmente, o projeto tinha como foco apenas esses textos. No entanto, perante a gentileza e confiança da anfitriã em fornecer uma parte do arquivo para que fosse selecionado o que pudesse interessar ao trabalho, novas possibilidades se abriram para ampliar a pesquisa geopoética e historiográfica que aqui se configura. Durante o percurso de manuseio dos arquivos, organização, catalogação e análise, foi possível compreender que havia nele um *corpus* que daria subsídio para uma pesquisa mais intensificada em busca de conhecer elementos característicos da trajetória desse geopoeta-cordelista paraibano-goiano versátil e militante pela poesia popular.

Assim sendo, o *corpus* de análise se constituiu por obras da estirpe erudita – entre poesias e contos; textos publicados em jornais e periódicos; folhetos de cordel; originais datilografados de cordéis em ABC; manuscritos e recortes preservados no arquivo do geopoeta-cordelista. Além destes, diversos textos críticos escritos por autores que se propuseram a analisar a obra de Paulo Nunes Batista foram objeto de estudo. Os capítulos se constituíram da seguinte forma: no Capítulo I foi traçado um perfil biográfico de Paulo Nunes Batista, a partir da análise de sua trajetória geopoética e militante, amparada na obra *Resumo Cronológico da vida, da luta e da obra de Paulo Nunes Batista* (2014) e do discurso em versos rimados proferido pelo geopoeta na AGL, no ano de 2000, na ocasião de sua posse. No Capítulo II, fez-se um panorama crítico do geopoeta-cordelista, a partir da análise dos textos críticos a respeito de sua obra, bem como das análises de alguns textos poéticos e críticos de sua autoria, com a finalidade de compreender as nuances de sua atuação literária como escritor e crítico, bem como da sua vertente jornalística, elucidando aspectos das esferas entre o erudito e o popular.

Já o Capítulo III traz um breve histórico do formato de cordel em ABC, no qual Paulo Nunes Batista foi especialista e se dedicou com afinco. A partir da definição, toma-se como foco os cordéis em ABC com temáticas ligadas às cidades goianas, por meio dos quais foi realizado um percurso geopoético pelos cantos de Goiás, buscando compreender como a voz cordelista do poeta popular *flâneur* traduziu em poesia os caminhares pela diversidade cultural desse estado que o adotou. Em seguida, no Capítulo IV, há uma imersão pelos manuscritos, embasada pela crítica genética, na qual buscou-se resgatar parte do itinerário da escritura de Paulo Nunes Batista, no que concerne às etapas de criação dos cordéis em ABC, considerando dois métodos distintos: o improviso e a pesquisa.

O trabalho aqui apresentado percorreu os caminhos metodológicos da pesquisa bibliográfica teórica e analítica do *corpus*, amparada pelos estudos existentes a respeito da literatura de cordel brasileira, e pelos campos da Geopoesia, da Historiografia e da Crítica Genética. Jornada que possibilitou o encontro com um dos tesouros escondidos em terras além-mares, no Cerrado goiano, que é a obra do geopoeta-cordelista paraibano-goiano Paulo Nunes Batista. Boa viagem geopoética!

CAPÍTULO I – **Frutos da tradição, legados da militância: geopoesia do Cerrado na poética de Paulo Nunes Batista**

> "Sou a raiz nordestina, / que a gente paraibana, / a frutificar destina, / na grande terra goiana". Paulo Nunes Batista

Paulo Nunes Batista é membro de uma família com profundas raízes na arte e na cultura popular e fez questão de preservar e transmitir essas origens durante sua vida, sempre enfatizando em seus discursos que a literatura de cordel, bem como as demais manifestações artísticas populares como o repente, as glosas, a embolada ou coco, dentre outros, não podem morrer. Apresentar essas origens e discorrer sobre como elas se mantiveram presentes na vida e na obra do poeta e cordelista é o objetivo deste capítulo. Em sua trajetória como escritor, exaltou a tradição da arte do povo por meio dos textos literários e jornalísticos, buscando a valorização desse legado histórico-cultural, ressaltando não apenas aquele vindo de seus ascendentes, mas também de importantes poetas populares, fazendo referências a esses trabalhadores da palavra em textos diversos que publicava em revistas e periódicos de Goiás e de outros estados brasileiros, principalmente no seu estado de nascimento, a Paraíba, do qual nunca se desligou intelectualmente: manteve vínculos e parcerias e publicou por lá diversos de seus escritos.

Rodeado por uma família de artistas populares e eruditos - avôs, pais, tios, primos, irmãos -, a história de Paulo Nunes Batista foi traçada pelas linhas de versos e rimas desde o berço. Filho do paraibano Francisco das Chagas Batista e de Hugolina Nunes Batista, o esforço de entender a poesia popular como meio de vida e de sobrevivência foi algo precoce dentro do contexto vivenciado no seio do próprio lar.

Francisco das Chagas Batista, pai de Paulo Nunes Batista, foi um artista popular no cenário da literatura de cordel. Integrante da primeira geração de cordelistas brasileiros, além de poeta e cantador, foi uma figura importante para a propagação da literatura de folheto pelo Nordeste e, por extensão, em todo o território brasileiro, pois possuiu e administrou por décadas a Livraria Popular Editora, exercendo nela a tipografia, ofício responsável pela impressão de milhares de folhetos, tanto de sua própria autoria como de autoria de seus contemporâneos, como, por exemplo, do consagrado Leandro Gomes de Barros.

Nascido em 1882 no interior da Paraíba, Francisco das Chagas era neto de um dos primeiros glosadores sertanejos de que se tem registro na Paraíba – Agostinho Nunes da Costa. Além disso, era também sobrinho de dois cantadores renomados: Ugolino e Nicandro Nunes da Costa. Portanto, cresceu em contato com a cultura popular vinda de família. Em sua trajetória de vida exerceu profissões braçais, como carregador de lenha e operário em estrada de ferro, mas a característica de sonhador, adjetivo do qual fora taxado pela crítica de sua época, levou-o a viver das letras. Ao publicar o seu primeiro folheto, *Saudades do Sertão*, no ano de 1902, aos vinte anos de idade, Francisco foi à luta para vender a primeira tiragem pelas feiras, conseguindo publicar, ainda no mesmo ano, a segunda tiragem. Com isso, tornou-se conhecido e elogiado pelos jornais da região, como *O comércio*, da Paraíba, e *A República*, do Rio Grande do Norte.

Oriundo de uma família de treze irmãos, Francisco casou-se em 1909 com sua prima, Hugolina Nunes da Costa, e com ela construiu uma família numerosa: tiveram treze filhos. Onze desses filhos nasceram na capital da Paraíba, atual João Pessoa, cidade na qual foi estabelecida a Livraria Popular Editora, a qual foi a fonte de renda para o sustento familiar por décadas.

Falecido no ano de 1930, Francisco das Chagas Batista deixou um acervo importantíssimo para a literatura popular e para a erudita, tendo publicado, além de folhetos, sonetos e paródias de poesias de outros autores, as quais faziam muito sucesso entre o público leitor. Seu legado está perpetuado na história da poesia popular brasileira e seu nome é citado em enciclopédias e antologias diversas como um dos pioneiros na criação da literatura de cordel brasileira. Na obra *Vaqueiros e Cantadores* consta seu resumo biográfico com a seguinte descrição:

> FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA não foi cantador mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua produção abundantíssima forneceu vasto material para a cantoria. A gesta de Antônio Silvino possui em Chagas Batista um dos melhores e decisivos elementos. Divulgou em versos "Escrava Isaura" (*Escrava Heroica*) e um resumo do "Quo Vadis?" (*O Amor e a Virtude*), além de dezenas de folhetos comentando os principais acontecimentos de sua época. Deixou mais de 100 folhetos publicados sendo destes os mais apreciados o da "História da Escrava Isaura", "Amor e Firmeza" e a "História de Esmeraldina"... Deixou ao morrer a Livraria "Popular Editora" que nesta capital iniciou o comércio de livros usados e prestou valiosos serviços a uma geração de estudantes pobres que reconhecidamente guardam-lhe o nome (Cascudo, 2005, p. 355).

Uma das obras que preserva muitos escritos de Francisco das Chagas Batista é a *Antologia de Literatura Popular em Verso – Tomo IV*, organizada e publicada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no ano de 1977, a qual reúne na íntegra mais de vinte folhetos abordando o cangaço, uma de suas principais temáticas dentro do cordel. Paulo Nunes Batista tinha apenas cinco anos de idade quando o pai Francisco faleceu; no entanto, carregou consigo a herança cultural, cultivando-a pela memória e pela obra que viera a produzir ao longo dos seus 95 anos de vida, por meio da palavra escrita e cantada.

A mãe de Paulo Nunes Batista também foi uma mulher das artes. Em *Resumo cronológico da vida, da luta e da obra de Paulo Nunes Batista* (2014), há a menção dessa faceta de Hugolina Nunes Batista, a qual, segundo os relatos do próprio Paulo, dirigiu grupos teatrais entre os anos de 1930 e 1932 e foi também cantora, "tinha uma ótima voz" (2014, p. 9). Apesar dessa menção à sua atuação nas artes cênicas e na música, não foram encontrados em outras fontes registros de obras deixadas por ela. Embora não seja o objetivo explicar em pormenores essa falta de registro, é possível apontar a época na qual ela atuava como possível causa, uma vez que se trata de conjuntura histórica difícil para qualquer mulher ter espaço e reconhecimento nos meios culturais, principalmente no cenário da cultura popular de cordelistas e cantadores. Prova disso é que a primeira mulher a publicar um cordel foi Maria das Neves Baptista Pimentel, filha de Hugolina, irmã de Paulo Nunes Batista. Maria das Neves publicou o primeiro folheto em meados do ano de 1938, e continuou publicando, utilizando um pseudônimo masculino para burlar o machismo predominante à época.

O valor da ascendência de Maria das Neves foi expresso por seu irmão, Paulo, com muita ênfase em seus textos, desde a definição que fazia de seu pai: poeta popular e erudito, livreiro e editor paraibano, bem como a forma como descreve a importância da preservação cultural do legado deixado pelos poetas e cantadores das gerações passadas, em defesa da tradição, conforme se vê no ANEXO I, no qual a voz do cordelista "louva" – verbo bastante presente em seus poemas - a poesia popular, poetas e cantadores:

ABC de Cordelista à Poesia Popular

A
A Poesia Popular –
alma de um Povo Poeta –
sai da boca, sai da mão:
vem – veloz como uma seta –
falada, cantada, escrita –
do coração – que palpita...
da mente – que se projeta...

B
Busca sempre o alvo da meta –
o próprio Povo – seu lar...
poeta – fazendo glosa...
cantador – a improvisar...
na embolada do coquista...
no verso do cordelista –
um cantando... outro a contar...

C
Cantador e Cordelista
são de um mesmo trigo o pão;
são asas do mesmo vôo;
sangue de um só coração;
frutos da mesma semente:
da boca de um – sai Repente,
do outro – sai Verso da mão!...

D
Dos dedos de um Cordelista,
da boca de um Cantador,
do ganzá ou do pandeiro
de um Coquista-embolador –
de repente, o Verso voa:
todo o espaço se povoa
de poesia aberta em flor!

E
É a voz do céu – no trinado
de um sabiá – laranjeira...
é a voz das águas – cantando
no rolar da cachoeira...
é a voz da terra se abrindo...
é a Natureza sorrindo
numa Manhã Brasileira...

F
Força de uma Raça inteira
que dá flor pela raiz...
de uma Nação Cantadeira
e Profeta, que prediz –
no Repente Nordestino –
que vai o Nó do destino
desatar, neste País!...

G
Grandes nomes do passado
do Repente e do Cordel –
das abelhas do Improviso
do Verso fazendo o mel –
no Folheto ou Cantoria –
deram favos de poesia
no Nordeste painel...

H
Hugolino do Teixeira,
Chagas Batista, Nicandro,
Antonio Batista Guedes,
João Melchíades, Leandro –
são fontes do grande rio

da Rima, do Desafio
vencendo salto e meandro...
...
(Batista, acervo pessoal)

As estrofes acima transcritas são parte de um manuscrito presente no arquivo de Paulo Nunes Batista e apresentam um cordel em ABC composto de septilhas – estrofes com sete versos – no esquema de rimas ABCBDDB, ou XAXAXXA, como é mais comumente definido em análises de textos de cordel. A temática predominante é a definição do que é a poesia popular e do que ela representa no âmbito da cultura do país. Na primeira estrofe o eu poético apresenta a poesia popular como a "alma de um Povo Poeta", enaltecendo a característica de ser "falada, cantada, escrita" e "veloz como seta", referindo-se ao caráter de diversidade e improviso das manifestações poéticas e populares, oriundas do coração e da mente do poeta.

Nas estrofes seguintes há a afirmação das características comuns entre o cantador, o cordelista e o coquista: pão de um mesmo trigo, asas de um mesmo vôo, sangue de um só coração, frutos da mesma semente. Vozes que embalam a poesia "aberta em flor", oriunda do próprio povo, lançada ao vento – em forma de verso ou de repente, ao som do ganzá ou do pandeiro e que se fazem tão genuínas como as vozes presentes na natureza, conforme explicita a quinta estrofe: "é a voz das águas – cantando / no rolar da cachoeira... / é a voz da terra se abrindo... / é a Natureza sorrindo / numa Manhã Brasileira...". A força da tradição nordestina é ressaltada na sexta estrofe, trazendo a descrição de um potencial anunciado da expressividade que a região representa frente à cultura e a política brasileira: "Força de uma Raça inteira / que dá flor pela raiz... / de uma Nação Cantadeira / e Profeta, que prediz – / no Repente Nordestino - / que vai o Nó do destino / desatar, neste País!..." (Batista, acervo pessoal).

A partir da sétima estrofe há a exaltação do passado e da tradição das "abelhas do Improviso", que deram favos de poesia e sobrevivem por todo território brasileiro, inclusive em Goiás. Da oitava estrofe em diante há o registro de vários nomes de poetas populares importantes no cenário nacional, sendo o primeiro nome mencionado o de Hugolino do Teixeira, tio-avô de Paulo Nunes Batista e "um dos primeiros poetas dos sertões paraibanos e norte-rio-grandenses" (2002, p. 126), seguido pelo de Chagas Batista, o seu pai. Daí por diante, nas estrofes rabiscadas e rasuradas no manuscrito original, diversos outros nomes vão compondo o ABC, aparentemente inacabado, pois neste as estrofes vão apenas a até a letra O, não completando o alfabeto, sendo que esta última conta com apenas um verso. Além de demonstrar o empenho que o cordelista paraibano-goiano realizou, por meio da voz poética,

para preservar a memória e a tradição, o próprio manuscrito é memória: material de registro de processo de composição poética que demonstra conhecimento e pesquisa, conforme será explorado no Capítulo IV deste trabalho.

As andanças de Paulo Nunes Batista – viagens e migrações, prisões e publicações

Em 31 de agosto de 2000, na ocasião da posse na Academia Goiana de Letras, Paulo Nunes Batista proferiu um discurso intitulado "Como se fosse uma cantoria...", no qual apresenta, em versos e rimas, um resumo de sua trajetória de vida. Algumas estrofes desse discurso serão aqui transcritas com a pretensão de nortear uma linha de destaque biográfico da vida intensa desse geopoeta-cordelista paraibano-goiano:

> Lá na velha Paraíba,
> que se perde na distância,
> perto do mar, grande amigo,
> nasci, vivi minha infância,
> cheia de sonho e poesia,
> de que ainda sinto a fragrância (Batista, 2000, p. 12).

As memórias da primeira infância de Paulo Nunes Batista vivida ao lado de seu pai e familiares cantadores certamente configuram influência para seus escritos. No resumo cronológico que escreveu como uma pequena autobiografia, ele relembra detalhes da época, como as cantorias do coco de roda, assim descritas:

> *Paulo* viu pela primeira vez o **coco de roda**, cantado e dançado ao som de zabumba e ganzá (caracaxá), tomando parte ativa no folguedo, deliciando-se com os cocos (emboladas) cantados pelos **coqueiros** ou **coquistas** – "tirados pelo embolador" e respondidos pelos da roda, nas manhãs, tardes, noites e madrugadas afora, nos terreiros de chão batido em frente às casas de palha de coqueiro, enquanto o velho mar também cantava, sobre as areias, a sua eterna canção de apaixonado...*Paulo* se lembra de várias letras desses cocos de roda, desaparecidos no tempo (Batista, 2014, p. 10).

Após o falecimento do pai em 1930, Paulo vive uma vida de altos e baixos. A partir do segundo casamento de sua mãe, inicia-se para ele uma jornada de peregrinação, mudando-se várias vezes, ainda menino, na fase de dez a treze anos, indo morar com os irmãos mais velhos em busca de sobrevivência, trabalhando desde então como vendedor ambulante, "vendendo folhetos de cordel e bugigangas", mudando-se entre os anos de 1936 a 1938 para três estados diferentes: Pernambuco, Alagoas e Rio de Janeiro. Sempre labutando, Paulo diz de

si mesmo nessa época: “Aos doze, treze anos o menino já era um homem, sabendo se dirigir, comprar, vender, negociar, acertar contas, cumprir a palavra. Aprendeu muito nessas viagens. Sempre só, revoltado, remoendo suas mágoas” (2014, p. 14). Os versos a seguir destacam esse período:

> Morei em muitos lugares
> deste País-Continente:
> em João Pessoa, Recife,
> Maceió – de clima quente.
> Pelo Rio de Janeiro,
> andei demoradamente (Batista, 2000, p. 12).

É nesse contexto de uma infância-adolescência conturbada e angustiada que Paulo Nunes Batista se apega à literatura como fonte de vida e refúgio, tornando-se, como ele mesmo se autodefiniu, um “ledor insaciável”, devorando nessa época obras de Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Ferreira Itajubá e Leonel Coelho, tendo estes como suas primeiras influências literárias, fase em que já rabisca seus primeiros versos. Aos quatorze anos, morando no Rio de Janeiro e estudando na Escola Técnica Visconde de Mauá, na qual permanece até dezembro de 1940, Paulo Nunes Batista tem melhores oportunidades de conhecer obras literárias, dialogar com colegas sobre literatura e demonstrar suas habilidades como poeta, sendo reconhecido e incentivado por alguns professores a escrever e a publicar seus textos, realizando suas primeiras publicações de poemas no jornal da escola Mauá. Posteriormente publica textos em revistas infanto-juvenis do Rio de Janeiro, tais como “Mirim”, “Ra-ta-plan”, “O Malho” e “Revista da Semana”. Por se tratarem de publicações muito antigas, do período de 1939 a 1946, não há, ou pelo menos não foram encontrados, registros delas nos arquivos acessados.

Dessas andanças juvenis ficaram os rastros do homem e do geopoeta que Paulo Nunes Batista viria se tornar mais adiante: o homem inquieto, o poeta popular rebelde e apaixonado, defensor da tradição popular. O Rio de Janeiro foi o palco das primeiras publicações, mas as andanças e escritas não se limitaram a um único espaço, pois o poeta itinerante seguiu sua trajetória de migrações:

> Vivi em Saco da Onça,
> no centro-sul da Bahia.
> Daí, vim para Goiânia,
> em 47, e, um dia,
> **Gilberto Mendonça Teles**
> me achou vendendo poesia.
>
> Depois, Jaraguá e Ceres,
> fui trabalhar com Sayão.

Vieram Inhumas e Anápolis
e cinqüenta anos lá vão...
Corri pra Patos de Minas,
a rodar, feito um pião
(Batista, 2000, p. 12).

Conforme registrado nos versos acima, Paulo Nunes Batista passa pela Bahia antes de pisar em terras goianas pela primeira vez, em janeiro de 1947, com o objetivo de sobreviver com a família, dedicando-se a atividades relacionadas ao Partido Comunista (PCB). Nessa época atuou como professor em um projeto do PCB e depois como funcionário burocrático do mesmo partido, mas logo buscou outros empregos em cidades goianas como Jaraguá, Ceres, Inhumas, dentre outras.

Fui para Belo Horizonte
servir como jornalista
no bravo **Jornal do Povo**,
semanário comunista.
Aí, quase consumiram
com **Paulo Nunes Batista**.

Antes, no Estado do Rio,
na Ilha da Marambaia,
residi mais de três anos,
gozando a beira da praia.
E, para Sacra Família
do Tinguá, carrego a traia.

Fui pra Ilha de Itapema.
Pra Santos me transferi.
Precisa um longo poema
pra contar o que sofri.
No ano de 52,
preso em São Paulo me vi.

O mar da vida desfaz
nossos castelos de areia.
Para proibir que eu sonhasse,
me guardaram na cadeia.
Mas não há força no mundo
que proíba a Lua-Cheia (Batista, 2000, p. 13).

Dos envolvimentos de Paulo Nunes Batista com o PCB em Goiás, com o qual teve o primeiro contato motivado pelo irmão mais velho Pedro, aos onze anos na Paraíba, muitas mudanças pelas cidades goianas são registradas em seu resumo autobiográfico, bem como muitas lutas políticas que lhe renderam duas passagens rápidas pela prisão em 1947 na cidade de Goiânia: uma por estar transitando nas ruas a noite sem documentos e a segunda por estar distribuindo folhas volantes com mensagens do PCB no bairro de Campinas. “Prisão de poucas horas, logo relaxada. Viver de comunista não era fácil...” (Batista, 2014, p. 38). Dedicado às

causas em prol dos trabalhadores, protagonizou denúncias importantes a respeito de irregularidades trabalhistas na Colônia Agrícola Nacional de Goiás, em Ceres, na época coordenada por Bernardo Sayão. Em virtude de seu envolvimento na célula do PCB, Sayão o demitiu deste trabalho.

Em 1949 Paulo Nunes Batista se muda para Inhumas e funda, juntamente com outros trabalhadores, a ATI – Associação dos Trabalhadores de Inhumas. A partir desse evento, começa a ser perseguido e ameaçado politicamente, vendo-se obrigado a mudar novamente de cidade, indo desta vez para Anápolis, onde iniciou a venda ambulante de folhetos de cordel nos moldes do Nordeste: nas feiras, praças, pontos de ônibus, acompanhado por um amigo comunista e cordelista, Francisco Guerra Vazcurado.

Motivado por questões familiares, vai para Minas Gerais: "Paulo viaja para Patos de Minas. Em Patos, se liga ao Partido Comunista e, com outros, faz a maior distribuição de panfletos esquerdistas de toda a história daquela cidade mineira" (Batista, 2014, p. 37). Logo segue para Belo Horizonte, onde passa a ser redator do semanário "Jornal do Povo", do PCB. Vida de sofrimentos e apreensão, como ele relatou: "a vida de jornalista comunista naquele tempo era duríssima. Com o Partido na clandestinidade, vivia-se em clima de eterna tensão, a toda hora esperando-se ser preso. Vida de sacrifícios, vestindo roupa alheia, passando fome, tudo pelo ideal" (Batista, 2014, p. 37).

A prisão mais duradoura e sofrida ocorreu no ano de 1952, em São Paulo, época em que trabalhava como redator do jornal "Hoje", descrito por ele como "o vibrante diário, de saudosa memória da capital bandeirante" (Batista, 2014, p. 40). Paulo Nunes Batista permaneceu na prisão por quarenta e cinco dias, juntamente com outros jornalistas, e assim narrou o episódio:

> 1952 – Em 7 de janeiro de 1952, o "**Hoje**" é invadido por mais de cinquenta homens da Polícia do Exército, armados de metralhadoras, sob o comando do Coronel Diderot. Prendem, na hora (era uma sexta-feira, à tarde) mais de cem pessoas, que nada tinham a ver com o jornal... Vão soltando-as aos poucos, após interrogatório. Ficam os comunistas. Entres estes, *Paulo*, cujo nome constava da escala que ia entrar para dirigir o jornal na semana seguinte e estava em placar na sala de redação (Batista, 2014, p. 41).

Desse período na Casa de Detenção de São Paulo, famosamente conhecida como Carandiru, nome do bairro no qual o antigo presídio se localizava, o poeta lembrou as mazelas das condições degradantes de vida a que os presos eram submetidos, das greves internas e das reivindicações:

> Os presos políticos da Detenção fazem uma "greve de fome", por quase sete dias, reivindicando melhor tratamento: recebimento e leitura de jornais diariamente, mais banhos de sol, visitas diárias aos presos por parentes e amigos, etc., além de outros pontos. Alcançam êxito, a opinião pública, de fora, os apoia. Mas Paulo sai da greve arrasado. Fraco, com reumatismo nas pernas: o cubículo era pequeno para os nove homens – quando um saía da cama-beliche e ficava em pé, o espaço não dava passagem para outro (Batista, 2014, p. 43).

Após essa experiência de reclusão em São Paulo, Paulo Nunes Batista foi detido mais uma vez, no mesmo ano de 1952, em Recife, sendo liberado em poucos dias. As passagens pela cadeia em virtude de sua atuação política marcariam sua vida e sua obra, temática evidente em muitos de seus escritos, a exemplo do poema a seguir:

NA DETENÇÃO

- Esta cadeia está me matando!

O grito esculpia
pontiagudamente
no corpo da tarde
tatuagens místicas
mensagens eróticas
símbolos esotéricos

- Esta cadeia está me matando!

Era o canto quente
do homicida negro
condenado a trinta
por matar o gringo
capataz da Fábrica

- Esta cadeia está me matando!

Havia o Branca de Neve
ladrão de diploma e anel
o Bico Doce, assaltante
com vários crimes de morte
o Paraíba, caboclo
sarado numa peixeira

- Esta cadeia está me matando!

Havia o fedor da bóia
que vinha no tamborão
a maconha, o jogo, a pinga
a máscula prostituição
consentida pelos chefes
da Casa de Detenção

- Esta cadeia está me matando!

E havia o silêncio imenso

à inútil interrogação
a angústia envolvendo as coisas
dentro de toda prisão
que cada prêso guardava
no fundo do coração... (Batista, 1969, p. 21)

Integrante do livro *Canto Presente*, publicado em 1969 pelo Departamento de Cultura / SEC, primeiro livro de poesia erudita de Paulo Nunes Batista, premiado no concurso literário do Instituto Goiano do Livro, o poema traz a voz que canta as memórias e as angústias do cárcere, as impressões e os gritos de denúncia de um ser que está sendo morto na e pela prisão. Denunciando, no início de cada estrofe, a degeneração do corpo e da mente por meio do verso "- Esta cadeia está me matando!", o eu poético tece, ao longo das estrofes, uma denúncia permeada pelos sentidos. A voz que grita também ouve os gritos e esses atravessam as sensações físicas, imprimindo devaneios e imagens: "O grito esculpia / pontiagudamente / no corpo da tarde / tatuagens místicas / mensagens eróticas / símbolos esotéricos". Na segunda estrofe, a audição é de um canto "quente", em um misto de compaixão e temor frente ao homicida: "Era o canto quente / do homicida negro / condenado a trinta / por matar o gringo / capataz da Fábrica".

A percepção dos tipos humanos ocupantes do presídio segue impressa nos versos da terceira estrofe: "Havia o Branca de Neve / ladrão de diploma e anel / o Bico Doce, assaltante / com vários crimes de morte / o Paraíba, caboclo / sarado numa peixeira". Aqui a voz poética nomeia ou "apelida" os personagens reais da cadeia com nomes de personagens da ficção literária. Interessante ressaltar a referência a "Bico Doce", personagem astuto e malandro, protagonista do primeiro folheto de cordel publicado por Paulo Nunes Batista em Anápolis, em 1949, anos antes de sua passagem pela Casa de Detenção de São Paulo, obra com a qual inaugurou sua exitosa carreira como cordelista em terras goianas.

Na quarta estrofe o sentido em evidência é o olfato: "Havia o fedor da bóia / que vinha do tamborão / a maconha, o jogo, a pinga". E a denúncia da prostituição e da violência sexual: "a máscula prostituição / consentida pelos chefes / da Casa de Detenção". Para fechar o poema, há o silêncio e a angústia daquela voz que grita dentro da prisão interior de cada ser humano: "E havia o silêncio imenso / à inútil interrogação / a angústia envolvendo as coisas / dentro de toda prisão / que cada prêso guardava / no fundo do coração...". Versos últimos que revelam um eu poético sensível ao seu semelhante, empático à condição de aprisionamento do ser, não só do corpo físico guardado em uma cela, mas das profundezas da mente e dos sentimentos de cada um.

Apesar de ter chegado a Goiás em janeiro de 1947 e ter exercido variadas atividades profissionais pelo PCB em diversas cidades do estado, a fixação do poeta em terras goianas só aconteceu anos mais tarde, em 1969, quando foi aprovado em concurso público para exercer o cargo de Agente Arrecadador da Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás, assumindo o posto no distrito de Lagolândia, município de Pirenópolis à época. A partir desse ingresso no serviço público o escritor iniciou uma jornada mais estável, conseguindo prover financeiramente a família, conforme cantado nos versos abaixo:

> Coletor em Lagolândia,
> por concurso, a lei me faz.
> Pirenópolis e Padre
> Bernardo ficam pra trás.
> Por fim, vou dar com os costados
> em Corumbá-de-Goiás.
>
> Ali, a **Biblioteca**
> "**Bernardo Élis**" fundei.
> Se dela ainda existe alguma
> lembrança, por lá, não sei.
> Sei que a demão à cultura,
> naquela cidade, dei.
>
> Eu trouxe, de meus maiores,
> inspiração do repente,
> embalos de cantoria,
> lirismo de nossa gente,
> para abrir as bocas da alma
> e cantar o que se sente.
>
> Podem até matar o corpo
> do poeta-Sonhador:
> ninguém rouba as Asas da Alma
> que, do Sonho, guarda a flor.
> Deus não morre na Esperança
> da infinita Luz do Amor (Batista, 2000, p. 14).

Nas estrofes acima há o registro do ingresso no serviço público e as mudanças de cidade decorrentes do exercício do cargo. Após assumir o posto de fiscal em Lagolândia e passar pelas cidades de Pirenópolis, Padre Bernardo e Corumbá-de -Goiás, em 1971 Paulo Nunes Batista é transferido para a cidade de Anápolis, município no qual se fixa e exerce a função pública até se aposentar, em 1989. Uma vida cheia de desafios, da qual registra, poeticamente, as várias profissões exercidas:

> Ao longo desta existência,
> de ônibus, fui cobrador,
> fui vendedor de folhetos,
> de doces fui vendedor,

auxiliar de consultório,
corretor e professor.

Escriturário, escritor,
fui coletor e fiscal,
fui camelô de poesia,
poeta profissional,
cavouqueiro e jornalista,
tive banca de jornal.

Estudei sempre que pude
ter a chance de aprender.
Sou mais um autodidata,
que nunca deixou de ler.
Sou bacharel em Direito,
sem da profissão viver (Batista, 2000, p. 14).

Dessas estrofes vale destacar a profissão de jornalista, da qual Paulo Nunes Batista muito se orgulhou de exercer e enfatizou isso em seu resumo autobiográfico: "Em 14 de novembro de 1960, *Paulo* obtém seu registro de Jornalista Profissional, na Delegacia Regional do Trabalho no Estado de Goiás, conforme anotação sem sua Carteira Profissional n. 1" (Batista, 2014, p. 57). Além do registro profissional, ele também integrou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás, como sócio efetivo.

A característica de ter sido um grande estudioso também é destaque, tendo em vista que Paulo Nunes Batista foi um exímio pesquisador autodidata que buscou prover seus escritos de informações e registros históricos importantes e certeiros. No que tange à formação acadêmica, ingressou na faculdade de Letras no ano de 1968, abandonando o curso logo nas primeiras semanas. Anos mais tarde, em 1977, concluiu o curso de Bacharelado em Direito, na Faculdade de Direito de Anápolis – FADA, período do qual se recorda a dureza: "Estuda com livros emprestados, andando de bicicleta e pegando carona por cinco anos... Durante todo o curso – cinco anos – não chegou a perder cinco aulas" (Batista, 2014, p. 69).

Nas cidades nas quais viveu, o poeta sempre buscou motivar em suas passagens a cultura e a literatura. Além da biblioteca criada em Lagolândia, em Anápolis, antes de assumir a cadeira número 8 da Academia Goiana de Letras, fundou, em parceria com Jarbas Oliveira e Laurentina Murici de Medeiros, conhecida como Dona Loló, a ULA - União Literária Anapolina - uma organização não governamental, cultural, apartidária, sem fins lucrativos, inaugurada em 24 de junho de 2000, com o intuito de estimular, promover e difundir por todos os meios a literatura produzida por autores da cidade e região, incentivando o gosto pela leitura e a valorização da cultura anapolina, realizando encontros, concursos, palestras e outros eventos culturais literários além de editar um jornal informativo onde são divulgadas as atividades da

união, seus autores e obras, conforme descrição presente na página da união[6]. Em plena atividade atualmente, a ULA é um legado importante de Paulo Nunes Batista para o município de Anápolis e região.

Guiado pelos versos do discurso poético proferido na Academia Goiana de Letras (AGL), o breve perfil biográfico aqui apresentado intentou contextualizar o escritor, poeta e cordelista paraibano-goiano no lugar que lhe é inerente: a de um militante pela vida e pela literatura, pela cultura popular brasileira, nordestina e goiana. Conforme o descreveu Brasigóis Felício, no discurso de saudação proferido na solenidade de posse da Cadeira 8 da AGL: "um poeta – um autêntico e grande poeta brasileiro, nascido na Paraíba, e que em Goiás produziu a maior parte de sua volumosa e importante obra... Ave, poeta e companheiro Paulo Nunes Batista, incansável e inspirado lavrador de palavras" (2000, p. 2). Tendo em vista a abordagem que aqui se pretende, embasada pelo campo teórico da Geopoesia, faz se pertinente acrescentar à definição de Brasigóis Felício: Paulo Nunes Batista, "brasileiro digno e feliz", um incansável geopoeta-cordelista paraibano-goiano.

Zé Bico Doce – o primogênito

O primeiro folheto publicado por Paulo Nunes Batista teve como título inicial *A vida pitoresca de Zé Bico Doce*. Sua escrita e publicação ocorreram entre 1948 e 1949, datando a primeira edição do ano de 1949, na cidade de Anápolis, Goiás. De acordo com relatos do próprio autor, apesar de ser o primeiro a ser publicado, não foi o primeiro folheto escrito por ele:

> Na verdade, ainda na Mauá, em 1940, Paulo havia composto duas obras de cordel – "**O desafio de Zé Periquito com Mané Pintado**" e uma estória baseada num conto de seu colega da Mauá, Clécio Fernandes Dutra. Esses dois trabalhos de Paulo nunca foram editados e ele perdeu os originais (Batista, 2014, p. 33).

Desta forma, mesmo já sendo um homem das letras à época, tendo publicado textos em revistas e em jornais dos diversos estados brasileiros, foi em terras goianas que Paulo Nunes Batista de fato iniciou a carreira de cordelista. A ligação com o PCB foi muito significativa em sua trajetória, pois, por meio do ideal partidário que o motivava, percorreu diversas cidades brasileiras, sempre trabalhando pelo partido e tendo a escrita como principal ferramenta de

[6] Descrição contida na página virtual https://mapagoiano.cultura.go.gov.br/espaco/254/, acesso em 28-08-2023.

divulgação dos ideais revolucionários. E foram esses ideais que o trouxeram a Goiás e propiciaram a ligação com a tipografia "A Luta", pertencente ao militante Antonino Gomes Pinto, mais conhecido como A. G. Pinto, figura muito significativa na imprensa de oposição no estado. Segundo relatado em entrevista concedida pelo poeta anapolino Henrique Alan Kardec Mendonça (ANEXO II), A. G. Pinto foi um homem generoso que dava oportunidade a escritores e jornalistas em início de carreira. Paulo Nunes Batista tornou-se amigo fiel de A. G. Pinto, além de companheiro de militância.

Não apenas uma tipografia, *A Luta* foi também um jornal de militância do PCB em Goiás que, conforme afirma Lygia Ferreira, em dissertação de Mestrado de 2001, liderado por A. G. Pinto, "possibilitou a aglutinação de um pequeno grupo em torno da ideologia comunista que passou a contar com a infraestrutura propiciada por A. G. Pinto" (2001, p. 19). Nesse mesmo trabalho há a afirmação de que A. G. Pinto faleceu na miséria e no esquecimento e que apenas três amigos nunca o abandonaram no final da vida, sendo um deles o cordelista Paulo Nunes Batista.

O cordel que abriu os caminhos de Paulo Nunes Batista como poeta popular, *A vida atrapalhada do Zé Bico Doce*, que atualmente é encontrado com o título modificado para *Zé Bico Doce – o rei da malandragem* e comercializado pela Editora Luzeiro (ANEXO III), foi uma publicação bem-sucedida que rendeu-lhe bons frutos financeiros, em uma época na qual a comercialização de folhetos se dava nas feiras, nos pontos de ônibus, nos moldes do comércio ambulante, oferecidos de porta em porta pelas cidades do interior de Goiás. Trata-se de um folheto-romance de trinta e duas páginas, cujo personagem principal, Zé Bico Doce, é um anti-herói dotado de esperteza, sorte e uma boa dose de malandragem. Estruturalmente composto em sextilhas, a história desenvolve-se ao longo de cento e cinquenta e oito estrofes de seis versos cada uma, com esquema de rimas variando entre ABCBCB e ABCBDB, ou distribuição X A X A X A, no qual as 2ª, 4ª e 6ª estrofes rimam entre si:

Leitores, eu vou contar
A vida de Bico Do**ce**
O sujeito mais sabido
Que neste mundo encontr**ou-se.**
O próprio Cancão de Fogo
Com êle um dia embrulh**ou-se**.

Zé Bico Doce nasceu
Disse-me quem assist**iu**
Antes do tempo esperado
Para o mundo êle exist**iu**;
Nasceu andando e falando

Coisa que nunca se v**iu**. (1960, p. 3)

As estrofes acima transcritas demonstram o esquema de rimas que compõem todo o texto. Como se vê, o cordel tem início com o narrador anunciando prontamente a astúcia inerente ao personagem Zé Bico Doce desde o nascimento. A história é narrada em terceira pessoa, com o narrador estabelecendo, vez ou outra, um diálogo direto com os leitores, como se observa na primeira estrofe e em outras ao longo do texto.

Após a apresentação de como Zé Bico Doce veio ao mundo, o narrador relata sua ascendência, retratando o pai como um ladrão e a mãe como uma mulher que falava da vida alheia e buscava vida fácil. A infância e a adolescência do personagem também são temas das primeiras estrofes, nas quais são destacadas as características deste ser astuto: esperto, galanteador, malandro, vigarista, inimigo do trabalho, sortudo e aventureiro:

Tirou carta de malandro
Diploma de vagabundo.
Sentia pelo trabalho
O desprezo mais profundo.
Foi o maior vigarista
Que já viveu neste mundo (1960, p. 5).

Além da malandragem, a inteligência também é um destaque: "A ler, contar e escrever / Por si mesmo êle aprendeu" (1960, p. 6). As características físicas apresentadas descrevem um Zé de boa aparência, mulato que andava "no fio" e tinha facilidade para conquistar as mulheres. Conquistador e leviano, as relações com as namoradas são descritas como desiguais, com o personagem principal as conduzindo com a esperteza daquele "mulherengo" que almeja tirar vantagem em tudo, enganando o quanto pode as suas parceiras. A falta de seriedade ou apego aos relacionamentos é evidente na história, já que para o anti-herói as mulheres representam um perigo e são descritas como traidoras e manipuladoras:

"Mulher é como sapato"
Costumava êle dizer:
"Só presta bonito e novo
E mole, pra não doer...
Tem que usar bastante graxa
Pro couro velho render..."
...

"A mulher só vence o homem
Por meio da traição.
Conforme se lê na Bíblia
Mãe Eva enganou Adão
Tentando êle a comer
O fruto da perdição..." (1960, p. 6).

O tom jocoso é constante nas descrições a respeito das mulheres e tem origem nos ditos populares e paráfrases muito presentes nos discursos da época, na qual era típico utilizar-se de dizeres com conteúdo machista a fim de construir humor. Maria Grillo (2015) afirma, no capítulo 5 da obra *A arte do Povo:* Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940), que na primeira metade do século XX era costume as personagens femininas aparecerem nos cordéis como seres pecaminosos e demoníacos, inseridas em determinados modelos e valores dominantes com respeito à ordem moral, social e mítica do período, apresentadas muitas vezes como anti-heroínas, por comportamentos agressivos e falsos, outras vezes como o sexo-frágil, passíveis de serem enganadas e ludibriadas. Portanto, a representação do feminino no primeiro cordel publicado por Paulo Nunes Batista segue a tendência da época, conforme é possível visualizar nos versos acima transcritos, bem como em outras passagens do texto.

A história do anti-herói aventureiro é estruturada por meio da narração de suas passagens marcantes por diversas cidades brasileiras e por outros países pelos quais realizou suas malandragens. Cinco grandes peripécias são narradas ao longo das mais de cem estrofes, sendo a primeira delas em Goiás: "No Estado de Goiaz, / Na cidade de Matão / Roubou uma linda moça, / Fez enorme confusão" (1960, p. 8). Esses versos resumem a passagem por Goiás, na qual Zé Bico Doce rouba uma moça interiorana e a leva a viajar com ele, prometendo-lhe casamento. No entanto, é afrontado pela valentia do pai da moça, que a resgata na estação de trem de Anápolis, afugentando o danado do Zé a tiros. Iniciar a odisseia de aventuras por terras goianas funcionou como um chamariz para os leitores regionais da época e demonstra que o cordelista sabia bem onde pretendia chegar com essa primeira publicação, buscando atrair os leitores da região com a identificação de um cenário do cerrado que abrigava um misto de ingenuidade e brutalidade interioranas, configurando o que Silva Junior classifica como um processo na geopoesia de cordel, no qual "as ações sociais adquirem formas por meio de dramas sociais e metáforas, campos e *habitus* que dialogam com a estrutura processual da ação social" (2022, p. 125).

Na segunda aventura do folheto, o personagem astuto fica noivo e marca casamento com três mulheres ao mesmo tempo: Rosa, Rita e Benedita, no Rio de Janeiro, causando uma tremenda confusão, arrecadando dinheiro e roupas de suas pretensas esposas e fugindo para Cuba, deixando as três esperando na mesma igreja, no mesmo dia e horário. De Cuba, Zé Bico Doce passa anos viajando sem rumo certo, até voltar ao Brasil.

Retornando à sua terra, a terceira aventura ele empreitou: durante uma partida de baralho na qual perdia para seu adversário, descrito como sendo o próprio "Diabo", Zé Bico Doce faz uma aposta com o dito: caso ganhasse a partida, o Diabo lhe daria um milhão; caso perdesse, daria sua alma como prêmio a Lúcifer. Com a esperteza típica de um anti-herói, Bico Doce ganhou do tinhoso, trapaceando por meio da troca de baralho limpo por um com cartas marcadas. Em posse do prêmio de um milhão, o espertalhão Zé engendra a próxima aventura, seguindo viagem por diversos países, nos variados continentes, até parar na Argentina e casar-se com uma viúva rica. Após acabar com a riqueza da pobre senhora, volta ao Brasil.

Na quinta aventura, conforme anunciado na primeira estrofe, Zé Bico Doce encontra-se com Cancão de Fôgo, um personagem icônico dos folhetos de cordel, criado por Leandro Gomes de Barros e que inspirou Mário de Andrade na criação de Macunaíma, conforme afirma Marco Haurélio, assim o descrevendo:

> Cancão de Fogo, a maior criação de Leandro, é mais do que um anti-herói. Trata-se de um personagem amoral, com uma filosofia de vida bastante peculiar, invencível até mesmo na hora da morte, quando logra seus desafetos: um juiz, um escrivão e um padre. Este último, representando o poder religioso, a pretexto de livrar o endiabrado Cancão do inferno, o exorta ao arrependimento (Haurélio, 2010, p. 65).

O encontro de Zé Bico Doce com Cancão de Fôgo foi inicialmente muito harmonioso, pois ambos tinham personalidade e objetivos semelhantes: espertalhões que almejavam se dar bem a qualquer custo. Tão logo firmaram parceria, realizando juntos uma série de roubos e assaltos pela cidade do Rio de Janeiro, apavorando a população: "Só se via nos jornais: / 'Os ladrões são perigosos!' / 'Quem tiver dinheiro, esconda!' / Cuidado com os criminosos!'" (1960, p. 23). No entanto, a história não acabou bem entre eles: por conta de um desentendimento financeiro, brigam e Zé Bico Doce foge de Cancão, levando a melhor e deixando o comparsa triste e solitário pelas ruas do Rio de Janeiro.

Para Marco Haurélio (2010), muitos autores inseriram o personagem Cancão de Fogo em seus folhetos como forma de chamar a atenção dos fregueses, tendo em vista o sucesso que este fazia desde sua criação por Leandro Gomes de Barros. Paulo Nunes Batista fez essa inserção já na primeira estrofe do cordel, anunciando aos leitores que Zé Bico Doce foi capaz de enganar até mesmo o mais esperto dentre os espertos. Característica que os cordelistas mais antigos, ao criarem personagens como Cancão de Fogo e João Grilo, fizeram questão de ressaltar, conforme afirma Grillho, "a esperteza dos fracos é uma qualidade que os poetas de

cordel prezam muito nos homens, e que lhes permite circular entre os poderosos e vencê-los" (2015, p. 229).

Zé Bico Doce não para quando as aventuras terminam: no final da narrativa, o personagem segue de estado em estado do país enganando as pessoas, roubando e dando golpes, envolvendo-se com outros malandros, como o "Mão de Seda", "Sete dedos" e "Zé da Ilha". Percorrendo lugares por onde já havia passado, "Resolveu voltar ao Sul / Descendo pelo sertão. / Em Goiaz deu golpes certos / Em Goiânia e Catalão." (1960, p. 30). O fim do malandro é incerto, o autor deixa em aberto: "Se ainda não levou fim / Até hoje está no samba!..." (1960, p. 31).

Zé Bico Doce: o anti-herói viajante

O anti-herói é um tipo de personagem muito popular na literatura de cordel. Originária da Europa, é, conforme estudo de Garcia e Oliveira (2020, p. 91), "uma figura que emerge nas letras hispânicas a partir do século XVI, ganha uma importância na literatura por sua inovação e seus aspectos realistas, contrapondo-se à idealização do herói clássico". Chegado ao Brasil juntamente com o cordel e outras manifestações culturais vindas de Portugal, essa figura popularizou-se no imaginário do povo por meio da oralidade e da escrita. Advindo do personagem classificado como "pícaro", que na etimologia traz como sinônimos possíveis: ladrão, mendigo e pobre, o termo fora utilizado para definir, à época, aquele que vivia à margem da sociedade. Na ficção romanesca, o personagem picaresco é aquele que vive de astúcias e espertezas em busca da obtenção de lucros e vantagens.

Segundo Garcia e Oliveira (2020), o personagem pícaro toma as formas de um anti-herói quando tem plena consciência de seus atos ilícitos, escolhendo praticá-los e utilizando-se propositalmente de sua esperteza para burlar os sistemas. Ele não segue um modelo ético de comportamento, sendo a figura que rompe com os padrões desejáveis socialmente, motivado por dificuldades ou por ambições, sempre amparado por doses de humor e ironia para conquistar a afeição do público leitor. Outro fator importante que difere o anti-herói do herói, ainda conforme Garcia e Oliveira (2020), é que estes são dotados de caminhos opostos: o herói clássico busca ascender nas suas ações para chegar à perfeição; o anti-herói declina cada vez mais na ilegalidade, e nessa saga ele vai desmascarando as fragilidades do sistema social.

No Brasil esses personagens se popularizaram, povoando o imaginário folclórico brasileiro, tornando-se, na literatura popular, "o retrato do povo sertanejo, povo esse que em

toda sua simplicidade sempre tem algo para nos ensinar" (Silva, 2017, p. 252). Um grande exemplo é o personagem João Grilo, muito famoso nas histórias dos folhetos de cordel, assim descrito no artigo *João Grilo, o desmilingüido: a esperança no imaginário do oprimido*:

> João Grilo é uma personagem que povoa o imaginário folclórico brasileiro, sobretudo na região nordeste, pois é representado, ou simplesmente mencionado, em muitos textos de autores daquela região, ou que a tematizam, como é o caso da literatura de cordel, da peça teatral adaptada para o cinema, *Auto da compadecida* (1995), de Ariano Suassuna, do romance *Carcará* (1984), de Ivan Bichara Sobreira, além dos causos e dos contos de tradição oral, que se perpetuam em rodas de conversas de compadres e comadres. Fisicamente, João Grilo assume todas as características de um anti-herói, pois é pequeno, fraco, franzino, *amarelo* e desnutrido, ou seja, não possui os atributos estéticos e o porte de um verdadeiro herói cavalheiresco... Mas, João Grilo é infinitamente astuto. E sua esperteza é tamanha, que suplanta o seu porte miúdo, convertendo sua fragilidade em força. Com suas artimanhas, ele se agiganta (Brun, 2008, p. 3).

A exemplo de João Grilo, o personagem criado por Paulo Nunes Batista, em seu primeiro folheto publicado, é facilmente reconhecido como um anti-herói, pois possui as características típicas evidentes, as quais vão sendo descritas ao longo da narrativa. A primeira delas é o aspecto realista: Zé Bico Doce é um homem comum, com atributos físicos dentro da normalidade, não possui grandeza, força ou poder e é oriundo de pai e mãe de meio social humilde. O pai é caracterizado como um homem de comportamento desviado: "O pai de Zé Bico Doce / Era um ladrão de primeira, / Profissional do baralho / E batedor de carteira" (1960, p. 1). Já a mãe é apresentada como uma "linguaruda" que "Vivia à custa dos outros / Pedindo, sempre, 'uma ajuda'" (1960, p, 1). Fator comum também nesses personagens é a atribuição dessa herança de comportamento desviante vinda dos pais: "Já diz aquele ditado: / "Filho de peixe é peixinho" / Zé Bico Doce saiu / Aos pais em tudo igualzinho" (1960, p. 4). Hereditariedade que age como um fator normalizador dos atos do anti-herói e ganha a simpatia do leitor ao inferir que o contexto social de origem do personagem lhe impõe a condição de só conseguir ascensão por meios marginais.

A inteligência e a esperteza natas são inerentes aos anti-heróis, sendo geralmente descritos como autodidatas, não precisando frequentar escolas para aprender a lidar com as questões diárias e inusitadas. A escola em que se formam é a chamada "da vida", conforme apresentam os versos: "A ler, contar e escrever / Por si mesmo êle aprendeu / Do grande livro do mundo / Todas as páginas leu / E com letras e aventuras / A sua história escreveu" (1960, p. 6). Usam a astúcia como instrumento de sobrevivência e por meio dela e da perspicácia, burlam os desafios, superando-os e sempre se saindo bem das situações aparentemente sem solução. Os meios não são os classificados como honestos, pois os anti-heróis não respeitam ou se

submetem às regras das autoridades, mas contam com grande dose de sorte para tirar vantagem das situações, conforme mostram os versos seguintes: “Nunca pegou no pesado / Nem teve nunca patrão: / Passar a perna nos trouxas / Era a sua profissão / Tinha uma sorte danada / Nunca conheceu a prisão” (1960, p. 5).

Por fim, vale destacar a capacidade de locomoção dos anti-heróis, veementemente percebida na narrativa de Zé Bico Doce. Conforme já mencionado, o astuto personagem perambula por diversos estados brasileiros realizando seus feitos, sempre fugindo com facilidade para outros lugares e países, transitando por diferentes nichos sociais, envolvendo-se com pessoas de grande poder aquisitivo e tirando vantagem sobre elas:

> O personagem picaresco, através de sua constante locomoção e sua passagem por diferentes amos, nos mostra, por meio de suas aventuras, os dois lados de uma mesma moeda: luxúria/pobreza, pois o pícaro é um personagem que vaga, não se fixa em nenhum lugar, e graças a essa característica de deslocamento podemos visitar os dois lados de uma sociedade da qual parece que nosso protagonista não faz parte (Garcia; Oliveira, 2020, p. 93).

A dinâmica de mobilidade do anti-herói Zé Bico Doce é fortemente explorada no folheto, conforme a narrativa vai se construindo. A cada aventura ele migra ou foge para outros espaços, conforme anunciado na décima segunda estrofe: “Um dia fugiu de casa / E lá nunca mais voltou. / Os quatro cantos do mundo / Bateu, mexeu, revirou” (1960, p. 5). Do Rio de Janeiro, cidade natal da qual saiu muito cedo, Zé Bico Doce percorre no mínimo doze estados, sendo que o primeiro deles a abrigar uma de suas aventuras é Goiás, seguido por vários outros, tais como: Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Essas passagens pelas diferentes regiões brasileiras compõem um personagem que, para além de esperto e astuto, é um destemido andarilho. A característica de não se fixar em nenhuma localidade é por diversas vezes ressaltada ao longo do cordel, como nos versos presentes na estrofe de número setenta e sete: “Bico Doce se ausentou / E alguns anos viajando / Por toda parte ficou” (1960, p. 17).

Transitar por diferentes espaços e nichos sociais circunscritos ao sertão nordestino é um aspecto comum aos anti-heróis da literatura de cordel brasileira, pois geralmente esses personagens buscam sua sobrevivência dentro do meio árido que é, por si, desafiador, considerando as agruras vivenciadas historicamente pelos que habitam aquela região. Fator que é, portanto, um ponto de ligação e de identificação entre as histórias e o público leitor dessa literatura chamada de regional. Ao criar, na década de 1940, um anti-herói que viaja intensamente para outras regiões, o geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista inovou, pois superou o roteiro tradicional do anti-herói sertanejo quando atribuiu ao seu personagem a

possibilidade de explorar espaços para além do território sertanejo brasileiro: Zé Bico Doce ultrapassa os continentes, alçando voos maiores, tendo Cuba como seu primeiro destino internacional. Na sua jornada intercontinental, é apresentado como um explorador de diversos países, conforme demonstram os seguintes versos:

> Bico Doce em pouco tempo
> Meteu o pau no dinheiro
> Fazendo as maiores farras,
> Passeando no estrangeiro:
> Fez coisas do arco-da-velha,
> Correu quase o mundo inteiro.
>
> Seguiu logo para a Europa
> Foi ver a França e Paris!
> Paris das mulheres belas,
> Das francesinhas gentis,
> Dos cabarés afamados
> Aquele grande país!
>
> De Paris seguiu pra Londres,
> Foi ver de perto as inglesas.
> Foi à Itália e viu Roma.
> Visitou as holandesas,
> Namorou as espanholas,
> Não gostou das portuguesas.
>
> Da Europa foi à Ásia,
> Visitou China e Japão:
> A Índia, a Síria, a Turquia,
> A Sibéria e o Indostão,
> Também esteve na África
> Viu o Saára e o sultão.
>
> De volta dessa viagem
> Veio sair na Argentina
> Já estava quase sem grana
> Mas não maldizia a sina:
> Arranjou uma viúva
> Cheia da gaita e granfina! (Batista, 1960, p. 21)

Transgredir o anti-herói do cordel de seu lugar pré-designado – o sertão - e atribuir-lhe o caráter de um viajante andarilho que experiencia o mundo sem abandonar a malandragem oriunda do "jeitinho brasileiro" é uma criação que coaduna com uma das propostas da Geopoesia: a de não se limitar ao lugar comum do espaço literário, mas de se mover dentro das dinâmicas, vivências e possibilidades que se constituem na arte literária. De acordo com Silva Junior, "a geopoesia amplia muito mais essa dependência de uma poética da antiguidade eurocêntrica. Sendo assim, entendemos o cordel como um gênero de rexistência – que abarca o anseio da publicação, mas que não nega suas origens populares" (2022, p. 124). Conclui-se que

Batista promoveu esse movimento em seus escritos ao preservar a tradição da literatura popular de cordel no que tange à forma, métrica, enredo etc., ao passo que também buscou ressignificá-la, imprimindo novas possibilidades e novas vozes aos cordéis, tanto pela linguagem como também por meio da configuração dos protagonistas de suas histórias. Prova disso é que anos mais tarde, em 1958, Paulo Nunes Batista publicou o folheto *Novas proezas de João Grilo*, no qual apresentou aos leitores um João Grilo de natureza tão viajante quanto o seu personagem primeiro, Zé Bico Doce.

O folheto *Novas proezas de João Grilo* traz nas primeiras estrofes um caráter polifônico ao estabelecer diálogo com outro cordelista - João Martins de Ataíde, que deu vida ao João Grilo em vários de seus folhetos: "A João Martins de Ataíde / Peço agora permissão / Pra falar de um personagem / Que é de sua coleção: / Quero tratar de João Grilo / Se não me faltarem estilo, / Rimas e imaginação" (Batista, 1958, p. 3). Em seguida os versos apresentam a proposta de trazer novas histórias desse astuto personagem: "Nas 'Proezas de João Grilo' / O poeta já contou / Muita coisa, mas nem tudo / Que com o Grilo se passou: / Entre astúcias e espertezas / Contarei novas proezas / Que João Grilo praticou" (1958, p. 3).

A partir desse ponto a narrativa segue apresentando as características do anti-herói João Grilo, ao passo que este desenvolve suas artimanhas em torno de seu casamento com uma mulher mais velha, viúva de Cancão e muito rica, denominada Dona Berta. Inicialmente João Grilo demonstra interesse em se casar com a viúva, que dele se afeiçoou. Embora sendo uma senhora, Dona Berta era esperta e propõe alguns desafios no intuito de testar a inteligência de João Grilo, condição para que o casamento se realize: "Por isso mesmo eu já fiz / Uma lista de questões: / Se o cara resolver todas / Já demonstrou ser dos bons, / Casaremos sem demora / Sendo êle, desde essa hora / Herdeiro dos meus milhões" (1958, p. 11). Obviamente que João Grilo aceita o desafio e consegue atingir o seu objetivo, casando-se com a viúva e tomando dela toda a riqueza.

Até esse ponto a história segue o roteiro tradicional, mostrando o João Grilo que se dá bem por meio da astúcia e da inteligência, enganando uma viúva rica. A partir da estrofe número setenta e nove o anti-herói mostra a sua faceta de viajante: "Grilo velho nunca soube / Que jeito que a velha deu, / Porque saiu de viagem / Por lá desapareceu! / Carregado de dinheiro / Foi percorrer o estrangeiro / Como era do gôsto seu" (1958, p. 21). E então o personagem segue para diversos países, realizando seus feitos. No Japão vence um concurso de feiúra; em uma tribo africana, rouba tesouros valiosos; em uma Meca na Arábia engana muitos fiéis; rouba itens de valor na Turquia, no Egito, na Pérsia e no Egito, angariando nas Índias quantia acima

de um milhão. Não satisfeito, segue com seus roubos e assaltos na Europa e nos Estado Unidos da América, enganando bandidos e "gangsters". Como é possível perceber, a mobilidade de João Grilo é ampliada nessa autoria, aos modos de seu personagem Zé Bico Doce:

> Em *Proezas de João Grilo*, de José Bernardo da Silva, e *Novas proezas de João Grilo*, de Paulo Nunes Batista, ambos de 1985 e de literatura de cordel, o espaço de circulação da personagem ultrapassa os limites do sertão nordestino, adentrando em territórios de outros países e de outros continentes. Talvez, isto aponte para a universalidade do mito e/ou para sua essência andarilha (Brun, 2008, p. 4).

Considerando o conceito da Geopoesia voltado para a literatura de cordel, é válido afirmar que Paulo Nunes Batista, ao atribuir o aspecto de viajantes aos anti-heróis Zé Bico Doce e João Grilo, abre caminhos para novas realidades na tradição. Por meio da criação e de uma mobilidade intercontinental dos personagens, ele inova no campo da performance cultural do cordel, posto que:

> Em determinadas manifestações semânticas da humanidade (festas, espetáculos, performances culturais etc.) abre-se o caminho para novas realidades sociais, identitárias e artísticas. Aquilo que Bakhtin chama de cultura de fronteira pode ser aproximado do termo utilizado por Turner: *betwixt* and *between* (entranhas e entre). O cordel carrega justamente essa movimentação do transe e dos transeuntes, das entranhas de quem canta e do entre-lugar de quem imprime e leva seus livretos por feiras e terreiros, paços e espaços e rexistência (Silva Jr., 2022, p. 127).

Certamente Zé Bico Doce abriu portas para Paulo Nunes Batista. A primeira edição se perdeu do acervo da família, ficando apenas a edição da Editora Prelúdio, para a qual o autor vendeu os direitos na década de 1960, a qual é comercializada até os dias atuais. Como o próprio autor declarou, ele conseguiu sustentar a família e adquirir bens imóveis com o lucro dos folhetos, nas décadas de 1950 e 1960, em terras goianas; desde então, Paulo Nunes nunca parou suas andanças e suas experiências são parte de sua escrita popular e erudita. Prosseguindo no ideal de fazer poesia para o povo, engendrou no tipo de cordel ABC, cantando neles, literalmente, uma cultura brasileira-goiana-interiorana de A a Z.

Geopoesia – um passeio pelos princípios fundadores

Os textos fundadores da Geopoesia trazem conceitos que visam estabelecer diálogos a respeito de uma base teórica e prática da constituição desse campo de estudos. Base essa que nasce com o intuito de ser ampla, pois parte da busca de um acordo comum dentro de todas as diferenças no espaço do nosso planeta, estabelecido no prefixo "Geo", o qual abarca a

dimensão de Terra, em uma concepção de *eros*, *logos* e *cosmos*, ou seja, de mundo. Ao mesmo tempo vem de *Gwaya* – que dá origem ao nome Goyazes, hoje nome do estado de Goiás. A palavra seria o nome de um povo que teria vivido na região e, ao mesmo tempo, significa "contar histórias". Isso posto, a partir de um desdobramento das raízes e dos rizomas do pensamento da arte Augusto Silva Junior (2022) provoca um rasgo etimológico para movimentar a tradição e a territorialidade.

Quanto ao poético, os textos fundadores especificam que este não se limita ao campo literário, pois refere-se a uma expansão dinâmica fundamental do pensamento, em quaisquer áreas, abrindo um espaço de cultura, mentalidade e vida – portanto, de mundo - em uma ressignificação necessária:

> Um mundo, sem dúvida, emerge do contato entre o espírito e a Terra. Quando o contato é sensível, inteligente, sutil, tem-se um mundo em sentido pleno; quando o contato é estúpido e brutal, não se tem mais mundo, nem cultura, somente, e a cada vez mais, uma acumulação de imundo (White, 2022, p. 2).

Em uma definição mais recente do campo literário, a geopoesia é descrita como "escritarias de um mundo próprio", nascidas do encontro de topografias que podem ser reconhecidas em vozes e corpos, mapas e viagens, compostas ao longo de migrações de vozes, corpos e genes:

> A geopoesia busca obras literárias que contenham em suas páginas detalhes da condição humana. Escritas em que o contexto, dentre os vários traços da vida, revela doses de memória, fatias de desejos, revelações de símbolos, porções de nomes, fronteiras não de cercar – mas de abrir. Interessa-se por escritores que vivem entre mundos paralelos, cada um à sua maneira, ao seu estilo, sempre buscando escrever regidos pela predominância de sentimentos humanos, que tentam imitar (recriando) o mundo em movimento – mesmo que numa cidadezinha qualquer (Silva Jr., 2018).

A perspectiva do escritor regido pela predominância de sentimentos humanos gera esse contato sensível, inteligente e revelador inerente ao caráter universal da literatura, sendo um contato que captura e traduz por meio das palavras a sensibilidade das vivências humanas que trazem aberturas para o movimento da vida, como no poema a seguir, de Paulo Nunes Batista:

> A MALA
>
> cheia de recortes de vida
> sofrida
> amarga
> pisada de angústias
> perdeu-se no tempo
> junto aos bigodes grossos

sorridentes
daquele conterrâneo
de terras estranhas
de viagens de volta
com cheiro de maresia e cajueiro

mala de couro da Bahia
de sola de Caculé
de andanças e mudanças (tantos sonhos!)
achou seu pôrto
desconhecido
nalguma casa de subúrbio
do Nordeste nu e cru
com sabor de fome na boca
e a sequidão de Amor
nos olhos vermelhos

- amiga
boa e leal de esperança antiga,
com ternura eu te mando
esta pobre cantiga... (Batista, 1969, p. 35)

Neste poema, publicado em 1969 no livro *Canto Presente*, é possível perceber a sensibilidade por meio de versos dedicados a um objeto tão significativo e útil aos homens: uma mala. Imprimindo sentidos intensos ao objeto, sentimentos inerentes ao humano, como o sofrimento, a amargura, a angústia e o amor emergem nesta "pobre cantiga". O errante-viajante, o geopoeta, é retratado nos versos como o que sente as idas e vindas por terras e territórios estranhos com todos os sentidos: nas pisadas, nos sorrisos, no tempo, nos cheiros, na fome e nos sonhos. Uma viagem que é territorial e existencial, visitando os lugares desconhecidos do mundo interior e exterior ao *eu* que canta a poesia e experiencia a vida.

O contato sensível e inteligente que a literatura é capaz de estabelecer parte da condição de ser "uma necessidade profunda do ser humano", sendo "o sonho acordado das civilizações" (Candido, 2014, p. 23). No capítulo I do livro *Os parceiros de águas lindas: ensino de literatura pelas Letras de Goiás*, intitulado "A literatura contra a barbárie", Sandra Ferreira ressalta esse aspecto de universalidade da literatura:

> Dada sua condição de objeto autônomo, permite que sentimentos vagos ganhem definição, graças à forma construída, porque o caráter ordenado dos objetos literários favorece a ordenação mental dos leitores acerca dos múltiplos aspectos existenciais sobre os quais versam os textos. A literatura é, portanto, uma modalidade de conhecimento e, ainda, o tipo de conhecimento que produz é mais frequentemente incorporado pelas vias do inconsciente (Ferreira, 2018, p. 20).

Kenneth White, estudioso escocês criador da teoria geopoética, no artigo *Na autoestrada da História*, aponta que as sociedades vivenciam, desde o final do século XX, um vazio, uma sensação de nada, "um nada repleto de barulho e de furor, de discursos

moralizadores, de estatísticas sociológicas, de teias pseudo-culturais, de sentimentalidades de água-com-açúcar, com um fundo de tédio existencial" (White, 1994, p. 1). Nesta perspectiva, faz-se necessário ultrapassar o sistema aristotélico e conseguir criar contextos e espaços intelectuais e culturais, visto que os sistemas de categorização do real não funcionam mais no contexto atual, pois, segundo White, "acarretam um bloqueio da inteligência" (White, 1994, p 1). Desta forma, a geopoesia surge como um campo inovador, valorizando os caminhares do "nômade intelectual", buscando aqueles que foram silenciados ao longo do percurso histórico e em busca de superar um possível vazio do nada ora instaurado:

> Face a uma situação de desastre, o ser humano sente-se como se não houvesse nada a fazer. No entanto, um caminho é expandir as energias individuais, se realizar na renovação, descobrir novas fontes de inspiração, se aventurar em outros campos do sentir. Mas como? Se estamos presos no caminho da autoestrada pré-definida no caos, a autoestrada do Ocidente (White, 1994, p. 2).

Na expansão da figura do nômade intelectual na geopoesia, o poeta-cordelista paraibano-goiano Paulo Nunes Batista é figura importante como parte desse processo dotado de renovação de vozes plurais da literatura goiana, pois sua trajetória foi marcada pelas andanças e perseveranças poéticas, trazendo a memória da tradição que o constitui e, ao mesmo tempo, buscando fontes de inspiração em outros poetas, não só no nicho da poesia popular, mas também na erudita, além de reinventar as formas de cantar e traduzir a erudição e o popular, principalmente por meio da poesia de cordel em ABC, na qual se especializou ao longo de mais de seis décadas em território goiano, *desterritorializando* a literatura de cordel do território nordestino, reinventando-a e refazendo-a em territórios centroestinos.

A respeito desta característica de ser um geopoeta errante e viajante, muito da crítica que se publicou sobre Paulo Nunes Batista em jornais e revistas ressalta essa expertise do autor, a exemplo do crítico Joacil de Britto que, em texto publicado no caderno cultural do periódico *A união*, de João Pessoa, em julho de 2002, destacou que o geopoeta-cordelista paraibano-goiano foi "um verdadeiro cidadão do mundo" que trazia no sangue a arte poética e a herança ibérica dos trovadores, enraizada na alma popular dos violeiros e improvisadores nordestinos, sem ser "absorto ou alheio ao que passa em seu derredor". Um exemplo desse viajante que vivencia a cultura e os costumes locais é o poema a seguir:

FESTANDO NA TRINDADE

Fui à Festa da Trindade
Pagar promessa ao Divino
Tomei o Trem da Saudade

Para a Estação do Destino
Naveguei no Mar de Gente
Saltei no Pôrto Inocente
De Pureza de Menino

Encontrei Bernardo Elis
Com seus "Ermos e Gerais"
Gilberto Mendonça Teles
Com "A Poesia em Goiás"
E José Godoy Garcia
Com o "Rio do Sono" que ia
P'ras Terras do Nunca Mais

Entrei no Circo do Povo
Pramode me divertir
Fui ver se achava de novo
Aquele jeito de rir
Mas em vez do riso largo
Ficou-me um sorriso amargo
Roçando a boca, a florir

Perdi-me na Mata Escura
Dos Mendigos, meus Irmãos
Que na Rua da Amargura
Estendem famintas Mãos
Tanto Dinheiro escorrendo
E aquele Povo sofrendo
Lamentos, gemidos vãos

Fui à Festa, não festei
E a Festa estava tão boa
Mas é que não me encontrei
Em meio a tanta pessoa
Aquêle que eu procurava
Onde será que Êle andava
No mundo vagando à toa?

Ah! Êle estava perdido
Nessa intangível Distância
Além do Mar, escondido
Nas praias de Luz da Infância
Paguei Promessa ao Divino
Pra ver se achava o Menino
Perdi o Tempo e a sustância

Adeus, Festa da Trindade
Até quando Deus quiser
Vou-me embora pra Verdade
Você, Trindade, é Mulher
Não quero saber de Engano
Talvez volte para o Ano
Pra ver se você me quer... (Batista, 1969, p. 39).

O poema "Festando na Trindade" de Paulo Nunes Batista compõe o livro *Canto Presente*, publicado no ano de 1969. Como o título anuncia, o mote do poema é a participação na tradicional Festa de Trindade, uma manifestação cultural popular de cunho religioso

realizada anualmente no município goiano de Trindade, fundado em 1920, cuja história é permeada pela crença católica, nascido a partir do encontro entre a fé e a devoção:

> Característica muito particular do município, a crença no Divino Pai Eterno fez com que se estruturasse na região o que se conhece hoje como a Capital da Fé dos goianos. A história, porém, relata peculiaridades e curiosidades, que marcaram esse desenvolvimento e que certamente devem ser lembradas. Com a decadência do ciclo do ouro em Goiás, no início do século XIX, diversas pessoas ligadas ao setor acabaram se voltando para outros meios de sobrevivência. A agricultura e a pecuária naquele momento passaram a ser a saída para muitos (Jacób, 2000, p.47).

Nesse contexto, a região, incluindo onde atualmente se localiza o município, passou a ter certa importância socioeconômica para o estado – geograficamente Trindade fazia parte do Distrito de Santa Cruz, criado em 1776. O território abrangia todo o sul de Goiás. Em 1810, o alferes Joaquim Gomes da Silva instalou a sede de sua fazenda naquele distrito, onde surgiu o povoado de Campininha das Flores, hoje um bairro de Goiânia. Acredita-se que por volta de 1830 o casal mineiro de agricultores Constantino Xavier e Ana Rosa tenham se mudado para uma região próxima onde existia um córrego de água salobra e barro escuro em suas margens. Foi no Córrego do Barro Preto, cerca de dez anos depois, que toda a história de fé em Trindade se iniciou. Como conta a tradição, os agricultores encontraram um medalhão com a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. A partir daí, famílias de amigos e vizinhos começaram a se reunir para rezar o terço em louvor ao Divino Pai Eterno.

Por décadas a reza foi praticada no pequeno local, porém, com o crescimento do número de devotos o recinto se tornou pequeno para acolher os visitantes. Com isso, Constantino e Ana Rosa perceberam que aquele medalhão não era propriedade deles, mas sim uma graça do Pai Eterno que deveria ser partilhada com todos os fiéis. Desta forma, por volta do ano de 1848, os fazendeiros decidiram construir uma pequena capela, coberta de folhas de buriti, para que o público tivesse acesso permanente à relíquia.

Desde então a tradição da fé e devoção se tornou o marco da cidade goiana, que atrai milhares de pessoas anualmente. Em 1943, o arcebispo de Goiás Dom Emanuel Gomes de Oliveira, lançou como comemoração do centenário da romaria a pedra fundamental do que atualmente é o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno. Concluídas as obras em 1947, a celebração de novenas passa a se concentrar no famoso Santuário. Nesses mais de cem anos de romaria em louvor e devoção ao Divino Pai Eterno, muitos eventos colaboraram para o desenvolvimento do município, que aos poucos foi tomando forma e se consolidando no cenário goiano.

Na década de 1950 houve a criação da Vila São José Bento Cottolengo. Denominado inicialmente de Pequeno Cottolengo, o local foi idealizado pelo Pe. Redentorista Gabriel Campos Vilela para abrigar pobres e doentes em situação de rua que viviam como pedintes. Enfrentando grandes dificuldades em dar andamento aos trabalhos de acolhida, os padres redentoristas, responsáveis pela direção da instituição até 1957, pediram apoio às Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, da Província de Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde então, a instituição vem sendo dirigida por elas e pelos padres.

As celebrações ao Divino Pai Eterno em Trindade ganham inovações, tornando-se a cada ano mais organizadas e participativas. A Romaria dos Carreiros tem conquistado o gosto das pessoas que visitam o Santuário, seja no período da festa ou mesmo em outras épocas do ano. Os romeiros de diversas partes de Goiás a organizam por um longo espaço de tempo, preparam seus carros, sua bagagem e fazem suas economias a fim de estarem presentes no evento. Nos últimos anos tem acontecido também o Festival de Carro de Boi, com a participação massiva de pessoas de diversas cidades goianas da região, como Mossâmedes, Americano do Brasil, Anicuns, Itaberaí, Inhumas, Petrolina, Nova Veneza, Ouro Verde, dentre outras.

Trindade, que atualmente tem cerca de 140 mil habitantes, chega a receber no período da romaria mais de 2 milhões de fiéis. O evento religioso, que ocorre entre os meses de junho e julho, é o maior do Centro-Oeste brasileiro e o único que possui uma basílica dedicada ao Divino Pai Eterno. Tamanha proporção de expressão popular de fé e devoção não escaparia aos olhares sensíveis e às palavras poéticas dos mestres da literatura goiana.

Neste contexto, o poema de Paulo Nunes Batista, "Festando na Trindade", canta a experiência de imersão nesta imensa festa de carnavalização da fé do povo. O geopoeta-cordelista escolheu a forma popular de septilhas, com esquema de rimas ABACCB, para cantar, ao longo das sete estrofes perfeitamente rimadas, a manifestação de fé e religiosidade dos goianos. Essa estrutura de versos e rimas em septilhas é típica das composições em cordel, sendo a segunda forma mais popular do gênero, atrás apenas da sextilha.

Logo no título tem-se a ideia do que o eu poético trará ao longo dos versos a percepção do tempo de alegria e a devoção singular vinda do povo festeiro. Utilizando-se de início, no título, de uma expressão típica do linguajar goiano, no qual é comum transformar o substantivo "festa" em verbo – "Festando" – quando se almeja dizer que participa ou participou de alguma comemoração, o título do poema antecipa um tom regionalista. Aliada a essa, está outra escolha linguística que também traz essa marca da oralidade da linguagem coloquial: o uso de "na" ao

invés de “em”, para relacionar o ato de “festar” diretamente à festa e não à cidade de Trindade, bem como a expressão coloquial “Pramode”, presente na segunda estrofe que configura modo típico de fala das pessoas do interior de Goiás, marcas que aproximam o poema do popular e do regional. Em seguida ao título, o eu poético inicia a narrativa, afirmando ter ido à festa com o intuito de pagar uma promessa feita ao Divino Pai Eterno. Algo típico da manifestação religiosa do povo brasileiro: o feitio de promessas às divindades com a finalidade de obter êxito em algum desafio da vida. Em Trindade, milhares de pessoas, não só no período da festa, mas durante todo o ano, visitam o santuário com o intuito de realizar o pagamento de promessas das mais diversas ordens.

O tom da primeira estrofe é de ânimo e empolgação: o eu poético utiliza-se de expressões como “tomei o Trem”, “Naveguei no Mar de Gente”, “Saltei no Pôrto Inocente”, demonstrando que ir até Trindade foi realmente um ato de vontade e imersão, “De Pureza de Menino”. A segunda estrofe mantém essa atmosfera de ânimo: o eu poético declara ter encontrado na festa os poetas goianos e suas poesias, um encontro feliz no qual, em meio a festança do povo, a poesia se faz presente: “Encontrei Bernardo Élis / Com seus ‘Ermos e Gerais’ / Gilberto Mendonça Teles / Com ‘A Poesia em Goiás’ / E José Godoy Garcia / Com o ‘Rio do Sono’ / que ia P’ras Terras do Nunca Mais”. Um encontro com os mestres da literatura goiana, contemporânea à época da manifestação popular de cunho religioso que permanece viva e forte atualmente.

Prosseguindo a narrativa poética, na terceira estrofe configura-se a expectativa em torno da festa em contraste com a decepção, pois o eu poético declara não encontrar, no “Circo do Povo” a diversão esperada; pelo contrário, o encontro se dá com um “sorriso amargo” a florir na face, ao invés de se encontrar na alegria que se espera de uma festa. A partir dessa estrofe a atmosfera do poema muda para um desgosto do eu que encontra, em meio à multidão em festejo, os mendigos, estendendo mãos famintas: “Perdi-me na Mata Escura / Dos Mendigos, meu Irmãos / Que na Rua da Amargura / Estendem famintas Mãos”. O tom de desgosto une-se à denúncia social nos versos seguintes: “Tanto Dinheiro escorrendo / E aquele Povo sofrendo / Lamentos, gemidos vãos”. Os desvalidos estão ali, à margem, silenciados e invisíveis ao povo que celebra com festejos o sagrado, mas não enxerga os semelhantes em situação de rua e de fome. Aos olhos sensíveis do geopoeta, o eu poético dos versos não enxerga mais a alegria da festa divina, mas a decepção oriunda da contradição explícita que desperta a consciência do descaso da sociedade para com os desvalidos.

A partir da quinta estrofe a decepção fica evidente, ao não encontrar o que procurava - um contentamento interior, uma satisfação ou alegria na celebração: "Mas é que não me encontrei / Em meio a tanta pessoa / Aquêle que eu procurava / Onde será que Êle andava / No mundo vagando à toa?". Utilizando-se da escrita do pronome "Êle" com letra maiúscula, é possível compreender que o encontro com o sagrado, nesse caso representado pela figura louvada do Divino Pai Eterno, não se efetivou da forma como o eu poético imaginava: a alegria por estar na festa e pagar a promessa, buscando encontrar o alívio interior e festejar junto à multidão deu lugar ao desalento e à descrença de ver nas ruas o sofrimento dos subjugados, lutando pela sobrevivência "Na Rua da Amargura". Amargura que é sentida na pele, no "sorriso amargo / Roçando a boca, a florir".

Na sexta estrofe há a busca por conformar-se com o desencontro, deduzindo que o Divino estaria perdido ou escondido, "Além do Mar", em referência à região Centro-Oeste. Frente à decepção de não ter achado o "Menino", o eu poético enfatiza seu descontentamento: "Perdi o Tempo e a sustância". Na última estrofe, despede-se da festa, imprimindo um contraste entre o vivenciado ali e a realidade da vida: "Vou me embora pra Verdade / Você, Trindade, é Mulher / Não quero saber de Engano / Talvez volte para o Ano / Pra ver se você me quer...". Concluindo sua imersão na festa com a angústia do desencontro e da desesperança frente à realidade da vida, cheia de desigualdades sociais.

Ampliando a análise do poema para além das escolhas linguísticas e de forma, faz-se relevante destacar a maestria com que o jogo de sentidos é construído no decorrer das estrofes. O primeiro destaque a ser pontuado consiste no fato do eu poético se colocar, inicialmente, como um menino inocente, que pretendia apenas pagar uma promessa, indo em busca do festejo e encontrando lá os poetas, o poético e a poesia. Encontro nada inocente: pelo contrário, essa passagem diz muito do geopoeta-cordelista autor do texto. Um poeta que compreende que a poesia está onde o povo está – é geopoesia. É lá, no meio das manifestações populares de fé misturadas à devoção e à euforia, à alegria e à tristeza, à ilusão do momento festivo onde se paga o que se deve aos santos, lugar no qual o sagrado e o profano se entrelaçam. É aí que mora a poesia, é daí que ela salta como poesia *centroestina* dos renomados autores citados na segunda estrofe do poema Bernardo Élis, Gilberto Mendonça Teles e José Godoy Garcia. Poetas que souberam retratar esse Goiás de várias culturas, de vários credos e festejos, de vários povos. O Goiás ermo, das desigualdades e do povo subjugado, poetizado pelos escritores mencionados, de forma singular. Interessante também o fato de Paulo Nunes Batista escolher compor o poema em versos e rimas autênticos do cordel – forma popular, para cantar sobre a festa de devoção,

citando nele aqueles poetas consagrados no âmbito de prestígio da literatura goiana já na época do lançamento de *Canto Presente*, no ano de 1969.

A propósito das festas religiosas, muitas características presentes nelas se apresentam aos moldes do carnaval. Ao apresentar um eu poético que navega no mar de gente em busca da alegria e de um tipo de salvação vinda do que é sagrado, o poema remete ao que Bakhtin apresenta no estudo *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (2010), no capítulo terceiro, no qual discorre sobre "As formas e imagens da festa popular na obra de Rabelais". Nesse texto Bakhtin assim pontua:

> Todas as feiras (que habitualmente coincidiam com a consagração de uma igreja ou com a primeira missa) conservavam um caráter carnavalesco mais ou menos marcado... O denominador comum de todas as características carnavalescas que compreendem as diferentes festas, é a sua relação essencial com o *tempo alegre*. Por toda parte onde o aspecto livre e popular se conservou, essa relação com o tempo e, consequentemente, certos elementos de caráter carnavalesco, sobreviveram (2010, p. 191).

É certo que o caráter carnavalesco se faz presente na Festa de Trindade, na qual todos os anos vê-se milhares de pessoas reunidas nas ruas, caminhando e cantando em romaria, celebrando o tempo alegre de louvação ao sagrado, aliviando suas dores e pesos da vida ao pagar as promessas. Desfiles alegóricos de carros de boi, blocos coloridos formados por pessoas vestidas com camisetas de cores vibrantes, com figuras e dizeres santos, bandeiras, barracas de vendas de comidas e bebidas, fogos de artifício para celebrar com cantos, orações, rezas e danças a tradição do encontro com o Divino Pai Eterno. O povo enfrenta longas caminhadas, muitas vezes percorrendo quilômetros de distância entre cidades a pé, em prol de chegar até a festa santa e pagar as promessas divinas. Tudo isso compondo um ritual dinâmico ambivalente, entre dores e alegrias, entre o religioso e o profano, feito com a devoção e a grandiosa fé coletiva popular que move as tradições.

Considerando-se isso, é possível falar da ousadia presente nesse poema: quem se decepciona com a Festa de Trindade? Provavelmente uma mínima parcela ousaria dizer que se desagradou da festividade ou expressaria grande decepção por não encontrar sentido ou propósito nela. Sendo a literatura o lugar da ousadia de ressignificar os sentidos, o poema "Festando na Trindade" ousa, já no início da terceira estrofe, na qual o eu poético declara que entrou no "Circo do Povo", denominando de circo um lugar tido como palco consagrado e cheio de santidade. Ao embrenhar-se pelo lado "escuro" da festa, o lugar no qual se encontravam aqueles seres humanos que dela não fazem parte ou que são dela excluídos – os mendigos das

ruas da cidade – o eu poético é novamente ousado, pois escancara a maior das contradições: a festa "estava tão boa", mas o sentido que se buscava nela não estava presente – o "Divino" que é a figura sagrada representativa de maior poder e compaixão para com a humanidade, aquele que realiza milagres de cura e salvação e por isso é louvado - ali não se encontrava, estava "perdido / Nessa intangível Distância / Além do Mar, escondido", restando, na festa, apenas o tempo alegre das gentes fanáticas e alheias às dores dos seus semelhantes. Por trás dessa denúncia de que "Êle" estava perdido, toda a fé e devoção do povo é colocada em jogo: já que o princípio fim do encontro ali não se encontrava, tamanha manifestação religiosa se torna então inútil, tanto que a estrofe se encerra com o eu poético declarando veemente o sentimento para com o momento: "Perdi o Tempo e a sustância".

Na última estrofe tem se o desfecho um tanto polêmico: o adeus à Festa da Trindade, dizendo estar indo "embora pra Verdade", mais uma vez colocando a devoção do povo como ato ilusório e fantasioso. E a ousadia de sentidos não cessa aí: ao se remeter à "Trindade", que é, segundo os dogmas cristãos, a união divina entre o Pai (Deus), o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo e afirmar que ela é "Mulher", a santidade é humanizada, atribuindo-lhe a característica de "Engano", em conformidade com a figura feminina de Eva, personagem do Antigo Testamento da Bíblia. O olhar humanizado sobre a divindade e o olhar desumanizado da humanidade, nesse caso dos fiéis, para com os desvalidos e excluídos, contrapõem-se fortemente. Apesar desse tom de desesperança e decepção instaurado nas estrofes, o poema finaliza com uma esperança em tom de humildade, inerente ao homem: "Talvez volte para o Ano / Pra ver se você me quer...". Fechando com reticências, deixando a expectativa em aberto. Presente na atmosfera do poema como um todo, está o que Bakhtin denomina de espírito da festa popular e do Carnaval:

> Eles são, portanto, ambivalentes: a destruição e o destronamento estão associados ao renascimento e à renovação, a morte do antigo está ligada ao nascimento do novo; todas as imagens são concentradas sobre a unidade contraditória do mundo que agoniza e renasce (Bakhtin, 2010, p. 189).

Sem dúvida a ambivalência é fator determinante de sentido no poema "Festando na Trindade", sendo que ao longo das sete estrofes é possível identificar o ciclo mencionado por Bakhtin de destruição, destronamento e renovação: a passagem pela expectativa inocente em relação à fé, seguida da decepção em relação ao sagrado e a fé, desencadeando o destronamento do Divino e da Trindade (morte do sagrado), fechando o ciclo com a renovação do eu poético em relação ao cenário posto. Tal ciclo é anunciado na primeira estrofe por meio das palavras

de sentido contrastante: saudade e destino, inocente e menino, como se a inocência, estado necessário para o mergulho pretendido na fé inabalável do povo fosse um destino e, ao mesmo tempo, uma saudade. O geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista vivenciou essas passagens transitórias de fé (ou falta de fé) e crenças durante sua vida, não titubeando apenas em uma convicção: a de comunista. Foi ateu por anos e terminou a vida praticando a religiosidade no campo do Espiritismo. Passagens pessoais que certamente influenciaram seus escritos poéticos ao longo dos seus sessenta anos de atividade literária.

Resta dizer que a grandeza desse poema de linguagem simples, sentido forte e sonoridade alegre - típica dos cantos populares de cantadores e cordelistas - consiste não no desencontro decepcionante entre o homem e a divindade sagrada, mas sim no encontro humano com o poético: foi em meio ao povo, reunido em grande festa de devoção, que a poesia nasceu como o melhor dos encontros - geopoesia, cantada na segunda estrofe, ainda na atmosfera festiva, como deve ser a arte literária: festiva, ainda que descrente! Festividade em palavras, divindade demasiadamente humana e humanizadora:

> Forças do literário que partem de espaços plurais, participam das dinâmicas inacabadas da cultura popular e se disseminam numa espécie de *estética da criação literária* que perscruta a literatura de *ficção e o folclore*, a criação literária própria do livro e tudo aquilo que é *verbalizado* e corporificado. (...) Portanto, este exercício de crítica polifônica abre espaço para a geopoesia – localizada e, por isso mesmo, invisível – num mapa para-além dos mapas topográficos e compendiados (Silva Jr., 2018, p. 23).

O legado poético de Paulo Nunes Batista, em grande parte, permanece ainda nesse lugar do invisível, para-além dos mapas compendiados. Configura missão importante dos estudiosos da geopoesia mover essa obra para outros espaços, a fim de evitar o seu esquecimento, caindo no perigo da omissão de uma produção que diz muito a respeito de Goiás e a respeito do humano, conforme declarou seu contemporâneo, Bernardo Élis, no texto de abertura do livro *Canto Presente*: "Sua poesia é grande e verdadeira poesia: simples, legítima, arraigada no mais sincero e profundo sentimento humano, sem a preocupação desvirtuante da forma rara ou nova e preciosa, embora não descuide dessa forma e se valha oportunamente inclusive de recursos variados, alguns bem atuais" (1969, p. 2).

Em *Uma abordagem científica do campo geopoético*, Kenneth White afirma que foi a partir de Einstein que a perspectiva científica buscou pensar o cosmos, ao invés de metodicamente apenas pesar matéria e medir as coisas. Com a premissa: "Sinto-me tão solidário a tudo o que vive, que me é indiferente saber onde o indivíduo começa e onde ele termina",

Einstein inaugura uma fase de questionamentos a respeito dos métodos e esquemas lógicos, das linguagens, da matemática etc. Nesse contexto há um afastamento das ciências duras, do cientismo rígido, para entrar nas ciências suaves e vagas, dando-se importância à flutuação, à irregularidade, à complexidade. Foi dentro do trabalho filosófico propriamente dito que houve, a partir do final do século XIX e ao longo do século XX, deslocamentos, mudanças de lugar, transformações topológicas que são fundamentais e interessantes.

Começando com Nietzsche – que cria a figura do filósofo-artista, e que, ao mesmo tempo que critica radicalmente os poetas e a poesia, apresenta-se a si mesmo como "poeta até o limite da palavra" e declara que "o fenômeno do artista é o mais transparente". O trabalho de Nietzsche, tão marcado por tormentas e contradições, é uma verdadeira transição em direção a esta transparência, ao trazer a figura do pensador-poeta.

Sendo a literatura uma fonte universal de humanização, por ser esse instrumento capaz de captar o que é do humano e devolver ao humano o potencial sentido das coisas, dos seres e dos sentimentos no mundo, um geopoeta como Paulo Nunes Batista, viajante que perpassou diversos estados brasileiros sentindo, pensando e escrevendo sobre as experiências dolorosas que o compunham, refletindo na linguagem - ora popular, ora erudita - figura como um pensador-poeta de grande relevância: um pensador-poeta, um poeta-pensador, poeta-cordelista, figura exímia da geopoesia *centroestina*-goiana.

A figura do pensador-poeta persegue a filosofia há um século. Heidegger tenta seguir as trilhas de um pensamento começador a fim de ir em direção ao que ele chama de distritos mais originais, em direção de uma luz de que a filosofia nada sabe, em direção de um lugar situado fora dos modelos estabelecidos e que não é explorável. Heidegger dialoga com poetas, os "errantes", em busca de uma nova topologia do ser. Nesse sentido, a literatura contribui nesse processo de configuração do humano no mundo, pois ela traduz as ressignificações constantes pelas quais a humanidade se faz e se refaz.

A literatura brasileira constitui-se como um *corpus* historiográfico identitário que, assim como o próprio Brasil, é oriundo de processos de colonização que ainda perduram, quando se consideram os cânones escritos e vocalizados, concentrados em um espaço hegemônico cultural e intelectual do Nordeste-Sudeste-Sul do país, silenciando, em um cenário de privilégios pré-estabelecidos, uma imensa gama de autores e obras espalhados pelos imensos territórios e culturas nacionais. No intento de *desterritorizalizar* o espaço do literário, a geopoesia surge como o lugar do não-lugar: desbravando fronteiras em busca da literatura invisível, oriunda de um Brasil interiorano, dos sertões, do cerrado, do centro-oeste-norte. Em uma definição sucinta,

Silva Jr. (2018, p. 3) assim define a Geopoesia: "...nada mais é que a busca literária pelo invisível do centro periférico. A literatura de campo engloba vozes e performances culturais, autores e obras de um Brasil de dentro – longe do mar, também conhecido como niemar". Ainda segundo o estudioso, o intuito da geopoesia é consolidar um pensamento polifônico cultural num mapa para além dos mapas topográficos e compendiados, pensamento este que possa organizar-se em rede, aproximando-se dos pólos hegemônicos e pensamentais do país, mas tecendo um espaço de força impulsionante de problematização do cânone.

Por séculos o vislumbre à cultura nacional se resumiu ao circuito dos grandes centros e capitais; no entanto, o movimento de evocar fazeres artísticos oriundos de espaços plurais que constituem a identidade brasileira ganhou força no último século, elucidando o caráter de processo de formação contínua da literatura e das artes, como força da "atualidade viva do inacabamento de uma literatura brasileira em constante *formação*" (Silva Jr., 2018, p. 4). A geopoesia e a Literatura de Campo voltam-se para os territórios do popular, do interior, do sertanejo, das comunidades, dos ambientes rurais, dos vilarejos e das pequenas cidades escondidas nas bordas ou "trincheiras" do imenso mapa, que, apesar das invisibilidades impostas, resistem e "re-existem" como agentes que pulsam e ecoam vozes híbridas e carnavalizadas de uma cultura que sustenta e mantém vivas as diversidades e as tradições de comunidades e povos plurais e ricos em culturas e saberes populares que constituem a formação dos brasileiros.

Ao partir da perspectiva de deslocamento de olhares em busca desse conjunto polifônico de autores, obras e manifestações culturais diversas, busca-se trazer à luz o que é imensamente valioso como lugar de registro de processos identitários nacionais: justamente o que vem do popular, da tradição, dos festejos, das vozes, dos *religiosismos* e de diversos processos que resistem e persistem no limiar entre os espaços hegemônicos e os territórios ermos, *além-mares*. A região Centro-Oeste é exemplo partícipe desse campo extenso e ermo, pois é protagonista ativa da história do Brasil e pólo que abriga uma enorme potência de manifestações culturais "que continuam e reinventam a cultura e a literatura numa região *sem-mar que em presença demigra*" (Silva Junior.; Marques, 2016).

No contexto da geopoesia *centroestina*, a literatura de Goiás é um campo vasto ainda a ser desbravado. Em artigo no qual discute a importância do ensino da literatura goiana e o espaço da arte literária nas escolas e na sociedade, Rogério Canedo afirma que "a literatura goiana contribui para a organização de conhecimentos fulcrais para a consolidação de uma consciência ativa sobre o sujeito, porque é ela um campo da ética, da estética e da história"

(2018, p. 35). Valorizar a literatura goiana como acervo geopoético importante da história do país, uma história que não está escrita nos manuais e não é representada nas obras canonizadas, é meta do campo de estudos geopoéticos, principalmente ao se considerar o contexto de produção do século XX, época em que o estado de Goiás passa por processos políticos importantes:

> A literatura diz muito sobre a história e sobre nossa história, em particular... sobre a literatura goiana, em especial, considerando a necessidade de se pensar a questão formativa por meio dessa arte, considero que há uma matéria muito importante do ponto de vista humano e histórico na literatura produzida durante o século XX em Goiás (Canedo, 2018, p. 39).

Situando a literatura goiana do século XX, alguns autores e obras possuem atualmente um reconhecimento significativo no cenário cultural mais amplo no país e no exterior, como Cora Coralina, Hugo de Carvalho Ramos, José J. Veiga, Bernardo Élis, Gilberto Mendonça Teles, dentre outros. No entanto, de modo geral, um reconhecimento ainda tímido, com obras por se fazerem mostrar, tanto destes quanto de outros autores que escreveram a história de um Goiás literário plural, interiorano, retratando um cerrado sertanejo dotado de lutas e resistências, figuradas nas linhas e versos que dão voz aos desvalidos e marginalizados pela política coronelista que perdurou por séculos em terras goianas. Os escritos de Paulo Nunes Batista representam essas vozes populares silenciadas historicamente, tanto nas centenas de cordéis em ABC que versam sobre diversificados temas sociais, além de retratar a pacata vida das pessoas das cidadezinhas goianas, como também nos demais gêneros literários nos quais o geopoeta-cordelista registrou sua poeticidade humana. É a geopoesia que reconta as histórias, conforme enfatiza Canedo:

> É sempre bom lembrar que não se trata de contar a história como circunstância de produção de texto, antes, é ela o próprio texto, constituindo sua estrutura. É essa capacidade que vai definir o sucesso da obra literária, na medida em que "os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra" (CANDIDO, 1965, p. 16-17).

É nesse sentido de trazer à tona uma autonomia de vozes artísticas e literárias afastadas dos eixos privilegiados no extenso Brasil que a geopoesia busca burilar o conhecimento coletivo dos diversos autores, obras e manifestações culturais ainda invisíveis aos olhos do cenário mais

amplo. Em Goiás, estado ainda emergente no que tange ao desenvolvimento cultural de seu povo, a invisibilidade se dá entre os próprios goianos, que, em sua maioria, desconhecem seus próprios acervos literários. A esse fato, ressalta-se a importância dos estudos geopoéticos *centroestinos*, em busca de um semear poético e cultural entre os seus, das obras de autoria goiana que tem muito a dizer sobre e para quem as acessa, pois traz uma identificação, um pertencimento necessário e formativo. A literatura, em seu papel humanista e formativo, constitui ferramenta emancipatória que é também princípio da geopoesia.

Conforme destacado em artigo sobre formação de leitores presente no livro *Os parceiros de Águas Linda: ensino de Literatura pelas Letras de Goiás* (2018), a literatura goiana abriga um paradoxo interessante, pois, ao mesmo tempo em que está localizada tão próxima à capital federal, Brasília, tendo inclusive presenciado e colaborado para a sua construção, alocando-a, não apenas em estrutura física, mas em capital humano e cultural, permanece marginalizada:

> Marginalizada pelo eixo Rio-São Paulo (hegemônico financeira e culturalmente no país), a literatura goiana espelha o esquecimento e o descaso para com um povo incrustado no interior brasileiro, tão perto da capital da nação, tão longe do reconhecimento nacional... Nesse sentido, entendemos que a arte goiana (seja no âmbito das letras, do teatro, da performance, etc.) emerge como uma cultura de campo, "tomada não só como um paradigma, mas como um paradoxo para a releitura do cânone e de novas percepções da literatura em vários momentos e diferentes modos de expressão" (Silva Jr., 2013, p. 8).

É importante salientar que autores como José J. Veiga, Bernardo Élis, Cora Coralina, dentre outros, já conhecidos e reconhecidos no cenário nacional, são vozes que reportam por meio da literatura a cultura da gente goiana e sua história. No entanto, autores como Paulo Nunes Batista, que assume um compromisso com a voz popular, registrando nos cordéis em ABC as mazelas sociais, os costumes e as pautas latentes dessa sociedade interiorana sedenta do direito a uma formação cultural e de um lugar ativo, não ficando resumidos como apenas receptores de culturas de outros estados, mas como agentes autores de uma base cultural de suma importância na formação da literatura brasileira, ainda permanecem marginalizados. "Buscando sanar uma defasagem histórica do povo goiano em relação ao conhecimento e à apropriação de seu próprio patrimônio artístico, entende-se que é necessário erigir um núcleo reflexivo de leitores críticos da prosa escrita em Goiás" (2018, p. 95). Acrescente-se a essa citação tão certeira um adendo: leitores críticos e apreciadores da literatura popular – a literatura de cordel – escrita em Goiás.

Diálogos geopoéticos: contos e encontros paraibanos-goianos

Para iniciar essa pausa dialógica-geopoética que ambiciona apresentar uma conversa a respeito da proximidade contextual entre dois geopoetas goianos dotados de imensidão humana e, consequentemente, literária, uma citação muito conveniente e necessária emerge:

> Não será jamais o caso de forçar quem quer que seja a preferir uma obra erudita a uma popular, mas de fomentar um convívio com obras diversas que facultem ao leitor competência para perceber semelhanças e diferenças entre uma e outra, sob a contingência de que a literatura erudita e a popular influenciam-se mutuamente. (...) Para isso, é necessária a constatação de que, muitas vezes, o que parece uma imensa árvore é apenas um arbusto, se colocado na perspectiva da floresta. Sem esquecer, porém, que os bosques da ficção são formados por arbustos e árvores de portes diversos e que o julgamento de valor não é crime, porque a literatura é um tipo de arte que só é plenamente apreciada na integração forma-conteúdo, sem desequilíbrios ostensivos que a reduzam a tema ou forma isoladamente (Ferreira, 2018, p. 30).

A citação acima, de Sandra Ferreira, presente no capítulo I do livro *Os parceiros de Águas Lindas: ensino de Literatura pelas Letras de Goiás* (2018) antecipa o diálogo que aqui se pretende trazer entre dois nomes da literatura goiana: Bernardo Élis e Paulo Nunes Batista. O primeiro, detentor do título de maior contista do Brasil Central dentre os modernistas – uma imensa árvore no cenário da geopoesia goiana. O segundo, autor de uma vasta obra ainda por ser elencada e vista, mas com registros críticos que ressaltam sua versatilidade de ser popular e erudito, com brilho em ambas as modalidades – um arbusto, com vários galhos no cenário literário geopoético, de origens paraibanas, com força migratória que semeou geopoesia popular e erudita ao longo de sua produtiva carreira como escritor nos bosques *centroestinos*.

As correspondências entre os autores são muitas dentro de suas trajetórias, divergindo em um ponto: Bernardo Élis - um goiano genuíno, nascido na cidade de Corumbá, Goiás; Paulo Nunes Batista goiano naturalizado, nascido na Paraíba, cidadão anapolino por titulação e coração. Não por coincidência se tornaram amigos e mantiveram diálogos por anos, alguns destes por correspondências, conforme identificado em arquivos. Ambos dedicaram décadas à escrita literária em território goiano: Élis por quarenta anos e Batista por sessenta, dividindo ambos o ofício literário com as carreiras de servidores públicos em órgãos do estado e da federação. Ambos se formaram em Direito e exerceram por anos a docência.

O primeiro foi premiado inúmeras vezes após o lançamento de seu primeiro livro de contos, em 1944, *Ermos e gerais*. Filiado ao Partido Comunista em 1944, anos depois se tornaria o primeiro e único goiano até os dias atuais a ocupar uma cadeira na Academia

Brasileira de Letras, assumindo o posto no ano de 1975 e permanecendo nele até o ano de sua morte, em 1997. O segundo, militante por toda a vida pelas vozes e tradições populares que o constituíam, iniciou oficialmente a carreira em 1948, com o lançamento do livreto *A vida pitoresca de Zé Bico Doce*, publicado em terras goianas. Foi agraciado com inúmeras premiações durante a vida, principalmente no que tange à sua obra em cordel; assumiu, no ano de 2000, a cadeira número 8 da Academia Goiana de Letras, sendo o primeiro poeta popular a fazer parte da plêiade, permanecendo até o seu falecimento, em dezembro de 2019. Trajetórias que dialogam no tempo e no espaço poético, cada um com seu exercício literário pujante, ramificando galhos na floresta da geopoesia.

Bernardo Élis construiu um percurso firmado na literatura erudita, transitando entre os gêneros, consagrando-se como grande contista e romancista, tendo também publicações de poemas e ensaios. Consta em sua biografia que seu primeiro escrito literário foi aos doze anos de idade – um conto – gênero no qual se consagraria. Não muito diferente foi Paulo Nunes Batista, que iniciou as escritas ainda menino, por volta dos onze anos, simultâneo ao seu contado com o Comunismo – caminhos dos quais nunca se desvencilhou, autodefinindo-se, orgulhosamente, como "poeta popular comunista". Ambos tiveram as primeiras lições em casa: no berço, talvez distanciados pelo espaço e pelas condições sociais à época – um em Corumbá, Goiás, oriundo de família com posses e certa erudição, aprendia com o pai, o poeta Érico José Curado, as letras e agarrava-se às oportunidades que viriam, como a possibilidade de residir na cidade grande e se dedicar aos estudos colegiais no Liceu da capital de Goiás. Já Paulo Nunes Batista nasceu no berço da poesia popular, filho do livreiro, editor e cordelista Francisco das Chagas Baptista, seu lar inicial lhe ensinara muito sobre o cantar dos versos e, principalmente, sobre a força necessária para manter viva e viver das tradições populares. Diferente de Bernardo Élis, a vida não propiciou a Paulo Nunes Batista uma regularidade ou o privilégio de encontrar as portas abertas: para prosseguir com os estudos ele teve que deixar o lar na Paraíba e experienciar bem cedo o trabalho como vendedor ambulante nas ruas, o sabor - ora amargo, ora doce - das andanças pelo Brasil em busca de oportunidade de estudos, vindo parar, após várias peregrinações, em Goiás, no ano de 1947, onde faria morada, família e carreira.

Diante dessas breves semelhanças e diferenças de histórias de vida, foi na escrita que o encontro aconteceu e acontece, quando, diante dos legados literários de ambos, além do encontro poético cantado no poema que ilustra a primeira parte deste capítulo, é possível identificar nas escrituras pontos de convergência, ideais em comum com foco em retratar a vida do sertanejo, a luta pela sobrevivência do povo rude, subjugado e isolado nos ermos do grande

país à espreita do desenvolvimento que rondava, principalmente, essas bandas *centroestinas* e que prometia a libertação, ainda que custasse o duro trabalho, muitas vezes escravo, em prol da construção das capitais e do ideal dos grandes da política e do latifúndio.

Cada um a seu modo: um na erudição, outro no popular. No entanto, ousados que são os geopoetas, o cordelista paraibano-goiano se atreveu a ser também contista e contou, em vários contos, a história dura e sofrida do homem em sua nudez de vida. E Bernardo Élis, mestre praticamente nato na composição de contos, apoiou-o e deu sua opinião sobre o primeiro livro dessa modalidade narrativa do ousado paraibano que foi titulado cidadão goiano: "são 'causos', como hoje se classificam, muito saborosos e perfeitamente situados dentro da vida brasileira, inclusive no linguajar, não caipira, mas coloquial popular... é um misto de fantasia e realidade, de troça e seriedade, literatura e jornalismo, enfim – um gênero leve e danado". Essa crítica está publicada na orelha do livro *Chamego, o Urubu*, uma coletânea de contos de autoria de Paulo Nunes Batista, publicada em 1997.

A coletânea em questão possui dezoito contos com temáticas variadas, sendo que o título do último conto é o que dá nome à obra: "Chamego, o urubu". Este conto é uma narrativa que traz, em síntese, a estranha relação entre uma mulher e um urubu que termina em tragédia. A estranheza é anunciada nas primeiras linhas pelo narrador: "Nestas alturas da vida, cheguei à conclusão de que tudo é possível, por mais esquisito que possa parecer. Exemplo: o fato de alguém criar, em casa, como bicho doméstico, um feio e nojento urubu" (Batista, 1997, p. 71). Com esse julgamento de valor, o narrador segue refletindo sobre a domesticação de um animal silvestre, pertencente ao grupo dos abutres da natureza e que vive em busca de alimento nos descampados dos sertões, mas que, apesar de selvagem:

> acostuma-se com a boa vida de casa, entre os humanos. Desde que lhe corte, alguém, as asas, dê-lhe refeição farta e às horas certas, o rapinante bípede se aclimata ao ambiente, passa a membro da família, atendendo pelos nomes preferidos pelos seus donos: Bicho, Tunico, Zezé, Nego, Cheiroso, Dengoso, Malandro (Batista, 1997, p. 71).

Ao descrever o animal predador nos primeiros parágrafos do conto, expressões como "alado irmão carniceiro", "demônio de bico adunco", "anjo negro decaído do céu" são utilizadas, reforçando no leitor o estranhamento para com a ave que protagoniza a história junto a Maria Angélica, a mulher que adota o urubu, atribuindo a ele o nome de Chamego. Maria Angélica, personagem principal do conto, é apresentada ao leitor com características marcadas pelas mazelas sociais que atingem as mulheres do sertão: uma mulher sofrida, analfabeta,

explorada no trabalho de lavadeira, explorada pelo parceiro com quem se relaciona, sem voz e sem perspectiva de vida: “Esta era sua vida, lavadeira filha de lavadeira, neta de lavadeira, as mãos roídas de esfregar, o reumatismo crônico apanhado nos longos anos à beira d’água, a palidez da verminose na cara, um cansaço temperado de antigas fomes insatisfeitas” (Batista, 1997, p. 72). Uma mulher, que como milhares, dedica-se ao cuidar, ultrapassando os limites da dignidade e do autorrespeito que praticamente inexistem em seu universo. Cuida do homem que a explora “Calada. Servia a ceia do macho, estendia a esteira do casal no chão batido, aguentava o bicho, pegava no sono” (1997, p. 72). É explorada pelas madames “Ela e as outras, muitas mulheres, todas lavadeiras de ganho, dando todo o labor de um dia inteiro, da aurora ao anoitecer, por uns miseráveis cruzeirinhos chorados, contados...” (1997, p. 72). Até o animal silvestre a explora: “...e foi ficando, doméstico, enxerido, devassando a casa, mexendo nas coisas, íntimo de Maria Angélica, habitante de seu miserável lar” (1997, p. 74).

As denúncias sociais sobre a condição da mulher sertaneja, isolada, silenciada e explorada sexualmente e braçalmente, são construídas por meio da descrição da vida da personagem Maria Angélica. Abandonada pelo companheiro durante a gravidez, além de todos os desafios da vida de exploração, sofrimento e misérias, ainda caberia a ela criar o filho sozinha: “Agora, sozinha, é lavar roupa e esperar o menino (tem de ser um machinho, que *fema* sofre de mais!), esse filho que o pai não quis conhecer” (1997, p. 73).

Em meio à rudeza inerente ao ser da mulher bruta, cujo consolo era mascar fumo e tomar “lá suas lapadas de cachaça”, ainda se encontra certa ternura: ao tentar matar o urubu, porém sem êxito, a mulher grávida consegue apenas feri-lo na asa, o que o impede de voar. Ao perceber o sofrimento do animal, a mulher passa a cuidar do mesmo, apegando-se, dentro de sua solidão, ao bicho que demonstrara a necessidade de permanecer sob seus cuidados: “E pois num é que Maria Angélica – já tão perto de ser mãe! – tem pena do animal ferido, e, em lugar de acabar de matá-lo, põe água de sal no ferimento e o leva para dentro de casa, dá-lhe de comer, e decide criá-lo?" (1997, p. 73).

A tragédia anunciada se dá após o nascimento do filho, na união fatídica das mazelas: o umbigo mal curado, arruinado por uma mosca varejeira, a mãe solo que precisa sair de casa para lavar roupa no rio com vistas a garantir a sobrevivência miserável dela, do urubu e do filho, situação de extrema necessidade que obriga a lavadeira a deixar o bebê adoecido em casa dormindo e seguir rumo ao rio carregando a trouxa de roupas. Ao voltar, a mãe encontra a lastimável cena:

> Esbaforida, Maria Angélica adentra o casebre, corre para a rede do inocente e não pode acreditar no que vê. Há sangue, muito sangue na rede, nos panos, no chão. Dentro da sangueira, completamente deformado, aberto de cima embaixo, o corpinho sem vida. Louca, transpassada por todas as espadas de dor, Maria Angélica se abraça ao corpo defunto do filho, como se naquele amplexo materno pudesse dar-lhe sua própria vida, revivendo-o. Só então repara na realidade, compreende a tragédia total. A um canto, inteiramente compenetrado em sua tarefa gastronômica, Chamego, o urubu, acaba de devorar os últimos restos das vísceras da criança... (Batista, 1997, p. 75).

O desfecho trágico do conto ainda impõe à mulher, além de toda a dor da vida, o desencadeamento da loucura: "Maria Angélica lavadeira morreu, anos depois, internada como demente, no asilo de alienados mentais" (1997, p. 75). O conto de Paulo Nunes Batista, ambientado nos confins da Paraíba, povoado de Torrelândia, às beiras do rio dos Macacos, escancara a tragédia humana de mulheres "desumanizadas", que vivem à margem da sociedade e sem qualquer amparo. A linguagem dura configura um teor regionalista grotesco, que descortina o "lado trágico da vida" (Tietzmann, 1992, p. 8), no qual o humano e o selvagem se misturam, vida e morte se apresentam imbrincadas no retrato de seres que, de certa forma, estão num contexto de sobrevida, resistindo ao peso de existências invisíveis e escravizadas.

Não por acaso é possível aproximar "Chamego, o urubu" de Paulo Nunes Batista aos contos de Bernardo Élis. A primeira relação aqui proposta é com o conto "O menino que morreu afogado", o qual segue transcrito na íntegra:

> Já tinha um horror de gente na beira do rio quando o delegado chegou. O corpo nu do menino estendia-se na areia. Arroxeado. Frio. Empanzinado. O delegado sentenciou que estava morto. Embora todos já soubessem disso, o espanto foi geral. E houve um silêncio mau, sarcasticamente cheio de reflexões. Logo, porém, vieram comentários: "que o menino estava vadiando no rio cheio e deu um de-ponta. Que demorou a voltar à tona. Os outros meninos gritaram, berraram. Que o vendeiro veio correndo, mergulhou também. Chegaram mais pessoas. Depois de meia hora o corpo passava na passagem e um velho o tirou. Que isso, que aquilo, que era uma sucuri que tinha ali". Agora o cadaverzinho estava estendido na praia. O delegado esbravejou contra essas mulheres que botam filhos no mundo e não lhes dão educação, não cuidam deles. – Mas a mãe dele era a cozinheira da pensão e nem sabia de nada! – Ah! é?! Começaram a calçar no menino a calcinha suja e remendada. Aqueles meninos da rua da beira do rio viviam dentro d'água o que dava o dia. O rio era a escola deles. Sua diversão, seu mundo enfim. As águas claras e mansas davam-lhes o carinho que o trabalho não deixava as mães lhes dar. Davam-lhe brinquedos que a falta de cobre negava. Para os meninos ricos, havia papai noel. Para os da rua da beira do rio, enchente. Eles ficavam imaginando uma cheia que cobrisse as casas da rua de baixo. Então só os telhados ficariam de fora. Poderiam dar de-pontas da torre da igreja, ir nadando de casa em casa, fazer barquinhos e sair remando por entre os telhados. Naquela noite de fim de dezembro o rio roncou feito um danado. De manhã, a luz morta do dia punha reflexos idiotas nos redemoinhos traiçoeiros das águas barrentas. No meio, a correnteza se encrespava em saltos selvagens, em saracoteios lúbricos, numa volúpia diabólica de destruição. O menino enfincou um pauzinho na areia da praia, marcando a orla das águas. Com pouco, sumiu tudo. – Capaz do rio passar pro riba da ponte. Depois foram nadar na vargem. Mas o rio estava enfezado, trombudo, cheio de instintos criminosos e arrebatou o menino. – Quem morreu, descansou. Vamos cuidar dos vivos – disse o

> delegado. E o povo riu, porque a presença incômoda da morte rondava friamente a criança arroxeada. (ÉLIS, 2005, p. 139)

A narrativa acima, intensa de sentidos, apresenta as tragédias humanas e, assim como em "Chamego, o urubu", denuncia a situação de vulnerabilidade de mães trabalhadoras que são obrigadas a deixar seus filhos sozinhos para saírem em busca de subsistência por meio do trabalho. No conto "Chamego, o urubu", a tragédia da morte da criança também ocorre pelo fato da mãe lavadeira sair para o trabalho no rio e deixar o menino em casa, dormindo. No conto de Élis, o rio tem uma grande importância, representando o cuidador, aquele que oferece aos meninos da rua o afago que a mãe trabalhadora não pode oferecer. Já no conto de Batista, o rio é o provedor, aquele que fornece o sustento, pois é lavando roupas em suas águas que Maria Angélica consegue o dinheiro para tocar a vida miserável.

Em ambas as narrativas, o rio exerce um papel ambíguo, de vida e de morte. A morte que é escancarada friamente ao leitor, por meio das descrições dos corpos sem vida dos meninos – um aberto, ensanguentado, sem as vísceras. O outro nu, arroxeado, frio e empanzinado. Ambos retratando "a presença incômoda da morte" que ronda diariamente os desvalidos. Nos ermos das cidadezinhas pequenas, povoadas por gente simples, em meio ao cenário natural de simplicidade e de falta de recursos, as mães das duas histórias são mulheres silenciadas. No conto de Batista, a mãe tem ao menos um nome: Maria Angélica. No conto de Élis, a mãe é descrita como "a cozinheira da pensão" e nem sequer chega até o corpo do filho, tamanha a opressão social: "Agora o cadaverzinho estava estendido na praia. O delegado esbravejou contra essas mulheres que botam filhos no mundo e não lhes dão educação, não cuidam deles. – Mas a mãe dele era a cozinheira da pensão e nem sabia de nada!" Além da violência e vulnerabilidade, a culpabilização da mulher se faz presente no conto de Élis, denunciando uma sociedade machista que deposita toda a responsabilidade pela criação dos filhos sobre a mãe, isentando a figura masculina e paterna de qualquer compromisso. A culpabilização também aparece no conto de Batista, quando o julgamento que os populares faziam do ocorrido era o de que o urubu devorou a criança para se vingar da mãe, que o havia ferido e o aleijado da asa a pauladas. Recaindo, desta forma, a responsabilidade da tragédia sobre Maria Angélica.

A fúria da natureza, que por vezes se revolta contra o homem, é ponto de consonância nas narrativas, retratando que, para além das mazelas sociais, o sertanejo ainda precisa lidar com o desafio das forças do meio – forças essas que muitas vezes o arrebatam. No conto de Batista, o instinto selvagem do animal supera a tentativa de domesticação que a mulher imprimiu ao bicho: "O umbigo arruinado, exalando mau cheiro, despertara na ave de rapina o

instinto afeito à carniça. E a fome completara o quadro" (Batista, 1997, p. 75). Já em Élis, é o rio quem se rebela: "Mas o rio estava enfezado, trombudo, cheio de instintos criminosos e arrebatou o menino" (Élis, 2005, p. 141). Tanto nos ermos da Paraíba, como nos ermos de Goiás, os personagens, nos seus limites de vida, sofrem não só com as injustiças, mas também com a revolta animal e natural do ambiente que se mistura às vidas, numa simbiose que retrata um Brasil por dentro, que, de acordo com Élis, configura um grande tema da literatura brasileira: "o grande tema de nossa literatura tem sido 'O retrato do Brasil', revelado em partes, fragmentado, e nesse aspecto, o local ganha notória representatividade, configurando, assim, uma temática que é preferencialmente e exclusivamente regional" (Élis, 1975, p. 88). Bernardo Élis e Paulo Nunes Batista movimentam nos contos analisados esse retrato revelador dos espaços ermos e da gente silenciada à qual a literatura e a geopoesia buscam dar luz e voz, representando "essas gentes" por meio do registro social e histórico que os textos e as tessituras poéticas são capazes de representar.

Esticando a conversa sobre os geopoetas, outras consonâncias são possíveis nos contos e encontros por meio dos textos presentes em *Chamego, o urubu* (1997) e *Ermos e Gerais* (2005), tais como a violência bruta, a dominação animal dos instintos e desejos do humano que o "animaliza", a representação da violência e exploração da mulher, dentre outros. O livro de Paulo Nunes Batista traz como primeiro conto "Monstro", história de um pai que violentava suas filhas e acabou matando, ao estuprar, a filha mais nova, de apenas um ano e um mês de vida. Novamente a morte brutal de um inocente em prol da satisfação imediata de um desejo sexual cruel e impulsivo.

Em *Ermos e Gerais* chama a atenção ainda, nessa associação de temáticas, o conto "A mulher que comeu o amante": narrativa que apresenta também os elementos da exploração sexual da mulher, dos impulsos violentos dos desejos que levam ao assassinato de forma fria e naturalizada, bem como da vingança. Temas que afirmam a presença nas escritas de Élis e de Batista da "ira do julgamento que se manifesta no texto do contista, ao entrelaçarem situações que envolvem a natureza humana e a animal num único corpo, o do homem desumanizado, alienado, louco, feroz" (2005, p. 11).

Voltando para o início da conversa sobre ser árvore, arbusto ou galho nos bosques da geopoesia, faz-se interessante enfatizar uma característica que parece, à luz da crítica, comum aos autores aqui analisados: o de serem dotados de caráter humanizador. Longe de intencionar mensurar ou igualar as obras em patamar de prestígio, pois isso soa como desnecessário quando compreende-se, como já foi dito, que cada autor, a seu modo, contribui para o registro histórico

e social de um Brasil por dentro, nas literaturas eruditas ou nos cantos populares. “Ambos trabalham magistralmente o insólito; cada um construindo com o leitor o incômodo de termos de olhar para o anti-alísio do humano, para a sua infeliz competência de reificar o seu semelhante” (Gonçalves, 2006, p. 126). Esta citação faz referência a Bernardo Élis e José J. Veiga, mas soa propícia para a relação aqui estabelecida entre o primeiro e Paulo Nunes Batista.

Como contista, Bernardo Élis teve sua marca estilística definida e reconhecida. Marca da linguagem direta que retrata as temáticas sociais marcadas pela injustiça e pela impunidade. Paulo Nunes Batista tem como marca a defesa da poesia popular, da tradição do cordel e da inovação na forma ABC. Em ambos, o sentido humanizador da literatura se configura. Vozes necessárias na geopoesia que compõem os ermos da humanidade.

Ambos falaram um do outro e falaram também um com o outro, conforme registros encontrados nos arquivos aqui apresentados. A busca geopoética pelo legado, em Anápolis, revelou essas intensidades que precisam ser preservadas. Entre telegramas e cartas em ABCs, os geopoetas se prestigiaram: “Bernardo Élis, meu caro: você não precisa da Academia Brasileira de Letras para ser o que é e ter o valor que tem. GOIÁS, sim, é que precisa de você lá, para maior glória deste!” Disse Paulo Nunes Batista a Bernardo Élis em 31 de março de 1976, em virtude de sua eleição para a Cadeira número 1 da ABL. “Cumprimentos solidariedade justíssima homenagem”, disse Bernardo Élis a Paulo Nunes Batista em 04 de abril de 1978, na ocasião do recebimento do título de cidadão anapolino. Cada um a seu modo, elevando a geopoesia goiana ao patamar justo de lograr função humanizadora - qualidade imensamente necessária.

Estradas da geopoesia: novos territórios do cordel

O primeiro tratamento da geopoética surge com Gilles Deleuze, inventor da noção de desterritorialização, conceito que considera que os homens se encontram em terreno nômade. Deleuze tenta uma nova leitura de Nietzsche, na qual há algo que não se deixe codificar, um corpo novo, que seria o da humanidade, o da Terra, o da escrita, em um movimento de deriva por meio de aforismos e poemas, totalmente diferente do movimento imaginário das representações. Esse movimento é acompanhado de uma relação imediata com o fora. “Conectar o pensamento no fora é o que, ao pé da letra, os filósofos nunca fizeram, mesmo quando falavam de política, mesmo quando falavam de passeio” (White, 1994, p. 2). Nietzsche teria sido o primeiro a conceber um outro tipo de discurso, o primeiro a tentar uma “escrita de

intensidades capaz de expressar estados vividos que não seriam nem representações, nem fantasmas" (White, 1994, p. 1). De modo geral os filósofos dos séculos anteriores se fecharam nos parapeitos do sujeito-objeto e do direito, perdendo a potencialidade da reflexão, a vida, o mundo. Deleuze assim define o conceito de desterritorialização:

> Construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se *reterritorializar* em outra parte - Gilles Deleuze, em entrevista em vídeo - (Haesbaert e Bruce, 2002, p. 1).

Pensar em como se dá essa desterritorialização, no processo de construção e de destruição ou abandono dos territórios humanos, quais são os seus componentes, seus agenciamentos, suas intensidades, foi parte do que Deleuze discutiu em seus estudos. O território, nesse caso, não é um espaço terreno, mas os espaços de conhecimento e produção de conhecimento. Espaço como algo sempre em processo, um permanente "tornar-se". Solidez e fluidez nunca estão separadas, "a permanência é um efeito especial da fluidez" (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 17).

Nesse sentido de construção em busca do novo, a geopoesia surge no campo literário, apoiada na teoria de Deleuze. "Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos..." (White, 1992, p. 46). A geopoesia é essa ressignificação, essa busca por ultrapassar os territórios impostos pela hegemonia dos cânones e erigir os eventos, as vozes, as culturas que existem e resistem nos espaços que não estão firmados dentro dos territórios formais. Portanto, há muitas pontes a serem construídas sob a inspiração da "desterritorialização", incluindo, sem dúvida a possibilidade de, à luz da geograficidade dos eventos, reconstruí-la, recriá-la, reconduzindo-a por outros caminhos – exatamente o que os estudos em geopoesia preconizam, focando não apenas nos textos ou obras, mas também nas práticas sociais e na construção de um efetivo projeto político de libertação dos desejos, dos corpos, da arte, da criação e da produção de subjetividade.

Uma das bases da filosofia sobre desterritorialização de Deleuze é a "teoria das multiplicidades", na qual se considera que a realidade é constituída de multiplicidades, superando as dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza e história, corpo e alma, sem hierarquização do conhecimento. O conhecimento se constrói por meio do modelo do rizoma. O rizoma é uma proposta de construção do pensamento na qual os conceitos não estão

hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades. “O rizoma é a cartografia, o mapa das multiplicidades, das pluralidades” (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 4). Ao relacionar o conceito de multiplicidades aos estudos geopoéticos brasileiros, Silva Junior assim conceitua:

> A geopoesia nasce do encontro de topografias. *Tropos* e grafias que podem ser reconhecidas em vozes e corpos, mapas e viagens. (...) A palavra (Niemar) vem sendo utilizada no plural para definir esse espaço, sempre coletivo, que é um símbolo. Territorialidade que permite exprimir tensões no interior, literal, de nossa história literária. Se, por um lado, a hegemonia histórica do litoral, do Sudeste e do Sul predominou, por outro, buscamos as expressões de um emaranhado de existências humanas compostas ao longo de migrações. Migrações de vozes, de corpos, de genes. Metamorfoses geradas no próprio caminho, na própria multiplicidade – nunca *egocentradas* (2018, p. 55).

Na perspectiva da multiplicidade das vozes que nunca são egocentradas, o pensamento em árvore, aquele que opera por hierarquização e pela centralidade, ou seja, estabelece um centro de origem (genealogia) não é o representativo da geopoesia, mas sim o rizoma, no sentido em que este é dialógico, não negando o pensamento arborescente, mas buscando contrapor-se a ele, tendo em vista que no rizoma cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 15). Rizomas partem de desejos e agenciamentos, sendo os agenciamentos componentes do desejo, de ordem biológica, social, maquínica, imaginária. O desejo, por sua vez, cria territórios, pois ele faz uma série de agenciamentos.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. “O território é um agenciamento e os agenciamentos extrapolam o espaço geográfico. Nos agenciamentos territoriais tudo pode ser desterritorializado e reterritorializado” (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 6). A geopoesia persegue os agenciamentos das multiplicidades de vozes culturais por meio da crítica polifônica:

> Investigar o literário (e não tão somente a literatura) por meio do exercício de crítica polifônica nos guia para poéticas despontadas no Cerrado... os pesquisadores escutam

> as vozes populares, experimentam performances culturais e analisam prosódias, canções, rastros de arte desse centro cerratense em suas mais diversas manifestações pelos grandes sertões e pela pequenas *varedas* (Silva Jr., 2018, p. 3952).

Agenciamentos poéticos e polifônicos que "acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, e luta por uma aterrissagem que destrone expressões e abordagens monológicas" (Silva Jr., 2018, p. 3954). A literatura de cordel é oriunda desses processos, assim como as demais manifestações literárias populares. Os cordelistas, por meio de agenciamentos (movimentos) poéticos, reterrerritorializam o cordel Brasil afora, como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação poética popular. Paulo Nunes Batista foi um agente desse processo, pois reterritorializa o cordel em Goiás, por meio de suas escritas em forma de ABC, fazendo do território goiano a sua casa, sua morada e seu campo literário. "Essa reterritorialização é a obra criada, é o novo conceito, é a canção pronta, o quadro finalizado" (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 10). Ainda sobre a base do conceito de desterritorialização e a geopoesia, faz-se importante considerar que:

> Ao lado de uma Geografia preocupada com as delimitações, os enraizamentos e as hierarquias de territórios, regiões e lugares, nunca superada, é preciso hoje instituir a força do movimento, uma espécie de Geografia dos espaços nômades, dos espaços de mobilidade, dos rizomas, mesclada por entidades híbridas como os territórios-rede, as redes regionais, os lugares móveis de conexão e/ou de passagem. Sem cair no extremo de um "fim dos territórios" ou de um fascínio pela mobilidade, mas reconhecendo a multiplicidade das des-re-territorializações contemporâneas, podemos reclamar para a Geografia pelo menos uma parcela de "Nomadologia" que Deleuze e Guattari advogam para a História ou, em outras palavras, para a Geo-História, que é o que a Geografia e História deveriam ter sido desde sempre. (2002, p. 14).

Os processos culturais brasileiros nascem desses "lugares móveis de conexão e/ou passagem" e a geopoesia vem ao encontro desse movimento de circulação e criação de cultura, em sentido geográfico e histórico da formação da literatura brasileira, percorrendo os caminhos desse trânsito ativo: "o Brasil, por sua grandeza territorial e habitacional, criou novas potencialidades culturais e já não *unilitorais*. Há um país que se redescobre no interior do país. As próprias capitais, como as pessoas, migraram: Bahia, Rio de Janeiro, Brasília" (Silva Jr., 2018, p. 56). Assim sendo, a literatura de cordel escrita em Goiás é uma potencialidade não unilitoral, com raízes nordestinas, porém ressignificada em geopoesia popular centroestina.

Na história da literatura, quase que predominantemente, autor e obra serviram como artífices de representação de determinados grupos. A geopoesia busca autores e obras dentro dessa representação de grupos sociais por meio das vozes daqueles que vivenciam e imitam o mundo em movimento, humanizado e dialógico: "Escritas em que o contexto, dentre os vários

traços da vida, revela doses de memória, fatias de desejos, revelações de símbolos, porções de nomes, fronteiras não de cercar – mas de abrir" (Silva Jr., 2018, p. 58). Na literatura goiana, a figura do homem simples, trabalhador do campo, é constantemente presente nas obras dos principais autores. Na literatura popular de Paulo Nunes Batista, esse homem simples e trabalhador é personagem marcado, bem como diversos grupos sociais retratados nos versos dos seus cordéis. Em entrevista concedida ao *site A Nova Democracia*, o geopoeta-cordelista falou do potencial de difusão cultural da literatura de cordel e das vertentes temáticas de seus escritos:

> O cordel é um difusor de cultura. Um homem analfabeto, o sertanejo, o brejeiro, o matuto do nordeste ia para a feira comprar cordel porque o filho dele que estava na escola podia ler para ele. Então, o cordel é um veículo de difusão de cultura muito importante. No nordeste muita gente aprendeu a ler através do cordel. (...) Ele é a poesia popular não erudita, não sofisticada, não da elite. É poesia do povo, feita em folhetos baratos, humildes. Essa poesia do povo transmite de geração para geração os conhecimentos, as lutas como a do camponês sem terra. O cordel é um universo que pode abranger todo o conhecimento do povo: os camponeses, os cangaceiros, os beatos, os latifundiários, a seca, a miséria. É uma riqueza só. Atualmente existe também o cordel urbano que é feito nas cidades, mas o originário é o do sertão. É a história dos bois brabos que ninguém pegava, dos cangaceiros. O meu cordel tem um pouco de tudo (Batista, 2007, p. 2).

Como o autor afirma, o cordel é uma fatia da literatura popular de "fronteiras não de cercar – mas de abrir" da qual tratou Silva Junior (2018) em artigo já citado. O geopoeta-cordelista, prosador e ativista comunista que migrou para Goiás e fez o geo-cordel goiano, retratando na forma ABC a cultura do povo, além de apresentar temáticas inerentes à vivência do povo trabalhador, sertanejo e agente de lutas. Esse papel exercido pelo autor e pela obra não ocorre despretensiosamente, visto que a produção à qual o artista se dedica só existirá em função dos elementos externos a ela, situados num conjunto social e histórico, mas do qual indiscutivelmente ela faz parte. Por isso mesmo, ao ser produzida, a obra será também reflexo desse ambiente, confirmando que ela é o resultado do "influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistema de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma" (Candido, 1965, p. 35).

Na declaração de Paulo Nunes Batista é perceptível o retrato da importância do contato e da formação cultural, humana, social e histórica advinda da literatura, no caso da literatura popular, simples e humilde, que é o cordel. "...A literatura nos diz muito sobre a nossa própria constituição identitária, na medida em que ela representa uma forte parcela do que somos e, portanto, a literatura tem de ser percebida como algo muito mais próximo do que distante" (Silva Jr., 2018, p. 49). "Ao tratar de literaturas de campo e de geopoesias evocamos

um fazer artístico "(...) que vêm movimentando a cultura, a educação e a humanidade da gente goiana, tão *coralina*... (Medeiros et al, 2018, p. 14). No "ABC de Cordelista à Poesia Popular" já transcrito no início deste capítulo, Paulo Nunes canta sobre essa proximidade que a poesia de cordel tem com o povo: "A Poesia Popular - / alma de um Povo Poeta - / sai da boca, sai da mão: / vem – veloz como uma seta - / falada, cantada, escrita - / do coração – palpita... / da mente – que se projeta... / Busca sempre o alvo da meta – o próprio Povo – seu lar...".

CAPÍTULO II - Jornada literária em Goiás – diálogos entre o erudito e o popular na obra de Paulo Nunes Batista

> "Difundir cordel é um ato de resistência". Paulo Nunes Batista

Em fevereiro de 2007, Paulo Nunes Batista concedeu uma entrevista intitulada "O cordel na poesia do povo", publicada no site *A Nova Democracia*. Aos 82 anos de idade à época, ele declarou aos entrevistadores que aquela poderia ser uma de suas últimas entrevistas, devido ao seu estado de saúde. Mal sabia que sua longevidade felizmente se estenderia por mais treze anos, nos quais, segundo relatos de familiares e pessoas próximas, ele se manteve recluso em sua casa em Anápolis-GO. Sempre apegado aos livros e aos papéis escritos, o geopoeta-cordelista viveu no interior de Goiás até o seu falecimento, ocorrido em 1 de dezembro de 2019, sendo assim noticiado pelo jornal goiano *O Popular*:

> **Morre em Anápolis, aos 95 anos, o poeta e cordelista Paulo Nunes Batista**. Ele tratava de um câncer descoberto há cerca de 20 dias. Morreu na manhã deste domingo (1º) o poeta e cordelista paraibano radicado em Goiás Paulo Nunes Batista. Ele tinha 95 anos e era o dono da cadeira de nº 8 da Academia Goiana de Letras (AGL). Segundo informações da família de Paulo Nunes, o poeta estava internado há 15 dias no Hospital Evangélico de Anápolis. Ele tratava de um câncer, que foi descoberto há cerca de 20 dias. O corpo do cordelista está sendo velado na Paróquia São Sebastião, em Anápolis, e o sepultamento está previsto para as 17h no Cemitério Park, na mesma cidade. Ao longo de sua vida, Paulo Nunes acumulou centenas de obras publicadas. Na lista, além de livros de poesia, crônicas e contos, mais de 500 cordéis, além daqueles produzidos manualmente. A obra de Paulo Nunes Batista passeia por diferentes vertentes literárias, indo da poesia popular à erudita, mas foi o cinema que fez o coração do ainda menino bater mais forte e ter vontade de mudar o mundo com sua escrita, como revelou em entrevista concedida ao *Popular* e publicada em dezembro do ano passado. "Assisti a uma adaptação de *Os Miseráveis* (livro de Victor Hugo lançado em 1832) no cinema e fiquei tão emocionado que me liguei, de um certo modo, ao sofrimento de pobreza que atingia muitos paraibanos que conviviam comigo", relembra. "Naquele momento eu decidi duas coisas: seria escritor e comunista." Mesmo transitando bem entre a crônica e o conto o que mais fez na vida foi escrever folhetos de cordel, especialmente os do subgênero conhecido como ABCs, "a mais pura literatura de resistência", como afirmava (*O Popular*, 2019).

A sucinta nota de falecimento ressalta a grandiosidade do acervo deixado pelo geopoeta-cordelista. Na introdução contida na entrevista ao *Nova Democracia* há a afirmação de que Paulo Nunes Batista possuía, na época, o número de 319 escritos de cordel, entre textos publicados e inéditos. Já na matéria do jornal *O Popular* acima transcrita, há a referência a "mais de 500 cordéis, além daqueles produzidos manualmente". Quanto à sua produção em

outros gêneros, há na entrevista a menção ao número de 28 livros literários, entre contos e poemas. Os números em relação às obras em cordel acabam sendo imprecisos, principalmente quando confrontados com algumas fontes de acervo do gênero, como, por exemplo, no Portal de Literatura de Cordel da Universidade de São Paulo – USP, no qual há a referência a 145 títulos de cordéis de sua autoria e na página eletrônica *Memórias da Poesia Popular*, onde há a menção ao número de 130 folhetos.

O fato é que existe uma dificuldade real de mensurar a produção de poetas populares, principalmente dos artistas de meados do século XX, os quais, muitas vezes, produziam e imprimiam seus folhetos e folhas volantes de forma independente, vendendo-os de forma ambulante, sem arquivar ao menos um exemplar para catálogo, principalmente no que tange aos folhetos classificados como de circunstância, cujos conteúdos versavam sobre notícias ou fatos ocorridos, exercendo função jornalística no gênero folheto de feira. Outras vezes escreviam no improviso da ocasião em que se encontravam, como por exemplo, eventos culturais ou políticos, para presentear ou homenagear o anfitrião com um escrito-manuscrito, sem qualquer cópia ou arquivo, prática que era comum de Paulo Nunes Batista, conforme relatou a intelectual goiana Haydeé Jayme Ferreira[7]:

> O verdadeiro poeta, aquele que já nasce, nunca tem, em seu arquivo, toda a sua produção. Numa simples visita a amigos, numa parada cívica, num velório ou numa festa, ele improvisa, escreve, à mão, num papel qualquer e dá o poema à pessoa mais interessada. Inúmeras vezes vi Paulo fazer isto. Numa festa em casa de meu irmão Sisenando, onde toda a família e amigos estavam reunidos, Paulo anotou o nome de todos e fez um poema quilométrico, de métrica perfeita, de grande beleza literária, citando cada um dos presentes. Aconteceu o mesmo, no lançamento de um livro meu, no Clube Recreativo Anapolino. Enquanto as autoridades componentes da mesa discursavam, Paulo, sobre uma pasta colocada em cima do joelho, improvisava um belíssimo poema, que tenho guardado, dactilografado e gravado em fita (Arquivo pessoal de Paulo Nunes Batista).

O relato acima transcrito é oriundo de um texto presente nos arquivos de Paulo Nunes Batista, de autoria de Haydée sob o título *ABC de Paulo Nunes Batista*, texto no qual a estudiosa faz uma revisão crítica do livro *ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros*

[7] Haydée Jayme Ferreira foi poetisa, historiadora, jornalista, pesquisadora, indutora cultural, literata, administradora, educadora, conferente, oradora, membro de União Brasileira de Escritores de Goiás, da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, da Associação Goiana de Imprensa (conselheira), do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, bem como de outras instituições culturais, sociais e de classe. Foi partícipe da vida política Anapolina, ao lado de Henrique Santilho, tendo sido a única mulher da Comissão de Ética do PMDB local, conforme consta de sua biografia. Falecida em 2 de janeiro de 1999, foi uma grande amiga e interlocutora de Paulo Nunes Batista, conforme registros presentes nos arquivos acessados, além de figura importante no cenário cultural e político goiano. (Fonte: https://www.dm.com.br/opiniao/2015/05/para-nao-esquecer-haidee-jayme, Acesso em 10/09/2023).

abecês, publicado em 1986, pela editora Itatiaia, do qual a interlocutora recebeu um exemplar e inicia o texto informando esse fato: "Foi com muita honra e satisfação, que recebi o *ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês*, da autoria de Paulo Nunes Batista, impresso pela Editora Itatiaia Ltda., de Belo Horizonte". Não há registro de data nesse texto de Haydée Ferreira, nem dados de publicação do mesmo em algum veículo ou periódico, embora o formato do arquivo presente no acervo remeta a essa finalidade.

Ainda sobre os improvisos poéticos de Paulo Nunes Batista, outra declaração os dá destaque: "...sentado próximo a PNB, vi-o escrever em catadupas, extraordinários improvisos endereçados aos colegas presentes. Guardo ainda e guardarei sempre os que me dedicou. Anderson Braga Horta" (2016, p. 65). Alice Spíndola também exaltou a potencialidade do improviso poético do geopoeta-cordelista, assim o descrevendo: "O caso não é construir um ABC sobre variados temas, porém fazê-lo de improviso e em tempo mínimo, impecável na forma e no motivo... Poeta inspirado. Raro talento" (2016 p. 66). O diálogo entre o popular e o erudito em Paulo Nunes Batista aparece nesse meandro, quando a voz poética erudita dá destaque a características importantes e típicas do versejar poético popular, como no soneto abaixo:

O uso do repente

As filigranas de ouriversaria,
a tortura da forma, o acabamento
com que tentam dar vestes, à poesia,
os que são formalistas 100%.

Da palavra os que buscam, na magia,
dar expressão e cor ao sentimento;
os que a forma perfeita, noite e dia,
tentam encontrar, nos céus do pensamento.

Eu não invejo nunca, nem imito.
Meus versos nascem feitos, e acredito
que eles me buscam, em vez de ser buscados.

De caneta e papel, a mão munida,
a versalhada brota, e se encomprida...
e os sonetos vêm prontos e acabados (Batista, 2016, p. 55).

Neste soneto presente na obra *Reticências*, publicada em 2016, a palavra "repente" remete o leitor inicialmente ao gênero popular de versos e cantoria. No entanto, ao longo do soneto a palavra passa a ser associada ao improviso do instante, do momento em que os versos "brotam" e configuram a materialidade do poema no papel. O eu poético declara essa

intimidade com o improviso, afirmando que os versos o procuram e nascem prontos. Em um exercício de metalinguagem, o popular e o erudito estão presentes: a forma fixa, apesar de criticada na primeira estrofe, é a escolhida para afirmar o oposto ao formalismo – a espontaneidade e o experimentalismo – vertentes às quais o autor, declaradamente, pretendeu situar a sua obra erudita.

Mesmo tendo perdido ou sequer tido posse de muitos originais, documentos obtidos no acervo acessado demonstram que o cordelista se preocupou em contabilizar suas obras, preocupação que talvez tenha surgido anos mais tarde do início de sua carreira. Registros e seleções de títulos de obras por meio de diversas listas feitas de próprio punho (ANEXO IV) ou datilografadas (ANEXO V) foram encontradas em meio aos materiais acessados, demonstrando o quanto sua produção foi numerosa. Outro desafio é saber o quanto de seus cordéis foram publicados e quantos permanecem inéditos. Há pistas deixadas pelo próprio autor, em muitas destas listas, como exemplifica o ANEXO VI, na folha 2, na qual consta a seguinte observação:

> Só no gênero ABC sou autor de mais de 160 trabalhos, dos quais 28 foram enfeixados no meu livro ABC DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E OUTROS ABECÊS. A maior parte está inédita. Em posterior releitura é possível selecionar algo melhor do que os aqui incluídos. Logo seguirão os originais, folhetos, folhas volantes acima relacionados, para sua apreciação. Grande parte dos meus trabalhos, editados e inéditos, foi doada à Fundação Casa de José Américo, de João Pessoa-PB, através de Neuma Fechine Borges e Altimar de Alencar Pimentel. Também à UFPB de Campina Grande foram doados muitos dos meus trabalhos, inclusive ao escritor Átila de Almeida e ao pesquisador/poeta José Alves Sobrinho. Ali poderão ser consultados. Anápolis, 18 de agosto de 1999. Paulo Nunes Batista (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Sendo a anotação acima feita pelo próprio autor no ano de 1999, a entrevista do ano de 2007 supracitada, que informa o número de mais de 300 cordéis e a matéria do jornal *O Popular,* que menciona o número de mais de 500 no final do ano de 2019, percebe-se que o número de escritos em cordel é divergente e pode ser ainda maior, tendo em vista o acervo em posse de seus familiares, visitado em fevereiro de 2022. Com relação à produção de gêneros eruditos, na qual consta o registro do número de 28 livros publicados, entre poemas e contos, há a hipótese de que existam vários escritos ainda inéditos, conforme materiais identificados nos arquivos, a exemplo do soneto a seguir, transcrito de um arquivo original:

> **QUE SAUDADE!**
>
> Que saudade do trêfego Menino

que corria nas praias luminosas!
ungido de jasmins, lírios e rosas...
asas abertas para o seu destino...

A cor, o cheiro, o gosto nordestino,
a luz – nas travessias perigosas...
Mergulhos nas paragens tenebrosas...
De Namoros azuis com o céu divino!

Hoje, onde estás, Menino Marinheiro
das marinhagens pelos céus do Sonho?
Eu te perdi, nas curvas do roteiro...

Mas, ainda é teu ar claro e risonho
que hoje consola o velho seresteiro
no mar da Solidão em que me ponho...

Anápolis, 15-7-96
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

Este soneto de atmosfera saudosista compõe um arquivo de sonetos datilografados e assinados por Paulo Nunes Batista, presente em seu acervo; apresenta um eu poético que demonstra preservar na memória a jovialidade e a vitalidade dos tempos de menino, em que corria, aventurava-se e sonhava pelas praias e sob os céus do Nordeste. Os sentidos preservados na memória do menino são revividos nos versos: "A cor, o cheiro, o gosto nordestino, / a luz ...". O tom saudosista embala uma procura por aquele menino sonhador de outrora, do qual só resta a memória das aventuras e dos sonhos configurados em consolo para um presente solitário. A temática saudosista de uma infância vivida no Nordeste é com frequência identificada na obra do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista, conforme observa-se neste outro soneto:

MENINO MARINHEIRO

Menino Marinheiro da Aventura,
pelos mares parti em busca da Ilha
do Tesouro, esse céu da maravilha,
que o sonho do Menino ainda procura.

A tormenta arrostei na noite escura.
Mas, para o Azul sempre apontando a quilha,
vai meu barco, a vencer milha após milha,
sempre a rumar à praia da Ventura.

O sonho do Menino Marinheiro
continua a servir-me de roteiro,
nessa idade de mares avançados...

E, no meio da noite mais medonha,
o que me vale, é que o Menino sonha
no velho de outros mares navegados... (Batista, 2009, p. 83).

Presente no livro *Samburá da Parahyba*, publicado em 2009 pela editora Idea, de João Pessoa, o soneto acima traz a mesma atmosfera saudosista de um tempo de infância vivenciado pelo menino que sonhava enquanto brincava pelos mares. Muitas imagens coincidem com as imagens presentes no soneto "Que saudade", a saber: a figura do Menino Marinheiro; o céu, ora da maravilha, ora divino, ora dos sonhos; os sonhos; o roteiro; o destino; o velho, ora seresteiro, ora de mares avançados. Imagens que simbolizam, em ambos os poemas, um jogo poético entre o passado e o presente, tendo o passado como algo bom e virtuoso que alimenta a condição do eu do presente, caracterizado como "velho".

Em artigo no qual realizou uma reflexão sobre a temática do tempo passado e da infância presentes nos textos poéticos de Cora Coralina e Paulo Nunes Batista, o estudioso e professor José Fernandes afirmou que o geopoeta-cordelista utiliza recursos da estética simbolista para compor seus sonetos, especialmente no soneto "O sonho do menino marinheiro", analisado no trabalho em questão. As imagens de praias representam um simbolismo singular de retorno ao seguro, ao útero materno. O eu poético é, segundo Fernandes (2009), um viajante, peregrino de si mesmo.

Já o passado representa a completa interação com o presente, à proporção que encontrar o menino implica em encontrar a si mesmo e inserir-se na dimensão da Luz, no sem limite do lado metafísico ou teosófico. Continuando nas afirmações de Fernandes, para quem a poesia sonetista de Paulo Nunes Batista se fixa na infância para lamentar o presente, que é, por sua vez, a impossibilidade de recuperar o que se foi; a infância é o tempo dos sonhos, dos desejos realizáveis. É o momento menino que o ser lírico deseja trazer ao agora, a fim de contrariar as maldades do presente, como uma revitalização do ser lírico. "O ser lírico de Paulo, vê na velhice só fracassos e deseja recuperar o tempo perdido da infância, a ponto de sequer reconhecer-se no momento presente, ao dizer: esse que dizem que sou eu, regressa" (Fernandes, 2009, p. 6).

No texto de apresentação do livro *Samburá da Parahyba*, Neide Medeiros Santos afirma que os poemas e sonetos contidos na obra "falam de um passado vivido e sonhado nas terras paraibanas", ressaltando o significado da palavra "samburá", que é um cesto utilizado pelos pescadores para pescar peixes, e que o geopoeta desloca esse sentido para "pescar palavras" e tecer um traçado de galhos (palavras), como se fosse um "pescador de lembranças", remetendo o leitor para um passado guardado na algibeira da escrita (2009, p. 10).

As considerações acima apresentadas, a partir da análise de dois sonetos de autoria de Paulo Nunes Batista, abrem uma vertente discursiva que pretende compor neste trabalho, à

luz dos textos críticos a respeito das obras eruditas do geopoeta-cordelista, um ligeiro perfil erudito deste versátil escritor "paraboiano", como bem o apelidou José Fernandes (2009).

A poesia erudita de Paulo Nunes Batista: uma breve perspectiva crítica

Na abertura do livro *Samburá da Parayba* consta uma "justificativa", escrita pelo autor Paulo Nunes Batista, com o seguinte teor:

> Os textos em verso e em prosa constantes do presente volume foram escritos em locais e datas diferentes. Vão desde o verso de cordel ao soneto clássico, passando por experiências de poesia moderna. Não me filio a correntes, escolas e modismos literários. Considero oportuno o movimento encabeçado em Recife pelo poeta Mauro Mota e outros, que afirma que todas as modalidades de poesia são válidas, desde que contenham poesia, e que foi batizado de SPI (Sincretismo Poético Integral). Tudo o que fiz até hoje no campo do Verso são experiências. Minha poesia sou eu. Busco melhorar através da poesia, mas sei que estou longe de consegui-lo. O autor (Batista, 2009, p. 5).

Nessa autorreflexão, o geopoeta-cordelista "paraboiano" fez um exercício crítico a respeito de sua poética, declarando simpatia pelo movimento Sincretismo Poético Integral, iniciado pelo poeta pernambucano Audálio Alves, que, em parceria com outros poetas pernambucanos, publicou seu manifesto, no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, no ano de 1968, com o objetivo de promulgar uma poética de caráter universal e dotada de elementos diversificados, dentro de um conjunto de valores próprios da linguagem poética. O movimento foi renomeado de "Espectralismo" pelo também poeta pernambucano Joaquim Cardozo, e teve repercussão nacional. Em matéria publicada em 6 de março de 1968, o periódico *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, assim discorreu a respeito do movimento:

> Dizendo sobre a sorte do Sincretismo Poético Integral, Audálio Alves comenta: "O Sincretismo, por não ser sectário e assim, mais se tratar de uma visualização estética de plano superior, não encontrou dificuldades na sua aceitação. Começou, aliás, reunindo no seu início a quase totalidade dos poetas pernambucanos radicados em Recife. No Rio, foi saudado por sensibilidades como Walmir Ayala, Castro Chamma, Alcides Pinto, entre outros, havendo seu manifesto sido publicado pelo CORREIO DA MANHÃ, com muito destaque. O mesmo havendo ocorrido com relação ao *Jornal de Letras do Estadão*, de São Paulo, de modo que veio a merecer páginas completas em jornais da Bahia, Pernambuco e Amazonas. Hoje, após adesões das mais importantes – melhor diríamos reconhecimento e aceitação – de nomes como Joaquim Cardozo, Eduardo Portella, e, já agora, João Cabral de Melo Neto, não vemos porque não considerar o Sincretismo (Cardozo chama-o de "Espectralismo") como definitivamente integrado em nosso patrimônio cultural (Condé, 1968).

Sem aprofundar nas especificidades contidas no manifesto-movimento SPI, mas voltando para a autodefinição de sua essência poética erudita, vê-se que o Batista pretendia se

situar dentro de um espaço de liberdade criativa, no qual sobressaíssem as experiências e experimentações poéticas, coadunando com outros movimentos e manifestos Modernistas da literatura brasileira. Nessa direção, Paulo Nunes exerceu a liberdade de criação, a exemplo de poemas que compõem alguns de seus livros, nos quais os versos livres e as formas experimentais são marcadas, como no poema abaixo:

RESPONSÁVEIS

Responsáveis somos todos
somos todos responsáveis
todos responsáveis somos
responsáveis todos somos
somos responsáveis todos
todos somos responsáveis
somos somos
responsáveis
somos somos somos somos
todos todos todos todos
responsáveisresponsáveis
eu
tu
el es
nósvós
SOmos todos responsáveIS
soMOS Todos Responsáveis
somos toDOs RESponsáveis
SOMos todos responsávEIS
Somos todos responsáVEiS
(Batista, 2016, p. 11)

Poema que abre o livro de poesias *Turbilhão*, publicado em 2016 pela editora Kelps, vê-se nessa composição o caráter experimental, regado de técnicas características da poesia concretista, começando pela forma estrutural, a qual imprime uma visualidade marcante por meio da distribuição dos versos na página. A repetição de palavras dispostas em ordens diferentes imprime ritmo, sonoridade e sentido às três palavras que movimentam o poema: responsáveis, somos e todos, construindo o que se denomina de caráter verbivocovisual, ou seja, composição que agrega palavra, som e imagem. A metalinguagem se faz presente na construção do poema-imagem, principalmente nos versos "eu / tu / el es / nósvós", os quais indicam a singularidade do eu e do tu, o distanciamento da terceira pessoa, marcada pela separação das letras que compõem o pronome "eles", e a junção das pessoas plurais "nós" e "vós" em uma única palavra.

Os últimos cinco versos apresentam algumas sílabas destacadas em caixa alta, dando a possibilidade ao leitor de visualizar e/ou criar palavras a partir da junção entre elas, como, por exemplo, a palavra "sois", a partir da junção da primeira com a última sílaba do verso

“SOmos todos responsáveIS”; a palavra “someis”, a partir da junção de “SOMos todos responsávEIS”, etc. Uma possível construção de uma nova mensagem dentro da mensagem, ou de um novo poema dentro do poema, a partir do recurso denominado criptonímia, utilizado como forma de ocultar um nome ou uma mensagem contida em outra. Nesse caso, uma das possibilidades presentes nos versos acima seria: SOIS SOMOS TODOS RES SOMEIS VEIS.

Adepto da criptonímia, Paulo Nunes Batista a utilizou como recurso para compor diversos de seus poemas. José Fernandes (2019) afirmou que este estilo, advindo do Modernismo, foi fundamental para imprimir o caráter experimental aos escritos poéticos do geopoeta “paraboiano” e o caracterizou como uma das marcas de seu estilo composicional. Começando pelo próprio nome, no qual o geopoeta afirmou diversas vezes em entrevistas e nos seus escritos que nele continha a palavra poeta: PaulO NunEs BaTistA. No prefácio do livro *O Sal do Tempo* (1996), o crítico literário José Fernandes analisou a técnica utilizada por Paulo Nunes Batista, definindo-a como uma forma que “oculta ou disfarça um nome, uma palavra, ao se desdobrar foneticamente ou ao incorporar outros fonemas e se decompor em outros signos, constitui uma forma de o poeta engatilhar, em uma palavra singular, semânticas plurais” (Fernandes, 1996, p. 9).

Como prova de que o geopoeta-cordelista se empenhava no recurso da criptonímia, há uma anotação contida em um arquivo original datilografado, intitulado *ABC a Menotti Del Picchia*, datado de 17 de outubro de 1989, no qual, após o poema em homenagem ao escritor, segue a seguinte nota:

> COINCIDÊNCIAS INTERESSANTES... Paulo Nunes Batista. Usando apenas letras do nome PAULO MENOTTI DEL PICCHIA podemos compor várias palavras ligadas à vida, à obra, ao destino do autor de JUCA MULATO. Entre outras, as seguintes: - a começar pela palavra POETA, literalmente: AEDO = poeta, cantor ambulante na Grécia antiga. CANTA = o poeta é um cantor da vida, artista que canta o mundo... CANTO = composição poética de estilo nobre. Cada uma das divisões de um poema: “Os Lusíadas” tem dez cantos. TINTA, PINTA, TELA, TOM (grau de e de brilho nas tintas, em Pintura), COLA, PAPEL, PINCEL, LINHA, MODELO, PAINEL, ÓLEO, PLACA, PLANTA, CÉU, MATO, MATA, LUA, CAL, ÁLCOOL, LATA, ROLO, MONTE, - coisas, materiais etc. empregadas na arte da Pintura, a que também se dedicou MENOTTI. O MANDU – jornalzinho fundado e dirigido por MENOTTI no Ginásio Diocesano São José, em Pouso Alegre-MG. ACADÊMICO – Menotti pertenceu à Academia Brasileira de Letras, cad. 28. TODA NUA, O PÃO DE MOLOCH = títulos, respectivamente, de um livro de contos e outro de crônicas, de Menotti. CAPITAL = Menotti nasceu na capital do Estado de São Paulo. LÊ, LI, LEU, LIA, LEIA, LIDO = do verbo ler, atividade importante em sua vida de jornalista e escritor... CONTO, CONTA = foi contista, deixando três livros no gênero. LEI(s) = formou-se em Direito, logo, em lei(s). CINEMA = Menotti foi cineasta, dirigindo o filme “Alvorada de Glória”. LENTE = Menotti foi professor. LECIONA – idem. POLÍTICA = foi político militante, DEPUTA(d)O, presidente do PTB etc. NOTA, NOTÍCIA = foi jornalista de “A Tribuna”, de Santos, do “Correio Paulistano”, de “A

> Gazeta" e de outros jornais. ... (O nome de cada pessoa traz mensagem, que é preciso decifrar) (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Ainda no prefácio de *O Sal do Tempo* (1996), José Fernandes sintetiza outras características do fazer poético de Paulo Nunes Batista, no que tange à vertente erudita experimentalista, elencando um conjunto de elementos constituintes de uma marca estilística da sua escrita, a saber: a presença de jogo fonêmico construído por meio da fraccionação de vocábulos a fim de imprimir uma duplicidade sígnica e semântica aos poemas; o uso de *enjambements*; as inferências; o uso de reticências significando ausências do não dito; o jogo entre o explícito e o implícito e o constante movimento de sentidos poéticos, além do potencial imagético destacado por meio da utilização da palavra-imagem, plurissignificativa, intentando novas realidades sêmicas, conforme identifica-se no poema a seguir:

> **PÊLO TEMPO**
>
> Os pêlos se en/rolam no tempo
> O tempo se (en)rola nas coisas.
> As coisas se
> 1) degrAdam
> 2) s(h)omem
> 3) Eva/p'oram.
>
> Tudo vai temporariamente
> se agarrando na gente
> para depois desgrudar-se
> no tempo, que desfaz-se
> (s'em disfarce)
> em fumaça, em re/sumo
> como Nuvem sem p'rumo.
>
> O So/nho do Men(h)ino fica velho.
> E quando o Velho al'ança
> re encontrar o Menino -
> já não descobre mais -
> em seu íntimo Espelho -
> o Sonho de Criança…
>
> Sua flor se fanou sob os pés do Destino! (Batista, 1996, p. 25)

Na análise que fez do poema acima, José Fernandes destacou o uso da criptonímia para imprimir o sentido ambíguo da mensagem, evidenciando o caráter de degeneração das coisas e do ser humano no decorrer do tempo. Nelo o geopoeta explora a simbiose entre as palavras, na fusão homem-degradação, recurso assim descrito pelo crítico: "Na poética de Paulo Nunes Batista, a criptonímia visa, acima de tudo, a instaurar um segundo campo semântico. A criptonímia é tão intensa que, examinada devidamente, chega a dar-nos a impressão de termos

dois poemas incrustados um no outro (Fernandes, 1996, p. 10). Interessante notar a presença das imagens do "Menino", em contraste com o "Velho", na busca pelo reencontro entre ambos, que já não se faz mais possível no âmbito do "Destino", a não ser por meio do "Sonho de Criança", temática constante nos poemas eruditos do autor, conforme já mencionado neste capítulo.

A respeito das influências que teve dentro da literatura erudita, Paulo Nunes Batista declarou em um texto datilografado encontrado no acervo, o seguinte:

> Se tivesse de me situar literariamente, como poeta, diria que me aproximo do que já chamaram de sincretismo poético total. Para mim todas as formas e experiências poéticas são válidas, desde a literatura popular até à clássica. Recebi muita influência dos românticos - Vitor Hugo, Castro Alves -, mas os parnasianos me impressionaram muito - Bilac, sobretudo - e os simbolistas ainda mais - Cruz e Souza, o maior - sem esquecer que o "Eu… e outras poesias", de meu conterrâneo Augusto dos Anjos, foi meu livro de cabeceira, na juventude. Depois, os modernistas - Drummond, Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius, João Cabral - todos deixaram marcas em minha sensibilidade. E já li coisa boa em matéria de concretismo, práxis e poema de processo, como não? Como vê, estou um pouco em todas essas escolas ou movimentos, sem fixar-me em nenhum. Tenho horror a todo e qualquer enquadramento, seja este político, religioso, filosófico ou literário. Não sou de nada, não pertenço a ninguém, enoja-me a bitola, o sectarismo, o partidarismo estreito. Adoto, portanto, um ecletismo literário - escolho o que acho melhor e pratico, sem nunca julgar-me realizado: estou sempre aprendendo com o mundo, os seres, a vida. E me modificando sempre, creio que para melhor (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Outros críticos discorreram a respeito dessa vertente experimentalista presente na obra erudita do geopoeta-cordelista, tais como Cassiano Nunes (2016, p. 58), que assim declarou: "Simpatizei com a sua obra. Ela é humana, contém sentimento popular, vivência, experiência (e isto é importante para a poesia, porque, como muito bem disse Rilke, 'versos são experiências')". Alice Espíndola, por sua vez, destacou que "às vezes, é dramático, dá um corte na mensagem, torna o ritmo mais lento, depois usa palavras, que indicam movimento, e acelera o ritmo. Quanta vez, uma dissonância. Sempre uma transgressora diversidade" (Espíndola, 2016, p. 63). Prosseguindo no raciocínio conceitual, afirma: "Inventivo, acrescenta ou tira uma letra, corta a palavra com um parêntesis, e cria outro vocábulo. Ele, um expert em trocadilhos, e mágicas" (Espíndola, 2016, p. 67).

Além do experimentalismo, a versatilidade e a diversidade são características destacadas pelos críticos que se propuseram a escrever sobre a obra de Paulo Nunes Batista. Bernardo Élis, ao prefaciar o livro *Canto Presente*, assim declarou:

> Sua poesia é a grande e verdadeira poesia: simples, legítima, arraigada no mais sincero e profundo do sentimento humano, sem a preocupação desvirtuante da forma rara ou

> nova ou preciosa, embora não descuide dessa forma e se valha oportunamente inclusive de recursos variados, alguns bem atuais (Élis, 1969, p. 2).

Na mesma linha crítica, Maria do Socorro Cardoso Xavier (2001) destacou a versatilidade, afirmando que Paulo Nunes Batista é um poeta reconhecido nacionalmente não apenas pela vertente cordelista, mas por ser um grande sonetista, modernista, lírico e realista, além de bom prosador: contista e ensaísta. A diversidade a que se referem os críticos é voltada para o bom trânsito entre as esferas: "É popular e erudito, brilha em ambas as modalidades" (Xavier, 2001, p. 2). Além da diversidade de temas e formas nas quais se configura sua escrita, exercendo, conforme Xavier, uma poesia existencial, espiritualista, filosófico-ética em formas variadas: soneto, poemas livres, poesia rimada popular, enfim, um escritor de vários gêneros.

Na dissertação intitulada *A poesia de Paulo Nunes Batista* (1995), Salete de Freitas assim discorre a respeito da poesia erudita do geopoeta-cordelista:

> Na poesia erudita, ele procede jogos de linguagem que o nivelam aos grandes poetas. Assim, no poema *Estória do pescador da goiabeira*, o poeta, à semelhança de composição de Drummond, *No meio do caminho*, além de imprimir um tom popular ao poema, mediante a repetição do verbo *tinha*, insere a fala do povo, sem se esquecer do poético (Freitas, 1995, p. 75).

No estudo acima citado Freitas destaca, a partir das análises de poemas contidos nas obras *Canto Presente* (1969) e *A Caminho do Azul* (1979), a característica percebida nos conteúdos dos poemas, os quais trazem traços do popular, seja pela linguagem, seja pela escolha do vocabulário – apresentando termos da linguagem coloquial – marcando a presença de marcas da oralidade dentro da forma erudita: "Se o conteúdo é popular, a forma do poema, como um todo, é inteiramente erudita, diferindo totalmente da estruturação das trovas e dos abecês, sobejamente praticados pelo poeta... no erudito, às vezes o poeta se aproxima do popular (Freitas, 1995, p. 78)". Ainda considerando o estudo de Freitas, há o destaque para o ritmo dos poemas, o qual se faz singular a característica da "narratividade quebrada" como recurso, além das fortes imagens presentes nos versos. A estudiosa ainda destaca os "traços de modernidade" identificados na poesia erudita do geopoeta-cordelista, os quais seriam o uso do "verso branco" e as temáticas de cunho social.

A linguagem polissêmica é outra característica destacada por alguns críticos da obra erudita de Paulo Nunes Batista. Xavier (2001) destaca que o poeta utiliza ricas metáforas, amplos recursos de linguagem em plurais composições poéticas, sendo de tudo um pouco: simbolista, lírico, o fantástico se mistura com o real:

> Do lado erudito, é o fruto amadurecido do gênio poético. Mescla-se o melhor do lirismo, do simbolismo, daqueles poetas de vanguarda de outrora, com os melhores do presente, de quaisquer escolas literárias (realismo, modernismo, pós-modernismo). É um poeta completo. É um, sendo muitos poetas ao mesmo tempo. É divina sua inspiração; humanas suas sofreguidões! (Xavier, 2001, p. 3).

O "ecletismo literário" praticado com amplitude de diversidade e liberdade experimental criativa foi enfatizada pelo próprio autor, ao assim declarar a respeito do conteúdo do livro *Canto Presente* (1969): "O meu primeiro livro de poesia é uma salada mista de formas poéticas. Ali tem de tudo, desde a estrofe típica do cordel até o soneto clássico, parnasiano, alexandrino, e o poema moderno, sem rima, sem métrica uniforme, de versos livres" (trecho extraído de um arquivo datilografado pelo autor, presente em seu acervo pessoal, sem data ou referência de publicação). A crítica coaduna com essa perspectiva, ao destacar nas análises a respeito da obra de Paulo Nunes Batista que o geopoeta se permitiu exercitar tanto a liberdade de formas, como também as formas fixas, dedicando-se de forma intensa à composição de sonetos, faceta pela qual é elogiado. Muito se falou do seu talento de sonetista, estrutura poética que tem resistido às inovações por meio do constante exercício a que lhe dedicam poetas das diversas gerações até a contemporaneidade. No prefácio da obra *Sonetos Seletos*, publicada no ano de 2005 pela editora e gráfica Franciscana, Altimar de Alencar Pimentel assim discorre: "Nessa esteira de grandes sonetistas, insere-se Paulo Nunes Batista, no domínio da forma poética, como poucos: - o soneto de Paulo Nunes Batista, nasce espontâneo, livre, natural, com beleza imagética e conteúdo" (Pimentel, 2005, p. 9).

A respeito das influências eruditas, como mostrado acima, Paulo Nunes Batista por vezes declarou ter recebido muitas dos poetas românticos, citando Victor Hugo e Castro Alves, além dos parnasianos como Olavo Bilac. Do Simbolismo também cita a influência de Cruz e Souza, dando destaque maior a Augusto dos Anjos, do qual dizia que teve como livro de cabeceira na juventude o *Eu… e outras poesias*, o qual afirmava saber recitar todos os poemas. Alguns críticos chegam a comparar algumas temáticas presentes em seus sonetos com o "tom amargo da poesia de Augusto dos Anjos" (Pimentel, 2005, p. 9). Maria do Socorro Xavier, em texto sobre a obra *O vôo inverso* (2001) afirma que "o poeta sente agudamente as dores do mundo, com as quais se identifica… Lembra o ceticismo e o simbolismo de Augusto dos Anjos nas composições no decorrer do livro" (Xavier, 2001, p. 2). No soneto abaixo dedicado ao "Vate Paraibano" é possível confirmar a influência declarada pelo geopoeta e ressaltada pela crítica:

A AUGUSTO DOS ANJOS

Doloroso Poeta do EU! Augusto

dos Anjos, de leitura predileta.
Ensina-me, lá do Alto, a ser poeta
no meu doído leito de Procusto!

Que do meu nordestino solo adusto
ajudes-me a colher a flor dileta!
A Poesia por alvo, o Amor por meta
faze que eu tenha sempre, a todo custo!

A tua Dor, Vate Paraibano,
me dói dentro de mim, no transe insano
da Mágoa que há milênios me destrói...

Eu sei da Angústia atroz que te doía
e em pérolas mudavas de Poesia...
dessa Poesia ardente que me dói!...
Anápolis, 07-3-96
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

O poema acima transcrito é parte componente dos arquivos originais do acervo obtido, datado do ano de 1996. Apresenta, de forma explícita, a devoção dedicada ao "Doloroso Poeta do EU", conforme se vê no segundo verso, no qual há a declaração de tratar-se de seu escritor "de leitura predileta", em conformidade com o que declarou inúmeras vezes em entrevistas e demais escritos. Remetendo a uma cumplicidade poética e geopoética, o eu poético pede inspiração para colher do solo nordestino a "flor dileta" - a poesia, em alusão ao fato de que Augusto dos Anjos também foi um poeta filho do Nordeste, nascido na Paraíba, no ano de 1884 e que, assim como Paulo Nunes Batista, viveu em vários estados brasileiros como Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais, falecendo neste último, precocemente, aos trinta anos de idade.

Colocando-se no lugar de dor, por meio da referência ao mito grego de Procusto nos versos "Ensina-me, lá do Alto, a ser poeta / no meu leito de Procusto!" o eu poético compartilha da atmosfera de angústia contida na obra poética de Augusto dos Anjos, pois a imagem do leito de Procusto representa justamente esse estado de estar na condição de sofrimento, sendo forçado a adaptar-se a uma situação difícil e dolorosa até a morte. Nesse caso a adaptação relaciona-se à própria existência, à vida humana e ao exercício do poeta, aquele que sente as dores do mundo e, não podendo se livrar delas, as retrata e as materializa na poesia.

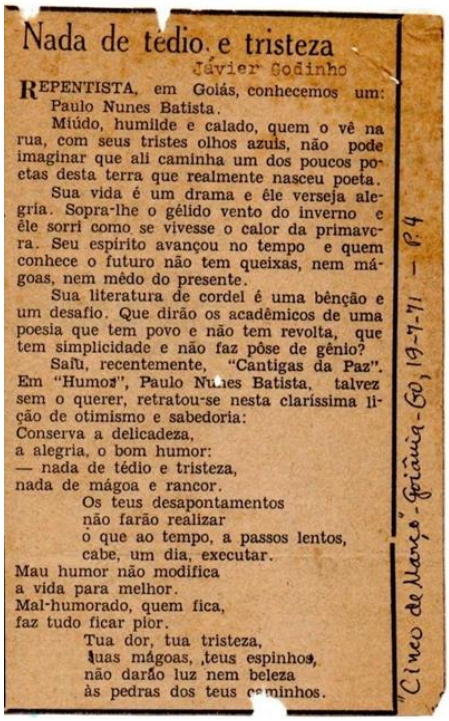
A terceira estrofe traz a empatia do eu poético para com a dor do poeta Augusto dos Anjos, afirmando ser também a sua: "A tua Dor, Vate Paraibano / me dói dentro de mim, no transe insano / da Mágoa que há milênios me destrói…". Na última estrofe é declarada a admirável faceta de transformação da angústia em poesia: "Eu sei da Angústia atroz que te doía / e em pérolas mudavas de Poesia…", reafirmando a simbiose entre as vozes poéticas "dessa

Poesia ardente que me dói!" Certamente essa breve análise abre caminhos para futuros estudos dialógicos entre a vertente erudita de Paulo Nunes Batista e a poética de Augusto dos Anjos, já ressaltada frequentemente pelos críticos aqui mencionados.

O cordelista militante – defesa do cordel nas passagens e recortes de jornais

Muito se escreveu em jornais e revistas sobre o poeta e cordelista paraibano-goiano e sua obra, sendo esses materiais peças importantes na composição de um perfil da fortuna crítica existente. Alguns desses textos foram preservados pelo autor em seus arquivos pessoais, recortados e guardados como memória. A seguir um exemplo desse cuidado:

Figura 1: recorte do jornal *Cinco de Março*



Nada de tédio e tristeza

Jávier Godinho

REPENTISTA, em Goiás, conhecemos um: Paulo Nunes Batista.

Miúdo, humilde e calado, quem o vê na rua, com seus tristes olhos azuis, não pode imaginar que ali caminha um dos poucos poetas desta terra que realmente nasceu poeta.

Sua vida é um drama e êle verseja alegria. Sopra-lhe o gélido vento do inverno e êle sorri como se vivesse o calor da primavera. Seu espírito avançou no tempo e quem conhece o futuro não tem queixas, nem mágoas, nem mêdo do presente.

Sua literatura de cordel é uma bênção e um desafio. Que dirão os acadêmicos de uma poesia que tem povo e não tem revolta, que tem simplicidade e não faz pôse de gênio?

Saiu, recentemente, "Cantigas da Paz". Em "Humor", Paulo Nunes Batista, talvez sem o querer, retratou-se nesta claríssima lição de otimismo e sabedoria:

Conserva a delicadeza,
a alegria, o bom humor:
— nada de tédio e tristeza,
nada de mágoa e rancor.
Os teus desapontamentos
não farão realizar
o que ao tempo, a passos lentos,
cabe, um dia, executar.
Mau humor não modifica
a vida para melhor.
Mal-humorado, quem fica,
faz tudo ficar pior.
Tua dor, tua tristeza,
tuas mágoas, teus espinhos,
não darão luz nem beleza
às pedras dos teus caminhos.

"Cinco de Março" - Goiânia - GO, 19-7-71 - P. 4

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Neste recorte do periódico *Cinco de Março*, de Anápolis, com data de 1971, Jávier Godinho inicia o texto descrevendo Paulo Nunes Batista como um repentista de Goiás. Segue contrastando a sua figura física - "miúdo, com seus tristes olhos azuis" - à sua grandeza criativa, afirmando ser ele um poeta nato, "um dos poucos poetas desta terra que realmente nasceu

poeta". Texto publicado com o objetivo de apresentar a obra *Cantigas da Paz* (1971), livro composto por poemas e "trovas" inspiradas na doutrina Cristã Espírita, vertente religiosa à qual o geopoeta se dedicou ao longo da vida, Godinho segue destacando a contradição não apenas entre o aspecto da aparência humilde e a potencialidade intelectual, mas também enfatizando a capacidade de transmitir mensagens de positividade por meio da voz poética, apesar de seu contexto de vida descrito pelo crítico como um "drama". Considerando o ano de publicação do texto - 1971 - época em que Paulo Nunes Batista já se encontrava com emprego fixo como servidor público da Delegacia Fiscal de Goiás, atuando na cidade de Anápolis, ainda assim as agruras percorridas em sua jornada, cheia de altos e baixos, idas e vindas, são consideradas como uma marca do poeta.

O potencial da poesia cordelista é destacado no texto: "Sua literatura de cordel é uma bênção e um desafio". A partir dessa declaração feita no ano de 1971, é possível evidenciar que já na época a vertente de cordelista era merecedora de destaque, pois sua atuação no âmbito da poesia popular já era numerosa. Prosseguindo na crítica, Godinho faz um questionamento interessante: "Que dirão os acadêmicos de uma poesia que tem povo e não tem revolta, que tem simplicidade e não faz pôse de gênio?" A questão instigante apontada por Godinho é, de certa forma, objeto de análise neste trabalho e, portanto, considerada motivadora, na medida em que, a partir das análises realizadas, considera-se que a obra de Paulo Nunes Batista não é neutra, muito pelo contrário: há sim revolta nos cordéis, mas não uma revolta revanchista – trata-se de uma revolta que se configura na militância persistente nas produções em cordel bem como em outros escritos e gêneros de autoria de Batista, militância pela tradição contida no cordel, como memória da voz do povo brasileiro, nos meandros do sertões.

Quanto ao caráter de humildade, Paulo Nunes Batista sempre o ressaltou como premissa de vida, não fazendo, de fato, "pôse de gênio", afirmando sobre si mesmo não se reconhecer como grande no campo poético, conforme trecho abaixo transcrito:

> Sei que alguns intelectuais goianos me consideram um simples poeta popular e eu lhes agradeço muito a consideração, pois, em rigoroso auto-exame, nem isso mesmo eu me considero. Popular, vá lá, mas… poeta? Mesmo assim figuro em algumas antologias - NOSSAS TROVAS, TROVADORES DO BRASIL (2º Vol.), NOSSAS POESIAS, POETAS DO BRASIL, etc…, editadas no Rio de Janeiro, o que deve deixar alguns desses senhores com uma dorzinha de cabeça, pelo que lhes peço todas as desculpas (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Exercitando essa postura de modéstia, embora podendo ser considerada "falsa modéstia", pois se faz nítida a percepção de que havia a autoconsciência de seu merecido lugar como poeta, nos âmbitos do popular e do erudito. Tanto é fato, que o próprio ressaltou, por diversas vezes, as premiações recebidas, os destaques em enciclopédias importantes e em obras de estudos literários, como no trecho a seguir extraído do mesmo escrito: "Escrevi quilômetros de estrofes, desde a chamada "literatura de cordel", de que vivi por quatro anos, até à poesia modernista (Gilberto Mendonça Teles incluiu dois poemas modernos, meus, no seu "A Poesia em Goiás")". Muitos registros das premiações recebidas em sua trajetória estão conservados em seu acervo pessoal.

Retomando o caráter de militância pela poesia popular, Paulo Nunes Batista a exerceu com afinco, como prova o discurso proferido na sua posse na Academia Goiana de Letras, ocasião para a qual escolheu compor e recitar em versos de cordel a sua fala, trazendo a voz popular para um ambiente de tradição erudita e formal. Militou também por meio de sua voz jornalística, conforme identificado em alguns textos obtidos, nos quais se posicionava como um defensor do cordel, como exemplifica uma série de textos publicada no jornal *O Popular,* na década de 1970, no caderno "Suplemento Cultural", sob a denominação de "Cordel em Goiás", configurando uma sequência de publicações com a finalidade de apresentar o panorama da literatura de cordel produzida no estado àquela época. Foram obtidos três destes textos - o primeiro, o segundo e o quarto da série, cedidos pela redação do jornal *O Popular* para esta pesquisa, transcritos na íntegra e que integram este trabalho, como anexo.

No primeiro artigo da série, publicado em 28 de dezembro de 1975, conforme ANEXO VII, Paulo Nunes Batista fez um resumo do panorama da literatura de cordel pelo Brasil, destacando a forte presença no Nordeste e a esparsa presença nas demais regiões brasileiras, como no Sul e no Sudeste. Destacou que no Norte havia grande produção cordelista, no entanto, os autores quase sempre eram nordestinos migrados para a região, assim como ocorria no Sudeste, dando ênfase ao estado do Rio de Janeiro, o qual era, à época, um destino de preferência dos poetas populares da região Nordeste. Para apresentar o contexto de Goiás, o autor afirmou no artigo que:

> No Centro-Oeste, sabemos que em Mato Grosso existem folhetos em versos, mas as notícias são de que tais obras são ainda de versejadores nordestinos. Em Goiás, onde residimos há mais de 25 anos, sabemos da existência de um único poeta popular goiano - Antonio Geofrey Wanderley, atualmente Promotor de Justiça em Goiânia -, cujos versos bem feitos lemos com prazer, nos distantes dias de 1956, quando morávamos na capital goiana. Tudo o mais, em matéria de poesia popular, em Goiás

> (cordel), está diretamente ou por tabela ligado ao Nordeste Brasileiro, sendo nordestinos todos os autores de estórias, pelejas, abecês publicados em terras anhanguerinas, até onde vai o nosso conhecimento do assunto. Vejamos, um por um, entre outros, quais os nomes e alguma coisa dos mais importantes poetas populares, escritores de folhetos em versos publicados em Goiás (Batista, 1975, p. 1).

A partir da afirmação de que em Goiás a literatura de cordel era composta em sua maioria por poetas oriundos da região Nordeste, o geopoeta discorreu a respeito de um cordelista com o qual teve grande amizade, e que foi um parceiro importante no tempo em que viveu da venda de seus folhetos em Anápolis e em Goiânia - Francisco Guerra Vascurado: "Em Anápolis, no antigo Largo de Bom Jesus, e em Goiânia, na feira da antiga Vila Nova, Guerra Vascurado e eu vivemos da nossa poesia, vendendo os versos da nossa lavra" (Batista, 1975, p. 2). Paulo Nunes Batista resumiu o contexto de vida do poeta-popular Vascurado, o qual exerceu várias profissões em Goiás, passou dificuldades financeiras com a família e faleceu em Goiânia, em 1956, tendo sido sepultado como indigente. Dá destaque também ao fato de que muitos dos folhetos desse geopoeta foram apropriados e publicados por outros cordelistas, prática que é com frequência abordada nos estudos a respeito do gênero, como o autor destaca:

> Mas F. Guerra Vascurado trazia, de Pernambuco, uma bagagem cordelista, tendo ali editado vários folhetos, entre os quais O TRIUNFO DA INOCÊNCIA, O BALÃO DO DESTINO E A MENINA DA ILHA, O MONSTRO, O ÍNDIO E O MENINO, que o poeta e editor de cordel João Martins de Ataíde vinha, há muito publicando como de sua autoria. Em seu trabalho "Restituição da Autoria de Folhetos do Catálogo...", incluído no volume de estudos – Literatura Popular em Versos – Tomo I – MEC – Rio de Janeiro, 1978 -, o folclorista Sebastião Nunes Batista põe os pontos em muito is, esclarecendo como mestre Martins de Ataíde se apropriava de obras rimadas alheias, incorporando-as, depois, ao seu acervo de poesia popular (pecado, aliás, não apenas dele, mas de vários outros autores-editores do ramo) (Batista, 1975, p. 2).

Nesse primeiro artigo da série, Paulo Nunes Batista fez uma memória importante para a compreensão de como a poesia de cordel se configurava em Goiás: poetas que eram de origem nordestina dedicavam-se ao cordel, mas não conseguiam manter por muito tempo a sua subsistência apenas vendendo cordel, sendo necessário exercer outras profissões. Além disso, tratou do tema da apropriação das obras pelos editores, demonstrando esse lado difícil, pois o exercício de cordelista não era oficializado e não havia a devida valoração destes artistas, principalmente daqueles que não possuíam um grande volume de folhetos ou boas relações com cordelistas de maior nome.

Prosseguindo com a série de artigos "Cordel em Goiás", o segundo (ANEXO VIII), publicado em 11 de janeiro de 1976, Paulo Nunes Batista iniciou dando ênfase à sua atuação em prol da disseminação da poesia cordelista nos jornais para os quais vinha se dedicando a escrever:

> Há mais de quinze anos venho publicando, na imprensa goiana, artigos e reportagens sobre a poesia cordelista. Em "O Anápolis" (diário de que fui um dos redatores por mais de ano, hoje extinto) e "A Imprensa", de Anápolis; em "O Popular" e "Cinco de Março", de Goiânia, tenho vez por outra escrito a respeito da poesia popular editada em folhetos, no Brasil, citando alguns dos principais autores de cordel e mostrando a importância que essa poesia tem como veículo de informação para as populações do interior. Um desses meus artigos – POESIA POPULAR EM GOIÁS – foi reproduzido (de "O Popular" – Suplemento Literário de 14-1-1968) no volume I da obra ASPECTOS DA CULTURA GOIANA, a cargo do folclorista Ático Vilas Boas da Mota e do escritor Modesto Gomes. Infelizmente, a transcrição está prejudicada em quase trinta por cento, bastante truncada, com sérios erros de revisão (Batista, 1976, p. 1).

A militância do geopoeta pela preservação da literatura de cordel ia além das publicações nos jornais. Neste artigo Paulo Nunes Batista relatou um episódio de participação em um congresso de trovadores ocorrido no ano de 1960, no qual ele, juntamente com outros cordelistas, buscavam reconhecimento para a classe de escritores de livretos, que se viam, à época, menosprezados no cenário da poesia popular, além de expressarem certo receio de que o cordel, em seu formato de livretos baratos, estaria com os dias contados, em virtude da ampliação dos meios de comunicação, como o rádio, bem como diante encarecimento do custo das publicações de folhetos pelas gráficas.

> Em 5-5-1960, no artigo O NOSSO PRÓXIMO CONGRESSO, DOS TROVADORES, estampado em "O Anápolis", eu dizia: 'Talvez pareça muito arrojo pretender colocar o trovador acima do que sempre foi: um pária das letras; o mais pobre de todos os artistas populares, embora dispondo de grande público; ignorado, esquecido e menosprezado pelos "donos da arte"... Mas arrojo não nos falta e, se apoio encontrarmos entre os nossos irmãos da arte, lá, na capital econômica do Brasil, em setembro que aí vem, apresentaremos um plano de ação para a elevação da classe trovadoresca, situando-a em seu legítimo lugar no cenário da arte nacional. O congresso referido era o 1º Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, realizado em São Paulo, capital, de 1 a 7 de setembro daquele ano (1960) e ainda não tinha ocorrido a cisão entre os poetas trovadores (autores de TROVA), liderados por Luiz Otávio, e os trovadores-poetas (autores de folhetos de cordel), encabeçados por Rodolfo Coelho Cavalcante. Atualmente, no Brasil, por trovador entende-se aquele que escreve trovas (composição poética de quatro versos, com sete sílabas métricas cada linha, rimando pelo menos a segunda com a quarta linha e com sentido

> completo), enquanto o poeta popular escritor de livrinhos rimados (folhetos de cordel) autor de estórias, abecês, pelejas, etc. que emprega geralmente a sextilha e a setilha em suas composições poéticas é denominado poeta popular, folhetistas, autor de cordel, cordelista, etc. A briga entre os eruditos trovadores e os semi-letrados rimadores de cordel teve seu lado positivo: serviu de divisor de águas, dando a cada um o seu nome certo, sem prejuízo, aliás, para ninguém. Quanto às nossas ótimas intenções, expressas no trecho extraído daquele nosso artigo citado linhas cima, foram todas por águas abaixo: o poeta popular escritor de folhetos está em plena decadência e vai desaparecer por completo do cenário cultural brasileiro... (Batista, 1976, p. 1).

Prosseguindo, apresentou um interessante relato de um cordelista recifense atuante da época, João José da Silva, que teve uma fase de viver da venda de folhetos, mas que apresentava naquelas circunstâncias as dificuldades pelas quais, na década de 1970, já se configuravam como empecilhos para a sobrevivência por meio de sua arte dos poetas cordelistas. Dentre os aspectos levantados pelo poeta à época estavam o alto valor do transporte para exportar folhetos para outros estados, além do início da cobrança de impostos sobre a comercialização dos mesmos: "Se inventou cobrar imposto de vendas e consignações igualmente a outras indústrias..." (Batista, 1976, p. 2). O relato de João José da Silva prossegue na linha de que o alto custo da produção e os impostos cobrados levariam ao desaparecimento da literatura de cordel em seu formato de folheto artesanal:

> A figura da pessoa do folheteiro me parece indispensável, uma necessidade. MAS VAI DESAPARECER (grifo meu) com tanto imposto, com tanto chão cobrados pelas prefeituras, com tantas multas... Tenho muita pena de trair a poesia, de procurar outro rumo. Fui feliz com ela, não posso me queixar, devo muito à poesia. A casa que eu tenho, e o resto, abaixo de Deus foi a poesia que me deu. Note uma coisa: jornal faz muita falta, é artigo de primeira necessidade. O culpado principal de tudo é o custo de vida. Não sobra tostão para se ir juntando e comprar folheto. Outro culpado é o preço do material de impressão. E ainda há o desapoio das autoridades, cobrando imposto igual ao de outras indústrias mais rendosas (1976, p. 2).

Ao passo em que para o poeta popular de folhetos artesanais o custo elevado dificultava a continuidade da profissão, por outro lado os estudiosos já apontavam para uma tendência à elitização do folheto, com impressões mais sofisticadas feitas por grandes gráficas da região Sudeste do país, conforme destacou o folheteiro Nunes Batista, citando um trabalho de pesquisa realizado por Archibaldo Figueira e José Luiz Salles, publicado no ano de 1975 no periódico *Correio Braziliense*, no qual houve a seguinte afirmação desses autores:

> Se examinarmos a questão do desaparecimento do cordel apenas considerando a sinceridade do cantador e editor João José da Silva, e lembrando a já imensa quantidade de rádios de pilha que invade o meio rural, ou que mesmo em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo surgem folhetos como O MOMENTOSO CASO LOU, assinado por Álvaro Armando e Pedro Cantador, possivelmente pseudo-poetas populares, composto e impresso por uma das maiores gráficas cariocas e distribuído por Fernando Chinaglia, seremos fatalmente compelidos a afirmar que até mesmo a tecnologia trama contra o cordel (1976, p. 3).

Décadas mais tarde assistiu-se não ao desaparecimento do cordel, mas à sua ressignificação. O gênero adequou-se às novas tecnologia, ocupou espaços antes não ocupados, como as livrarias, as bancas de jornais e revistas das grandes cidades, ganhou as mídias digitais, foi adaptado para outras linguagens, como a televisão, o teatro e o cinema. A preocupação expressa por Paulo Nunes Batista, sobre a decadência do livreto de cordel em seu formato artesanal foi válida, pois de fato ocorreu uma redução na sua propagação, embora o formato ainda resista, sendo comercializado em diversas regiões do país, convivendo harmonicamente com as demais configurações atribuídas ao gênero literário cordel ao longo das décadas.

Certamente este folheteiro presenciou parte desta evolução da literatura de cordel até o ano de seu falecimento, em 2019, possivelmente encarando-a a contragosto, já que atuava como defensor ferrenho da tradição, primando pelo cordel artesanal e pela poesia feita pelo povo e para o povo, representada pelos folhetos simples, de produção independente e impressão barata: a poesia rimada da rua, composta, vendida e lida nos locais nos quais circulava e ainda circula a população de massa, sendo fonte de entretenimento e informação pelos cantos do Brasil: “mais do que nunca esse folheto artesanal é um veículo de comunicação de massa, o qual, ao atingir as grandes cidades, não apenas vai reconquistando o público imigrante do interior, como também obtendo novos adeptos” (1975, p. 2). Ainda no segundo artigo da série “Cordel em Goiás”, o geopoeta apresentou a seguinte provocação:

> Ora, se o cordel está morrendo lá no seu próprio berço e reinado – o Nordeste – como o denuncia João José da Silva, um dos seus mais genuínos representantes, em Goiás – onde apenas vingou por transplante e por um período relativamente curto – já está morto e sepultado, há anos... Quem, presentemente, publica folhetos em versos populares em terras goianas? Que eu saiba, ninguém. O último folhetista (ou folheteiro) que fez da poesia popular, meio de vida, em Goiás, faleceu (quase de esmolas) em dezembro de 1972, em Anápolis. Deixou mais de uma dúzia de folhetos (dos quais possuo apenas 8, em meu arquivo) e é dele que falaremos a seguir (Batista, 1976, p. 3).

Referindo-se a Napoleão Gomes Ferreira, Paulo Nunes Batista registra resumidamente a trajetória deste poeta popular de origem maranhense, que migrou para Goiás

e por aqui editou todos os seus folhetos, vendendo-os pelos espaços populares de Anápolis, conforme registrou Paulo: "Conheci o velho Napoleão, que era diabético e teve uma perna amputada, vendendo seus folhetos numa cadeira de rodas, na Estação Rodoviária de Anápolis, em 1969" (Batista, 1976, p. 3). A trajetória sofrida parece ser um fator comum aos poetas populares contemporâneos do geopoeta Paulo Nunes Batista, tendo a maioria deles um final de vida marcado pela pobreza.

No quarto artigo da séria "Cordel em Goiás", publicado em 18 de abril de 1976 no jornal *O Popular* (ANEXO IX), Paulo Nunes Batista deu sequência ao tom crítico e provocativo em relação às mudanças nas formas de edição e venda de folhetos de cordel. Desta vez o geopoeta-cordelista trouxe a discussão sobre os direitos autorais dos folhetos, que passaram a ser adquiridos na década de 1950 por gráficas e editoras, sendo uma das mais atuantes no ramo a antiga editora e gráfica Prelúdio, de São Paulo, fundada em 1952 e que na década de 1970 passou a se chamar Editora Luzeiro, a qual segue publicando e comercializando folhetos de diversos poetas populares até os dias atuais. Para o geopoeta-cordelista paraibano-goiano, a Prelúdio contribuiu para a decadência dos folhetos artesanais, já que, após os poetas venderem a ela os direitos sobre suas obras, ficavam impedidos de voltar a imprimi-los e/ou comercializá-los, passando o direito de venda e o lucro a serem detidos exclusivamente pela empresa: "Assim, por qualquer tutaméia, eu e muitos outros cordelistas nordestinos fomos alienando a nossa obra, o que de melhor havíamos composto em versos ao gosto do povo até então" (Batista, 1976, p. 2).

A indignação expressa por Batista no artigo se deu tanto pelo preço ínfimo pelo qual os poetas populares vendiam os direitos autorais à Prelúdio, com cláusulas vitalícias que alienavam a obra e retirava qualquer possibilidade dos autores poderem reeditá-las, como também pelo fato de que, muitas vezes, a editora adquiria as obras e não chegava a publicá-las, ficando muitas composições perdidas no esquecimento, como ele relatou ter acontecido com alguns de seus folhetos, exemplificando com o caso de um sob o título de *A História do Índio Afonso*, folheto de 64 páginas, inspirado no romance *O índio Afonso*, de Bernardo Guimarães, o qual foi adquirido pela referida editora Prelúdio, mas nunca chegou a ser publicado.

Outro fator relevante pontuado pelo geopoeta neste quarto artigo da série "Cordel em Goiás" é o relato de que muitos folcloristas não viam com bons olhos as edições de folhetos da Prelúdio, evitando incluí-los nas listagens enciclopédicas, provavelmente como forma de protesto, ou por considerarem que as edições impressas pela editora descaracterizavam a essência do cordel. Postura sobre a qual Paulo Nunes afirmou não concordar, por entender que

a literatura de cordel não poderia ser pautada pelo aspecto da capa ou da qualidade do papel no qual viria impresso, assim declarando:

> Existe, aliás, uma generalizada má vontade da parte de muitos folcloristas, em incluir as edições Prelúdio no rol dos folhetos de cordel. Não vejo, contudo, razão para isso e no próximo trabalho desta série, pretendo defender este meu ponto de vista, provando que, literatura de cordel é, sobretudo, contudo, a temática versada, o jeito de poetar, a construção e disposição das estrofes, a linguagem típica empregada pelo escritor popular, sendo, o aspecto exterior do folheto irrelevante, totalmente secundário para caracterizar a estória, a peleja, o abc (Batista, 1976, p. 4).

Com essa declaração, Paulo Nunes Batista trouxe um conceito de literatura de cordel que abre margem para a afirmação de que a preocupação latente dele e de seus contemporâneos era sobre o fim da profissão de folheteiro, pois havia um entendimento de que o gênero cordel é algo maior, que aceitaria novas configurações. Em 1990 o geopoeta-cordelista voltou a afirmar, desta vez para o *Jornal da Paraíba*, que a literatura de cordel estaria fadada a desaparecer, novamente colocando em pauta as dificuldades enfrentadas pelos cordelistas-folheteiros:

> O folheto de Cordel tem que ser vendido a um preço baixo, no entanto, não dá condições para os escritores publicarem, levando em conta os preços exorbitantes de sua publicação. Eu mesmo, há cinco anos não publico meus trabalhos em Goiás, por falta de público e, principalmente, o alto custo gráfico. Por isso, afirmo: o cordel está fadado a morrer, como morreram outras culturas, a exemplo do bumba-meu-boi, dança de côco e o caboclinho. (Batista, 1990, p. 6).

Outro ponto forte do quarto artigo da série do *O Popular* é a afirmação que o geopoeta-cordelista paraibano-goiano fez acerca da existência de cordel em Goiás: "existe literatura de cordel em Goiás, obras aqui escritas e publicadas, transpõem as fronteiras goianas e são lidas, colecionadas, referidas em estudos, artigos, revistas, livros de folclore" (Batista, 1976, p. 4). Afirmação que vem ao encontro de uma das questões motivadoras deste estudo, quando se iniciaram as pesquisas, ainda como projeto de pesquisa com bolsa PIBIC de Ensino Médio, no ano de 2018, no qual a pergunta de pesquisa era exatamente essa: há literatura de cordel em Goiás? Encontrar essa resposta positiva dada em 1976, por um dos maiores cordelistas de origem nordestina radicado em Goiás, que estudou intensamente, produziu, registrou e defendeu a literatura de cordel com tamanho empenho, conforme é possível perceber nos três artigos apresentados, é validar este estudo, com a expectativa de que este represente também um resgate dessa memória tão importante para a cultura goiana. Infelizmente não foi

possível acessar os demais artigos da série "Cordel em Goiás" (a redação do jornal *O Popular* não pode fornecê-los), os quais, certamente, carregam um registro histórico importantíssimo sobre a cultura e a literatura popular do estado. No entanto, os três textos aqui citados e analisados permitem dar ênfase à grandeza com que o geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista se utilizou da vertente jornalística para militar em prol da preservação do cordel.

Mesmo diante da desesperança em relação à continuidade da tradição do folheto de feira, o cordelista que tanto militou pelos cantadores brasileiros pode ter a alegria de presenciar o reconhecimento da profissão de repentista, ocorrida em 25 de novembro de 2009, pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O projeto de lei aprovado definiu como repentista quem usa o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, com composição feita de imediato ou pelo recolhimento de composições de origem anônima ou da tradição popular, englobando, desta forma, os cantadores e violeiros improvisadores, os emboladores e cantadores de coco, os poetas repentistas e os cantadores declamadores de causos da cultura popular, bem como os escritores da literatura de cordel. Paulo Nunes Batista esteve presente na aprovação, e guardou em seus arquivos um recorte do Jornal da ULA – União Literária Anapolina, no qual o feito foi noticiado e contendo os versos que ele compôs, no improviso, para a ocasião:

> O cantador Repentista
> e o Poeta de Cordel,
> o Coquista, o Glosador,
> cada um é menestrel.
> São hoje reconhecidos:
> a Lei está no papel.
>
> Não havia, no Brasil,
> profissão de Cantador
> reconhecida por Lei –
> apesar do seu valor:
> agora, é Profissional,
> em todo canto aonde for.
>
> Leandro Gomes de Barros
> e o velho Chagas Batista
> batem palmas, lá do céu:
> o Poeta Cordelista
> é hoje um profissional,
> em todo ponto de vista.
>
> E eu, um poeta do Povo
> há 70 anos, já,
> vim aplaudir essa Lei,

> que realizada está.
> Dos que vivem da Poesia
> do Cantador, no seu Dia,
> o Brasil se Lembrará (Batista, 2009).

Paulo Nunes Batista militou muito pelo reconhecimento dos repentistas e pela liberdade de poderem realizar sua arte livremente. Em 1958 ele já denunciava a perseguição pela qual esses artistas passavam: "eles nos julgam camelôs; agem conosco da mesma maneira com que perseguem os camelôs", declaração dada ao jornal *Diário de Notícias*, da Paraíba, em reportagem intitulada "Liberdade para os trovadores e violeiros!", assinada por Eneida, na qual se discutia a situação de opressão aos artistas populares da região:

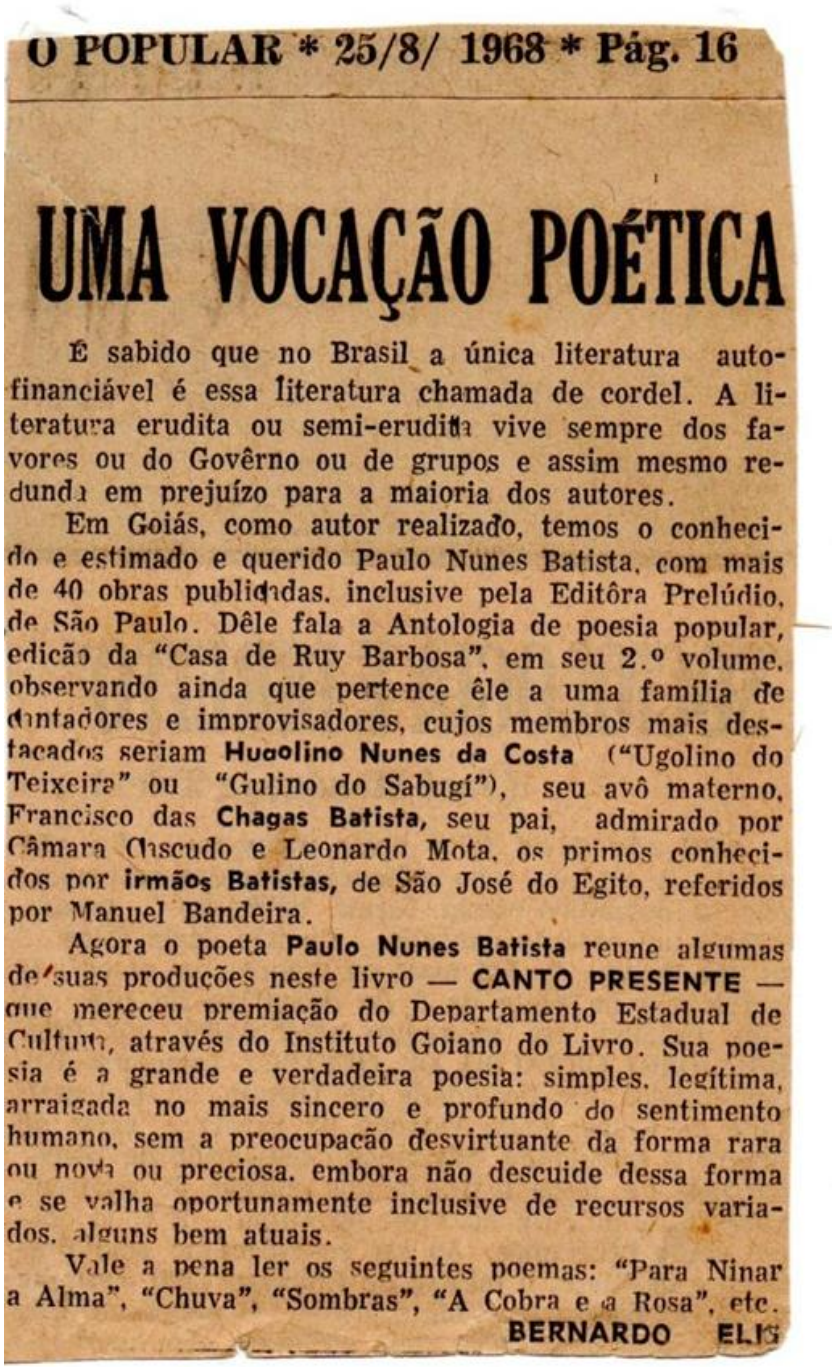
> Tipos populares é fácil encontrá-los nas feiras nordestinas com seus galopes à beira mar, seus martelos, suas improvisações. Nas praças de Recife e Salvador espalham seus livros pelo chão e vão contando-os e vendendo-os. São parte viva de nosso folclore, os trovadores e violeiros do Nordeste. A fome, a miséria, as secas, tudo isso está fazendo com que alguns deixem suas terras e venham para esta cidade. Aqui chegando se espantam: não lhes é permitido nenhuma exibição pública. Não podem vender seus livrinhos nem cantar seus versos. Se por acaso tentam fazê-lo, o "rapa" vem, levando o fruto de seus trabalhos (Eneida, 1958, p. 2).

Mais adiante, na mesma reportagem, a declaração de Paulo Nunes Batista, em defesa da liberdade dos artistas populares assim se deu:

> O que nós precisamos, diz Paulo Batista, é ter licença de ambulantes, e é o que já pedimos ao prefeito através do dr. Maciel Pinheiro. Não é possível que os nossos trovadores e violeiros sejam proibidos de vender seus "produtos". Sempre viveram de cantar, é, portanto, mais do que natural que, mesmo na Metrópole, esse direito lhes seja assegurado. A Prefeitura permite que as baianas fiquem nas ruas com suas mercadorias porque são uma tradição brasileira. Os trovadores e violeiros também são tradição. É natural, portanto, que o dr. Negrão de Lima lhes conceda o direito de cantar, tocar e vender seus folhetos (1958, p. 2).

Algumas décadas depois foi possível ao geopoeta presenciar a regulamentação da profissão dos repentistas, após tanta luta dele e de outros poetas populares. Voltando aos recortes presentes no arquivo, destaca-se outro, do jornal *O Popular* de 25 de agosto de 1968, escrito pelo renomado autor goiano Bernardo Élis:

Figura 2: recorte do Jornal *O Popular*



O POPULAR * 25/8/ 1968 * Pág. 16

UMA VOCAÇÃO POÉTICA

É sabido que no Brasil a única literatura autofinanciável é essa literatura chamada de cordel. A literatura erudita ou semi-erudita vive sempre dos favores ou do Govêrno ou de grupos e assim mesmo redunda em prejuízo para a maioria dos autores.

Em Goiás, como autor realizado, temos o conhecido e estimado e querido Paulo Nunes Batista, com mais de 40 obras publicadas, inclusive pela Editôra Prelúdio, de São Paulo. Dêle fala a Antologia de poesia popular, edição da "Casa de Ruy Barbosa", em seu 2.º volume, observando ainda que pertence êle a uma família de cantadores e improvisadores, cujos membros mais destacados seriam **Hugolino Nunes da Costa** ("Ugolino do Teixeira" ou "Gulino do Sabugí"), seu avô materno, Francisco das **Chagas Batista,** seu pai, admirado por Câmara Cascudo e Leonardo Mota, os primos conhecidos por **irmãos Batistas,** de São José do Egito, referidos por Manuel Bandeira.

Agora o poeta **Paulo Nunes Batista** reune algumas de suas produções neste livro — **CANTO PRESENTE** — que mereceu premiação do Departamento Estadual de Cultura, através do Instituto Goiano do Livro. Sua poesia é a grande e verdadeira poesia: simples, legítima, arraigada no mais sincero e profundo do sentimento humano, sem a preocupação desvirtuante da forma rara ou nova ou preciosa, embora não descuide dessa forma e se valha oportunamente inclusive de recursos variados, alguns bem atuais.

Vale a pena ler os seguintes poemas: "Para Ninar a Alma", "Chuva", "Sombras", "A Cobra e a Rosa", etc.

BERNARDO ELIS

Fonte: acervo pessoal de Paulo Nunes Batista

Iniciando com a consideração de que os altos custos para publicação literária no Brasil atingiam muito mais os escritores de vertente erudita, Bernardo Élis, no curto texto acima, datado do ano de 1968, considera que a literatura de cordel, à época, ainda era "autofinanciável". Dado que Paulo Nunes Batista viria a contestar e provar o contrário alguns

poucos anos depois – em meados da década seguinte, conforme foi possível apreender linhas acima. Seguindo na perspectiva de sucesso dos folheteiros, Élis elogia Paulo Nunes Batista pela realização por meio da literatura de cordel e ressalta suas origens familiares de cantadores e improvisadores. O objetivo maior do texto era o de realizar uma breve resenha do livro *Canto Presente* (1969), primeiro livro de poesia erudita publicado por Paulo Nunes Batista, que o publicou com recursos públicos, tendo sido premiado pelo Departamento Estadual de Cultura, no qual o geopoeta reuniu uma seleção muito dileta de seus escritos poéticos. Élis classificou a poética contida no livro de poesias *Canto Presente* como "grande e verdadeira poesia: simples, legítima, arraigada no mais sincero e profundo do sentimento humano". O interessante deste pequeno texto escrito por Bernardo Élis é que ele traz uma característica que viria a se repetir em diversos outros escritos a respeito do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista: ao se falar de sua poesia erudita, ressalta-se a sua veia de poeta popular.

Em artigo publicado no caderno "Opção Cultural" do *Jornal Opção,* de Goiânia, em junho de 1997, intitulado "Uma voz humanista na literatura brasileira", a professora e crítica literária da USP Nelly Novaes Coelho assim define o poeta paraibano-goiano:

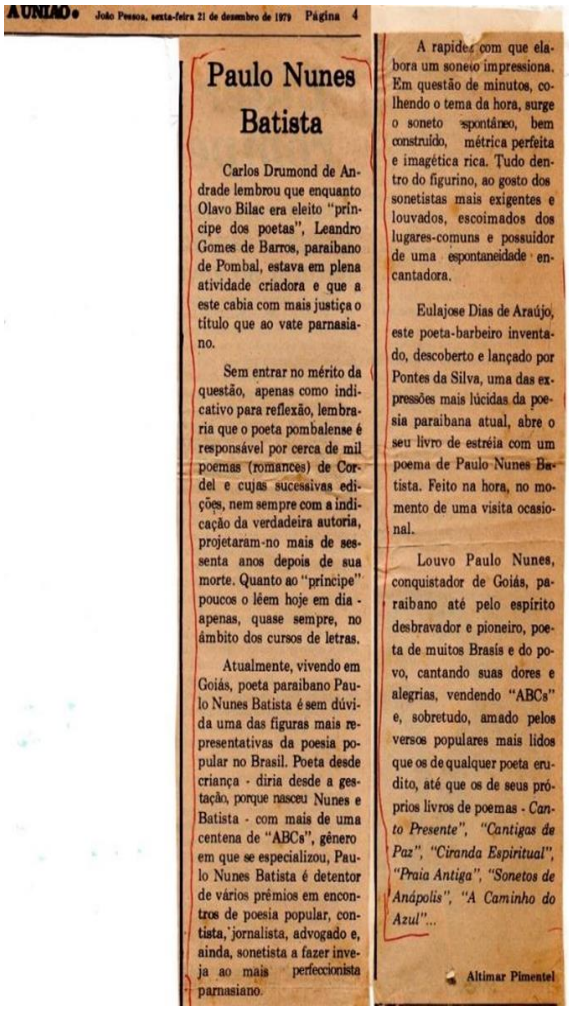
> Cordelista, consagrado como dos mais afamados do Brasil (filho, neto e bisneto de renomados cantadores nordestinos), Paulo Nunes Batista não se limitou à produção das dezenas de folhetos de cordel que (ele mesmo compondo, editando e vendendo em praças, feiras e festas) hoje pertencem à memória do povo e, em grande número, já pertencem também à memória histórica, registrada em antologias e coletâneas de poesia popular (como as organizadas por Gonçalo Ferreira da Silva, Sebastião Nunes Batista e outros). Paraibano por nascimento, goiano por adoção, trovador, cronista, contista, jornalista e bacharel de Direito, entre outros muitos "fazeres", e principalmente viajor incansável para semear poesia, Paulo Nunes Batista, neste meio século de jornadear, simultaneamente à invenção dos populares abecês e cordéis, que fazem o encanto do povo, vem se dedicando também à poesia de húmus espiritualista e a outros gêneros como a crônica, a resenha literária, o conto, o ensaio e, inclusive, a pesquisa... Paulo Nunes Batista, poeta humanista, é uma dessas vozes que tentam "acender uma vela" em lugar de "amaldiçoar a escuridão". Se cada homem acendesse a sua... (Coelho, 1997, p. 8).

Novaes publicou o referido texto para resenhar o livro de poesias *O Sal do Tempo* (1996), mas não se limita a tratar da vertente erudita, pelo contrário, a coloca como sendo um desafio, por representar, na escrita de Paulo Nunes Batista, "uma espécie de limiar entre o popular e o culto", destacando a versatilidade intelectual e literária de Paulo Nunes Batista, além de pontuar uma das características do geopoeta-cordelista: a do viajante incansável que semeia poesia pelos cantos onde passa. Maria do Socorro Cardoso Xavier, professora

aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também deu destaque à versatilidade do autor, em texto publicado na página virtual *Jornal de Poesia*, em agosto de 2021, assim o descrevendo: "Seus versos, seus poemas polissêmicos, cujos cantos ecoam em ritmo de autêntico nordestino, que peregrinou sonhos tão estrelados e hoje é uma estrela maior da constelação poética. É popular e erudito, brilha em ambas as modalidades".

Em periódicos da Paraíba também foram publicados textos destacando o perfil poético do geopoeta-cordelista paraibano-goiano, como nesse recorte aqui reproduzido de seu arquivo, publicado no jornal *A União*, de dezembro de 1979:

Figura 3: recorte do jornal *A União*



A UNIÃO • João Pessoa, sexta-feira 21 de dezembro de 1979 Página 4

Paulo Nunes Batista

Carlos Drumond de Andrade lembrou que enquanto Olavo Bilac era eleito "príncipe dos poetas", Leandro Gomes de Barros, paraibano de Pombal, estava em plena atividade criadora e que a este cabia com mais justiça o título que ao vate parnasiano.

Sem entrar no mérito da questão, apenas como indicativo para reflexão, lembraria que o poeta pombalense é responsável por cerca de mil poemas (romances) de Cordel e cujas sucessivas edições, nem sempre com a indicação da verdadeira autoria, projetaram-no mais de sessenta anos depois de sua morte. Quanto ao "príncipe" poucos o léem hoje em dia - apenas, quase sempre, no âmbito dos cursos de letras.

Atualmente, vivendo em Goiás, poeta paraibano Paulo Nunes Batista é sem dúvida uma das figuras mais representativas da poesia popular no Brasil. Poeta desde criança - diria desde a gestação, porque nasceu Nunes e Batista - com mais de uma centena de "ABCs", gênero em que se especializou, Paulo Nunes Batista é detentor de vários prêmios em encontros de poesia popular, contista, jornalista, advogado e, ainda, sonetista a fazer inveja ao mais perfeccionista parnasiano.

A rapidez com que elabora um soneto impressiona. Em questão de minutos, colhendo o tema da hora, surge o soneto espontâneo, bem construído, métrica perfeita e imagética rica. Tudo dentro do figurino, ao gosto dos sonetistas mais exigentes e louvados, escoimados dos lugares-comuns e possuidor de uma espontaneidade encantadora.

Eulajose Dias de Araújo, este poeta-barbeiro inventado, descoberto e lançado por Pontes da Silva, uma das expressões mais lúcidas da poesia paraibana atual, abre o seu livro de estréia com um poema de Paulo Nunes Batista. Feito na hora, no momento de uma visita ocasional.

Louvo Paulo Nunes, conquistador de Goiás, paraibano até pelo espírito desbravador e pioneiro, poeta de muitos Brasís e do povo, cantando suas dores e alegrias, vendendo "ABCs" e, sobretudo, amado pelos versos populares mais lidos que os de qualquer poeta erudito, até que os de seus próprios livros de poemas - *Canto Presente", "Cantigas de Paz", "Ciranda Espiritual", "Praia Antiga", "Sonetos de Anápolis", "A Caminho do Azul"*...

Altimar Pimentel

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Seguindo o mesmo roteiro dos demais críticos, Altimar Pimentel dá destaque às origens de Paulo Nunes Batista e destaca sua potência como poeta popular, caracterizando-o

como um “poeta de muitos Brasis e do povo, cantando suas dores e alegrias, vendendo ‘ABCs’ e, sobretudo, amado pelos versos populares mais lidos que os de qualquer poeta erudito, até que os de seus próprios livros de poemas”.

Além de defender a literatura de cordel nos jornais para os quais escrevia, o geopoeta-cordelista paraibano-goiano também se valia dos versos feitos no improviso, divulgados em diversos meios, como cartas e mensagens endereçadas àqueles aos quais julgava ser importante marcar o espaço da cultura popular de Goiás, como é possível identificar em diversas notas, a exemplo da carta-poema com um breve recado, enviada ao radialista e professor Álvaro Catelán, no ano de 1987, a seguir transcrita:

SAUDANDO OS “CANTOS DA TERRA”
NOS “RECANTOS DE GOIÁS”

Paulo Nunes Batista

A Rádio Brasil Central,
domingo, às 10 da manhã,
nos traz nos “Cantos da Terra”
a mão terna, a Voz irmã
dos “Re’Cantos de Goiás”...
Brasil que sertão se faz
com Álvaro Catelán...

É a “Educação para o Povo”
na Rádio Brasil Central
religando o velho e o novo
num programa cultural
tal como o Povo o deseja:
é a música sertaneja –
Som do Brasil musical...

É a alma nacional –
é essa música-raiz
que nos fala ao coração
e os sentimentos nos diz:
nossas almas ficam em Roda
do rádio, escutando a Moda
na Viola do País...

Ali se trata de tudo
de cultura popular –
de benzeções, de crendices,
do dançar e do cantar,
do jeito de ser da gente...:
é um verdadeiro presente
pra divertir e educar!...

O Professor Catelán
nos dá sonoras lições –
belas aulas de Brasil
coloridas de canções:
quando o Programa se encerra
nos ficam os "Cantos da Terra"
en'cantando os corações...

Parabéns pelos "Re'cantos
de Goiás", ao Catelán –
Professor e homem de rádio
de quem há tempos sou fã –
deste ouvinte pontual
da Rádio Brasil Central
domingo, às 10 da manhã!...

Anápolis, 20/09/87

Ilustre e distinto amigo Professor Álvaro Catelán, ouvindo hoje o seu excelente programa radiofônico, improvisei as seis sextilhas acima, que mando pelo meu filho Eraldo, seu aluno. Sou-lhe gratíssimo pela referência ao meu nome. Outro dia também o Hamilton Carneiro se referiu a mim no "Frutos da Terra". Faço poesia popular (cordel) em Goiás há mais de 38 anos e já escrevi e editei mais de 120 obras, entre folhetos, folhas volantes e livros. Trouxe o 1º prêmio nacional de cordel para Goiás, em 1978. Sou citado até na Grande Enciclopédia Delta-Larousse (vol. 4, verbete cordel (Literatura de Cordel), além de constar, com nome e trabalhos, no "Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada", na "Biblioteca Paraibana" e várias antologias e outros livros, do País. Mas o meu caro amigo Bariani Ortêncio em seu maciço "Dicionário do Brasil Central" sequer mencionou a palavra cordel... Elitismo besta ou ignorância? Acredite na Amizade do ouvinte, leitor, aluno e Admirador. P.S. Só do gênero ABC sou autor de mais de 160 trabalhos, maior parte inéditos. Por que vocês não divulgam mais o cordel em Goiás? É cultura popular! (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Na carta-poema endereçada ao professor e radialista Álvaro Catelán, Paulo Nunes Batista tece elogios ao programa de rádio "Cantos da Terra", expressando admiração pela divulgação que ele realizava da cultura popular goiana, reafirmando sua função educativa. No entanto, após o elogio contido nos versos, o geopoeta-cordelista deixou o seu recado de indignação em relação ao pouco espaço dado à época à literatura de cordel nos veículos de divulgação cultural goianos, sobretudo no rádio e na televisão. Agradecendo a menção ao seu nome como cordelista por Catelán e por Hamilton Carneiro, outra figura importante da mídia televisiva goiana que divulgou por muitos anos a cultura popular e sertaneja por meio do programa "Frutos da Terra", o geopoeta, em tom provocativo e questionador, mencionou a falta de consideração com o cordel por alguns estudiosos e divulgadores da cultura goiana. Citando

Bariani Ortêncio, estudioso do folclore goiano e escritor, o geopoeta paraibano-goiano fez o questionamento: “Elitismo besta ou ignorância?”, fechando com a pergunta direta: “Por que vocês não divulgam mais o cordel em Goiás? É cultura popular”.

Conclui-se, a partir da análise dos textos apresentados, que a vertente de poeta popular de Paulo Nunes Batista não se limitou ao fazer poético: ela foi uma voz atuante em prol da cultura cordelista, primando pela valorização dos poetas, cantadores e repentistas e, principalmente, pela inserção da literatura de cordel nos meandros culturais do Brasil. Como um geopoeta militante, lutou para que a geopoesia cordelista goiana tivesse seu lugar de valor, por ter consciência do teor histórico-cultural que os artistas populares carregavam e carregam em seu versejar.

O geopoeta também é crítico literário

Paulo Nunes Batista exercitou a crítica literária em muitos dos seus textos publicados em jornais e revistas, a exemplo do texto abaixo, publicado em 22 de fevereiro de 1970, no caderno “Suplemento Literário” do jornal goiano *O Popular*:

> **Rememórias**
> Paulo Nunes Batista
>
> O Regionalismo ficou engrandecido, no Brasil, com êste “REMEMÓRIAS DOIS” do Carmo Bernardes. Consistente, sem fôfas frases de efeito, obra de profissional das letras (Carmo vive de escrever), vai ficar, não: já ficou. É caso da gente perguntar se José Veríssimo, com “Cenas da Vida Amazôniza” - do Pará -, ou Simões Lopes Neto, com “Lendas do Sul” - do Rio Grande -; Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Amando Fontes e outros, - do Nordeste -, ou Afonso Arinos, com “Pelo Sertão” (aquêle inesquecível “Pedro Barqueiro”...), o medonho Guimarães Rosa, e todos os goianos de Hugo a Bernardo Élis (mesmo o gigantesco Bernardo de “A enxada”!), - ao Centro-Oeste -, perguntar se são melhores do que Carmo Bernardes em “Águas Vertentes”. Em “Águas Vertentes”, Carmo supera às vêzes até mesmo (linguagem, estilo, imaginação, poesia) autores dos melhores contos e novelas regionalistas dêste país. Faz, aí, o milagre (milagre?) de transpor para o papel a vida, a própria existência dos irmãos da roça, qual numa foto falante, num filme natural, infantasista - do jeito que é, tal qual deve ser. Aquilo mesmo. Antonino, Vicente Cariru, Alvarindo Bené, os Cordeiros, os Camundo, os jegues, polidoros (meganhas), o bôbo Ranulfo, o cascavel, Rosaura, os quase-gente Sebastião Soares, Floris e sua mulher, Antonio Sabino sanfoneiro e o vendeiro Matoso, Domício Baiano, Jeremias Queiroz, Vicente Mendanhai o moleque Polé, terras do Mataburro, Pari, Brejo, pinga, jôgo-de-buso, cigarros-de-palha, trabalhos, meação, conformismo dos oprimidos, arrogância dos opressores, tudo, tudo - êsse Brasil-do-latifúndio, de senhor feudal, pátria “idolarestrada” que as letras do Carmo Bernardes filmaram, com realismo máximo, na região de Patos de Minas. É jeitim que ali se fala, se labuta, se brinca,

> será, se apanha, se toma-dos-outros, se sofre, se véve e se estica-as-canela, cem-por-cento "águas vertentes"... No mais, "REMEMÓRIAS DOIS" é livro de verdades. A beleza de "De como perdi minhas égua", de tragicidade natural mais autêntica do que a de "O Bôto", de Veríssimo. O sabor descritivo da geografia à "Os Sertões", de Euclides, em "nas pedras-de-fogo". As lições de caça, zoologia, sei mais o quê, de "Conversa em tom de remo". O humor de estórias simples - dos filhotes de urubu; do Catão, que despachou, na mala, como encomenda pelo trem, o cadaverzinho da filha. "E qual é o homem que vence uma mulher quando ela desata o cordão da saia a falar?", como diz o Autor… Essas estórias do Carmo Bernardes têm o poder de deixar a gente mudo, tal qual ficamos diante de tudo o que é grande (Batista, 1970, p. 13).

Neste texto, encontrado como um recorte de jornal nos arquivos de Paulo Nunes Batista, o geopoeta exerce uma crítica elogiosa a respeito do livro *Rememórias Dois*, de Carmo Bernardes, publicado no ano de 1969. Carmo Bernardes foi um escritor regionalista nascido em Minas Gerais, radicado em Goiás desde a infância, que exerceu uma escrita geopoética impulsionada pelas suas vivências no campo e pela sua defesa da fauna e da flora do Cerrado. A resenha crítica escrita pelo geopoeta-cordelista exaltou essas nuances do escritor Carmo Bernarde ao compará-lo, com propriedade, a outros escritores regionalistas brasileiros, como Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, dentre outros, em um exercício crítico-geopoético que elevou o autor goiano ao merecido patamar dos autores com reconhecimento ampliado no cenário literário nacional. Tecendo elogios, Paulo Nunes Batista destacou as marcas de regionalismo contidas nas crônicas que compõem a obra, especialmente, destacando a potência imagética delas: "Faz aí o milagre (milagre?) de transpor para o papel a vida, a própria existência dos irmãos da roça, qual numa foto falante, num filme natural, infantasista".

Exercendo a crítica geopoética, ele ressaltou: "O sabor descritivo da geografia à *Os Sertões*, de Euclides, em 'Nas pedras-de-fogo'. As lições de caça, zoologia, sei mais o quê, de 'Conversa em tom de remo'. O humor de 'estórias simples'". Finalizando o texto crítico com a exaltação explícita do conterrâneo por adoção às goianidades, emitiu o parecer de que as estórias de Carmo Bernardes contidas em *Rememórias Dois* "têm o poder de deixar a gente mudo, tal qual ficamos diante de tudo o que é grande" (Batista, 1970, p. 13), percebe-se aqui uma crítica com intenção de exaltar o escritor Carmo Bernardes.

Empenhando-se no papel de crítico, nem sempre o tom adotado no ofício foi elogioso como se vê na resenha a respeito da obra de Carmo Bernardes. No texto a seguir transcrito, Paulo Nunes Batista demonstrou um tom de sinceridade não muito comum dentro do que se espera de uma resenha crítica a ser publicada em jornais:

Paulo Nunes Batista

> Juscelino Polonial, moço poeta, publica mais um livro, sob o título acima. O primeiro – "Unha e Carne" – em edição cooperativa com Hércules Ribeiro, foi estréia. Aliás, promissora. Juscelino caminhou, como era natural. Leu mais, escreveu e autocriticou-se. Aprendeu que pelo menos soneto é composição, artefato difícil de bolar. Mas não parou aí. Vem fixando-se e realizando-se mais no poema curto, simples, direto. Melhorou. Um dos melhores trabalhos desse novo conjunto de versos de J. Polonial é "Andarilho", onde abre com "Eu vou por aí / parecendo uma gota de orvalho / um poeta / gente". Polonial assenta sua poesia em dois pontos: o lírico e o social. Este, aliás, aspecto simpático e válido de suas produções. "Esta gente do capital é nociva / e tanto faz a morte / se o lucro é certo" ("Marginal"); "Descobri que economista / rima com dentista / no dia em que o meu dente doeu"; ("Muda"); "Há um menino / sem pão / sem mão / sem mãe / sem luz / com remela" ("Remela"); "Caminho sozinho / e os cristãos lotam as ruas / em cada esquina / vejo um homem mofando / e os cristãos continuam nas ruas / as bombas explodem / os meninos são obrigados a matar / o homens são engolidos pelo capital / e os cristãos se limitam a rezar" ("Apatia"). Um lado a superar em JP é a mania de rima. Isso atrapalha muito mais do que ajuda o poeta. Torna seu verso pobre, aqui e ali. A leitura frequente de Drummond, Nejar e Pessoa irá tirando aos poucos essa fraqueza do anapolino Juscelino. O poemeto "Reservas" é uma boa amostra do que Juscelino Polonial deve fazer sempre, enquanto que "Devoção" é exemplo do que jamais deveria ter feito. Posso estar sendo duro com o moço meu irmão de poesia, mas quero mesmo é dar u'a mão a ele. Porque vejo que esse jovem tem futuro. Há muito sentimento no que escreve, e – poesia – é sentimento mais mensagem mais imagística mais técnica. Essa "poesia cerebral", formalmente aperfeiçoada, mas vazia de vibrações sentimentais, nada me diz. Qualquer crítico exigente descobrirá defeitos grandes nesse volume "Canto Livre". O que me importa é descobrir o lado positivo do poeta. Ele tem muito ainda para caminhar. E caminhará, sem dúvida. Ou com suas dúvidas e sonhos, procuras e frustrações. Como todos nós, aliás. Anápolis, 24 de setembro/1986 (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Texto original presente nos arquivos acessados, não foi possível identificar se este foi publicado em algum veículo de comunicação. Reconhecendo uma postura crítica dura, o cordelista, também crítico e pensador de geopoesia, tentou imprimir ao texto uma atmosfera de auxílio e conselho ao poeta "moço" Juscelino Polonial, que seguiu publicando geopoesia goiana mesmo diante dessa análise não tão positiva escrita por Batista. Constam na biografia de Juscelino outras obras lançadas após à acima referida: "Todas as Poesias" (2003); "Anápolis nos Tempos da Poesia" (1996); "Terra do Anhanguera História de Goiás" (1998) e "Ensaios Sobre a História de Goiás" (2000). Certamente a dura crítica escrita pelo geopoeta paraibano-goiano não desestimulou o poeta Juscelino.

Outro texto crítico da mesma estirpe foi acessado nos arquivos originais de Paulo Nunes Batista, sob o título "Não gostei de 'Cheiro a Tabaco'". Neste texto, o geopoeta fez uma resenha crítica a respeito de um livro de poesias da autora anapolina Eva Martins de Moura Ribeiro. Não sendo a primeira obra da escritora a ser apreciada pelo geopoeta-crítico, como ele

mesmo relata ao longo deste, chegando a tecer alguns tímidos elogios às obras anteriores da poetisa. Se no texto a respeito do livro de Juscelino Polonial, Paulo Nunes Batista admitiu ter sido duro, neste sobre *Cheiro a Tabaco* ele demonstrou uma dureza ainda mais exacerbada. Sem pretender entrar no mérito da obra alvo da crítica, pois a mesma nem chegou a ser acessada para este fim, o intuito aqui é analisar o exercício da crítica, a partir do conteúdo do texto presente no arquivo, identificando as nuances com que o geopoeta se permitiu exercer essa vertente.

O texto foi iniciado com um tom negativo no qual o autor declarou que já não havia simpatia nem sequer pelo título da obra: "Do novo conjunto de versos de Eva Martins de Moura Ribeiro desgosto desde o título – "Cheiro a tabaco" – prosaico, para não dizer obsceno". Seguiu com um tom depreciativo e nada imparcial, ao julgar os temas presentes nos poemas com suas concepções políticas e religiosas, contra vícios e contra os agentes do capitalismo. O tom é tão depreciativo, que Paulo Nunes Batista chega a solicitar à poetisa que retire de um de seus poemas a referência a ele feita: "A propósito, pediria à minha (ainda) amiga Eva retirar desse texto a menção de meu nome, especialmente com a impropriedade do qualificativo "meu mestre em cordel". Além desse tom hostil em relação aos conteúdos dos poemas, Paulo Nunes Batista ainda realiza críticas severas para com a linguagem empregada pela autora: "cuidado, amiga, não misture tu com você, como muitos caetanos velosos fazem por aí. É incorreção gramatical, ignorância da língua, pois. Redigir corretamente não é favor – é obrigação de todos, poetas ou não".

Mesmo negando, a certa altura do texto, o tom moralista, é possível percebê-lo, quando Paulo Nunes Batista aconselha a autora a praticar a caridade, em razão de ter escrito um poema no qual menciona um quantitativo de quinze pares de sapatos na sapateira: "Um conselho: doe alguns desses calçados, mais usados, lá para a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal... E vai ver como se sentirá melhor, mais leve, menos propícia a vícios e mais desejosa de servir... É uma excelente receita: SERVIR".

Para não menosprezar a obra por completo, o crítico indicou a publicação de dois poemas, ambos com temática social-política, destacando alguns versos de um deles, "Poeminha irizado": "Eu espero que ele / não mude de lado / e de irizado que é / não vire um collorido...", em virtude da eleição de Íris Rezende ao governo de Goiás. No entanto, finaliza o texto crítico recomendando que o livro não seja publicado:

> Desta vez não foi feliz: se eu fosse ela não editaria, mesmo, este "Cheiro a tabaco", que deixa (muito) a desejar, de quem, em "A Gargantilha Azul", deu mostras de

> talento e força poética... com toda a franqueza e sinceridade que a nossa amizade permite. Como e por que enganá-la? Prefiro decepcioná-la, se for o caso, mas continuar honesto comigo mesmo, para sê-lo com os outros, custe-me o que custar-me. Como todos os perdões, do amigo, leitor e admirador agradecido. Anápolis, 16/02/1991 (Batista, arquivo de acervo pessoal).

Adepto à sinceridade para com seus princípios ideológicos, é possível concluir a partir desta breve análise da vertente de crítico literário de Paulo Nunes Batista que ao exercer a crítica ele não se preocupou em ser diplomático, amável ou gentil, pelo contrário, adotou um estilo crítico um tanto polêmico, o qual demonstrou que não se importaria de perder a amizade caso o autor criticado ficasse ofendido com as duras e sinceras palavras. Modo polêmico encontrado não apenas nos artigos, mas também em alguns de seus versos, como nos a seguir transcritos:

> REPENTES DE DESABAFO
>
> Senhor Luiz Eduardo,
> Iara, Dina e Amaral:
> Perdoem se lhes mostro as falhas
> Desse VIIIº Festival
> De Laranjeiras, que quase
> Terminava muito mal...
>
> Sinésio saiu com raiva
> Eu saí contrariado.
> Elias A. de Carvalho
> Foi o mais prejudicado...
> Fatos assim como estes
> Só depõem contra o Estado...
>
> Vim de Goiás pra assistir
> à tal inauguração
> de um busto feito em memória
> do mano Sebastião:
> nem sequer o nome dele
> constou da programação!
>
> O tal busto virou placa,
> com erros desde o começo,
> feita com material
> frágil, do tipo de gessos
> sem o nome do emplacado...
> tudo feito pelo avesso...
>
> Pois inauguraram a placa
> antes da inauguração,

sem qualquer solenidade
descobriram a bicha, então...
sinceramente, humilharam
o pobre Sebastião!

Marcaram vários horários
nenhum dos quais se cumpriu.
O folclorista Altimar,
que de Brasília saiu,
de tanto esperar, cansou-se...
finalmente desistiu...

Talvez vocês nem conheçam
esse Altimar Pimentel,
nosso sobrinho, escritor,
pesquisador de cordel,
teatrólogo com prêmios,
homem ao seu povo fiel...

Depois de tudo, no hotel,
a mim e ao poeta Elias
trataram com pouco caso,
humilhações, ironias,
cobrando até sobremesas...
nos roubando economias...

Do governo de Sergipe
sendo eu um convidado,
com as despesas do hotel
todas por conta do Estado,
me cobrarem as sobremesas
foi isto um gesto safado.

Quase sete mil cruzeiros
desembolsamos, os dois,
pelos sucos que tomamos
ou pelo pudim de arroz:
nos passaram mel na boca
meteram os ferros, depois...
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

Arquivo presente no acervo acessado - um original datilografado, sem data, provavelmente escrito há mais de quarenta anos, tendo em vista que o "Festival de Laranjeiras" nele referido teve sua quadragésima-oitava edição no ano de 2022, conforme pesquisa realizada nas bases da *Internet*[8]. Festival realizado há quase meio século no município de Laranjeiras, estado de Sergipe, configura-se como um evento cultural que reúne apresentações, shows e demais atividades que mobilizam a cidade, a região e o turismo. Pelo registro contido no

[8] Fonte: https://laranjeiras.se.gov.br/xlviii-encontro-cultural (Acesso em 20 Dez. 2023).

repente, a passagem do geopoeta-cordelista paraibano-goiano pelo Festival de Laranjeiras não foi muito aprazível, pois nos versos acima estão registradas algumas insatisfações vivenciadas, desde questões relativas à programação e organização do evento, até à hospitalidade encontrada na cidade. Também não há registro de que tenha sido publicado, mas o texto exprime a vertente do geopoeta de desabafar e expressar, por meio da linguagem poética, os sinceros olhares pelas passagens vivenciadas.

O geopoeta-articulador: o MAPA do lavrador de palavras

O caráter de desabafo pode ser encontrado em outro texto presente no arquivo de Paulo Nunes Batista, desta vez com um tom de denúncia à condição à qual se encontrava um companheiro de jornada de cordel e de militância: Antonino Gomes Pinto. Figura icônica na imprensa esquerdista goiana, por muitos anos liderou a gráfica e jornal *A Luta*, em Goiás, que de acordo com estudos, aglutinou um pequeno grupo em torno da ideologia comunista em Anápolis, proporcionando uma infraestrutura importante para a atuação do partido. Paulo Nunes Batista foi amigo de A. G. Pinto, e foi na sua gráfica que editou e publicou o seu primeiro folheto de cordel. Sendo fiel às ideologias e às amizades conquistadas ao longo da vida, o geopoeta-cordelista militou em prol de auxílio ao amigo que, após tamanha atuação na imprensa goiana, se encontrava em condições desumanas, conforme carta-relato abaixo transcrita:

> PEDIDO DE SOCORRO PARA UM VELHO JORNALISTA ANAPOLINO
> Paulo Nunes Batista
> ANTONINO GOMES PINTO, o corajoso Jornalista de "A Luta", está doente, velho de 70 anos, estendido sobre uma taboa de porta, em "toca de bicho", para lá da Vila Góis, na saída para Goiânia – doente, fraco, esfarrapado, sujo e sem ter o que comer. Será que Anápolis ainda se lembra de quem "foi" Antonino Gomes Pinto, o famoso A.G. PINTO assinante da CAIXA POSTAL Nº 3, a de maior movimento da Agência Postal da cidade, há uns passados 15 anos? "A Luta" tinha sua redação e oficinas ali, na Avenida Goiás, exatamente onde hoje se ergue o prédio do "Pig-Pag", que passou a abrigar a mais tradicional emissora Anapolina, a Rádio Carajá. Pela redação do jornal do velho A. G. Pinto passaram intelectuais do valor do escritor *Carmo* Bernardes, do Jornalista Geraldo Vale. Ora semanal, ora mensalmente, "A Luta" circulava, e sempre defendendo os humildes, os desvalidos, os injustiçados. No tempo do Estado Novo, o Jornalista A. G. Pinto foi preso, por haver combatido, pelas colunas de seu jornal, os desmandos da ditadura Getulina. Será que Anápolis se esqueceu disso? ANTONINO GOMES PINTO, filho desta cidade de Anápolis, Jornalista goiano, ex-proprietário de tipografia, livraria, e até cinema popular, que chegou a montar na Avenida Goiás, está morrendo à míngoa, enfermo, com fome, jogado num miserável casebre dentro do mato, a uns 300 metros do Pôsto Fiscal da saída para Goiânia. Se não for socorrido logo, agora, com urgência, não tem mais esperança de viver: morrerá como um cão leproso, abandonado pelo povo de sua cidade, desta

> cidade de Anápolis onde ele foi Jornalista, dono de casas de aluguel, industrial, com um nome inclusive conhecido fora de Goiás, como autor de livros populares, tais como "O Comércio e a Indústria ao Alcance de Todos", de sua inventiva, e que ele expedia, pelo reembolso postal, para todo o Brasil e até para o estrangeiro... Onde estão os veteranos da imprensa de Anápolis, os homens que há 20, 30 anos atrás escreviam em "O Anápolis", em "A Luta", em "A Imprensa", em "Frente Popular" e noutros jornais da cidade? Será que todos já morreram, de morte física, ou estão mortos de insensibilidade egoística? Por que não vêm, agora, nesta última oportunidade, trazer a sua solidariedade ao ancião, ao anapolino, ao jornalista, ao homem bom que sempre foi ANTONINO GOMES PINTO? Por que não o abrigam num lugar decente, onde possa morrer como um ser humano? Socorram, pelo amor de Deus, esse intelectual indigente, septuagenário e adoentado. Antes que ele morra de miséria, meu Deus! (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Antonino Gomes Pinto marcou uma época e fez parte da história do jornalismo em Goiás. Atuação e trabalho que, segundo estudo de Lygia Ferreira (2001), permanecem praticamente desconhecidos de seus próprios conterrâneos, assim como grande parte da obra de Paulo Nunes Batista. Segundo Ferreira (2001), A. G. Pinto, "no mundo dos empreendedores econômicos, nunca ocupou posição relevante", pois, por ser politizado e apaixonado, "suscitou em seus adversários a aversão ao ousado, ao 'suspeito', colocando-o sempre à margem da vida política" (Ferreira, 2001, p. 20). Foi influente na imprensa de esquerda, incentivando novos escritores a publicarem seus escritos. Desapegado a bens materiais, chegou a ter ascensão econômica, sendo por alguns apelidado de "Barão", por possuir boas condições financeiras, como relatou o amigo Borges: "Dei-lhe este apelido em memória ao tempo em que ele vivia na fartura, dando graciosamente material escolar para os estudantes pobres, e bebendo com seus companheiros vinho do Tirol, da Itália, Espanha e de Portugal" (2001, p. 28). Pelo que consta, as riquezas ele dedicou "em favor de seus ideais e daqueles que com ele conviveram e que dele se aproveitaram" (Ferreira, 2001, p. 20).

Os últimos dias de vida do jornalista A. G. Pinto foram na miséria e contou com apoio de poucos amigos: "Todos os amigos de A. G. Pinto que na época estavam em condições de ajudá-lo, desapareceram, com exceção de Basileu Pires Leal, Paulo Nunes Batista e Línio Ribeiro de Paiva, que periodicamente o visitavam e auxiliavam (Gazeta Cultural, 1988). É dessa fidelidade que se tem o texto acima transcrito: escrito por um amigo fiel e indignado que pede auxílio ao homem que teve grande importância, mas que no final da vida se encontrava sem amparo e sem recursos que lhe proporcionassem o mínimo de dignidade.

> Um homem de ideias avançadas, segundo vários depoimentos. Um homem que viveu seu ideal: fomentar ideias, despertar vocações para as letras, enfim, propiciar espaço para o debate, remar contra a corrente, contra a mesmice e lutar para que as pessoas

> comuns tivessem voz e vez, a partir do auto-conhecimento. O seu "espírito aberto" impediu que ficasse confinado pelos limites estreitos e provincianos de um Estado considerado periférico; aberto a todas as possibilidades, o que permitiu definir os contornos de seu potencial instrumento de transmissão de novas ideias: o jornal A Luta. O jornal, por sua vez, contribuiu para fomentar a ideologia que então se disseminava numa pequena, mas influente parcela de jovens preocupados com os desmandos da elite, com a exclusão da maioria, com a incoerência das políticas públicas – o comunismo -, sobretudo em sua gênese no Estado (Ferreira, 2001, p. 31).

Paulo Nunes Batista não abandonou o amigo, bem como nunca abandonou a militância pela cultura e pelos poetas regionais, sendo atuante no cenário anapolino, por meio de seu engajamento pela valorização em defesa da poesia de Anápolis e de Goiás, conforme demonstra o texto a seguir, presente em seus arquivos:

> M ovimento A rtístico P oético A napolino
> (De músico, poeta e louco todos nós temos um pouco – Rifão popular).
>
> ABC do MAPA
>
> A-
> Arte! Poesia! Beleza!
> Musical encantamento!
> Do bom – que "é nosso" – a defesa:
> eis o nosso MOVIMENTO.
> B-
> Bem, MAPA começa em MA...
> mas é coisa muito boa:
> pois, somente mostrará
> o bom – de cada pessoa.
> C-
> Com fé, com boa vontade,
> no setor da Arte em geral,
> vamos traçar, da Cidade
> novo MAPA cultural.
> D-
> Dando uma olhada no MAPA
> da situação, que é "nossa!"
> - vamos ver o que é que escapa
> do marasmo dessa "fossa"...
> E-
> Estragar o nosso MAPA
> com "política" – ninguém
> vai poder, porque, meu chapa,
> "isso", no MAPA, não tem...
> F-
> Fundou-se, afinal, o MAPA!
> Agora, é cuidar que não
> se entorne o mel da garapa
> virando uma ... afundação...

G-
Gosta você de poesia?
Aprecia o versejar?
- O MAPA serve de guia
para você “se encontrar”...
H-
Harmonizados, no MAPA
da Poesia soberana,
vençamos mais esta etapa
da cidade de Sant’Ana.
I-
Irmanados, no relevo
do MAPA sentimental,
provemos o Doce Enlêvo
do Gôzo Espiritual.
J-
Juntos – mas in-de-pen-den-tes:
cada qual com seu valor –
desde o “processo” aos repentes
do modesto trovador...
L-
Longe esse MAPA levemos
das nobres aspirações:
Artistas somos – lutemos
por melhores condições.
M-
Movimento progressista,
A meta do MAPA é dar
Para o anapolino artista
Aquela vez de brilhar...
N-
Ninguém quer subir à custa
do MAPA... fazer cartaz...
Queremos a glória justa
que somente o esforço traz.
O-
O MAPA (vê se te manca!)
não serve de trampolim
para quem só mostra panca
- mas, no mérito, é chinfrim...
P-
Poetas anapolinos:
é chegada a vossa vez!
Para mais altos destinos
o vosso MAPA se fêz.
Q-
Quem rabisca seu poema,
quem compõe sua canção,
procure o MAPA (não tema!):
se é poeta – é nosso “Irmão”.
R-
Recite, no MAPA, a sua

poesia, seja qual for...
Beleza – ainda se cultua,
Poesia – ainda tem valor!
S-
Será "riscado do MAPA"
quem – usando de traição –
fizer "trabalho de sapa"
contra esta organização.
T-
Traga, ao MAPA, a peça poética,
produto de sua lavra,
e – ressalvando-se a ética –
lhe "daremos a palavra".
U-
Um, declama; outro, executa
uma peça musical:
no MAPA, assim, se desfruta
de um prazer especial.
V-
Vate, à antiga ou modernista,
de qualquer categoria:
do MAPA esteja na lista
dos Amantes... da Poesia!
X-
Xadrez, que prende o progresso,
querendo ocultar a LUZ
com Atrazo e Retrocesso
- o MAPA não reproduz...
Z-
Zorbando contra a descrença
de quem no MAPA não crê:
se Deus quer que o MAPA vença,
vence mesmo – já se vê!...
(APS, 21-X-71-PNB)

Poetas
Escritores
Atores teatrais
Cronistas radiofônicos – Jornalistas
Músicos – Pintores – Artistas em geral.
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

Conclamando os artistas locais a se unirem em prol da valorização da cultura goiana, sua poética e sua militância buscaram esse engajamento: abrir, por meio do MAPA – Movimento Artístico Poético Anapolino – espaço para novos poetas da terra, a fim de que estes tivessem lugar de divulgação de sua arte, fosse ela popular ou erudita, como ressalta nos versos: "Vate, à antiga ou modernista, / de qualquer categoria: / do MAPA esteja na lista / dos Amantes... da Poesia!". O mapa geopoético que Paulo Nunes Batista traçou em Goiás, buscando

agregar história, arte e cultura, que ele mesmo realizou por meio de seus versos de cordel em ABC's.

Nesse longo panorama sobre o escritor percebemos uma verve e uma busca pela afirmação do gênero cordelístico em Goiás. O poeta movimentou-se entre grandes intelectuais e pensadores, atravessando vários debates no campo literário e político. Neste imenso passeio por sua bibliografia, a vida literária goiana se confunde com seu engajamento e seu esforço para estar nessa construção e difusão pensamental. Paulo Nunes Batista realmente se apresenta, hoje, como um dos pilares disso que foi denominado geopoesia. É mais um dos precursores, no nível de um José Godoy Garcia e um Bernardo Élis, um J. J. Veiga e nossa reconhecida Cora Coralina.

Percorrido esse caminho, rompemos para uma segunda forma de pensar e movimentar sua obra e seu acervo – que, de alguma maneira, ajudamos a conservar e a disseminar. Contribuindo para os estudos goianos e das movimentações do cordel fora do Nordeste, certamente apresentamos um contumaz e rebuscado geopoeta *centroestino*.

CAPÍTULO III – Passagens geopoéticas de Paulo Nunes Batista: pelos cantos do cordel

> "Paisagem – é nisto que a cidade de fato se transforma para o *flâneur*". Walter Benjamin

Como importante cordelista, Paulo Nunes Batista fez parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, fundada no ano de 1988, no Rio de Janeiro, com sede no bairro de Santa Tereza. A ABLC atua na preservação da literatura de cordel brasileira, abrigando um grande acervo de folhetos, bem como reunindo registros de poetas populares tradicionais, historicamente responsáveis pela disseminação do gênero pelo território brasileiro. No ano de 1992 o geopoeta-cordelista paraibano-goiano foi empossado na referida academia, eleito para ocupar a cadeira de número 12, da qual o seu pai, Francisco das Chagas Baptista, é patrono. Momento no qual Paulo Nunes Batista proferiu o discurso de sua autoria intitulado "A vida e a obra (em cordel) de F. das Chagas Baptista", um conjunto de mais de seis páginas de versos, com algumas estrofes em quadras, com a predominância de setilhas, no qual a trajetória do pai foi poeticamente rememorada:

> Discurso de posse na
> Cadeira número 12
> da ABLC – em verso –
> sem muita etiqueta e pose.
>
> Por Paulo Nunes Batista,
> em direito bacharel,
> jornalista, repentista,
> especialista em cordel.
>
> Em 19 de outubro
> de 92, no Rio.
> Ante o Cordel me descubro
> e esta Fala pronuncio.
>
> Gonçalo Ferreira da
> Silva, Ilustre Presidente
> desta Nobre Academia;
> cada Digno Componente
> da Mesa; Irmãos Cordelistas;
> meus Amigos; minha Gente...
>
> É de Francisco das Chagas
> Baptista, que foi meu Pai, -
> sua vida e sua obra –
> que falar seu filho vai.
> Sendo meu Pai e Patrono –
> da Cadeira 12 o dono –
> com ele o filho não cai.

A Musa me inspire e assista
pra eu cumprir bem meu papel,
sendo – de Chagas Baptista –
um biógrafo fiel.
Possa em meu verso sem brilho
provar que sou mesmo filho
desse mestre do Cordel.
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

Parte introdutória, na qual a voz do poeta pede licença aos presentes para declamar seus versos, pedindo também inspiração à "Musa" para cantar a trajetória biográfica de um grande poeta popular brasileiro: as estrofes vão resumindo a vida e a obra de Francisco das Chagas Baptista. Destacando detalhes importantes da jornada de seu pai, o longo texto rimado, do qual foram obtidas no acervo pessoal apenas as seis primeiras páginas, ressalta as etapas que fizeram de Chagas Baptista um nome de destaque para a história da literatura de cordel brasileira.

No decorrer das páginas, o discurso datilografado e assinado por Paulo Nunes Batista apresenta setenta e seis estrofes: as três primeiras em quadras, seguidas pelas demais em setilhas. Organizado em partes temáticas, na primeira foram apresentadas as origens familiares, destacadas a partir da sétima até a décima-quarta estrofe, descrevendo a ancestralidade composta por um "clã" de artistas populares das mais variadas expertises: repentistas, cantadores, trovadores, glosadores, violeiros e cordelistas. Desde avôs, pai, tios e irmãos, a família contava com a veia artística, conforme versa a oitava estrofe: "O clã de Chagas Baptista / é Raça de Cantadores. / Vem lá de Agostinho Nunes / da Costa, um dos Trovadores / mais antigos do Nordeste: / merece a glória que o veste - / é um rei, entre os Glosadores".

Em seguida os versos cantam a trajetória de Francisco das Chagas Baptista, do nascimento até o primeiro folheto de cordel publicado e vendido por ele pelas feiras paraibanas, nos primeiros anos do século XX, o clássico *Saudades do Sertão*. Nesta parte há um grande destaque para o fato de que Chagas Baptista foi um lutador, exerceu diversas profissões braçais até chegar à tão sonhada publicação do folheto. Enquanto trabalhava duro durante o dia, a noite buscava estudar, superando o analfabetismo com muito esforço, por meio da leitura e dos estudos como autodidata: "Antes de alcançar a meta / cujo alvo era a Poesia, / Chagas Baptista, já adulto, / quase escrever não sabia... / Trabalhou como cassaco, / mas... sem dar parte de fraco, pra frente e pro alto seguia...". O fato de ter sido "pouco mais que um analfabeto" até os dezessete anos de idade e aos vinte publicar o primeiro folheto foi motivo de orgulho para o filho cordelista, feito enfatizado mais de uma vez nos versos, destacando do pai a luta para sobreviver como operário permeada com a luta para vencer por meio da poesia: "quer subir e

quer vencer - / forte, teimoso, casmurro... / é capaz, lutador, perseverante / e caminha para adiante, / do Ideal seguindo atrás!"

Na parte seguinte há o relato sobre o casamento e a constituição da numerosa família: "Em 909 / Chagas Baptista se casa / com sua prima Hugolina. / E segue mandando brasa, / fazendo versos e filhos: / deixa doze, nesses trilhos / por onde espalha sua Asa...". Há o destaque para o fato de que dos doze filhos, sete foram poetas. A continuidade das raízes poéticas por meio da prole e do trabalho que realizou na "Livraria Popular Editora" são destaques nessa terceira parte do discurso, assim como a vertente erudita, por ter escrito poesia e paródias de muito sucesso à época: "Foi, pois, poeta erudito, / além de ser popular. / Fez poemas e sonetos / da vida no poetar. / Foi um grande cordelista: / a obra de Chagas Baptista / é difícil enumerar...". A amizade e parceria com Leandro Gomes de Barros na publicação de folhetos foi elucidada na estrofe de número trinta e cinco: "Leandro Gomes de Barros, / seu compadre e seu amigo, / na "Popular Editora" / encontrou ajuda e abrigo. / Os dois – muito publicaram: / cordel, juntos, divulgaram / naquele passado antigo."

A partir da quadragésima-quarta estrofe do discurso, o geopoeta-cordelista apresentou uma descrição do pai composta por memórias afetivas, imprimindo maior subjetividade ao relato versejado:

> Católico praticante,
> desses de não perder missa.
> Por um filme de Carlitos
> Vencia qualquer preguiça:
> adorava uma comédia.
> Era de estatura média
> e tinha a pança roliça.
>
> Pois, Papai comia bem.
> Fã de uma boa cozinha,
> ele sozinho trinchava
> a grande e gorda galinha
> que Mamãe punha no almoço.
> Chagas era um tipo grosso
> e Mamãe era baixinha.
>
> O seu cabelo à escovinha
> era o jeito que ele usava.
> Era mulato ou cafuzo,
> sua origem não negava.
> De branco, de índio e de africano
> tinha os sangues – e o tutano
> que em tudo ele revelava.
>
> Calmo, conciliador,
> meu Pai era um homem pacato;
> corajoso, se preciso,

porém, prudente e sensato.
Praticava a Caridade.
Da lei da hospitalidade
era um cumpridor, de fato.

A muito pobre ele deu
livros, cadernos de graça.
Ajudava a gente pobre,
condoído da desgraça.
Meu Pai era um alma boa.
Seu enterro em João Pessoa
foi dos maiores da praça.

Parentes necessitados
nunca deixou de ajudar.
A mesa dele era farta
e sempre tinha lugar
pra quem de fora chegasse.
Mendigo que o procurasse
tinha sempre o que levar.

Avalizou muita gente,
muito fiado vendeu.
A mãe de Samuel Duarte
de meu pai se socorreu
para ao filho dar estudo.
E muita gente, de tudo
isso, depois, se esqueceu...

E quando ele faleceu,
gente descalça, lá vai
acompanhando o caixão
enquanto a lágrima cai.
Era a Pobreza sofrendo
e com saudade dizendo:
- Morreu meu segundo pai...

Eu sei que repito rimas
de estrofes anteriores.
Mas escrevo é de improviso
entre sorrisos e dores...
E eu não sou mais, nem um pouco,
que os Cantadores de Côco,
os Meus Irmãos Cantadores...
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

A subjetividade presente nas estrofes traz descrições que certamente não se encontram em outros registros biográficos de Francisco das Chagas Baptista, pois a voz poética é a voz do filho, a qual mostra particularidades descritivas e cenas vivenciadas no convívio familiar que a nenhum outro biógrafo seria possível, pelo grau de proximidade apresentado.

A parte seguinte do discurso segue dando destaque ao legado literário de Chagas Baptista, listando suas mais importantes obras em cordel, trazendo uma grande relação de títulos de sua autoria. Destaca, na estrofe de número cinquenta e três, a dificuldade existente de

se contabilizar quantos títulos seu pai publicou: “Quantos são os seus folhetos? / De todos os seus livretos / ninguém tem completa a Lista!”. Algo que por sinal também acontece com a obra do geopoeta Paulo Nunes Batista que, uma geração depois, apresenta dificuldade de contabilização, configurando uma característica do acervo dos poetas cordelistas: “São dezenas de folhetos / que o poeta deu a lume. / Num “Discurso” como este, / quando um filho seu assume / aqui, a sua Cadeira, - / sua vida e a obra inteira / são um mar que não se resume...”.

A última parte do discurso (até ao ponto ao qual foi possível acessá-lo) apresentou a vertente de folclorista e antologista a que Chagas Baptista se dedicou, destacando que a primeira antologia de poetas populares escrita no Brasil é de sua autoria, o livro *Cantadores e Poetas Populares*, com primeira edição datada do ano de 1929: “Esse livro de meu Pai / é a primeira Antologia / que se fez dos Repentistas / e Cordelistas que havia / no Nordeste Brasileiro: / é Obra, pois, de um Pioneiro / sobre a Popular Poesia”. Segue dando destaque ao quanto o nome de Chagas Baptista foi citado por grandes estudiosos da cultura popular brasileira, como Afrânio Coutinho, Câmara Cascudo e Orígenes Lessa (Batista, 1992).

O discurso acima sintetizado foi proferido no ano de 1992; dezoito anos mais tarde Paulo Nunes Batista proferiu outro discurso em versos de cordel, no ano de 2000, na ocasião da posse na Academia Goiana de Letras – AGL. Ao realizar uma aproximação entre esses dois momentos políticos – ambos de posse em academias literárias - é possível afirmar que Paulo Nunes Batista utilizou os espaços formais para militar, por meio da palavra cantada em versos populares, pela memória e pelas tradições, antes de tudo, e pela literatura de cordel. Compreender esse discurso de 1992 como um texto historiográfico que traz registros importantes em linguagem poética, mais especificamente em versos populares de cordel, é compreender a palavra literária como instrumento político, e compreender o geopoeta como um agente político nesses espaços.

No discurso proferido na AGL, na ocasião da posse da Cadeira 8, no ano de 2000 (já explorado no Capítulo I deste trabalho), além de cantar sua trajetória em versos, Paulo Nunes Batista homenageou seus antecessores no posto: Alceu Victor Rodrigues, Sebastião Fleury Curado, Joaquim Câmara Filho, José Lopes Rodrigues, José Sisenando Jayme e Isócrates de Oliveira. Personalidades influentes na cultura de Goiás, dos quais Paulo Nunes Batista fez um breve perfil biográfico, configurando também este discurso um registro importante na historiografia goiana. A escolha por dar destaque a esses textos neste trabalho se faz pela intenção de ressaltar a literatura de cordel como um gênero textual de registro historiográfico e afirmar que Batista escolheu marcar esse potencial em ocasiões políticas, como são as

cerimônias de posse nos espaços e instâncias de organização e poder. O discurso é um espaço de destaque em cerimônias oficiais, pois é o momento no qual é dada a voz ao empossado, para que faça valer seu posto e contextualize as práticas e intenções que o levaram até ali. Conforme afirma Fiorin, "o discurso não é um amontoado de frases, mas é regido por leis de estruturação, para que ganhe sentido. Esses mecanismos de estruturação discursiva, sua sintaxe, são dotados de uma relativa autonomia em relação às formações sociais (1988, p. 7). Desta forma, considera-se que a escolha de estruturar os discursos em versos de cordel foi mecanismo para marcar, politicamente, sua voz de poeta popular, provando (ou provocando) que o literário oriundo das tradições orais pode e deve estar presente nos espaços de representação e de poder. Colocando-se na contravenção ao aderir aos versos de cordel, forma popular, oriunda da oralidade e do improviso, o geopoeta-cordelista lança vozes e manifestações que, historicamente foram silenciadas nos compêndios históricos e historiográficos da literatura brasileira.

Em ambos os discursos que apontam para consciência do lugar à margem e de não pertencimento aos espaços formais e eruditos. Estando marginalizados – autor e obra ficaram esquecidos nesse universo de uma literatura menor, como a literatura em versos populares é, historicamente, classificada.

No ano de 1992, declarou na primeira estrofe que o discurso foi composto "em verso – / sem muita etiqueta e pose", como que anunciando um exercício diferente do esperado, uma quebra de protocolo. Algumas estrofes depois há os versos: "Possa em meu verso sem brilho / provar que sou mesmo filho / desse mestre do Cordel", caracterizando como "sem brilho" o versejar em forma estrutural popular. Já no discurso do ano de 2000, o geopoeta se autodenomina "aprendiz de poeta e aluno" com "limitações", demonstrando gratidão por ter sido eleito para a Academia: "Vossa Generosidade, / de honraria, hoje, repleta / e enche de felicidade / este aprendiz de poeta". No olhar aqui realizado, considera-se que o geopoeta-cordelista militante se utilizou da retórica de humildade para enaltecer tanto a sua capacidade poética como a literatura popular. Ora, sendo menor, como é possível, a título de improviso, proferir discursos inteiros em versos com tanta precisão de forma, sonoridade sem pecar nos conteúdos? A resposta está conectada com a revisão crítica contida no capítulo II deste trabalho, a qual mostrou que a crítica atribuiu a Paulo Nunes Batista esse lugar de enfronteiramento entre o erudito e o popular, sendo ambos o seu lugar de pertencimento no cenário geopoético literário brasileiro.

Na tese *É fácil ver a chuva quando você não se molha* (2016), ao discutir o lugar da literatura de cordel na historiografia literária brasileira, bem como de outras tradições culturais oriundas da oralidade, Bruna Paiva de Lucena assim afirma:

> Opera-se uma sobreposição do discurso das tradições cultural e literária erudita sobre as tradições cultural e literária popular, tidas como residuais em relação ao seu estatuto cultural e literário. Ao se produzir uma obra, se está estabelecendo, ao mesmo tempo, valores e paradigmas culturais e literários, que, no caso das tradições populares, são negligenciados em face da desvalorização de seus atributos constitutivos – rima, ritmo, repetição, improvisação, memorização, entre outros -, encarados como recursos pobres e menores, por exemplo (Lucena, 2016, p. 31).

Paulo Nunes Batista encarou de frente as barreiras encontradas para a divulgação de sua obra em cordel. Em um poema intitulado *ABC tentando espaço que ao "Jornal de Letras" faço*, ao longo das 23 estrofes o eu poético elogia o jornal e seus papel importante ao divulgar diversos autores e obras literárias brasileiras e pede espaço para os seus cordéis, nas três últimas estrofes:

> ...
> Veja no JORNAL DE LETRAS
> o que se pensa e se diz
> de melhor, mais importante
> nas Letras deste País.
> Quem procura solução
> das LETRAS para a equação,
> neste JORNAL acha o xis.
>
> Xis – o xis do meu problema
> é ver no grande painel
> do belo JORNAL DE LETRAS
> a reprodução fiel –
> como pequena homenagem
> da arte do Povo – a mensagem
> deste ABC de cordel.
>
> Zé Condé, de Pernambuco
> meu prezado beletrista,
> vê se consegue ajudar
> ao modesto cordelista
> para que o Elysio, afinal
> abra espaço em seu JORNAL
> pro Paulo Nunes Batista.
> Anápolis-GO, Dia do Escritor, 25 de julho de 1989.
> (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Pelo que se apreende do conteúdo do ABC, o *Jornal de Letras* era uma publicação mensal impressa que circulava em grande parte do país, com sede no Rio de Janeiro. No original datilografado e assinado por Batista, após o poema, há um recado direcionado ao editor do periódico, com o seguinte teor:

> Prezado escritor Elysio Condé, o poeta Eugênio Santana, de Brasília, disse-me ter lido, no JORNAL DE LETRAS, em 1988, ligeira nota sobre o meu livro ABC DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E OUTROS ABECÊS (editado pela Itatiaia, em 1986). Até hoje não vi a edição do JL com essa referência ao meu trabalho. Gostaria muito se você me pudesse enviar exemplar do JORNAL que noticiou a publicação do meu livro de ABCs. Também gostaria de remeter exemplar do referido livro a algum colaborador do JORNAL DE LETRAS, que se dispusesse a escrever algo a respeito daquela obrinha, mas não sei realmente a quem me dirija. Quem sabe você me orientaria sobre isso? O abecê acima é uma simples brincadeira, que improvisei folheando o JORNAL DE LETRAS de Junho/89, que só ontem recebi e agradeço. Anexo dois poemas e as duas últimas edições do nosso jornal daqui – GAZETA CULTURAL, de que sou editor. Tenho seis livros de poesia erudita publicados e mais de 100 folhetos e folhas volantes (cordel), de que junto amostra. Infelizmente os grandes e bons jornais literários do Brasil não dão guarida aos poetas populares, talvez por elitismo. Mas os poetas de cordel existem, ainda, e estão dando o seu recado diário na praça, aí no Rio e no resto do País. O Povão, que não lê os poetas de gabinete, aprecia a poesia simples dos menestréis de rua e entende a sua mensagem. Abraços do (assinatura) (Batista, arquivo do acervo pessoal).

A parte final do recado acima transcrito deixa evidente que Paulo Nunes Batista buscava angariar espaço para a divulgação de sua obra em veículos que não eram abertos aos poetas populares, coadunando com a afirmação de que "os gabinetes da literatura se fecham aos discursos não hegemônicos, reafirmando continuamente seu próprio pré-discurso, qualquer que seja o objeto de análise" (Lucena, 2016, p. 31). Felizmente a geopoesia abraça esses discursos silenciados e busca trazer à tona obras e autores que, por mais que bateram nas portas, não encontraram passagem. Paulo Nunes Batista foi um geopoeta-cordelista que atuou na contravenção, sempre mandando seus recados aos gabinetes e espaços, sem temer se deparar com o "não".

Os abecês – passagens pelas goiani(ci)dades

Na sua trajetória de vida e atuação literária, vários foram os percursos de Paulo Nunes Batista pelos espaços sociais: da cadeia às cadeiras das academias, a poesia sempre foi a companheira de registro das memórias e das lutas, e lhe proporcionou títulos, prêmios e honrarias. Dentre todos os gêneros literários aos quais se dedicou, o cordel em ABC foi o que o geopoeta mais produziu em terras goianas, feito do qual demonstrou, por diversas vezes em

entrevistas, orgulhar-se, tanto pelo volume de produção propriamente dito, quanto pela qualidade e diversidade de temas que versou nos abecês, ressaltando em suas composições e anotações as características do gênero que buscou, com afinco, preservar dentro da poesia popular:

> O A.B.C. é composição poética bem antiga. O Salmo 118 da Bíblia cristã a cada oito versículos começa com uma letra do alfabeto hebraico. Santo Agostinho, em 393, compôs o poema PSALMUS ABECEDARIUS. Juan del Encina na Espanha e Camões em Portugal fizeram abecês. No Brasil um dos mais velhos ABCs é o de Nicandro Nunes da Costa (1829-1918), cantador repentista, meu tio-avô. Paulo Nunes Batista autor de mais de 160 ABCês, maioria inéditos (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Nesta breve definição do gênero ABC, escrita como nota final do arquivo original da composição *ABC a Jataí*, datada do ano de 1995, Paulo Nunes Batista ressalta o número de produções (já incerto) do gênero que contava à época – "mais de 160" -, destacando que eram na "maioria inéditos". De fato, ao se acessar parte do acervo deixado pelo geopoeta-cordelista, chega-se à conclusão de que contabilizar o número exato de abecês compostos por ele é tarefa aparentemente impossível, com já mencionado, tendo em vista as diversas listas presentes nos arquivos com títulos de ABC's, algumas manuscritas, outras datilografadas, com datas diferentes e algumas constando anotações sobre títulos inéditos.

O cordelista brasiliense Gustavo Dourado assim define e caracteriza o gênero ABC no poema abaixo:

> ABC do Cordel
>
> ABC é gênero antigo:
> Psalmus Abecedarius...
> Desde Santo Agostinho:
> Língua gen vocabularius
> Poiesis anti-donatista:
> Perfectissimus Dicionarius...
>
> Batalha de Fonteneto:
> Em ABC é narrada...
> Os netos de Carlos Magno:
> Narrativa na jornada...
> Versos trocaicos no canto:
> Três por quatro...Ritmada...
>
> Cordel, corda, coração:
> Desde o tempo de Trancoso...
> Um nome que virou lenda:
> Com o ABC sentencioso...
> De Portugal de Camões:
> Ao Nordeste glorioso...

ABC narra façanhas:
Histórias de cangaceiro...
Biografias de santos:
Canudos de Conselheiro...
Padim Ciço...Lampião:
E causos do mundo inteiro...

Bois fugitivos relata:
Registros de valentia...
Bichos, bodes, vacas, onças:
A(u)tos de cidadania...
Crítica à corrupção:
Invenções, cosmologia...

Conta, narra e expressa:
Desde o tempo de Nicandro:
Poeta, vate, cantador:
Que é do time de Leandro...
Li ABC laudatório:
Homero - Dante - Lisandro...

Na poesia do A.B.C:
A sextilha nos enlaça...
Versos em rimas simples:
Hendecassílabo se traça...
Quadras, as mais antigas:
Tercetos cheios de graça...
(Dourado, 2014).

As sextilhas de Gustavo Dourado destacam as origens, os temas, as formas e as rimas, bem como as funções desse gênero poético popular tão antigo, ressaltando que na modalidade cabem registros históricos, biografias, causos, invenções, autos de cidadania e críticas sociais e políticas. Muitas dessas modalidades temáticas foram praticadas por Batista nos abecês, que se tornou mestre no gênero e, por meio dele, registrou geopoeticamente suas andanças por Goiás.

Nelly Novaes Coelho, no "E-Dicionário de Termos Literários", destaca que o abecê é uma forma de origem medieval que, a partir do Renascimento, foi incorporada pela literatura popular de tradição oral, publicada em folhetos de cordel que desenvolvem um tema ou assunto dentro do esquema de versos iniciados pelas sucessivas letras do alfabeto, indo de A a Z. No Brasil os primeiros registros dessa forma poética datam do período colonial, sendo a maioria desses escritos antigos oriundos da tradição oral e anônimos. No início do século XX começam a aparecer os abecês assinados, revelando a autoria. Destacam-se como cantadores famosos da época que praticaram a escrita em abecê os seguintes nomes: Nicando Nunes da Costa, Jesuíno Alves Brilhante, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Cuíca de Santo Amaro, dentre outros. Um nome de destaque é o de Rodolfo Coelho Cavalcante, cordelista alagoano

falecido em 1986, o qual deixou um grande legado de folhetos em abecê, a maioria deles com temáticas biográficas de personalidades brasileiras. Franklin Machado, Manoel Caboclo e Silva, Jorge Amado, Patativa do Assaré, são alguns dos poetas mais afamados que aderiram à composição.

No livro *Vaqueiros e Cantadores*, Luís da Câmara Cascudo classifica os abecês como uma forma de poesia Mnemônica e Tradicional: "a função primitiva dos A.B.C. devia ser mnemônica, como os Jesuítas empregaram, em autos, bailos e cantigas, para os piás selvagens do século XVI" (2005, p. 84). Cascudo destaca ainda a característica de serem versos narrativos de gesta verdadeira, dispostos em quadras (os mais antigos) e os mais recentes em sextilhas, bem como sua presença em território brasileiro a partir do século XX: "São conhecidíssimos em todo Centro, Nordeste e Norte do Brasil. Do Rio Grande do Sul sei apenas do A.B.C. que registrou a batalha de Passo do Rosário em 24 de fevereiro de 1827. Em Goiás e Mato Grosso o gênero é cultivado, mantendo-se a forma de quadrinhas setissilábicas" (2005, p. 81).

Descrito por Cascudo como um "gênero menos abundante e atualmente quase desaparecido" em dezembro de 1937 – data do prefácio à 1ª edição do estudo citado - a especialização de Paulo Nunes Batista na forma viria, décadas mais tarde, simbolizar um resgate dessa tradição, conforme ressalta Nelly Novaes Coelho:

> O abecê continua a ser uma das mais afamadas formas de canto ou recitativo popular e tem seus grandes cultores. Um dos mais afamados em nossos dias é Paulo Nunes Batista (paraibano por nascimento e goiano por adopção), que já publicou centenas de abecês, milhares de folhetos de cordel, para além de livros de poesia culta, espiritualista (Coelho, 2009).

A declaração de Nelly Novaes Coelho se evidencia na pesquisa aqui apresentada, que com base nas análises dos materiais acessados e nas pesquisas nas bases bibliográficas realizadas, afirma que nenhum outro cordelista de Goiás escreveu tantos cordéis do gênero como Paulo Nunes Batista, o que lhe daria o lugar de maior geopoeta-cordelista compositor de abecês no estado.

Na obra *Relembrando a Velha Literatura de Cordel e a Voz dos Poetas*, Mark J. Curran classifica o ABC como uma forma especial de denominação do folheto de cordel e de composição, mais do que de conteúdo:

> O ABC foi termo usado pelo povo antigamente em certas partes do Nordeste, como a Bahia, para designar o folheto de cordel e foi usado sinonimamente com "história". Manoel d'Almeida Filho corrobora o dito quando diz: "Esse foi o nome dado pelo povo aos livros de cordel". É uso derivado de dois pontos de vista: a semelhança de

> tamanho entre o livreto de cordel e as velhas "Cartas de ABC", e a forma mnemônica que tomaram uns dos primeiros folhetos de cordel. O termo é de uso mais correto ao respeito da forma do folheto do que o conteúdo. Consistem tais poemas em estrofes de seis ou sete linhas de verso, e rara vez de dez. Os velhos ABCEs eram de quatro versos (Curran, 2014, p. 273).

No mesmo trabalho destaca-se que a forma ABC é bastante antiga: "Mestre Cascudo data o primeiro ABC dos tempos de São Agostinho e data outro da época de Carlos Magno em 841 A.D." (2014, p. 274). Orígenes Lessa, no texto "Ligeiro perfil de um poeta do povo" também destaca a antiguidade da forma e a maestria de Paulo Nunes Batista nessa especialidade:

> Ele (PNB) é mestre do abecê. O gênero é antigo. Perde-se na clássica noite dos tempos. Sempre muito cotado. O abecê disciplina os assuntos, organiza o discurso, facilita a memorização. O Salmo 119 é um abecê em grande estilo. Câmara Cascudo, que é abecedeado pelo nosso poeta, rastreou abecês por várias épocas, literaturas e terras. Em Portugal e na Península os abecês proliferam. No Brasil, mesmo antes do folheto, o abecê já tinha voz. Leandro escreveu inúmeros. Não há poeta que não tenha os seus. Muito freguês de feira chega a pensar que abecê é sinônimo de folheto ou "romance". " - Me dá um ABC", pede às vezes comprador que não sabe ler, mas tem em casa quem está começando... (Lessa, 1986, p. 15).

Em seus depoimentos e entrevistas Paulo Nunes por vezes enfatizou sua preferência pela forma ABC: "Bom, esse é meu terreno próprio. Tenho me especializado em abecês e já escrevi dezenas deles, a maior parte inédita. Considero o ABC um modelo de poesia popular muito funcional, econômico, didático, apropriado aos nossos dias", disse ele em entrevista que compõe a obra de J. Currran (2014, p. 274). Em outra entrevista, concedida em 2007 ao site "A Nova Democracia", ao ser questionado sobre o que é o ABC, o cordelista fez a seguinte definição:

> Se chama ABC porque cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, do A até o Z. O ABC é fácil de memorizar. Eu fiz muitos ABCs... O ABC é fácil de gravar e ninguém faz mais ABCs. Ele é tão antigo que tem até na bíblia. Também quando os portugueses chegaram, eles trouxeram a poesia popular em folhas volantes e em ABC porque era fácil de memorizar.

Dessa afirmação do geopoeta-cordelista é possível apreender a concepção de que a forma ABC é considerada por ele um gênero da poesia popular, introduzida no território brasileiro pelos portugueses e que tinha, a princípio, a finalidade mnemônica. Foi por meio das composições em abecês que a voz poética cordelista de Paulo Nunes Batista cantou os quatro cantos de Goiás, como um bom *flâneur* paraibano-goiano.

Apesar de nunca ter possuído um automóvel e nem sequer ter aprendido a dirigir, Paulo Nunes Batista foi um poeta viajante que percorreu boa parte do Brasil levando sua voz poética e militante, conforme foi relatado no Capítulo I. Considerando essa característica, bem como a voz sempre ativa pela poesia popular e pela preservação das tradições, relaciona-se a sua voz poética à figura do *flâneur* benjaminiano. A figura alegórica do observador apaixonado, o amante da vida que, estando fora de casa sente-se em casa em toda parte. Aquele que é um saudosista das estruturas do passado, mas que se adequa às condições da sociedade contemporânea, sem negar seu lugar de contravenção. A figura que sente prazer no vagar para pensar os espaços poeticamente, dando voz aos silenciados e nomes aos esquecidos.

Ao relacionar a voz poética popular de Paulo Nunes Batista ao *flâneur* de Walter Benjamin, busca-se também relacionar seus escritos em ABC aos fragmentos das *Passagens.* Apesar dos abecês serem poemas estruturados em conjuntos de estrofes, é possível identificar uma fragmentação do discurso poético nos mesmos, principalmente nos que versam sobre as cidades, pois, dentro de um mesmo poema diferentes temas são abordados, desde registros históricos e culturais, até os costumes e as pessoas do lugar –da cidade cantada. A partir das análises que seguirão neste trabalho, busca-se identificar como a voz do geopoeta-cordelista que vivenciou e poetizou Goiás, por meio dos cordéis em ABC's, como essas cidades foram representadas na ótica poética do *flâneur*.

Várias cidades goianas percorridas pelo geopoeta, foram temas de ABC's: Anápolis, Goiânia, Ceres, Caldas Novas, Jataí, Corumbá, Lagolândia, Trindade, Goianápolis, Pirenópolis, Silvânia, Jaraguá, dentre outras. Identificar os aspectos destacados de cada canto sobre os cantos de Goiás, bem como identificar os aspectos mais destacados pela voz do poeta popular que "abecedeou" a história e a cultura goianas, será de grande contribuição para a fortuna crítica historiográfica do autor.

Traçar um mapa das andanças geopoéticas e cordelísticas por Goiás: é o que se pretende nesse capítulo, tendo como guia as passagens contidas nos ABC's, sendo o roteiro extraído dos próprios textos poéticos, sem almejar organizá-los ou classificá-los por temáticas (ou outras características), porém extraindo deles as impressões registradas pelo *flâneur* geopoeta-cordelista que vagou pelas cidades goianas, vivenciando-as e poetizando-as nos versos do cordel.

Simplicidade em abundância – um ABC a Lagolândia

Para iniciar a jornada pelo mapa geopoético almejado, o ponto de partida escolhido é Lagolândia, atualmente distrito de Pirenópolis, Goiás, o qual, décadas atrás foi o município para o qual o geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista foi designado, por aprovação em um concurso público no ano de 1969, para exercer o cargo de Agente Arrecadador da Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás. A primeira cidade em que exerceu o cargo de fiscal assim foi lembrada no *Resumo Cronológico da Vida, da Luta e da obra de Paulo Nunes Batista:*

> Paulo se muda para Lagolândia, com a família. Lagolândia (que já fora até cidade, com foro, juiz, prefeitura, coletoria etc., voltou a ser simplesmente distrito). É um lugarejo atrasado, sem vida, sem policiamento, sem recursos. Uma noite, uns valentões mineiros, filhos de fazendeiros locais, bebem e andam a cavalo pelas calçadas, armados e amedrontando o povo, que fecha as casas. Paulo escreve ao Secretário de Segurança Pública, ao Prefeito e ao Delegado de Polícia de Pirenópolis, denunciando as bravatas dos caubóis lagolandenses e pede a imediata presença de autoridades policiais, para desarmar os desordeiros, o que é feito (Batista, 2014, p. 63).

Ao relato das memórias de 2014 une-se o registro do geopoeta *flâneur*, no ABC dedicado à cidade em 1969 e publicado no jornal *O Anápolis* em maio de 1984, conforme registros dos arquivos:

> **ABC DE LAGOLÂNDIA**
>
> A
> A Graça de Deus esteja,
> levando ao melhor destino,
> com a gente de Lagolândia
> - homem, mulher e menino -,
> trazendo Paz e Progresso
> ao povo Lagolandino.
>
> B
> Bendita seja esta terra,
> a Terra de BENEDITA
> CIPRIANO – Dona Dica,
> terra sadia e bonita
> que o Rio do Peixe banha,
> tornando ainda mais catita.
>
> C
> Coragem não falta ao povo
> deste aprazível lugar:
> coragem para viver,
> crescer, sofrer, trabalhar,
> aprender a progredir,
> vencer, perdoar, amar.
>
> D
> Deus abençoe esta gente,
> que vive quase esquecida

(dos homens – mas não de Deus!).
E Deus – o Senhor da vida,
faça com que Lagolândia
se desenvolva, progrida.

E
Edmundo, essa alma boa
que Lagolândia oferece;
o amigo de todo mundo,
é do mundo, como a prece,
como o vento, o sol, o rio,
a chuva que alto desce.

F
Filho desta terra amiga,
moço nobre e sonhador,
traz, Edmundo, nas veias,
o sangue do lutador
- do avô Severo, o baiano
honesto e trabalhador.

G
Goiano de longa data,
Seu Severo é da Bahia
- terra de Todos os Santos.
Mas quis a Virgem Maria
que ele parar na Lagoa,
em Goiás, viesse, um dia.

H
Há mais de quarenta anos
Seu Severo aqui chegou.
Como um Baiano de fibra,
com vontade trabalhou.
Dele, o seu neto Edmundo,
as boas coisas herdou.

I
Irradiando Amizade,
gostando de todo mundo
- ainda mais da Garotada,
com seu amor mais profundo,
o Guia de Lagolândia
é nosso amigo Edmundo.

J
Jovem, aí está Edmundo
trabalhando pelo bem.
Professor – ensina tudo
que à juventude convêm:
trabalho, respeito e ordem
- dando o melhor do que tem.

L
Lagolândia, há pouco tempo,
teve o nome de cidade.
Mas... (como diz o ditado)
nada perdeu, na verdade,
isso porque “Quem foi Rei
sempre – ainda – é majestade”.

M
Mário Mendes deixou nome
na terra lagolandense.
Era um homem de cultura,
do solo riograndense.
Tinha um lema progressista:
“Quem trabalha – sempre vence”.

N
Nos altos, bem na fachada
do Prédio da Prefeitura,
o nome de Mário Mendes
se lê, com letra segura.
Fundador de Lagolândia,
foi importante figura.

O
O Solo de Lagolândia
tem riqueza mineral.
Aqui já se garimpou
diamante, ouro e cristal.
O seu clima é de primeira
- pra saúde é sem igual.

P
Pobre, existe, é bem verdade.
Mas é de pobreza honrada.
Pois, não existe mendigo
- aqui ninguém pede nada.
Cada qual trabalha um pouco,
nesta terra abençoada.

Q
Quem for ao rio do peixe,
seja com chuva ou com sol,
seja de noite ou de dia
com a minhoca no anzol:
Pode saber que traz peixe
- piau, traíra e outro rol.

R
Rios, tem de vários nomes:
do Peixe, Lages, Escuro,
Mata Mata, Pinga Pinga,
Caxiri, do Gago, e eu juro
que quando aqui faltar água
o resto tudo está duro...

S
Safra boa, em Lagolândia,
é do milho e do feijão.
Produz, também, muito arroz.
Seu Adelino faz pão.
Se isto aqui não for pra frente
- mudo meu nome pra João.

T
Taí: por falar João,
lembrei de um homem decente.

Falo do seu João Moreira,
que do Clube é Presidente.
Dono da loja Moreira,
amigo de toda gente.

U
Unida, esta gente boa
faz um grande mutirão
- o mutirão do progresso
para dar a este terrão:
mais conforto para todos
com melhor situação.

V
Vamos unir nossas mãos
pra trabalhar e poder
com as armas de verdade
ver Lagolândia crescer:
pois Deus é Lagolandense
e, quem pode a Deus vencer?

X
Xuxu, por aqui tem muito;
Pássaros, tem pra xuxu.
Tem muita gente valente
no cabo dum guatambu.
No rio tem muito peixe:
traíra, piau, pacu.

Z
Zé Baiano, Antôi Porota,
Pedro Araújo, "Bandarra",
Olavo, Martiniano,
quando um soltar, outro agarra:
(e) Lagolândia pra frente
vai – nem que seja na marra...
Lagolândia, sábado, 19-04-1969.
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

O *ABC de Lagolândia* é estruturado em 23 estrofes, com versos em sextilhas, esquema de rimas XAXAXA, iniciando com o eu poético pedindo a Deus que traga paz e progresso ao povo da pequena cidade. Ao relacionar o pedido contido na primeira estrofe à descrição feita pelo autor em 2014 acima citada, depreende-se que a solicitação não foi concretizada, tendo em vista que o lugarejo regrediu politicamente, tendo voltado ao patamar de distrito após um período de emancipação. Em pesquisas na *Internet* obtém-se informações de que o distrito "parou no tempo" e atualmente conta com uma população bastante reduzida e uma infraestrutura precária. A expressão, de tom pejorativo, indica, na verdade, as modalidades de pobreza e inseguridade social que ainda hoje perdura no estado de Goiás. Quanto mais localidades "paradas no tempo" "facilitam" mão-de-obra barata, fluxos migratórios para

pessoas trabalharem em subempregos nas cidades maiores e, principalmente a literatura, ainda, como forma de denunciar e refletir sobre essas condições sub-humanas.

Na segunda estrofe há a referência a uma figura icônica de Goiás: Benedita Cipriano Gomes – a Santa Dica, que ficou famosa no século XX pela personalidade mística e polêmica, à frente de seu tempo, que até hoje desperta a curiosidade de populares e estudiosos. O busto da mulher-santa, nascida em 1903 e falecida em 1970, está fixado na praça de Lagolândia e é ponto de visitação de devotos e visitantes. A trajetória de Benedita Cipriano foi permeada por milagres, curas, batalhas e militância política, configurando uma existência feminina marcante no sertão goiano e no imaginário do povo, sendo tema do filme *A República dos Anjos*, de 1991, e de diversos documentários e trabalhos de pesquisa. Foi tema também de outra composição em versos de autoria de Paulo Nunes Batista, a seguir transcrita:

História de Santa Dica
Aos 13 anos de idade
- no ano de 22 –
uma febre muito grande
sofre a menina e, depois,
vê espíritos, delira.
Deus, que a saúde lhe tira,
mediunidade lhe pôs.
Aí começa a odisséia da pobre camponesa.
Passa a comunicar-se diariamente com os "anjos"
e, inspirada por eles, dá conselhos e faz sermões.
Manifestam-se suas faculdades de médium curadora:
A bênção de Santa Dica
o povo todo procura.
Doentes desenganados,
abençoando, ela cura.
Já são várias vezes mil
que vêm de todo o Brasil:
a fé os une e segura.
Lagolândia (denominação posterior da Fazenda Ipanema)
vira um novo Juazeiro do Padre Cícero,
a nova Canudos, vira,
como aquela em que existira
o "Santo" Antônio Conselheiro.
Enfermos, velhos, mendigos, crianças abandonadas
- esses órfãos de pais vivos -, todos os
necessitados, enfim, que recorriam à "Santa",
eram atendidos com solicitude e benevolência cristã.
Assim Lagolândia era,
neste goiano sertão,
qual um pedaço de céu
que houvesse baixado ao chão:
lá não se viam – disputa,
assaltante, prostituta,
polícia, crime e ladrão.
Uma versão moderna de Shangri-lá.
Verdadeira Terra de Canaã.
Mas há altos-e-baixos na vida missionária de

"Santa" Dica.
Qual uma Joana d'Arc cabocla, alia-se ao poder
temporal e comanda uma tropa de 400 fanáticos,
armados de fuzis, para dar combate à Coluna Prestes.
Consegue um entendimento com o chefe revolucionário,
porém não pode vencer
a inveja dos "coronéis" mandachuvas de então.
Lagolândia foi atacada por uma força de
15.000 homens.
A "Santa" não se omite:
Toda vestida de branco
- qual Mãe de Santo de Umbanda –
à frente dos seus devotos
a Resistência comanda...
Medo de bala não tem –
bala vai e bala vem
nas ruas, por toda banda...
Houve prisões, mortos e feridos. "Santa" Dica
foi trancafiada no xadrez. Entretanto, lá
permaneceu por pouco tempo.
Irrompe a Revolução de 32 e, novamente, a
"Santa" é convocada para cooperar com o Governo.
Organiza sua gente e vai à luta. Há diversos
entreveros, mas, "milagrosamente",
ninguém morre nem se fere.
Chega o revertério:
Santa Dica vai perdendo
o seu poder de curar...
Agora, junto ao marido,
só pensa em politicar...
Vão os Guias se afastando:
Lagolândia vai ficando
lugar ruim de morar...
Separa-se depois do marido, arranja outro
companheiro. Sofre um processo, porém ela
não era culpada "e é solta, após condenada com
dois anos de cadeia".
Finalmente, informa o poeta:
Dia 9 de novembro,
há 12 anos atrás,
em Goiânia, na pobreza,
entrega sua alma em paz
a famosa "Santa" Dica,
cuja legenda, hoje, fica
iluminando Goiás.
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

No poema acima transcrito, o geopoeta-cordelista fez um resumo da vida e da história de Benedita Cipriano Gomes, dando destaque aos eventos e feitos mais marcantes e que configuram um registro histórico. Descrito como "uma admirável peça literária", o poema foi publicado em um fascículo da ABRAJEE, n. 1.044, em Caruaru, Pernambuco. Não foi possível obter a data da publicação.

Retornando ao *ABC de Lagolândia*, nas estrofes seguintes, da terceira à décima, o eu poético segue elogiando os moradores da pequena cidade pela coragem de viver, pela amizade e hospitalidade. Alguns nomes são homenageados, provavelmente figuras influentes do município na década de 1960, como o Sr. Edmundo, descrito como um guia e professor, amigo da garotada, e seu avô, Severo, descrito como um retirante da Bahia que veio parar em Goiás, trabalhando como comerciante. O olhar do geopoeta e *flâneur* que dá nome às pessoas simples e ressalta suas qualidades, bem como suas histórias. A partir da décima-primeira estrofe há a descrição de um contexto histórico da cidade, mencionando dados como o nome do fundador, Mário Mendes, as potencialidades minerais e fluviais da região e a capacidade de produção de grãos como milho, arroz e feijão.

A união dos trabalhadores em prol do progresso é clamada pelo eu poético nas estrofes vigésima e vigésima-primeira: "Unida, esta gente boa / faz um grande mutirão / o mutirão do progresso / para dar a este terrão / mais conforto para todos / com melhor situação." E ainda: "Vamos unir nossas mãos / pra trabalhar e poder / com as armas da verdade / ver Lagolândia crescer". Conclamar a união da força do povo trabalhador parece, até o momento da pesquisa, ser tema recorrente nos ABC's escritos por Paulo Nunes Batista, o que abre margem para um olhar mais atencioso sobre a forma como a ideologia do militante foi cantada nos versos do cordelista paraibano-goiano.

O lúdico no *ABC a Lagolândia* fica evidente nas duas últimas estrofes, por meio do jogo de palavras, trocadilhos e uso de expressões de um linguajar popular, imprimindo uma atmosfera mais descontraída ao abecê: "Xuxu, por aqui tem muito: / pássaros, tem pra xuxu. / Tem muita gente valente / no cabo dum guatambu." E ainda, nos últimos versos: "quando um soltar, outro agarra: / (e) Lagolândia pra frente / vai – nem que seja na marra...".

O destaque que se almeja dar a esse ABC é o olhar do *flâneur* que vivencia a cidade, em sua simplicidade, valorizando seus potenciais, sua cultura e sua gente: olhando para o homem, para a mulher, para o menino, para o filho, para o avô e para o neto. Olhando para a "Dona Dica" da mesma forma que para o Edmundo, para o Seu Severo da Bahia, Seu Adelino, Seu João, Mário Mendes, Zé Baiano, Antôi Porota, Pedro Araújo, Bandarra, Olavo, Martiniano... todos - da famosa santa ao político, do agricultor ao professor, do pescador ao dono de loja - são nomeados nos versos que registram um passado histórico desse sertão goiano feito de "gente, / que vive quase esquecida / (dos homens – mas não de Deus!)" – acrescenta-se: e muito menos do geopoeta.

ABC rumo ao progresso – Anápolis em verso

Da singela Lagolândia, a jornada geopoética segue para Anápolis, cidade goiana que, ao contrário do pequeno distrito interiorano, alçou voos no progresso e foi a morada de Paulo Nunes Batista por décadas.

A
ANÁPOLIS se levanta
nesta marcha triunfal:
avança e, solene, canta
um hino monumental
na voz de todo seu Povo,
buscando um destino novo
- a CIDADE INDUSTRIAL!

B
BOM JESUS é quem dirige
essa manifestação;
e – do Governo – Ele exige
boa vontade, atenção
para a Terra de Sant'Ana:
pois a "Manchester Goiana"
quer – a INDUSTRIALIZAÇÃO!

C
CAPITAL DA ECONOMIA
do Estado de Goiás,
ANÁPOLIS, noite e dia,
trabalha, edifica e faz
a Grandeza deste Estado!
E existe "um plano" forjado
para passá-la p'ra trás!...

D
DEUS é mesmo ANAPOLINO
(pois que Deus é Brasileiro!)
e quer um melhor destino
para o Grande Povo Obreiro
que, com TRABALHO, em resumo,
pôs ANÁPOLIS no rumo
do PROGRESSO verdadeiro...

E
ENERGIA, Dinamismo,
Esforço, Capacidade,
Boa Vontade, Otimismo
e – ÁGUA... SALUBRIDADE...
- tem ANÁPOLIS, de fato:
e é este o local exato
para a INDUSTRIAL CIDADE.

F
FORÇAS VIVAS do Progresso
com seus fatores humanos,
em ANÁPOLIS, ingresso

foram tendo, há muitos anos:
hoje, a Cidade, que cresce,
o nosso Estado engrandece
- para orgulho dos Goianos.

G
GRANDEZA – em todos os pontos:
CLIMA... LOCALIZAÇÃO...
Assim, não teme confrontos
nem "razões" de oposição...
ANÁPOLIS, sem segredo,
mais que Senador Canedo
- serve à INDUSTRIALIZAÇÃO!

H
HONESTAMENTE falando,
o nosso Governador,
na verdade, está visando
muito mais a Senador
Canêdo... E ANÁPOLIS deixa
cheia de mágoa e de queixa...
- Não faça isso, Doutor!

I
INDÚSTRIAS – exigem: ÁREA...
VIAS DE ACESSO NORMAL...
Além da FORÇA OPERÁRIA
- a posição natural
influirá nessa OBRA:
isto, em ANÁPOLIS, sobra
p'ra CIDADE INDUSTRIAL.

J
JUCA LUDOVICO, diga
ao Doutor Otávio Lage
que com sua Grande Amiga
não cometa essa "bobage"...
Pois... ANÁPOLIS espera
- pela amizade sincera –
algo mais que vernissage.

K
KNOCK-OUT – quem quiser dar
em ANÁPOLIS, de certo
já pode se preparar –
que a derrota lhe vem perto:
este Povo Santanense
na ARENA da luta, vence,
pois "NÃO FICA DESCOBERTO!"

L
LUZ E FORÇA – a Cachoeira
Dourada também nos dá...
RODOVIAS de primeira
ligando ANÁPOLIS há
com Centro e Sul do País...
E aqui nós temos o "X"
que a questão resolverá...

M

MÃO DE OBRA (até sobrando!...)
proximidade do Norte...
(A Amazônia está gritando
e o seu apelo é “de morte”!)
- tem ANÁPOLIS, no duro...
Doutor, o nosso Futuro
vai depender dessa “sorte”...

N
NÓS, Doutor Otávio, somos
aquele “ponto ideal”
para que os “dourados pomos”
da Árvore Industrial
sem ter medo – amadureçam
e, com ANÁPOLIS, cresçam
em nosso Estado, em geral!

O
OLHE, Doutor, nós já temos:
- na Jaiara, a TECELAGEM;
na Vila Fabril, mantemos
com muita força e coragem
a INDÚSTRIA DO FRIGORÍFICO
- um exemplo magnífico
dando a ANÁPOLIS vantagem!

P
PORQUE Senador Canedo
serve melhor do que nós?!
Não queira, Doutor, mais cedo
ou tarde, um remorso atrás
sentir... – deixando esquecida
esta ANÁPOLIS, erguida
num só gesto, a uma só voz!...

Q
QUEREMOS que Senador
Canedo cresça, também.
Somos Goianos, Doutor,
e a Goiás queremos bem!
Mas, no momento, o que importa
é ser – ANÁPOLIS – porta
para o Progresso que é-vem!

R
RAUL BALDUÍNO aguarda
- pondo a Fé na Providência –
esse bem que já nos tarda
para a nossa INDEPENDÊNCIA!
Doutor Otávio, de vera,
hoje, ANÁPOLIS, espera
o “SIM” de Vossa Excelência!

S
SANTANA, a Nossa Madrinha,
é a Nossa Padroeira,
pois ANÁPOLIS caminha
com a LUZ na dianteira:
oremos na Força da Santa
e a Nossa Esperança é tanta

que esta Vitória é certeira!

T
TRABALHO – eis o nosso lema;
PROGRESSO – eis nosso Ideal;
ORDEM – PAZ, eis nosso esquema
nesta Marcha Ascencional:
- é ANÁPOLIS inteira
que levantou a Bandeira
pró CIDADE INDUSTRIAL!

U
URSULINO T. LEÃO
qual leão entrou na ARENA
pela INDUSTRIALIZAÇÃO
e está lutando sem pena
para que ANÁPOLIS possa
dizer: - A CIDADE é nossa,
agora o PROGRESSO engrena!

V
VIMOS buscar a Resposta
- resposta a nossa favor! –
e já fizemos aposta
votando no Vencedor:
que é o Povo Anapolino,
Povo de Brio, de Tino!,
Ilustre Governador!...

W
WOLNEY MARTINS DE ARAÚJO
é, de fato, o Pioneiro
desse Movimento, cujo
desenrolar derradeiro
se deve a toda essa Gente
que por ANÁPOLIS sente
um Grande Amor Verdadeiro!

X
XERIFE – nós não trouxemos,
porque nós somos de PAZ,
e tudo o que nós queremos
- a Razão que aqui nos traz –
é JUSTIÇA, unicamente:
- pondo ANÁPOLIS à frente
do Progresso de Goiás!

Y
YES, Doutor, Yes!,
queremos ouvir seu “SIM!”.
ANÁPOLIS nunca esquece
quem lhe faça o bem! Assim
assine este DOCUMENTO
- pelo DESENVOLVIMENTO
de GOIÁS INTEIRO, enfim!...

Z
ZÁS-TRÁS! A nossa Vitória
foi alcançada, afinal!
para Orgulho, para Glória

do Povo Fenomenal
que ANÁPOLIS encerra
e vai ter na Sua Terra
- a CIDADE INDUSTRIAL!...
- FIM –
(NOTA – O presente ABC foi improvisado logo após ouvir a fala-Apelo do Deputado URSULINO LEÃO, pela Rádio Imprensa de Anápolis, na noite de sábado, 03 de Fevereiro de 1968) (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Neste ABC composto no ano de 1968, "improvisado", conforme registrou o geopoeta-cordelista, o eu poético roga pelo progresso da cidade, pedindo aos políticos que deem preferência para instalar os polos industriais no município, ressaltando suas potencialidades para agregar as variadas áreas e setores da indústria.

O ABC se desenvolve em um tom de diálogo com o governador, Otávio Lage de Siqueira à época, buscando levar ao convencimento de que Anápolis seria a terra ideal para o desenvolvimento das grandes indústrias em Goiás. Nomeando a cidade de "Terra de Sant'Ana", "Manchester Goiana", "Cidade Industrial", "Capital da economia" e "Industrial cidade", os versos destacam diversos fatores favoráveis para a industrialização, tais como água, salubridade, clima, localização e vias de acesso. Além dos destaques estruturais, há o destaque ao potencial do povo trabalhador, em tom progressista, ressaltando a energia, o dinamismo, o esforço, a capacidade, a boa vontade, o otimismo das "Forças vivas", a força operária.

Na oitava estrofe há a referência a uma preferência do governador pela cidade de Senador Canedo, o que leva à interpretação de que houve na época uma disputa para a escolha da cidade na qual seria implantado o primeiro polo industrial de Goiás. Outros trechos do ABC evidenciam este contexto, como, por exemplo, na terceira estrofe: "E existe "um plano" forjado / para passá-la p'ra trás...!". Na décima-sexta estrofe também há a referência: "PORQUE Senador Canedo / serve melhor do que nós?", sendo a súplica maior feita na décima-sétima estrofe: "QUEREMOS que Senador / Canedo cresça, também. / Somos Goianos, Doutor, / e a Goiás queremos bem! / Mas, no momento, o que importa / é ser – ANÁPOLIS – porta / para o Progresso que é-vem!".

Interessante destacar, na vigésima estrofe, o ideário nacionalista e progressista presente no ABC: "TRABALHO – eis nosso lema; / PROGRESSO – eis nosso Ideal; / ORDEM – PAZ, eis nosso esquema / nesta Marcha Ascencional: / é ANÁPOLIS inteira / que levantou a BANDEIRA / pró CIDADE INDUSTRIAL!". Essa estrofe passa a ideia de que toda a população de Anápolis era favorável à tão clamada industrialização: "é JUSTIÇA, unicamente: / - pondo ANÁPOLIS à frente / do Progresso de Goiás!".

Ao contrário de Lagolândia, o progresso industrial chegou à Anápolis, conforme pediu o eu poético do ABC. A cidade foi agraciada com o primeiro distrito industrial de Goiás, o DAIA – Distrito Agroindustrial de Anápolis - inaugurado em 9 de novembro de 1976, gerando um grande avanço na economia da região.

Anos mais tarde, em meados da década de 1980, exercendo a maestria do rimar em 23 ou 26 estrofes, o geopoeta-cordelista *flâneur* dedicou mais um ABC a Anápolis, com diferentes temáticas – passagens:

ANÁPOLIS...
BRASIL...
CONSTITUINTE...

Após mais de vinte anos
sem escolher seu prefeito –
aceitando os que lhe impunham,
porque não tinha outro jeito... –
nossa Anápolis, agora,
reconquista esse direito!...

Brasil velho! o teu defeito
já vem lá desde a raiz:
teu Povo nunca foi dono
dos destinos do País...
O Dinheiro – não o Povo –
sempre fez tudo o que quis!...

Constituinte – já diz
respeito à Constituição...
Mas... que esta se constitua
sob a Justiça e a Razão –
na defesa dos maiores
Interesses da Nação...

Da Nação – que está danda...
devendo a não poder mais,
presa nas unhas, nos dentes
dos donos dos capitais...
entregue – de mão beijada –
às multinacionais...

Este é o quadro doloroso –
sem tirar nem pôr um til –
que vem sempre se agravando,
na proporção de um por mil ... –
deste quintal dos Esteites
conhecido por – Brasil...

Fizeram: Transamazônica...
Ponte Rio-Niterói...
num País de Coitadinhos,
que a Santa Fome destrói...
Não se fez: Reforma Agrária...
E ao Povo a Miséria mói!...

Grandes obras de fachada...
num País em que o Cruzeiro
do Sul, desceu lá do céu... –
virou cruz de um Povo inteiro...
E o povo anda vendo estrelas...
Deus! Tu não és brasileiro?!...

Há, na verdade, Dinheiro
pra banquete e mordomia...
Mas... falta – pra Educação...
pra Saúde... E o Povo – chia
sob o Tacão da Inflação
e a Taca da Carestia!...

Indigente, maltrapilho,
analfabeto, doente,
espancado pela lei,
sem Pão, sem Terra, descrente,
vai o Povo Brasileiro
chutado... é bola pra frente!

Justiça? Quem foi que disse
que Rico vai para cadeia?!...
Xadrez – é pra Zé Ninguém...
Seja na Seca ou na Cheia,
o Nordeste, por exemplo,
véve debaixo da peia!...

Lampião era bandido... –
sem a cabeça ficou...
Hoje – há Bandido legal
que já matou, já roubou,
espancou, pisou no Povo...
e a lei nunca o processou!...

Matar o Povo de Fome –
pior crime pode haver?
Isso – fazem todo dia!...
Quem é besta de prender
o Rico – que deixa o Pobre
- o Povo – à míngua morrer?!...

Nossa Anápolis precisa
de um Prefeito sem temor,
que não se deixe (en)colher
nas Garras do Explorador...
mas que lute pelo Pobre,
defenda o Trabalhador!...

Os bairros mais afastados
não tem Água nem Asfalto...
lá não vai Limpeza Pública...
de tudo o Povo anda falto...
desencanto da Terra...
desiludido do Alto!

Pobre – dá topada e salto,
pra ver se pra frente vai...
mas... a peteca do Pobre

só nas suas mãos não cai...
Tá num beco sem saída
de onde só morto se sai...

Queremos ter um Prefeito
que à Ganância não se dobre...
que não tenha compromissos
com os detentores do cobre...
mas... que se lembre do Povo,
da Grande Massa – que é Pobre!...

Rico – é rico: já tem tudo!
Pobre – do fim da Jaiara –
já tá perdendo a coragem
na vida – só tem a cara...
Diz à Fome: - Pára, Pedro!
Mas... quem diz que a Fome para?!

Senador e Deputado,
Governador, Presidente,
Vereador e Prefeito –
que têm mandato da gente –
como é que deixam o Brasil
devendo o cabelo e o dente!?...

Trabalhador, Lavrador,
Dona-de-Casa, Estudante,
Professor: todos unidos
no Mutirão mais Possante –
vamos eleger quem lute
pelo Povo, a cada instante...

Unamos as Mãos, os Votos,
no Sertão e na Cidade,
pra ver se o Brasil caminha
para a frente, de verdade –
com: Trabalho para todos!
sem: natais de caridade!...

Venha – com a Constituinte –
a Constituição – que possa –
com: Ordem-Trabalho-Progresso-
tirar o Brasil da fossa...
Dizer ao Rico de fora:
Alto! que esta terra é nossa!...

Xadrez – pra quem furta o Povo!
Para o doente – Hospital!
Escola – para o Estudante!
Aumento salarial
sem novo aumento de preços!
Justiça justa e Geral!...

Zero: à Polícia batendo
no Povo! Zero – a quem faz
o Brasil virar mendigo,
marcar passo, dar pra trás!...
Mil: ao Brasil Brasileiro
em Anápolis – Goiás!
08/08/85

(Batista, 1986, p. 67)

No ABC *Anápolis... Brasil... Constituinte...,* o eu poético contextualiza, ao longo das 23 estrofes em sextilhas, rimadas no esquema XAXAXA, uma atmosfera de pré-eleições para prefeito na cidade de Anápolis, apresentando, a exemplo do *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente*, a ansiedade por eleições diretas após o período de ditadura militar, tendo como referência temporal o ano de 1985. Abrindo o ABC com a informação de que na cidade, que vinha de um período de vinte anos sem que o povo pudesse escolher seu administrador, finalmente votar seria possível: "nossa Anápolis, agora, / reconquista esse direito!..." Segue cantando denúncias de um "Brasil velho" que não utilizava os recursos financeiros em prol do povo e cantando ainda a esperança na Constituinte de 1985 que, posteriormente, configuraria a Constituição de 1988.

Esperanças de mais justiça e menos discrepância entre os interesses do governo e os anseios do "Povo" são expressos nos versos deste ABC, os quais denunciam na voz lírica a impunidade que imperava à época para com os abastados financeiramente: "Matar o Povo de Fome - / pior crime pode haver? / Isso – fazem todo dia!... / Quem é besta de prender / o Rico – que deixa o Pobre / - o Povo – à míngua morrer?!..." A desigualdade social é frisada nos versos, contrastando a situação do Povo - a quem falta educação, saúde, pão e terra – com a situação do que dominam o capital – os quais, segundo o eu lírico cordelista, vivem de banquete, mordomia e impunidade: "Hoje – há Bandido legal / que já matou, já roubou, / espancou, pisou no Povo... / e a lei nunca o processou!" Para demonstrar a desigualdade de tratamento da justiça entre ricos e pobres, cita Lampião, o rei do cangaço, que foi decapitado pelos seus crimes.

Na décima-terceira estrofe o *eu* poético retoma o contexto anapolino, clamando por um prefeito que lute pelos interesses do povo e que defenda o trabalhador. O geopoeta-cordelista, como um *flâneur* que vivencia a cidade, denuncia, por meio da voz poética, as deficiências administrativas, como falta de limpeza pública, falta de água e de asfalto, mencionando a pobreza do bairro Jaiara, um dos mais antigos de Anápolis, que era habitado pela classe operária. Segue fazendo um apelo à classe trabalhadora, a partir da estrofe décima-nona: "Trabalhador, Lavrador, / Dona-de-Casa, Estudante, / Professor: todos unidos / no Mutirão mais Possante / vamos eleger quem lute / pelo Povo, a cada instante... / Unamos as Mãos, os Votos, no Sertão e na Cidade,". Interessante ressaltar que os ideais marxistas de união e luta da classe trabalhadora também são cantados em outros escritos, como no *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente*. Outro tema que também aparece em ambos os poemas é a

repressão policial: “Zero: à Polícia batendo / no Povo! Zero a quem faz / o Brasil virar mendigo”.

Nos dois ABC’s dedicados a Anápolis aqui destacados, nota-se a importância dos registros neles contidos, registros historiográficos de fases importantes do município: o início da industrialização e a luta por eleições diretas para que o povo pudesse eleger seus governantes. Com essas passagens da voz poética cordelista por momentos históricos de Anápolis, a afirmação de que os cordéis em ABC de Paulo Nunes Batista são textos com grande função historiográfica angaria maior sustentação.

Anápolis foi a cidade que acolheu o geopoeta-cordelista e foi escolhida por ele para viver até o final de sua vida. O orgulho que teve da cidade foi registrado em diversos escritos, bem como por meio de seu envolvimento com a cultura anapolina, que deixou frutos como a ULA – União Literária Anapolina, em plena atividade atualmente. Na data de 05 de maio de 1978 ele recebeu o “Título de Cidadão Anapolino”, fato que o levou a escrever o ABC intitulado *Canto de Louvor e Gratidão a Anápolis*, publicado no periódico *O Comerciário*, do qual se destacam as seguintes estrofes:

...
Grato, Anápolis, por tudo
quanto na vida me deste:
pelos filhos de meu Sangue
que por teus filhos quiseste,
por tornares em teus filhos
a filhos de meu Nordeste.

...
Orgulho-me, bela Anápolis,
de ser teu filho adotivo.
Há muito que, por amor,
de ti me tornei cativo:
Hoje, tu vives em mim
como, em ti, feliz, eu vivo.

Por tudo que tu me deste
- os filhos de meu amor;
diploma de bacharel;
a fama de Trovador
e a tua cidadania
- sou teu servo e teu cantor.
...

Zero sou: nada mereço,
sou pobre, sou pequenino...
Mas, de toda a alma, agradeço
com meu sentir Nordestino
- a Anápolis, o título de
“Cidadão Anapolino”.
Anápolis, 12/12/77

(Batista, arquivo do acervo pessoal).

Além do ABC acima, a condecoração rendeu várias correspondências endereçadas a Paulo Nunes Batista, cumprimentando-o pelo título de cidadão anapolino. Alguns dos nomes que lhe escreveram foram Bernardo Élis, Jorge Amado, Aureliano Alves Neto, Napoleão Ferreira Leão, dentre outros, conforme registros presentes nos arquivos acessados. Interessante notar como Batista fez parte de uma espécie de sistema literário. Seu engajamento na disseminação de seu trabalho rompeu fronteiras. Sua história no universo do cordel expande o próprio gênero relegado a um nicho. Neste sentido a Universidade Pública vem cada vez mais recebendo essa forma popular e movimentando essa memória geopoética da literatura.

Devoção e religiosidade – um *ABC da Trindade*

Prosseguindo a viagem, deixando um pouco de lado a cidade e o progresso, parte-se para a cidade da devoção religiosa:

ABC da TRINDADE
Pelo Trovador Pau Brasil

A – Ao Divino Padre Eterno
primeiro peço a benção!
dê-nos Sua proteção,
guiando, por caridade,
todos que vêm à Trindade
cumprir sua obrigação.

B – Bom Jesus cubra esse povo
com as dobras do Seu manto:
tenha dó dos infelizes,
de quem chora enxugue o pranto.
Que todos tenham consigo
pra livrá-los do Castigo.
Pai – Filho – Espírito Santo.

C – Coração Imaculado
da Santa Virgem Maria.
dê-nos amor e coragem
na luta de cada dia:
que ao Velho, ao Môço e à Criança
não falte nunca a Esperança
tendo a Virgem por seu guia.

D – Deus, nosso Pai e Senhor,
seja amparo dos Romeiros;
livre sempre do Pecado
seus devotos verdadeiros;
defenda o Brasil da guerra
- que a Fome anda nesta terra

maltratando os brasileiros.

E – Espírito Santo, ajude
a todo Trabalhador;
dê forças, dê confiança
para o pobre agricultor
que trabalha à-terça e à-meia!
Cada vez fica mais feia
a sorte do lavrador...

F – Filho de Deus, Santo Cristo,
Divino Mestre Jesus,
que por nossa salvação
foi pregado numa cruz:
ajude essa humanidade
que na Festa da Trindade
vem cega em busca de Luz!

G – Gabriel, o Grande Arcanjo,
que a Deus sempre foi fiel
e foi na Corte Celeste
quem expulsou a Lusbel:
expulse a Crise sem nome
do nosso Brasil, - que a Fome
é cada vez mais cruel.

H – Heroína Joana D'Arc
que foi na vida Guerreira
e que a Santa Inquisição
queimou viva na fogueira:
queime a negra Carestia
que oprime com tirania
esta Nação Brasileira.

I – Irresistível São Jorge
que mata o Dragão do Mal
- o Grande Santo Guerreiro
que vence a fúria infernal:
vença o Dragão da Miséria
que hoje devora a matéria
do nosso povo em geral.

J – João Batista, o Grande Santo
que nas águas do Jordão
batizou Cristo Jesus,
- o Milagroso São João,
o São João do Carneirinho
mostre a todos o Caminho
da Harmonia e da União.

L – Luzia, a Santa dos Cegos,
única Luz que eles tem.
padroeira dos que sofrem
da vista e da alma também:
aos Romeiros da Trindade
aponte a Luz da Verdade
nesta existência e no Além.

M – Maria, Virgem Santíssima,
esposa de São José,

Mãe Amada e Virtuosa
de Jesus de Nazaré:
guie com Suas mãos benditas
a todas as Mães aflitas
para que não percam a Fé.

N – Nossa Senhora do Amparo
socorra quem está sofrendo;
ampare esse nosso povo
que à míngua vive morrendo.
A Senhora Aparecida
auxilie na dura vida
que o Brasil vai padecendo.

O – Orações são necessárias
aos Santos todos do Céu,
pedindo que nos protejam
no meio do povaréu:
para livrar os Romeiros
dos ladrões e marreteiros
que andam aí vagando ao léu.

P – Pedro, São Pedro Chaveiro,
feche as portas da Maldade
para que todo Romeiro
seja feliz na Trindade
- levando para a Família,
em Uruana ou Brasília,
Saúde e Tranquilidade.

Q – Querubins, Virgens, Arcanjos,
Magos, Profetas – enfim,
Anjos e Santos do Céu
- de São Roque e São Joaquim,
de Santo Antônio a São Braz:
que nos dêem Saúde e Paz,
nos livrando do que é ruim.

R – Reis, Magos, Santos Apóstolos,
São Lázaro e São Francisco,
Santo Inácio e Santa Justa:
nos livrem de todo risco
- do batedor de carteira,
de doença e da poeira,
de cadeia e de corisco...

S – Santa Bárbara, São Jerônimo,
São Lucas e Santa Inês,
Santo Cosme e Damião
e a Senhora das Mercês,
São Clemente, São Jacó:
de nós todos tenham dó,
protejam a mim e a vocês.

T – Todos os Santos nos guiem
para a nossa Salvação,
- São Silvestre, São Tomás,
São José e São Romão.
dê-nos Santa Catarina
a Sua Luz que ilumina

as Trevas da Perdição.

U – Um rogo a São Benedito,
São Tadeu, São Severino,
São Mateus, São Rafael,
São Filipe e São Firmino,
São Tomé, Santa Vitória
- para que ao Reino da Glória
guiem todo peregrino.

V – Valham-nos São Clementino,
São Guido, São Caetano,
Sant'Ana, São Januário,
São Crispim, São Adriano:
nos dando a felicidade
de na Festa da Trindade
nós voltarmos todo ano.

X – Xavier, meu São Francisco,
meu São Francisco de Assis,
São Lourenço, São Gonçalo,
São Domingos, São Luiz:
dêem ao devoto Romeiro
- Saúde, Paz e Dinheiro
para poder ser feliz.

Z – Zele bem deste folheto
que um pau-de-arara compôs:
é lembrança de Trindade
que lhe servirá depois.
Até pra o ano, meu povo:
nós nos veremos de novo
na Festa, em Sessenta e Dois!
1ª edição – Anápolis, junho de 1961
(Batista, 1961)

Em 23 estrofes, sendo a primeira de sextilhas e as demais de setilhas, a cidade de Trindade é cantada em tonas de *etnoflânerie*. Folheto original presente nos arquivos, datado do ano de 1961, configura-se uma peça literária goiana dos movimentos de zona de influência de Goiânia. Um merecido destaque se faz presente já na capa do folheto: o pseudônimo utilizado por Paulo Nunes Batista na identificação da autoria - "Trovador Pau Brasil". Conforme identificado nesta pesquisa, este é apenas um dos pseudônimos adotados durante sua extensa carreira como escritor de versos populares. Alguns outros foram encontrados nos materiais acessados, tais como: Zé Brasil – utilizado em um escrito datado do ano de 1962; Zé Boiadeiro – utilizado em um escrito datado do ano de 1977; Pau Brasil de Goiás – utilizado em escritos também de 1977; Brasil Goiano da Silva – utilizado em um escrito datado do ano de 1978; Zé das Antas – utilizado em um escrito datado do ano de 1982; Amaro Brasil Cantor – utilizado em um escrito datado do ano de 1982; Iris Nortense Goiano – também utilizado no ano de 1982; E. Leitor Nortense – utilizado em um escrito datado do ano de 1988 e, por fim, Eleitor

Consciente – utilizado em escritos do ano de 1989. A respeito da utilização de pseudônimos, o escritor anapolino e amigo de Paulo Nunes Batista, Henrique Alan Kardec Mendonça, assim discorreu, em entrevista concedida para esta pesquisa em fevereiro de 2022:

> Ele teve muitos pseudônimos, alguns que ele teve no passado ele dizia que era por questão política, para não se dar a conhecer, não queria colocar seu nome. Então ele teve, por exemplo, Pena-Brasil. Pena-Brasil você vai ver que tem o nome dele, como um anagrama. Então antes disso com certeza houve outros, mas depois de um certo tempo, ele usou esse critério (do anagrama)... Pau-Brasil de Goiás tem um significado aí... as várias profissões que ele exerceu... e o amor que ele teve por Goiás (Mendonça, 2022).

Adentrando no conteúdo do *ABC da Trindade* (1961), as estrofes exploram a religiosidade e as crenças do universo católico que fazem parte da história da cidade goiana. Todos os anos o município recebe milhares de fiéis e devotos do Divino Pai Eterno, que vão em romaria buscar cura, cumprir promessas ou agradecer pelas graças alcançadas. Tradição iniciada no ano de 1840 e que se mantem fortalecida até os dias atuais, atraindo pessoas de todo o Brasil e do exterior.

Na primeira estrofe há o pedido de bênção ao "Divino Padre Eterno", solicitando proteção para os fiéis que vão até a cidade "cumprir sua obrigação". Nas estrofes que seguem, são nomeadas e invocadas algumas figuras de representação religiosa típicas do catolicismo: a Santíssima Trindade, o Espírito Santo, o Divino Mestre Jesus, anjos e santos. Na estrofe de número dezesseis, há a invocação às mais variadas divindades: "Querubins, Virgens, Arcanjos, / Magos, Profetas – enfim, / Anjos e Santos do Céu / - de São Roque e São Joaquim, / de Santo Antônio a São Braz: / que nos dêem Saúde e Paz, / nos livrando do que é ruim"; essa mistura invocativa de seres superiores demonstra uma adesão do *eu* poético a um ecletismo religioso.

Ao tom de religiosidade se misturam os apelos do *flâneur*, rogando pelo povo, manifestando as agruras sociais pelas quais a população brasileira passava e passa, inclusive os romeiros de Trindade: na terceira estrofe, há o rogo por coragem e esperança: "dê-nos amor e coragem / na luta de cada dia: / que ao Velho, ao Môço e à Criança / não falte nunca a Esperança". Roga pelo trabalhador, pelas mães, pedindo força e fé para continuação de suas jornadas.

Interessante destacar como, entre versos de súplica às divindades, o geopoeta-cordelista construiu versos de protesto e de denúncia visando aspectos que afetam a sociedade (de sua época e de hoje): a fome – "defenda o Brasil da guerra / que a Fome anda nesta terra / maltratando os brasileiros"; a miséria – "vença o Dragão da Miséria / que hoje devora a matéria

/ do nosso povo em geral"; a crise econômica – "expulse a Crise sem nome / do nosso Brasil, - que a Fome / é cada vez mais cruel"; a criminalidade – "para livrar os Romeiros / dos ladrões e marreteiros / que andam aí vagando ao léu", e ainda "nos livrem de todo risco / do batedor e carteira / de doença e da poeira, / de cadeia e de corisco...". Certamente a abordagem um tanto sutil desses temas sociais no folheto *ABC da Trindade* surpreendeu os leitores da época, haja vista que em um folheto vendido pelas ruas durante a maior festa religiosa da cidade, é de se esperar que o conteúdo deste esteja totalmente voltado para a religiosidade. No entanto, Paulo Nunes Batista foi mestre em inserir temáticas sociais nos ABC's, ainda que de forma secundária ou sutil, independente da temática motivadora do poema ou do folheto de cordel.

Outro destaque vai para os versos da penúltima estrofe: "São Domingos, São Luiz: / dêem ao devoto Romeiro / - Saúde, Paz e Dinheiro / para poder ser feliz." O pedido explícito por dinheiro, relacionando-o à felicidade - destoante também, ainda que brevemente, do que se espera das súplicas sagradas ao Santíssimo. Na última estrofe do folheto o *eu* poético estabelece uma interação com o leitor, pedindo que este zele do folheto adquirido e trazendo um convite para um reencontro na festa da Trindade do próximo ano: "Zele bem deste folheto / que um pau-de-arara compôs: é lembrança da Trindade / que lhe servirá depois. / Até para o ano, meu povo: / nós nos veremos de novo / na Festa, em Sessenta e Dois!". A afirmação de que o folheto poderia servir para depois ao leitor, demonstra que o geopoeta-cordelista detinha a consciência de que seus escritos em cordel representariam registros importantes de contribuição à historiografia goiana.

Na contracapa do folheto *ABC da Trindade*, na parte interna, encontra-se outro texto importante: um chamado para as pessoas fazerem parte de uma associação que tinha como objetivo acolher famílias vindas da região Norte e Nordeste para Anápolis:

> Seja Sócio da ANA
> Nortista Amigo:
> Foi fundada, agora, em Anápolis, a ANA – Associação Nortista de Anápolis, com as seguintes finalidades: a) Construir, em Anápolis, a CASA DO NORTISTA – para agasalhar as famílias pobres que vêm do Norte e Nordeste em busca de trabalho e estabilidade em Goiás; b) Organizar festas típicas para os nortistas e nordestinos aqui residentes; c) Prestar assistência social, jurídica, funerária etc., dando apoio moral e material aos Nortistas e Nordestinos que vivem em Anápolis e regiões vizinhas; d) Lutar em defesa dos interesses das colônias nortista e nordestina aqui radicadas, tudo fazendo pelo progresso da terra goiana, que tão generosamente nos tem acolhido e aos nossos conterrâneos. Seja, pois, Você, também, um sócio da ANA. – Informações pela Caixa Postal 3 – com Paulo Nunes Batista, na redação de A IMPRENSA, ou, com o Inspetor Piauí, no Serviço de Trânsito de Anápolis – Estado de Goiás (Batista, 1961).

Um chamado muito representativo, tendo em vista que entre as décadas de 1960 e 1970 a migração populacional do Norte e do Nordeste para a região Centro-Oeste foi intensa, estimulada pelo crescimento da agricultura, da industrialização e, especialmente para a região de Anápolis e Goiânia. Fluxo migratório motivado pela construção da nova capital, muitas famílias chegavam em Goiás e na região do Entorno do Distrito Federal sem ter local para ficar, ou sem qualquer garantia de empregabilidade rápida. Sensível à questão, o geopoeta observou e agiu em prol desses retirantes, apoiando a ANA, que no ano de 1981 teve sua razão social alterada para Associação Nortista e Nordestina de Anápolis – ANNA – adquirindo a qualificação de associação de utilidade pública pelo governo de Goiás, estando ainda ativa na atualidade. O poeta movimenta justamente um dos pontos políticos da teoria da geopoesia: os fluxos migratórios nessas regiões, a alta taxa de miséria e uma literatura que dialoga com esses três fluxos territoriais.

No folheto *Brasília... em versos rimados*, publicado por Paulo Nunes Batista provavelmente nos anos últimos anos da década de 1950, antes da inauguração de Brasília, fase em que as construções já estavam avançadas, conforme registram os versos: "O Palácio do Congresso / e o Senado Federal / já se encontram quase prontos. / Ministérios, em geral, / vão subindo, e se projeta / uma imensa Catedral...", a questão da migração nordestina para a região Centro-Oeste é enfatizada nas últimas estrofes da publicação:

> Para construir Brasília
> de toda parte vem gente:
> do Nordeste Brasileiro
> chegam ali constantemente
> os "Paus de Arara", e lá, todos
>
> Milhares de motoristas,
> mecânicos, carpinteiros,
> pedreiros e construtores,
> armadores e ferreiros.
> - um Exército formado
> de Operários Brasileiros...
>
> ...São "os Candangos" lutando
> na Batalha da Vitória
> para construir Brasília
> que vai ficar na História
> para o bem de nossa Terra,
> nosso Orgulho e nossa Glória.
>
> Este folheto, leitores,
> deseja apenas mostrar
> que Brasília está no ponto
> que não pode mais parar:
> com Brasília – para a frente
> o Brasil deve marchar!

(Batista, arquivo do acervo pessoal)

A expressão "pau-de-arara" presente na última estrofe do *ABC da Trindade* como autorreferência nos versos "Zele bem deste folheto / que um pau-de-arara compôs" aparece também no folheto *Brasília... em versos rimados*, no intuito de descrever os nordestinos migrantes que compuseram a força de trabalho na construção da capital. Esse termo é costumeiramente utilizado para descrever meios de transporte normalmente sem segurança. Aqueles que transportam pessoas em carrocerias de caminhões e camionetas, sem proteção e atravessando o país. Configura-se também numa forma coloquial e pejorativa de se referir aos retirantes e acentua-se na raizama da palavra quando se pensa que é o mesmo termo utilizado para o lugar no qual se torturavam pessoas na época da ditadura. O uso da expressão em ambos os cordéis demonstra que o geopoeta-cordelista paraibano-goiano se via nesses trabalhadores, seus conterrâneos, que, assim como ele, migraram para Goiás em busca de melhores oportunidades de vida ou a fim de conquistar seus ideais por meio do trabalho. No caso de Paulo Nunes Batista, a migração lhe proporcionou o trabalho como servidor público, bem como o seu melhor ofício: o de "lavrador de palavras", como assim o descreveu Brasigóis Felício (2000, p. 3).

O turismo pelas águas – um ABC a Caldas

Da cidade que atrai milhares de romeiros movidos pela fé, a viagem segue para a cidade que atrai inúmeros turistas, motivados pelas águas termais goianas:

ABC PARA CALDAS NOVAS

Ao Dr. Bernardo José Rodrigues

Águas quentes naturais
brotadas do berço-chão...
Benditas águas termais
nascidas do coração
da Mãe-Terra soberana,
em CALDAS NOVAS, goiana
maravilha do sertão!

Bela cidade, onde pousa
a Mão Sublime de Deus
em cada ser, cada cousa,
sobre os crentes e os ateus
- a todos abençoando:
é o Grande Pai, abraçando
a todos os filhos seus!

CALDAS NOVAS – clima quente
de águas quentes (que beleza!) –
cura, prende, agrada a gente
e, de surpresa em surpresa,
nas Piscinas, na Lagoa,
nos torna a Saúde – boa
por obra da Natureza!

Do Amos de Deus temos Provas:
seu Poder Extraordinário
faz CURAS, em CALDAS NOVAS,
nos BANHOS DO BALNEÁRIO.
Chega um doente, entrevado
- sai forte, novo, curado
no momento necessário!

Esplanada e as Cabanas,
Pousadas do Rio Quente
- rio, que em terras goianas
é qual divino presente!
As ruas – arborizadas.
Noites – mansas, sossegadas:
se dorme tranquilamente!

Frutas diversas, nativas
e aclimatadas, aqui:
manga, laranja, banana,
o caju, o abacaxi.
CALDAS está nos caminhos
de Nova Aurora, Morrinhos,
Santa Cruz, Impameri...

Goiandira, Marzagão,
Corumbaíba, Palmelo,
Pires do Rio... estão perto.
O chão – vermelho-amarelo.
O céu – azul, sem fumaça.
CALDAS NOVAS – é uma graça
com seu panorama belo.

Hotéis de 1ª classe
para servir ao turista.
Um cinema. A bela Praça
Mestre Orlando, onde o banhista
descansa o corpo e descansa
seu espírito – que alcança
Paz... e a Saúde conquista.

Igrejas romanas, duas,
mais um templo protestante.
Centros espíritas – três;
um de Umbanda. O visitante,
na cidade amiga e calma,
se cura do corpo e da alma
- se não for extravagante!

Jovens, matronas e velhos,
os meninos, as meninas,
homens de todas as classes

- tomam banho nas PISCINAS
de águas quentes, limpas águas
que lavam todas as mágoas,
com suas Forças divinas!

LAGOA QUENTE – é prodígio
que as almas deixa em suspense:
fica só a 6 quilômetros
do centro caldas-novense.
Gente chega na LAGOA
com reumatismo – sai BOA:
é o Poder da Água que vence!

Micoses, doenças da pele
- desde eczema à alergia;
reumatismo brabo, artrite
reumatóide, a nervosia;
da coluna vertebral
as dores – a ÁGUA TERMAL
outra: é FONTE DE ALEGRIA!

Nitratos, Sulfatos, Ferro,
Sílica, Amônio, Anidrido
Carbônico, Magnésio,
Cálcio, Alumínio – têm sido
nas termas de CALDAS NOVAS
encontrados, dando provas
do valor reconhecido.

Os médicos aconselham
CALDAS NOVAS – banho e sol:
suas ÁGUAS curam os nervos
e baixam o colesterol;
tem grande alcalinidade.
Limpa e bonita é a cidade.
O tratamento – de escol.

Passarinhos cantadores
anunciam o amanhecer:
- passo-preto, curió...;
nas copas, ao entardecer,
a rolinha, o canarinho,
o melro, sem busca do ninho,
o turista pode ver...

Quente – CALDAS NOVAS é,
mas é quente suportável;
o céu é claro, o sol, quente,
mas sopra um vento agradável.
À noite, se dorme bem.
Apetite, a gente tem.
O clima é seco, saudável.

RIO QUENTE – esse é o famoso
Rio das águas termais.
Ribeirão de Caldas Novas
é frio – sem ser de mais.
Morros – tem Alto e do Pique.
Quem um dia em CALDAS fique,
não a esquece, nunca mais!

Serra, tem – de Caldas Novas.
O mais é campo, o cerrado,
onde havia muita caça
- anta, catete, veado,
paca, ema, capivara...
Hoje, essa fauna está rara:
Dr. Progresso é o culpado.

Tem, no rio, vários peixes
que ainda se podem pescar:
Dourado, piracanjuba,
Piampara... é só levar
sorte, isca, vara e anzol
- chovendo ou fazendo sol –
pega... se não der azar!...

Uma estação de águas quentes
é breve: são 21 dias...
Mas vale por toda a vida,
pois traz muitas alegrias..
É, de CALDAS, a virtude:
renovar-nos a Saúde,
renovando as energias.

Você, que ainda não conhece
CALDAS NOVAS, em Goiás,
não sabe o que já perdeu
desse dia para trás:
conheça a bela cidade
que lhe dá – felicidade,
saúde, alegria, paz!

Xis! Um xi sobre o passado!
Comece nova existência
visitando CALDAS NOVAS,
onde a médica ciência
comprova CURAS PERFEITAS
- curas pelas águas, feitas
por obra da Providência!

Zelar da própria Saúde
é dever, obrigação
de todos – para que seja
forte e feliz, a Nação!
Em CALDAS NOVAS, ajude
o Brasil – tenha SAÚDE
e seja feliz, irmão!...
Caldas Novas (GO), 31-01-78.
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

Escrito no ano de 1978, o *ABC para Caldas Novas* é fruto de uma imersão vivenciada pelo geopoeta, ao passar cinco dias na cidade turística goiana no mês de janeiro, a convite de um médico e escritor morador da cidade, referido como Dr. Bernardo José Rodrigues, a quem o ABC foi dedicado. Nos escritos originais datilografados e assinados após a composição poética, há uma nota narrativa que discorre a respeito dos dias vivenciados e das

impressões capturadas a respeito da cidade. Embora a passagem seja longa, sua transcrição é importante para verificar a capacidade memorial do geopoeta:

> Visita a Caldas Novas
> Paulo Nunes Batista
>
> De 27 a 31 de janeiro, último, passamos, eu e minha mulher, agradáveis e inesquecíveis dias em Caldas Novas. Fomos hóspedes do médico e escritor, Dr. Bernardo José Rodrigues, de Anápolis, proprietário de espaçosa residência em Caldas, à Rua P n. 518. Rodeada de altos bambuais e mangueiras, a casa oferece acolhedor repouso, no bairro Vila Nova, a 10 minutos a pé do centro urbano. Apesar do calor, as noites de Caldas Novas são tranquilas e, onde ficamos o sossego nos embala o sono reparador. Ao anoitecer, das frondosas árvores desce o canto dos pássaros de Caldas Novas, como se passos pretos, curiós, melros, canarinhos e outros se desafiassem, em maviosas competições musicais, em que esses poetas alados de Deus agradecem ao Creador por mais um dia. E cedo, bem cedo, lá estão eles de novo renovando o concerto, saudando mais uma aurora. Caldas Novas, cidade limpa e bucólica, onde a Natureza beneficiou Goiás com as maravilhosas fontes termais do Rio Quente, deixa em todos os que a visitam indeléveis saudades. O comércio, embora pequeno, é bem sortido e se encontra para comprar de um quase tudo, desde mantimentos a artigos para presentes, roupas feitas, discos e fitas para gravador. Diversos japoneses estão ali estabelecidos, alguns explorando o comércio hortifrutigranjeiro. O povo é educado, atencioso, cordial. Não vimos um só mendigo, nem crianças famintas, vagabundando. Não há pleibóis disputando corridas de carro nas ruas, nem embriagados caídos nas calçadas. Caldas Novas é pacata, ordeira, com seu povo simples, seus dias claros e quentes, seus banhos que curam diversas enfermidades. No Balneário, da Prefeitura Municipal, paga-se apenas sete cruzeiros por pessoa, cada banho durando 15 minutos, a temperaturas que vão de 38 a 42° C, tudo muito bem controlado pelos diligentes funcionários, sob a gerência da distinta dona Maria José Del Bel. Anotamos seus nomes: Joana Divina de Araújo e Odécia Borges, caixas; Ilídio de Araújo Lima e João Tomé de Morais, lavadores, este último encarregado de fazer e servir, aos banhistas, um delicioso chá de douradinha, sem ou com açúcar e limão. Após o banho, bebericar uma chávena de "chá de Seu João" faz suar em bicas e a bebida é excelente diurético. Ficamos sabendo, pela d. Maria José, que há mais de 15 anos serve no Balneário Municipal, que as doenças mais comumentes curadas nos banhos termais de Caldas Novas são: reumatismo, artrite reumatóide, micoses, eczemas, alergias e outras moléstias da pele, além de desvios de coluna e enfermidades nervosas, sendo positivos os efeitos para baixar o colesterol. Segundo ainda a nossa informante, muitas pessoas chegam aos banhos carregadas, entrevadas e saem em boa forma, curadas, andando normalmente. Um copo de água quente é laxante, na prisão de ventre. Eu tenho para mim que aquelas águas curam até ruindade, porque, nos cinco dias que ali estagiamos, todas as pessoas com quem me encontrei estavam de ótima natureza, porejando serenidade. Benditos banhos quentes! Logo à entrada do Balneário se lê, com destaque, o Resultado da Análise das Fontes Termais de Caldas Novas, a saber: resíduo em suspensão: ausente; resíduo a 180° C: 95,5 mg; anidrido carbônico – total: (CO-a) 44,3 mg; alcalinidade (em Ca/Co) por 100.00 de água: 81 partes; anidrido carbônico livre (Co-2): 4,4 mg; matéria orgânica em o meio ácido: 1,35 mg; cloretos (CI): traços; sulfatos (SO): 2,0 mg; nitratos (NO 4/3): 0,8 mg; nitritos (NO-2): ausentes; sílica (SIO): 19,8 mg; ferro (F+++2): 0,3 mg; alumínio (AL+++): 0,4 mg; cálcio (CA++): 15,5 mg; magnésio (mg++): 10,0 mg; amônio (NH+): 0,06 mg; alcalinos (em NA+): 9,2 mg. Análise feita no Instituto de Pesquisa do Estado de São Paulo. Em Caldas Novas o turista (ou morador) pode tomar banhos quentes em lugares diversos, podendo optar por: Balneário, Pousadas do Rio Quente, Esplanada do Rio Quente, Cabanas do Rio Quente, Piscinas (dos vários hotéis) e Lagoa Quente, tudo isto dentro do município ou na sede da cidade, com ônibus indo e vindo, sempre lotados. Com a chegada crescente de gente endinheirada, que adquire os terrenos e constrói casas boas, Caldas Novas perde, pouco a pouco, o seu ar de cidade pequena,

> passando a centro turístico. Obrigado, Dr. Bernardo José Rodrigues, pela feliz oportunidade que nos deu de conhecer Caldas Novas, cujo povo e cujo prefeito, Cel. Augusto Rodrigues da Cunha, estão de parabéns, por essa joia goiana que é a cidade das águas quentes. Paulo Nunes Batista (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Tanto o *ABC para Caldas Novas*, quanto o texto que o acompanha nos escritos originais (acima transcrito) foram publicados no caderno "Suplemento Cultural" do Jornal *O Popular*, em abril de 1978, sendo que o recorte da publicação se encontra preservado nos arquivos deixados pelo escritor. Remetendo esses escritos às *Passagens* de Walter Benjamin, a relação que se faz aqui é a do geopoeta-cordelista que olhou, vivenciou e descreveu as cidades goianas na perspectiva do *etnoflâneur*, registrando esses olhares nos ABC's – estrofes muitas vezes fragmentadas dentro de um mesmo poema. Nesse sentido, faz-se pertinente a afirmação de Almeida, no estudo *A Paris de Wood Allen: narrações sobre a cidade e suas apropriações midiáticas pelo turismo:*

> O *flâneur* não é um turista em busca de conhecer os locais indicados por um guia, mas qualquer sujeito imbuído de uma maior sensibilidade, seja ele morador ou visitante, que procura por sua inserção em meio à cidade e, indo além, a obtenção das múltiplas experiências que a errância pode provocar. Segundo Walter Benjamin (*apud* WHITE 2001), para o praticante da *flânerie*, a paisagem se divide em duas partes dialéticas: torna-se um cenário que se abre e uma sala de estar que reclusa. Dessa forma, as experiências obtidas acabam por inspirar e por serem impressas em produtos dessas vivências. (Almeida, 2015, p. 35).

No caso do geopoeta-cordelista, a prática da *flânerie* pela cidade das águas foi impressa em três produtos, sendo um deles o poema *ABC para Caldas Novas*. Ao longo das 23 estrofes, a voz do eu poético cordelista descreve uma cidade interiorana atrativa e repleta de belezas naturais. Os elogios tecidos são muitos: maravilha do sertão, bela cidade, obra da natureza, cidade limpa e bonita de chão vermelho-amarelo e céu azul. Além dos termos elogiosos, o poema traz descrições oriundas da experiência vivenciada pelo poeta-errante, tais como as presentes nos versos da quinta estrofe: "As ruas – arborizadas! / Noites – mansas, sossegadas; / se dorme tranquilamente!".

Várias outras descrições denotam a imersão experienciada, tais como "Limpa e bonita é a cidade / O tratamento é de escol". Como um *flâneur* que não só passeia pela cidade, mas a sente e a observa em seus detalhes, as descrições contidas nos versos do ABC não deixam escapar os melhores aspectos, desde os naturais, como o canto dos pássaros, os rios, o clima, as frutas regionais "nativas e aclimatadas", os morros e as serras, o cerrado, o clima, os peixes e a fauna em geral, até os detalhes das ruas, "arborizadas e limpas", as construções – hotéis, cinemas, igrejas e centros espíritas – e um destaque para a "bela Praça / Mestre Orlando, onde

o banhista / descansa o corpo e descansa / seu espírito". Como se vê, o olhar do viajante vai além da busca pelas águas: a cidade e suas paisagens ganham grande destaque nos versos rimados.

Várias estrofes do ABC ressaltam o poder curativo das águas termais de Caldas Novas, demonstrando que esta era uma forte crença à época, um chamariz para os possíveis visitantes. Na quarta estrofe, por exemplo, há essa ênfase, conforme se vê nos seguintes versos: "faz CURAS, em CALDAS NOVAS, / nos BANHOS DO BALNEÁRIO. / Chega um doente, entrevado / - sai forte, novo curado / no momento necessário!" Além desta, outras cinco estrofes são dedicadas ao assunto, mencionando os diversos males que os banhos termais teriam o poder de curar, tais como reumatismo, micoses, artrite, dores na coluna, alergia, dentre outros. Atualmente não se vê mais a divulgação dessa possível capacidade medicinal como forma de atrair visitantes: a cidade de Caldas Novas se tornou um grande polo aquático, cheia de hotéis e parques termais com inúmeras atrações turísticas para os diversos gostos, não se resumindo mais aos banhos quentes.

O fator social se faz presente no conteúdo do ABC, de forma sutil, a exemplo da décima oitava estrofe, na qual o *eu* poético critica a decadência da fauna do cerrado: "O mais é campo, o cerrado, / onde havia muita caça / - anta, catete, veado, / paca, ema, capivara... / Hoje, essa fauna está rara: Dr. Progresso é o culpado." Em outro trecho, presente na última estrofe, há a menção à nação, enfatizando a necessidade de o povo ter saúde: "Zelar pela própria Saúde / é dever, obrigação / de todos – para que seja / forte e feliz, a Nação!". Diferente do teor do *ABC a Anápolis*, no qual a voz poética rogava pelo progresso industrial, no *ABC a Caldas Novas* percebe-se uma crítica à chegada do progresso desenfreado, que devasta a fauna e a flora do cerrado goiano.

No texto que acompanha o ABC, de cunho narrativo-descritivo com o título "Visita a Caldas Novas", segundo produto da *flânerie* do geopoeta-cordelista, a estadia na cidade das águas termais é descrita com detalhes, sendo que muitos destes dialogam com os versos do ABC, tais como a descrição do clima da cidade, a tranquilidade das noites, o canto dos pássaros, a natureza e a atmosfera bucólica que ali existia. Embora seja um texto narrativo, percebe-se uma poeticidade no mesmo, tanto pelas escolhas lexicais quanto na riqueza dos detalhes descritivos, pois, "mesmo nos escritos em prosa há uma conexão com a poesia. A prosa poética", afirmou Maria do Socorro Xavier, sobre a escrita prosaica do geopoeta, no prefácio do livro de poesias *Cinzas* (2008). Extrapolando o conteúdo do ABC, o texto apresenta impressões extras, tais como as observações sobre o comércio: "O comércio, embora pequeno,

é bem sortido e se encontra para comprar de um quase tudo, desde mantimentos a artigos para presentes, roupas feitas, discos e fitas para gravador". A percepção das ruas e de seus habitantes - neste caso, a ausência deles: "Não vimos um só mendigo, nem crianças famintas, vagabundando. Não há pleibóis disputando corridas de carro nas ruas, nem embriagados caídos nas calçadas".

Com olhar visionário, o geopoeta-cordelista *flâneur* dá indícios da percepção de que a cidade pacata e bucólica não se manteria nesse patamar pelas próximas décadas: "Com a chegada crescente de gente endinheirada, que adquire os terrenos e constrói casas boas, Caldas Novas perde, pouco a pouco, o seu ar de cidade pequena, passando a centro turístico". Mais uma vez, assim como a previsão feita de que Anápolis seria um grande pólo industrial, o geopoeta fez a previsão acertada sobre a terra das águas termais – hoje um grande pólo turístico de hotéis, clubes e especulação imobiliária.

As impressões a respeito das pessoas da cidade são destaque no texto narrativo. Como um *flâneur*, o narrador descreve o povo da cidade com a voz de quem realmente os enxergou: "O povo é educado, atencioso, cordial... povo simples". Nomeia as pessoas trabalhadoras, ressaltando sua eficiência e cordialidade ao executar serviços no Balneário Municipal: "...diligentes funcionários, sob a gerência da distinta dona Maria José Del Bel. Anotamos seus nomes: Joana Divina de Araújo e Odécia Borges, caixas; Ilídio de Araújo Lima e João Tomé de Morais, lavadores...". A sensibilidade de olhar e registrar os nomes e as funções dos trabalhadores demonstra o olhar de *flâneur* que não enxerga apenas a profissão da massa, mas dá nome aos rostos com os quais encontra pelos caminhares. Conforme afirmam as *Passagens*: "A ociosidade do flâneur é um protesto contra a divisão do trabalho" (Benjamin, 2009 [M 5,8]) e mais adiante: "A fantasmagoria do flâneur: a partir dos rostos, fazer a leitura da profissão, da origem e do caráter" (Benjamin, 2009 [M 6,6]).

Valorizar cada indivíduo pelo ser, prestar atenção no que esse ser tem a dizer, nomeá-lo e conhecer a sua história: eis o *flâneur* apaixonado benjaminiano. Tecendo a narrativa a partir do que ouviu do outro, compondo o texto a partir do diálogo, tudo reverbera na escrita a partir da oralidade:

> Os seres humanos – a comunicação com eles, sua observação, o simples fato de olhá-los – importavam-lhe mais que qualquer outra coisa. Quando saía a passeio no verão, o que, com bom tempo, ocorria diariamente no entardecer... não era fácil encontrar uma taverna ou confeitaria, onde ele não tivesse entrado para ver se lá havia pessoas, e de que espécie (Benjamin, 2009 [M 4ª, 2]).

As experiências vivenciadas na cidade são sensoriais: os sons, as cores, o movimento, o clima, as pessoas e o gosto: "um delicioso chá de douradinha, sem ou com açúcar. Após o banho, bebericar uma chávena de "chá de Seu João" faz suar em bicas...". O *flâneur* experiencia a imersão pela cidade e a expressa poeticamente, a partir das experiências do corpo e da mente:

ANOITECER EM CALDAS NOVAS
Paulo Nunes Batista
Ao Dr. Bernardo J. Rodrigues

Chilros, pipilos, pios, trinos, cantos
de passarinhos, dando adeus ao dia,
descem do bambual, qual sinfonia,
enchendo o anoitecer de mil encantos.

O dia morre, em cálidos quebrantos.
Respira, a terra, a paz da ave-maria,
enquanto a noite, desde a serrania,
envolve, aos poucos, tudo, em negros mantos.

No chão de Caldas Novas, nos espaços,
reina essa paz solene sertaneja,
que reconforta todos os cansaços.

Um sino chama os crentes para a Igreja.
O sono, benfazejo, nos seus braços
me acolhe todo. Deus louvado seja!...
(Rua P-518 – Vila Nova, Caldas Novas, 28-01-1978)
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

O soneto acima aparece na sequência do ABC e do texto narrativo "Visita a Caldas Novas", na publicação feita pelo jornal *O Popular*, em abril de 1978. Terceiro produto da *flânerie* do geopoeta-cordelista pela cidade das águas termais, as estrofes evidenciam as experiências percebidas durante a imersão na "jóia goiana", que de bucólica à época, passou a grande centro turístico goiano da atualidade. As paisagens e impressões do geopoeta-cordelista configuram um retrato de um passado no qual banhos com duração de 15 minutos, nas águas quentes (38 a 42°) saciavam os turistas, além de curar enfermidades do corpo e da personalidade humana: "Eu tenho para mim que aquelas águas curam até ruindade, porque nos cinco dias que ali estagiamos, todas as pessoas que encontrei estavam de ótima natureza, porejando serenidade. Benditos banhos quentes!". Aproveitando a estratégia discursiva de descontração impressa no texto pelo geopoeta, seria bastante interessante para a sociedade atual águas que pudessem curar a "ruindade". Paulo Nunes Batista certamente seguiria recomendando-as.

O Sudoeste é logo ali – *ABC a Jataí*

Percorrendo outras bandas do estado, a jornada geopoética chega a Jataí, cidade do Sudoeste goiano, pela qual o geopoeta-cordelista andou, falou de cordel e versou, dando luz à composição a seguir:

ABC a Jataí

A Sudoeste do Estado
de Goiás, trazendo em si
labor, cultura, progresso,
amor do arroz com pequi
com toda autenticidade –
poesia feita cidade –
vê-se a bela JATAÍ.

Bela em todos os sentidos –
no céu, nas águas, no chão,
na alma goiana da gente,
no goiano coração, -
hoje a antiga Paraíso –
JATAÍ – traz o Sorriso
de Goiás na flor da mão.

Com J se escreve: Jóia;
com A se escreve: Amor;
com T se escreve: Trabalho;
com A escreve-se: Ardor;
com Í se escreve: Infinito...
Já taí o nome escrito
de JATAÍ – mel de flor!...

Diamante bem lapidado
arde em luz, vira brilhante:
do ardente trabalho nasce
a flor da jóia importante.
O amor da Abelha fabrica
o mel do progresso, e, rica,
JATAÍ prossegue avante!...

É o Povo – a Abelha Operária –
de flor em flor, dia a dia
na colméia do labor
quem toda a riqueza cria...
Das mãos, das Asas do Povo
em JATAÍ nasce o Novo
Goiás, em mel de poesia!

Flor e fruto do Ideal
de um Povo que em si já traz
o sonho do bandeirante
que mais grande a terra faz,
surge do chão dadivoso
JATAÍ – mel saboroso
do girassol de Goiás!

Goiás – coração da Pátria –
brasileira alma gentil,
nas águas do Rio Claro

refletindo o céu de anil,
nas faces da jóia brilha
dessa terra maravilha
JATAÍ – Flor do Brasil!

Homens ilustres, Mulheres
bonitas e inteligentes
unindo as Mãos na Ciranda
do Progresso, em várias frentes,
erguem JATAÍ à altura
da brasileira cultura,
abrindo luzes nas mentes...

Ilustre, um grande entre os grandes
poetas de nossa raça,
é José Godoy Garcia,
que em JATAÍ teve a graça
de vir ao mundo: em Godoy
toda a Dor do Brasil dói –
girassol de dor na praça!...

JATAÍ tem 5 letras,
como Goiás e União.
5 são nossos sentidos,
são 5 os dedos da mão.
5 letras tem arroz,
que é riqueza que o homem pôs
no solo da região.

Km2 tem
nove mil e oitocentos
e sessenta e dois de área
o município. Por ventos
polares do Sul, no estio,
JATAÍ se embrulha: é frio...
Tem dias muito friorentos.

Leodegária de Jesus
é em JATAÍ nascida.
Romancista e poetisa,
foi em seu tempo aplaudida.
Deixou: "Coroa de Lírios"
e "Orquídeas" – suaves círios
que iluminaram-lhe a vida.

Márcia de Lorena – é
Judith Carmen Cabral.
Publicou "Eterna Busca"
e outros livros. Natural
de JATAÍ. O poeta
Pedro Carlos é o esteta
da Fazenda Laranjal.

Nei Clara de Lima é
JATAIense. Outro artista,
Gênio Eurípedes Cabral
de Assis, um bom desenhista,
poeta e compositor,
homem público, escritor,
as simpatias conquista.

Outro muito ilustre é
Basileu Toledo França,
escritor e educador
saiu da terra em criança.
Na antologia “Sudoeste”
mostra o valor inconteste
que esta região alcança.

Por Pio Martins Rezende
sai “Caminhos de Certeza”.
Em Mauro da Costa Lima
a música brilha acesa.
Andreyna Carvalho Franco
tem da música no banco
saldo de muita grandeza.

Quem Darcy França Denófrio
como ensaísta conhece,
como poetisa e crítica
sabe quanto ela merece.
Eunória Gomes de Lima
“Na Ânsia de Servir” se estima:
JATAÍ com ela cresce.

Rio Claro, Rio Verde,
rios Corrente e Aporé,
rios Ariranha e Doce;
Rio Jacubá, que é
o nome lá na nascente
que tem o Rio Corrente.
O Córrego São José...

Serras tem do Cafezal,
Rio Verde e Caiapó.
Produz gado, soja, milho,
arroz, feijão. Não é só.
Indústria, Comércio, Bancos.
Do Atraso, em todos os flancos,
JATAÍ desata o nó.

Tem limites pelo Norte
com Caiapônia; ao Oeste
Serranópolis, Mineiros;
Rio Verde pelo Leste.
Aparecida Rio Doce,
Itarumã, Caçu – trouxe
para o Sul a Mão Celeste.

Um Álvaro Fernando de Âgelis,
Luíza Ribeiro Machado,
Leonardo Lima Vilela,
Elia Paniago e, ao lado,
Maria Eloá de Souza
Lima, o poeta não ousa
esquecer, neste apanhado.

Vem Ambrosina Francisca
de Moraes, Manoel Messias
de Morais, José Augusto

da Silva e suas poesias.
Filadelfo Borges (de) Lima.
Nas artes plásticas prima
JATAÍ dos nossos dias.

Wilsinho Lopes Franco,
cantor e violonista.
Éder Gomes de Carvalho,
outro ilustre musicista.
Hugo Ayaviri retrata
toda a JATAÍ pacata,
bela, culta, progressista.

Xis da questão: é o poeta
não conseguir, já se vê,
colocar todos os nomes
que merecem – do A ao Z.
com todo o esforço que fez
só conta com as 26
letras para este ABC...

Yolita de Assis Campos
o cordelista ainda cita,
e a compositora, mestra
e Vereadora Elita.
Léo Lince andou por aqui
e um "Soneto a Jataí"
compôs... que coisa bonita!

Zina Brill. Dr. Fleury.
Ney Teles de Paula. E, assim,
Binômino (da) Costa Lima...
Que os demais perdoem a mim
não citá-los neste espaço.
Com meu cordelista Abraço
este Abecê chega ao fim.
(Anápolis, 22-X-95)
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

Seguindo os caminhos do geopoeta *flâneur* que poetisou as nuances vivenciadas e observadas nas cidades por onde passasse, essa voz que canta Jataí inicia destacando a geografia, a cultura e o progresso local da cidade cujo primeiro nome foi Paraíso. Segue elogiando o povo – "Abelha Operária" – em analogia ao apelido da cidade, que é conhecida como Cidade Abelha, em referência à espécie de abelhas de mesmo nome.

Ao longo das 26 estrofes em setilhas, rimadas no esquema XAXAXXA, o eu poético descreve Jataí como uma cidade bela, próspera e rica, utilizando para isto um campo lexical específico, como atestam as expressões: bela, jóia, mel de flor, mel do progresso, rica, colmeia do labor, flor do Brasil, terra maravilha, girassol de Goiás, diamante bem lapidado etc. As expressões tem relação com o apelido de "Cidade Abelha", além de estarem ligadas ao potencial de desenvolvimento do município que na década de 1990 já se destacava pela

potencialidade econômica oriunda da agricultura e da agropecuária, possuindo um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado. O ABC possui como data de referência o ano de 1995.

Os versos dão destaque ainda à localização geográfica da cidade, que fica em uma região descrita como o coração do Brasil, por ser estratégica no tráfego terrestre de cargas, facilitando a exportação dos grãos lá produzidos, destacando-se no passado na produção de arroz e atualmente na produção de milho – maior produtor do estado de Goiás. O *flâneur* cordelista faz uma abordagem panorâmica dos aspectos da cidade, tais como o clima: "Por ventos / polares do Sul, no estio, / JATAÍ se embrulha: é frio... / Tem dias muito friorentos." Das paisagens naturais, destacando os rios que banham a cidade, Rio Claro, Rio Verde, Rio Corrente, Rio Doce, Rio Ariranha, Rio Aporá e Córrego São José.

O progresso e a produtividade da cidade são destacados mais de uma vez, com ênfase na estrofe dezenove: "Serras do Cafezal, / Rio Verde e Caiapó. / Produz gado, soja, milho, / arroz, feijão. Não é só. / Indústria, Comércio, Bancos. / Do Atraso, em todos os flancos, / JATAI desata o nó." Os registros contidos no *ABC a Jataí* demonstram o conhecimento bem detalhado da cidade, o qual, como um bom *flâneur* o geopoeta-cordelista observou em suas visitas ao município. No dia 27 de outubro de 1995 Paulo Nunes Batista ministrou uma conferência no Plenário da Câmara Municipal de Jataí, com o título "A Poesia de Cordel". Tal feito está registrado em um *folder* encontrado nos arquivos acessados, de um projeto de extensão intitulado "A procura da poesia" da Universidade Federal de Goiás, contendo a programação do evento, na qual está o registro da participação do geopoeta-cordelista paraibano-goiano. Desta forma, sendo a data do *ABC a Jataí* de 22 de outubro de 1995, presume-se que a composição foi motivada pela ocasião desse evento.

Muitas são as personalidades citadas nos versos do *ABC a Jataí*, indo de escritores, políticos, musicistas, dentre outras influências no meio cultural do município, demonstrando um interesse do geopoeta pela cultura local. Esse rol de menções tem início na estrofe de número nove, na qual o *eu* poético reverencia um grande poeta goiano, José Godoy Garcia. Impossível não estabelecer uma relação entre esses dois geopoetas que foram contemporâneos, pela atuação literária e militante em solo goiano

José Godoy Garcia nasceu em Jataí no ano de 1918, viveu por lá até o ano de 1942, quando se mudou para Goiânia para cursar a faculdade de Direito, concluindo-a no ano de 1948. Nessa época filiou-se ao Partido Comunista, no qual atuou por doze anos. Foi colega de Bernardo Élis e de outros intelectuais goianos. Mudou-se para Brasília no ano de 1957 e por lá

viveu até o seu falecimento, ocorrido em 03 de junho de 2001. No ano de 1944 conquistou um prêmio literário com os escritos de *Rio do Sono*. No entanto, a primeira publicação de poesia em livro só ocorreu em 1948. Sua vertente geopoética cerratense é assim descrita no artigo *José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado*:

> Nascido em Jataí, José Godoy Garcia deambulou por cidades várias de Goiás, mas escolheu viver seus últimos anos em Brasília. Compôs, assim, memórias de diversos "goyazes" e cerrados, não só com a pena, mas com uma enxada que escrevia – posto que, no esteio de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardos Élis, seus conterrâneos, sempre compreendeu o fazer poético como ação social de inserção histórica, política e intelectual. Fazeres com palavras que facultaram movimentos do Centro-Oeste numa extensão, mesmo que limitada, na cena cultural brasileira (Silva Jr.; Medeiros, A. C. 2017, p. 94).

Com essa compreensão do fazer poético como ação social de inserção histórica, política e intelectual, o contemporâneo jataiense de Paulo Nunes Batista coadunou com ele na militância pela poesia. Diferente do geopoeta-cordelista, José Godoy Garcia se dedicou apenas à poesia erudita; no entanto, nessa vertente na qual Paulo Nunes Batista também se enveredou, ambos sustentavam uma postura de não filiarem seus escritos a nenhuma corrente estética: Godoy "manteve sempre postura crítica de oposição por entender que a literatura é autora de enriquecimento humano e de aberta controvérsia crítica" (Sousa, 1999, p. 14). Sem pretender delongar nas comparações entre os geopoetas, um tema abordado por ambos sob os olhares do *flâneur* merece destaque: a rua. É de José Godoy Garcia o poema a seguir:

> POESIA DAS RUAS
> Ontem eram três horas da manhã
> e a cidade apenas um abandono de casas tristes.
> Se as ruas não estirassem para os caminhos amargos
> eu por certo não teria nem mesmo nenhum pensamento.
>
> Não sei porque eu sinto a trágica existência
> dessas ruas que mal nascem e já nascem tristes...
> Ruas de minha infância,
> ruas assombradas onde os mortos navegam com fome.
> Ruas das cidadezinhas onde os pobres formigam
> sem alegria nem tristeza, apenas
> pobres: gente que não tem nada que fazer em casa.
>
> Ruas abandonadas da parte velha da cidade onde habitam
> o cão, os negros, os soldados.
> Antigamente moravam os grandes...
> Hoje apenas chão curtido de lembranças
> Depois essas ruas das zonas do comércio
> sem nada pelo que existe de amargo nelas:
> os manequins infames no constante riso
> (Garcia, 1999, p. 349).

Segundo poema do livro *Rio do Sono*, de 1942, nele o eu poético vivencia as ruas, as dores e as pobrezas humanas dos que as habitam. Também o geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista poetizou sobre as ruas, como no poema abaixo:

> NA RUA POBRE
> ...
> Na Rua pobre, meninos pálidos,
> lombriguentos, rotos,
> de solas de pés cascudas,
> ainda sorriem, embalados de sonhos
> de bolas e velocípedes impossíveis,
> ah!...
>
> De vez em quando, na rua pobre,
> passa o enterro de algum menino
> sem que a finados o sino dobre,
> que não é de pobre a voz do sino.
>
> Na rua pobre, o mato cresce
> numa fartura de fazer gôsto.
> (Quem sabe, o mato responde à prece
> da fome antiga – velho desgosto?).
>
> A rua pobre é torta, torta
> como essas vidas, como essa gente
> que vai vivendo, assim, mais morta
> que viva, e a morte, nem mesmo sente.
>
> Na rua pobre canta a Amargura!
> Mas... cada sonho que a gente tem
> parece ungido de tal doçura
> que até parece que é Deus que vem!...
> (Batista, 1969, p. 25)

Poema que compõe o livro *Canto Presente* (1969) de Paulo Nunes Batista, nele o *eu* poético também expressa as impressões do *flâneur* que não apenas observa as ruas, mas as sente em suas amarguras. A aproximação que se faz entre os dois poemas dos geopoetas goianos é exatamente essa relação de cantar as pobrezas, as tristezas e desesperanças das ruas e das gentes – dos pobres, os quais Paulo Nunes Batista descreve nos versos como "essa gente / que vai vivendo, assim, mais morta / que viva, e a morte, nem mesmo sente", e José Godoy Garcia, por sua vez, os retrata como "mortos que navegam com fome", "os pobres formigam / sem alegria nem tristezas, apenas / pobres: gente que não tem nada que fazer em casa." Cantar as ruas é, para Walter Benjamin, um ofício dos poetas. O poeta, o *flâneur* bejaminiano experiencia as ruas com sua sensibilidade, sendo que elas são seu *habitat*.

> Habitat familiar para o *flâneur*, lugar onde ele se constitui, absorve os elementos que lhe formam como poeta: a poeira das ruas, as vitrines, os espectros produzidos pelo

> reflexo dos vidros, o cheiro sintético da vida urbana, o barulho dos transeuntes, dos automóveis... a rua como *intérieur*. A rua é também interieur porque é o lugar em que mora o coletivo, a massa, as pessoas em conjunto (Silva, 2016, p. 267).

Não apenas as ruas aproximam os geopoetas, mas as concepções a respeito do fazer literário. Em entrevista concedida no ano de 1997 à revista *DF Letras,* ao ser questionado a respeito das adversidades existentes para que os poetas goianos e do Distrito Federal alcançassem reconhecimento no cenário literário nacional, José Godoy Garcia assim respondeu:

> Esse negócio de afirmação e reconhecimento no cenário nacional é negócio de "almirante batavo". Já acabou isto... temos de ser leais com o nosso tempo, leais com o nosso ofício. Temos de nos dar conta de que não há nenhuma capital da metrópole medrando em nosso ninho. Hoje, tanto é "desconhecido" no Brasil o poeta daqui e d'além-mar, d'aquém e d'além-muro, daqui e do Maranhão! Há uma situação que podemos dizer emancipada: um tolo jactancioso que mora no Rio não vale nenhuma moeda podre a querer nos empresariar, e a literatura está dentro da ruína geral da Nação, da debandada colonial que desmedra no seio da Pátria! ... Devemos pensar nos interesses de nossa região e da humanidade, não nos perdermos em fronteiras primárias e estéreis... Devemos ser fiéis a nós mesmos, ao nosso momento histórico, ao ser humano que está vivo e está morrendo e está nascendo! Agora temos a sorte de estarmos vivos! Há uma história das liberdades, uma história das emancipações, uma história do homem! E fazemos parte dessa corrente humanista! (Garcia, 1997, p. 6).

A resposta expressa um pensamento de liberdade literária que também foi defendido por Paulo Nunes Batista, conforme consta no Capítulo II deste trabalho. Diante desses diálogos, faz-se justo que o primeiro nome a ser citado no *ABC de Jataí*, como integrante do cenário cultural e literário da cidade foi o de José Godoy Garcia.

Retomando a análise do ABC, a partir da nona estrofe, diversos outros nomes são mencionados pelo eu poético, ressaltando de cada um obras e feitos pela cultura jataiense e goiana. São trinta e um nomes, dentre eles o da poetisa Leodegária de Jesus, nascida em Jataí, mas que aos 14 anos de idade mudou-se para a capital goiana, Goiás Velho à época, hoje Cidade de Goiás, tornando-se conterrânea de Cora Coralina. Atualmente o nome da poetisa está em evidência nos estudos literários, principalmente na vertente da literatura escrita por mulheres negras, sendo ela considerada a primeira mulher negra a escrever e publicar em terras goianas. Considerando a abrangência de referências, o *ABC a Jataí* constitui um compilado de estrofes (fragmentos) históricos que dão ênfase principalmente ao cenário cultural da cidade à época. Com certeza uma peça rara na composição historiográfica do Sudoeste goiano.

História longe das metrópoles – *ABC a Pirenópolis*

Da Cidade Abelha, a viagem segue para o turismo histórico: o *ABC a Pirenópolis* homenageia uma das cidades mais antigas do estado, na ocasião do aniversário de seus 256 anos (no ano de 1983):

A
A Pirenópolis – trago,
nos singelos versos meus,
nos duzentos e cinquenta
e seis, destes anos seus,
votos de Paz e Progresso,
pois, para o seu Povo, eu peço
as santas Bênçãos de Deus!

B
Bênçãos lá dos Pireneus
descendo sobre a Cidade...
Bênçãos do Rio das Almas
rolando sobre a Saudade
no Chão Pirenopolino...
chão da Festa do Divino...
céu da Musicalidade!...

C
Com suas velhas Igrejas –
do Carmo, Senhor do Bonfim
mais a matriz do Rosário –
Pirenópolis, enfim,
é cidade abençoada...
passa de Cajú falada
e a Verônica – alfenim!...

D
Divino – é o Dono da Festa,
o Povo todo é – Festeiro...
Pirenópolis conserva
no seu Chão hospitaleiro,
do Povo no coração
toda a luz da Tradição
do espírito brasileiro!

E
É a cidade pitoresca
de casas senhoriais,
terra de jardins floridos
e igrejas tradicionais,
que conserva em suas ruas
e na alma das gentes suas
belezas coloniais!...

F
Festa feita em Pirenópolis
noutro canto não se faz
com mais Som e com brilho,
mais animação e paz
do que nesta terra amiga
que guarda em si a alma antiga
Brasileira de Goiás!

G
Gente brava e musical!
G – de Geraldo de Pina,
Imperador do Divino
na Fé Pirenopolina...
os Jaimes, Lopes, Curados,
os Mendonças afamados...
Velha Cidade Menina!...

H
Histórica Pirenópolis,
terra do Som e da Cor...
Foi-se a Pensão Padre Rosa,
mas o Restaurante "As Flor" –
com Conceição, com Luzia,
Antônia e Neusa – poesia
serve, com Sorriso e amor...

I
Ita-Alaor – bela dupla...
O músico Lindomar,
que entre Sons e Serenatas
viveu de fotografar...
Zezinho do Acordéon...
Pirenópolis do Som
de Sinhozinho a cantar!

J
Joaquim Lopes, o poeta
trovador de coração...
Zé Benedito e Ditinho
com a Música na mão...
De Vasco e Luiz de Aquino
o Som pirenopolino
foi herdado por Nenzão!...

L
Luiz do Louro, Babé,
o Bobo Alegre, o Toninho,
que eu não sei porque motivo
o chamam de Capetinho...
Chanha e sua pé-de-bode –
que com ele ninguém pode –
nem o Prefeito Jaiminho!...

M
Manga, caju, côco e ata,
jabuticaba da boa
que me faz sentir saudade
da querida João Pessoa –
minha terra Paraíba,
onde há côco macaíba
e oitis cercando a Lagoa...

N
No correr das Cavalhadas,
no pipocar das ronqueiras,
nos doces da "Padre Rosa",
nas noitadas seresteiras,

Pirenópolis é esta
Cidade Flor, Luz e Festa
entre as cidades festeiras...

O
Olavo Batista, médico...
O ilustre Comendador
Joaquim Alves – da Cidade
renomado benfeitor...
Joaquim Propício de Pina...
Terra pirenopolina
que em todos desperta amor!...

P
Pirenópolis – a história
que Jarbas Jaime sabia...
Meia Ponte – Ponte Velha...
a Noite virando dia
sob o clarão dos rojões...
nas cordas dos Violões...
no trovejar da poesia...

Q
Quem visitar Pirenópolis
na base da vida mansa,
levará no ouvido – o Som...
levará no corpo – a Dança...
e as saudades infinitas
das mulheres mais bonitas
há de levar na lembrança...

R
Recordo de dona Eugênia
avó de Paulo e Haydée,
Sizenando e José Jaime...
Pirenópolis – você
tem gente que é muito gente
e dá vontade de a gente
compor, pra cada, um ABC...

S
Sinhozinho, aquele grande
baiano sentimental,
na "Canção por Pirenópolis"
cantou seu céu musical...
De sua água ele bebeu –
Cantou seu Chão – não morreu:
se encantou... hoje é imortal!...

T
Tapuio, Banda de Couro,
o Marujo, os Mascarados,
a Cangada, a Pastorinha,
Contradança – os seus bailados...
Seus populares folguedos,
os tradicionais brinquedos
Divertidos... animados...

U
Um passado glorioso,

um presente afirmativo,
um futuro promissor,
progressista e positivo
Pirenópolis nos traz
para provar que em Goiás
o Brasil ainda está vivo!

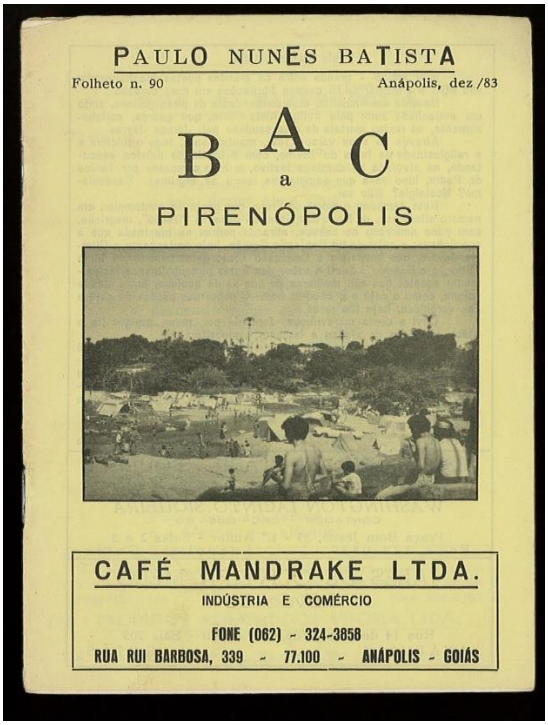
V
Valeu ouro no passado
nas minas de Meia-Ponte!
Manoel Rodrigues Tomar
tomou o ouro e pôs na fronte
de Pirenópolis – o ouro
da Cultura é seu tesouro
abrindo luz no horizonte!

X
X – é Benjamin Goulão
que viveu mais de 100 anos...
As Lages, o Lavapés...
Morro do Frota... Altos... planos...
Seu Teatro... seu Museu...
e tudo que Deus lhe deu
aqui nestes chãos goianos...

Z
Zé de Ico... a Velha "A Ganso"...
A Rua do Campo... as ruas,
as praças e as velhas árvores...
a Graça... as Mulheres suas...
Pirenópolis festiva...
Folia e Serestas... Viva
seu Sol, estrelas e a Lua!...
(Pirenópolis, 01-10-83)
(Batista, 1983)

Folheto original presente nos arquivos acessados, cuja data de publicação consta de dezembro de 1983, conforme registro na capa. Como se vê na figura abaixo, uma foto da época ilustra a capa do folheto: em preto e branco, com pessoas à beira de um rio, e ao fundo, em meio a árvores, a vista de uma das igrejas tradicionais da cidade de Pirenópolis.

Figura 4: capa do folheto ABC a Pirenópolis



Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Partindo para o conteúdo do folheto, o geopoeta-cordelista *flâneur* abordou, com o olhar panorâmico retratado pela voz poética, temas que compõem a significatividade da antiga cidade goiana, a saber: a história, a arquitetura, as festas religiosas e folclóricas tradicionais, os festeiros, a hospitalidade e os moradores do município.

Com relação à história de Pirenópolis, atualmente com 294 anos, no passado a cidade foi importante rota e solo fértil para a exploração da mineração no período chamado Ciclo do Ouro, nos séculos XVIII e XIX, conforme resumo histórico contido na página virtual da prefeitura da cidade:

> Pirenópolis é um município histórico, sendo um dos primeiros do estado de Goiás. Foi fundado com o nome de **Minas de Nossa Senhora do Rosário Meia Ponte** pelo minerador português Manoel Rodrigues Tomar (alguns historiadores denominaram-no como Manoel Rodrigues Tomás). As minas da região foram descobertas pelo bandeirante Amaro Leite, porém foram entregues aos portugueses por Urbano do Couto Menezes, companheiro de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera Filho, na primeira metade do século XVIII. Segundo a tradição local, o arraial foi fundado em 7 de outubro de 1727, porém não há documentos comprobatórios e muitos historiadores e cronistas antigos afirmam ser a fundação em 1731. Foi importante centro urbano dos séculos XVIII e XIX, com mineração de ouro, comércio e agricultura, em especial a produção de algodão para exportação no século XIX. Ainda no século XIX, com o nome de cidade de Meia Ponte, destacou-se como o *berço da música goiana*, graça ao surgimento de grandes maestros, bem como *berço da imprensa em Goiás*, já que ali nasceu o primeiro jornal do Centro Oeste, denominado Matutina Meiapontense. Uma vez que citamos aqui o primeiro jornal do Centro Oeste, o poeta Leo Lynce diz, nos seguintes versos decassílabos: Que mundo de emoções

> experimento, / ao recordar-te gleba hospitaleira / – berço da imprensa de Goiás - primeira / luz acesa no nosso pensamento. Em 1890, a cidade teve seu nome mudado para Pirenópolis, o município dos Pireneus, nome dado à serra que a circunda. Ficou isolada durante grande parte do século XX e redescoberta na década de 1970, com a construção da nova capital do país, Brasília. Hoje, é famosa pelo turismo e pela produção do quartzito, a Pedra de Pirenópolis. Fonte: <https://www.pirenopolis.go.leg.br/Institucional/funcao-e-definicao> Acesso em: 26 out. 2023

Sobre este passado histórico, o eu poético o aborda na estrofe de número quinze, mencionando o nome de Jarbas Jaime, um importante jornalista e político pirenopolino que se dedicou a escrever sobre as memórias da antiga Meia Ponte. A estrofe de número vinte e um também menciona o passado colonial: "Valeu ouro no passado / nas minas de Meia-Ponte! / Manoel Rodrigues Tomar / tomou o ouro e pôs na fronte / de Pirenópolis – o ouro / da Cultura é seu tesouro / abrindo luz no horizonte!".

A arquitetura não passou desapercebida aos versos do cordelista, que menciona as "velhas Igrejas" e as "casas senhoriais", denominando-as de "belezas coloniais", em referência às construções no estilo Colonial, Neoclássico, Barroco e Art Decó da cidade que foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 1990, tanto pela arquitetura: "casarões, ruas e igrejas de arquitetura colonial compõem o conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico de Pirenópolis", como pelas festividades tradicionais que o município sedia há séculos. Segundo descrição no site do IPHAN, "a cidade reúne um dos mais ricos acervos patrimoniais do Brasil Central e se manteve como testemunho vivo dos primeiros tempos da ocupação do território goiano"[9].

Em relação às festividades tradicionais, estas estão presentes nos versos do ABC, como não poderia deixar de ser, considerando que o *flâneur* geopoeta-cordelista percorre a cidade em busca das manifestações culturais do povo. Na estrofe de número quatro, iniciada pela letra D, a Festa do Divino é o tema. No dossiê número 17 do IPHAN a festividade foi ricamente registrada, com detalhes e fotos de extrema beleza, retratando as cores e ornamentações da expressão popular festiva. A definição que se faz dessa manifestação cultural popular goiana neste estudo, integrante da *Coleção Dossiê dos Bens Culturais Registrados,* é a seguinte:

> A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis é uma das principais manifestações de devoção religiosa popular do Brasil. Seu primeiro registro data de 1819, quando a história local começou a colecionar a lista dos imperadores. Desde então, sua realização é contínua. A celebração articula o passado ao presente, envolvendo permanentemente toda a cidade e determinando os padrões de sociabilidade local. A

[9] Fonte: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/364/. Acesso em: 26 out. 2023.

> cidade faz a festa e a festa faz a cidade. Por meio dela, marca-se o tempo, reproduzem-se estruturas sociais e configuram-se identidades coletivas e individuais. Muitos eventos e celebrações compõem a festa: as folias da Roça, da Rua e do Padre, que giram pelos bairros da cidade e pela zona rural do município, recolhendo donativos para a festa; as celebrações do império, com os cortejos do imperador, jantares, novena, missas cantadas, alvoradas, levantamento do mastro e queima de fogos; as cavalhadas (encenações de batalhas medievais entre mouros e cristãos); os mascarados, que, a pé ou a cavalo, circulam irreverentes pelas ruas e participam das cavalhadas; a encenação de dramas, operetas e do auto As pastorinhas; ranchões, bailes sertanejos e outras formas de expressão associadas à festa; o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, antigas festas de pretos, com seus congos, congadas e tradicionais distribuições de doces. A cavalhadinha complementa a festa. Realizada essencialmente por crianças, é a reprodução mirim dos festejos e o momento máximo de socialização e transmissão, para uma nova geração, dos valores culturais caros aos pirenopolinos. Considerada, por tudo isso, uma das mais tradicionais e expressivas celebrações do Divino Espírito Santo no Brasil, a festa de Pirenópolis demandava havia tempos seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro pela sociedade local, por estudiosos da cultura popular e por instituições culturais goianas. Assim, no final de 2007, por iniciativa da então 14a Superintendência Regional, atual Superintendência do Iphan em Goiás, teve início o projeto de pesquisa da festa, tendo em vista a oportuna instauração do seu processo de registro (2010, p. 13).

Os versos do ABC dialogam com alguns trechos da definição acima, tais como “a cidade faz a festa e a festa faz a cidade. Por meio dela, marca-se o tempo, reproduzem-se estruturas sociais e configuram-se identidades coletivas e individuais”. Essa compreensão está poetizada no poema-cordel, a exemplo dos versos contidos na quarta estrofe: “Divino – é o Dono da Festa / o Povo todo é – Festeiro... / Pirenópolis conserva / no seu Chão hospitaleiro, / do Povo no coração / toda a luz da Tradição / do espírito brasileiro!”. As Cavalhadas, representação dramática de uma batalha entre cavaleiros cristãos e cavaleiros mouros que foi introduzida no Brasil pelos jesuítas com o objetivo de catequizar os gentios e escravos africanos, também são mencionadas no ABC. Atualmente essa encenação é realizada em diversos estados brasileiros, sendo a de Pirenópolis uma das mais famosas.

Chegada ao município no ano de 1826 por meio do Padre Manuel Amâncio da Luz, que organizou um espetáculo chamado de "O Batalhão de Carlos Magno", as Cavalhadas se tornaram tradição na cidade desde então. Ao longo dos anos elas foram se aperfeiçoando e atualmente têm duração de três dias, sendo preparadas pela população com bastante antecedência, atraindo um grande público. No dia final, o espetáculo acontece no Campo das Cavalhadas, local semelhante a uma arena, no qual se reúnem os cavaleiros e todo o público espectador, de autoridades locais aos civis e turistas de diversos lugares. “A encenação, que é a expressão máxima do evento, se dá em três dias e é composta por músicas específicas,

carreiras equestres coreografadas, diálogos, exercícios e torneios à moda medieval", especifica a página da Secretaria de Turismo de Pirenópolis[10].

A atmosfera que predomina no *ABC a Pirenópolis* é de festa, música, poesia e alegria: "Festa feita em Pirenópolis / noutro canto não se faz / com mais Som e com brilho, / mas animação e paz / do que nesta amiga / que guarda em si a alma antiga / Brasileira de Goiás!". As referências musicais são muitas, pois Pirenópolis é famosa por ter sido a capital da música goiana, sendo berço de vários maestros, cantores, bandas e corais, como os mencionados no ABC: Ita-Alaor, Lindomar, Sinhozinho, a Pastorinha, Banda de Couro etc. A poesia também é lembrada, por meio do nome de Joaquim Lopes, "o poeta / trovador de coração". Na última estrofe do ABC há uma síntese da atmosfera alegre de todos os aspectos observados e versejados pelo *flâneur* cordelista: "A Rua do Campo... as ruas, / as praças e as velhas árvores.../ a Graça... as Mulheres suas... / Pirenópolis festiva... / Folia e Serestas... Viva / seu Sol, estrelas e a Lua!...".

Na parte interior da capa do folheto há um texto escrito por Haydée Jayme Ferreira, escritora e amiga de Paulo Nunes Batista, com o seguinte teor:

> Paulo Nunes Batista, meu amigo – grande entre os grandes poetas brasileiros: o seu ABC a PIRENÓPOLIS causou fibrilações em meu coração. Nascida em Anápolis, mas descendente de pirenopolinos, sinto um entranhado amor pela antiga Meia-Ponte, que guarda, carinhosamente, os restos mortais de meu saudoso pai, Jarbas Jayme. Através de seus versos, revi, mentalmente, todo o folclore e a religiosidade da festa do Divino, com a banda de música executando, na alvorada do domingo festivo, o hino composto por Tonico do Padre, hino esse que sempre me levou às lágrimas. Saudosismo? Nostalgia? Não sei. Revi, também, o morro do Frota, que gosto de contemplar, em namoro silencioso, do fundo do quintal de papai; a "Ganso", magrinha, aporrinhava; o solar de tio Benjamin Goulão, hoje pertencente a Olimpio Jayme, que hospedou a Comissão Cruls e foi cenário do filme "Simeão o Boêmio". Senti o sabor das frutas pirenopolinas, principalmente aquelas que são melhores do que as de qualquer outra cidade goiana, como o caju e o côco-da-baía. O sabor das passas de caju e das verônicas, hoje tão raras. Ouvi a dupla maravilhosa, formada por meus amigos Ita e Alaor, virtuosos do violino e também compositores. Ah, Paulinho! Por tudo que você escreveu; por tudo que você mostrou de Pirenópolis; pelas mais caras tradições que você impulsionou à tona, o meu muito obrigada: em meu nome, em nome de meu pai – talvez o pirenopolino mais apaixonado pela sua terra – e em nome de todas as famílias daquela terra maravilhosa, surgida à margem do Rio das Almas, bafejada pelas bênçãos de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira. 4-10-1983. Haydée Jayme Ferreira (1983).

O texto de Haydée Ferreira tece elogios ao *ABC a Pirenópolis*, agradecendo pelas memórias e sentidos capturados no escrito, ao longo das vinte e três estrofes. Um registro

[10] https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas. Acesso em 27 out. 2023.

historiográfico que, apesar de ter sido escrito no ano de 1983, continua atual e relevante, pois traz um retrato das tradições e da história de Goiás, presentes e vivas nas ruas, nas festas tradicionais, nas casas, igrejas, praças e, principalmente, no povo pirenopolino.

Goiás das personalidades: um ABC a Bernardo Élis, outro a Carmo Bernardes

Alguns dos ABCs do poeta paraibano-goiano foram reunidos no livro *ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês*, publicado em 1986, contendo 28 poemas de temas variados, que vão desde homenagens a personalidades artísticas brasileiras, como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Gilberto Mendonça Teles, Luiz Gonzaga, Monteiro Lobato, dentre outros, a temáticas informativo-educativas, como o *ABC contra o estilingue*, *ABC para a campanha do aleitamento materno*, *ABC das águas*, etc. A variedade de temas é característica da poética de Paulo Nunes Batista, bem como o teor elucidativo das composições, visando transmitir conhecimento a respeito do assunto motivador: "Cidade, poesia, epidemia, profissão, desgraça, festa religiosa ou romaria, morte ou campanha eleitoral, alegria ou lamentação, tristeza ou problema social, acontecidos ou por acontecer, Paulo Nunes abeceia com imbatível bravura e rapidez", afirma Orígenes Lessa no texto de apresentação da coletânea de ABC's lançada em 1986, destacando ainda a capacidade de ser "biógrafo ou panegirista como poucos sabem ser", pelos ABC's que dedica a personalidades, como o que abre a coletânea, dedicado a Carlos Drummond de Andrade:

ABC PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Alto Poeta, Poeta
de intensa profundidade
- canta em sua alma de Esteta
toda a alma da Humanidade! -,
eis o universal mineiro –
carioca-Brasileiro
(que é) *Carlos Drummond de Andrade*.

Brasileiro universal
do universo da Poesia,
sabe das Minas do *Sal*
da Terra – e, por isso, cria
obras de rara Beleza,
frutos dessa Natureza
que do Deus-Homem irradia.

*Carlos Drum*monstro de Andrade
é "monstro" em sentido bom,
pois sua "monstruosidade"
lhe vem do divino dom

que Deus dá a todo Artista
e deu – para "encher a vista" –
ao grande *Carlos Drummond*.

Drummond – assim com dois *emes*
e esse *d* mudo no fim
- com seus silêncios estremes,
ou de Alegria ou de esplim -,
diz *coisas* que toda gente
sente e não sabe que sente
ou *não sente* tanto assim...

Escritor de uma secreta,
rara sensibilidade
- um verdadeiro Poeta,
frutificando Verdade -,
Carlos Drummond nos demonstra
sua fabulosa, *monstra*
e sutil virtuosidade.

Filho das Minas Gerais,
Itabirense bendito,
esse *Carlos*, entre os mais,
abre *claros* no esquisito,
clareiras na virgem Mata,
clarões na Noite ... e desata
muitos nós desse infinito!

Grande *Andrade*, lembra Mário
de Andrade, o Pesquisador
- com seu senso extraordinário
de achar o vero valor
de cada idéia, onde lavra
com a bateia da Palavra,
mineiro minerador...

Honesto Intelectual,
usa clareza, põe claros
versos de luz musical,
versos limpos, versos raros
no seio de seus poemas
- que refulgem feito gemas,
entre os brilhantes mais caros.

Itabirano – seu ferro,
sua têmpera de aço.
Seu Silêncio feito berro
vibrando vivo no Espaço.
Sua mineira malícia.
Sua perita perícia
medida a régua e compasso.

José – E agora, José,
poema de CDA,
todo o que leu, sabe que é
poesia pura, maná
manado do Auto-Parnaso
de *Drummond*, que, bem no prazo,
frutos de Poesia dá...

Leitor de muitas leituras,
leituras de muita luz,
Carlos Drummond das Alturas
Sua Poesia produz
com cunho drummondiano,
brasileiro, itabirano
- seu gênio brilhando a flux.

Manuel Bandeira, o Encantado
das Estrelas "da Manhã"
e "da Tarde", esteve ao lado
de *Drummond*, sua *alma irmã*.
Poetas de altos remígios,
sempre fizeram prodígios
com Sua Poesia sã.

Navegador dos Profundos
Mares dos Mistérios da Arte,
Viajor de estranhos Mundos,
Carlos Drummond se reparte
entre céus, mares e terras:
vence – da Poesia – as guerras
e iça aos Ventos o Estandarte.

O Autor de *A Rosa do Povo*,
ao lado de João Cabral
- é tudo o melhor de novo
na Poesia nacional.
Junto a Cecília e Bandeira
- é a Poesia Brasileira
em dimensão mundial.

Poeta de *Sentimento*
do Mundo, *Brejo das Almas*,
José – Cantor do Momento,
das horas duras ou calmas,
Carlos Fazendeiro do Ar,
Poemas vive a plantar:
colhe louros, colhe palmas.

Quem já leu seu *Claro Enigma*,
Lições de Coisas, *Viola*
de Bolso – que é paradigma
da Poesia, em toda escola,
sabe. Em *A Vida Passada*
a Limpo – a Poesia é dada
sem para "as modas" *dar bola*...

Rico, às vezes, de Amargura,
vestido de Pessimismo,
Carlos Drummond não procura
se prender ao "modernismo":
Sua Poesia é moderna,
Humana, sensível, terna,
sem "processos" de esnobismo.

Seus livros em prosa: *Contos*
de Aprendiz, as *Confissões*
de Minas – em muitos pontos,
para "os novos" são lições ...

Seus *Passeios na Ilha*, *Fala*
Amendoeira – nos cala
a prosa nos corações.

Traduzido no Estrangeiro,
Respeitado além-Brasil,
é Poeta Brasileiro
que – sozinho – vale mil
"poetas incendiários",
que queimam até dicionários
no auge da fúria febril...

Universal – entretanto,
mineiro como ninguém,
Guimarães Rosa do Canto
de Minas, vibrando além,
Carlos Drummond representa
nossa alma, ingênua ou violenta,
o bom que esta terra tem.

Velho não fica, pois sabe,
seu *Carlos Drummond de Andrade*,
que a Vida, imortal, não cabe
nuns setenta anos de idade...
Dá-nos, disso, a melhor prova:
é como flor – se renova
numa eterna eternidade.

Xucrice de poetastros
que querem *queimar Drummond*,
não apaga a luza dos astros
nem tira, do Canto, o Som...
Por isso mesmo é que louvo
o *Drummond Rosa do Povo*
que o povo sabe que é bom!

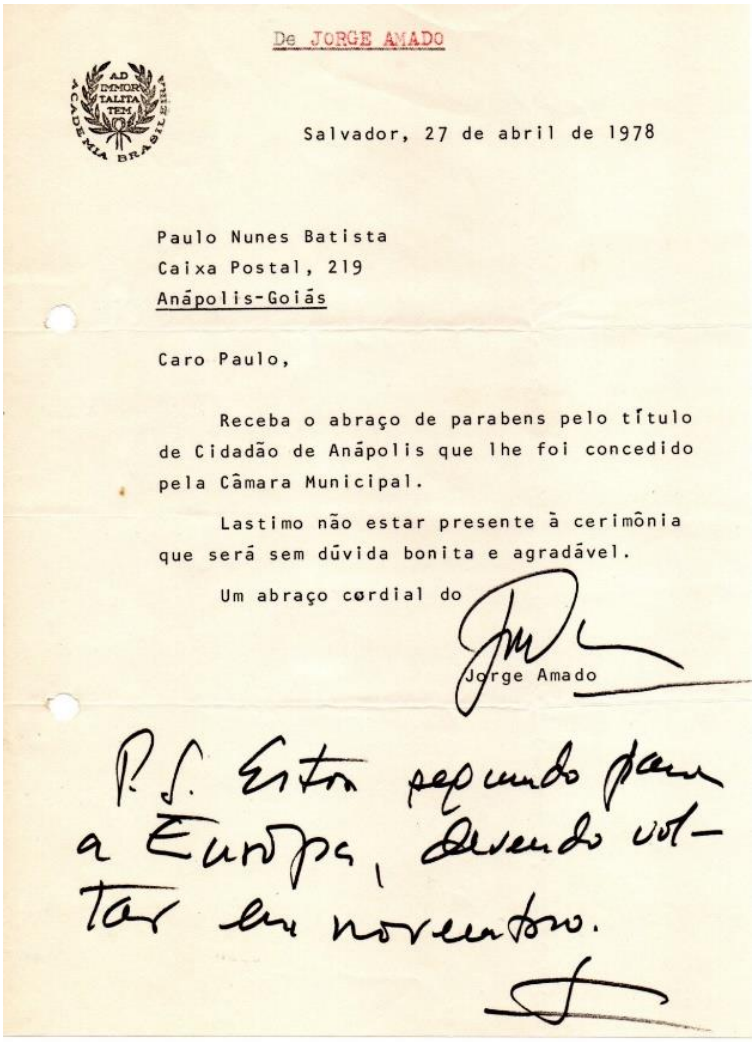
Zênite é o "ponto final"
da infinita Imensidade:
é o trono celestial
de um Poeta de Verdade.
Receba, neste ABC,
o Abraço para Você,
meu *Carlos Drummond de Andrade*.
03/03/77
(Batista, 1986, p. 17)

Além de prestar homenagem às personalidades e artistas, os ABC's de natureza panegírica são também informativos, pois traçam um perfil biográfico e apresentam um apanhado a respeito das obras (sendo o caso) do/da homenageado/a. Paulo Nunes Batista se correspondeu por cartas com diversos artistas contemporâneos seus, e muitas vezes os ABC's serviam de abertura para o início desses diálogos epistolares, pois estes eram enviados a seus titulares homenageados. Carlos Drummond de Andrade, ao receber o ABC em sua homenagem, assim o respondeu em correspondência:

> Viva! Sua nova remessa poética foi recebida com agrado; o ABC que me dedicou, esse então, encheu as medidas. Você caprichou no exagero e na bondade. E provou mais uma vez que no seu caso não há incompatibilidade entre poesia popular e poesia culta. Aliás, os rótulos são quase sempre infiéis, e poesia é "uma coisa só", que existe ou não existe entre preceitos e impulsos profundos. Seus "abecês" merecem a reunião em livro, de cujo projeto você me fala (*apud* Lessa, 1986, p. 14).

Há um vasto arquivo das correspondências de Paulo Nunes Batista, trocadas com diversas personalidades como Luís da Câmara Cascudo, Jorge Amado, Bernardo Elis, Gilberto Mendonça Teles, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Como exemplo dessas correspondências, foram encontradas nos arquivos acessados algumas cartas recebidas pelo geopoeta-cordelista, na ocasião em que foi agraciado com o título de Cidadão Anapolino, no ano de 1977, título do qual se orgulhava e, em razão dele, foi por muitos cumprimentado e parabenizado, a exemplo da carta recebida de Jorge Amado:

Figura 5: carta enviada por Jorge Amado a Paulo Nunes Batista.



De JORGE AMADO

Salvador, 27 de abril de 1978

Paulo Nunes Batista
Caixa Postal, 219
Anápolis-Goiás

Caro Paulo,

Receba o abraço de parabens pelo título de Cidadão de Anápolis que lhe foi concedido pela Câmara Municipal.

Lastimo não estar presente à cerimônia que será sem dúvida bonita e agradável.

Um abraço cordial do

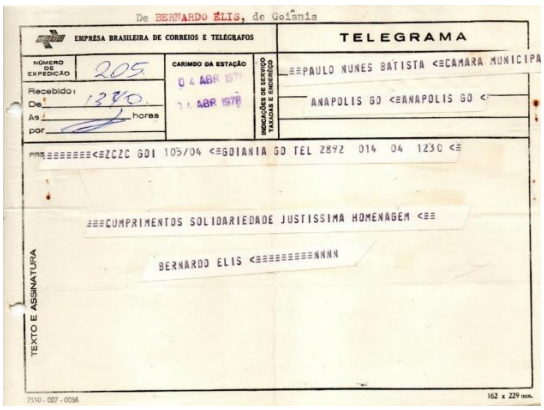
Jorge Amado

P.S. Estou seguindo para a Europa, devendo voltar em novembro.

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Outra correspondência identificada é um telegrama, enviado por Bernardo Élis, cumprimentando Paulo Nunes Batista pelo título de Cidadão Anapolino:

Figura 6: Telegrama enviado por Bernardo Élis.



De BERNARDO ÉLIS, de Goiânia

EMPRÊSA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE EXPEDIÇÃO 205

CARIMBO DA ESTAÇÃO 04 ABR 1978

Recebido! De 1390 As horas por

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXAS E CIRCUITO

PAULO NUNES BATISTA <CAMARA MUNICIPA

ANAPOLIS GO <ANAPOLIS GO <

ZCZC GOI 105/04 <GOIANIA GO TEL 2892 014 04 1230 <

CUMPRIMENTOS SOLIDARIEDADE JUSTISSIMA HOMENAGEM <

BERNARDO ELIS <NNNN

TEXTO E ASSINATURA

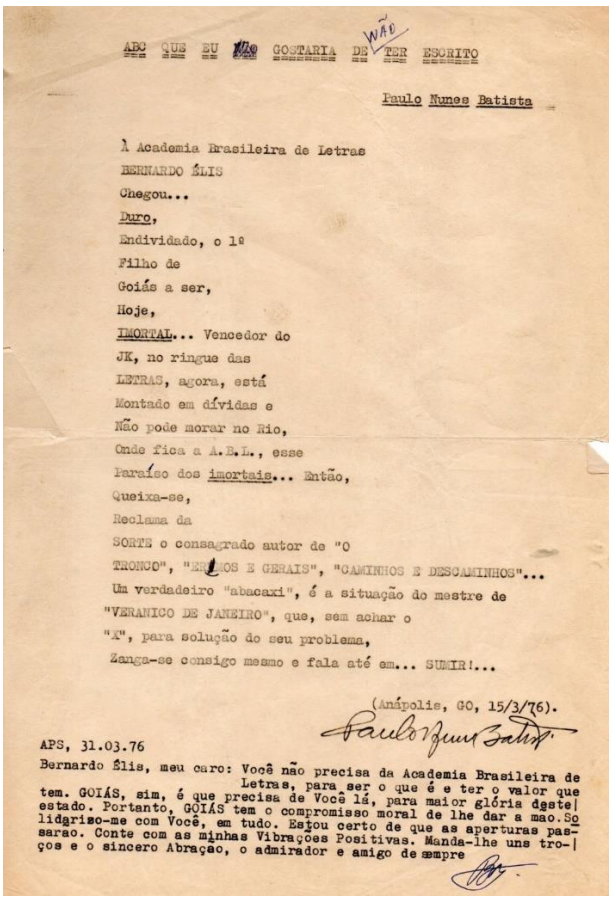
7510 - 007 - 0056

162 x 229 mm.

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista.

A amizade com o escritor Bernardo Élis fica evidente em outro registro dos arquivos acessados, desta vez um ABC, composto por ocasião da eleição do goiano Élis para a Academia Brasileira de Letras, em 23 de outubro de 1975. O escritor foi eleito para ser o quarto ocupante da Cadeira número 1, na sucessão de Ivan Lins. No ABC a ele dedicado percebe-se um tom mais íntimo, no qual o amigo geopoeta-cordelista expõe alguns fatos enfrentados por Bernardo Élis para assumir a Cadeira no Rio de Janeiro, como a falta de recursos para realizar uma mudança para a cidade, dívidas e chateações, demonstrando que havia um nível de diálogo bem próximo entre os dois, no qual compartilhavam detalhes mais específicos. Paulo Nunes Batista demonstra apoio ao amigo recém-eleito e declara sua admiração: "Bernardo Élis, meu caro: Você não precisa da Academia Brasileira de Letras, para ser o que é e ter o valor que tem. GOIÁS, sim, é que precisa de você lá, para maior glória deste estado." Bernardo Élis foi o único goiano a ocupar uma cadeira na ABL, tendo exercido até o ano de 1997, quando ocorreu o seu falecimento em sua cidade natal, Corumbá de Goiás.

Figura 7: ABC (em carta) dedicada a Bernardo Élis.



ABC QUE EU NÃO GOSTARIA DE TER ESCRITO

Paulo Nunes Batista

À Academia Brasileira de Letras
BERNARDO ÉLIS
Chegou...
Duro,
Endividado, o 1º
Filho de
Goiás a ser,
Hoje,
IMORTAL... Vencedor do
JK, no ringue das
LETRAS, agora, está
Montado em dívidas e
Não pode morar no Rio,
Onde fica a A.B.L., esse
Paraíso dos imortais... Então,
Queixa-se,
Reclama da
SORTE o consagrado autor de "O
TRONCO", "[illegible]OS E GERAIS", "CAMINHOS E DESCAMINHOS"...
Um verdadeiro "abacaxi", é a situação do mestre de
"VERANICO DE JANEIRO", que, sem achar o
"X", para solução do seu problema,
Zanga-se consigo mesmo e fala até em... SUMIR!...

(Anápolis, GO, 15/3/76).

APS, 31.03.76

Bernardo Élis, meu caro: Você não precisa da Academia Brasileira de Letras, para ser o que é e ter o valor que tem. GOIÁS, sim, é que precisa de Você lá, para maior glória deste estado. Portanto, GOIÁS tem o compromisso moral de lhe dar a mão. Solidarizo-me com Você, em tudo. Estou certo de que as aperturas passarão. Conte com as minhas Vibrações Positivas. Manda-lhe uns troços e o sincero Abraço, o admirador e amigo de sempre

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Além da carta em ABC acima reproduzida, no ano de 1978 Paulo Nunes Batista dedicou outro ABC ao amigo escritor, com o título de *Louvação a Bernardo Élis*. Com estrofes elogiosas à obra do autor goiano, destaca-se a caracterização dele como um autêntico goiano: "Ele, Bernardo, resume / a Alma Goiana: é raiz, / TRONCO, ramos, flor e fruto / do coração dos Brasis: / deste País Brasileiro / tem – da terra – a cor, o cheiro / e aquele jeito feliz...". Ao longo das 23 estrofes, a biografia e as principais obras são citadas, em um tom bem elucidativo a respeito do autor. O ABC na íntegra segue como ANEXO X.

Outro goiano que foi agraciado com uma composição em ABC do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista foi o escritor Carmo Bernardes:

Este ABC de repente feito para Carmo Bernardes

Articulista, cronista,
bom contista e romancista,
hoje escritor na TV,
Carmo Bernardes – mineiro –
bom Goiano – brasileiro –
nos merece este ABC.

Brasileiro de verdade –
não perde oportunidade
de – juntando o velho ao novo –
descer da flor à raiz
pra revelar ao País
a alma de seu próprio Povo.

Carmo Bernardes escreve
como sabe, como deve,
como ouve o Povo falar:
por isso mesmo há beleza,
há sabor, vida e pureza
de Carmo no linguajar.

Descreve com realismo
temperado de lirismo
esse goiano sertão.
Carmo transmite – pois sente –
o jeito de ser da gente,
da Natureza, do chão...

Escritor que tem vivido,
lutado, amado, sofrido
pelos sertões de Goiás –
Carmo Bernardes, com c'alma,
é a Voz da goiana alma
em tudo o que diz e faz.

Fazendas, sítios, roçados,
rios, matas, descampados –
o Carmo conhece a fundo

das regiões de que trata
e, como mestre, retrata
a partir de “Vida Mundo”...

Grande autor regionalista,
é sério memorialista
que sabe contar histórias:
Carmo Bernardes nos conta
mundo e vida, ponta a ponta,
nos seus livros “Rememórias”...

Homem do campo, nascido,
calejado, enrijecido
no corpo a corpo rural,
Carmo reflete o seu meio
e vai – via, veia e veio
no seu leito natural...

Inimigo de Opressor,
de Tirano e Ditador,
amigo do Povo – até
as últimas consequências –
Carmo enfrenta as prepotências
afoito e bravo – de pé!...

Jornalista de combate,
daquele melhor quilate
que o Jornalismo já deu –
Carmo Bernardes defende
o Povo – e não se arrepende
de tudo quanto escreveu...

Livros vários publicando
sua fama consagrando
de escritor de paz e guerra –
Carmo Bernardes, agora,
Na televisão se enflora:
dá-nos os “Frutos da Terra”.

Mais o ilustre companheiro
goiano, Hamilton Carneiro,
Carmo aos domingos está
pela TV Anhanguera
mandando a fala sincera
pra toda a Nação goiá...

“Nunila” – belo romance!
Que Carmo nunca se canse
nas suas Idas e Vindas
e continue produzindo –
ao nosso Brasil servindo –
fazendo coisas tão lindas!...

O Carmo, escritor cutuba,
nos mostra, em “Jurubatuba”,
como se deve escrever:
é romance que nos prende
e os sentimentos acende
dando ganas de mais ler...

Poder de linguagem franca
Em “Reçaga” e “Areia Branca” –
contos e crônicas – tem:
Carmo a palavra não míngua –
fala sem papas na língua,
sem ter medo de ninguém!

Quer ver de Carmo o talento?
Leia “Memórias do Vento” –
primeiro da trilogia
com “Força da Nova” e “Quarto
Crescente” – um trabalho farto
da mais pungente poesia!

Rememorialista urbano,
pintor do sertão goiano,
o destemido escritor
das letras faz manifesto
e ergue a pena do protesto
contra o mundo explorador!...

Sincero até à medula,
Carmo as letras manipula
com potência de gigante...
No futuro já ponteia –
promete: “Quadra da Cheia”
e, depois, “Quarto Minguante”...

Tendo sido pescador
e eminente caçador,
sabe, do mato, os caprichos...
Em “Jângla” – livro em preparo –
Carmo aguça mais seu faro:
trata de água... gente e... bichos...

Uma estrela que cintila
nos céus de Carmo – “Nunila” –
é livro cheio de amor...
Carmo, não raro satírico,
ali se revela um lírico,
qual se escrevesse com flor!...

Visceralmente contrário
ao corrupto, ao salafrário
que engorda explorando a Massa –
Carmo carrega na tônica,
faz artigo, manda crônica
mostrando a coragem e a raça...

Xinga – se o caso é de xingo,
sem que se note um só pingo
de medo – não treme um til...
Regionalista de peso –
Carmo é sol do Povo, aceso
nestas noites do Brasil!...

Zeloso do nosso idioma –
que conhece, guarda e doma –
é espantalho dos covardes!
Por tudo o que é e o que vale –

que para sempre se fale
no Escritor Carmo Bernardes!...
(Anápolis, 06/02/87)
(Batista, arquivo do acervo pessoal).

É certo que os ABC's panegíricos escritos pelo geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista tinham (e tem) função educativa, pois, a partir deles, os leitores são introduzidos a informações relevantes que podem estimular a busca por um conhecimento mais aprofundado a respeito do tema ou nome cantado nos versos. Além disso, ao passo em que eram enviados aos homenageados, configuravam instrumentos comunicativos: uma forma gentil e criativa por meio da qual o geopoeta-cordelista registrava sua admiração e respeito pelos artistas e personalidades pelas quais sentia apreço, amizade e admiração. O *ABC de repente feito pra Carmo Bernardes*, datado de 02 de fevereiro de 1987, conforme original datilografado e assinado pelo geopoeta, apresenta, ao final, um recado ao escritor goiano, com o seguinte teor:

Caro amigo,
Junto, com este ABC para você, o ABC DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E OUTROS ABECÊS. Pena que o Orígenes Lessa não tenha incluído, nos poemabecês, o do Bernardo Élis, o do Gráfico (ABC AO ARTISTA GRÁFICO) e diversos outros em que denuncio os males do sistema, protesto contra as mazelas do regime e aponto aos rumos do Socialismo para o Brasil... Tem nada, não: um dia ainda alguém publicará esses meus ABCs, nem que seja daqui a 50 anos... Anexo xérox do contrato e da nota fiscal, pra você ver a sacanagem que o Pedro Paulo fez comigo... sem mais comentários. Aqui aguardando alguma notícia sua, e, quem sabe, que possa mostrar esse seu ABC e o meu livro no programa "Frutos da Terra", para que Goiânia saiba deles, abraça-o, cordialmente, Paulo Nunes Batista (Batista, arquivo do acervo pessoal).

O bilhete indica que o ABC foi enviado por Paulo Nunes Batista ao amigo escritor Carmo Bernardes, aproveitando para solicitar a divulgação do mesmo e de sua obra no programa televisivo "Frutos da Terra", exibido pela TV Anhanguera, com início na década de 1980, cujo intuito era de divulgar as tradições e a cultura goiana. Criado e dirigido por Hamilton Carneiro, o famoso programa contou por alguns anos com a participação de Carmo Bernardes, o qual apresentava um quadro no qual falava sobre o que mais gostava: plantas, bichos e costumes populares do cerrado. Nos arquivos acessados não há registro de alguma resposta enviada a Paulo Nunes Batista em virtude do recebimento do ABC, mas, provavelmente, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, a gentileza deve ter sido agradecida por Carmo.

No conteúdo do *ABC de repente feito pra Carmo Bernardes*, a vida e a obra deste "mineiro-bom goiano-brasileiro" são retratadas nos versos, os quais resumem poeticamente a grandeza desse autor regionalista. Na primeira estrofe são citadas as vertentes de atuação como

escritor: articulista, cronista, contista, romancista, escritor na TV – Carmo Bernardes foi versátil, contribuiu em diversos jornais goianos, como no *O Popular*, no qual publicou por muitos anos suas crônicas sobre variados temas sociais.

As expressões utilizadas no ABC para definir o homenageado configuram um retrato biográfico, a saber: brasileiro de verdade, voz da alma goiana, grande autor regionalista, homem do campo, amigo do povo, jornalista de combate, pintor do sertão goiano, rememorialista urbano, destemido escritor, sincero e zeloso do nosso idioma. O autor de *Quarto Crescente* (1986), nascido em Minas Gerais, porém chegado em Goiás ainda criança, cresceu na zona rural de Anápolis, vivenciando as coisas do campo. Frequentou pouco a escola, mas foi autodidata e, por meio da leitura incentivada pela mãe, unida às práticas de carpinteiro, caçador, lavrador, dentre outras nas quais acompanhava e exercia junto ao pai, ele se formou como um defensor da fauna e da flora cerratenses, além de expressar, por meio das obras literárias, esse Goiás interiorano, simples e rico de alma – a "goiana alma".

A coragem e a vertente militante em defesa dos interesses do povo de Carmo Bernardes são lembradas no ABC, nos versos: "amigo do Povo – até / as últimas consequências - / Carmo enfrenta as prepotências / afoito e bravo – de pé!..." e ainda nos seguintes versos da penúltima estrofe: "Xinga – se o caso é de xingo / sem que se note um só pingo / de medo – não treme um til...". Sobre essa faceta, assim declarou ao jornal *O Popular*, Ana Flávia Bernardes, neta de Carmo:

> Meu avô era um sujeito muito humano e complexo. Era um roceiro muito estudado e inteligente. E quando publicava seus textos, seus livros e suas crônicas no jornal, não se importava se os outros gostariam ou não, mas adorava receber essa resposta, ainda que fossem críticas. Muitas delas, ele respondia (2018).

Na mesma reportagem destaca-se a defesa que Carmo fazia das pessoas simples, do homem da roça e do trabalhador braçal, denunciando mazelas, exploração e desigualdades sociais: "Carmo sabia valorizar essa gente simples e tantas vezes desprezada" (Borges, 2018). Não só a exploração do homem sertanejo era tema de revoltas e denúncias do escritor, mas a exploração dos recursos naturais, da fauna e da flora do Cerrado. Mesmo sem formação acadêmica na área, Carmo atuou como exímio ambientalista, percorrendo cidades goianas e ministrando aulas e palestras em defesa da preservação do bioma.

Não apenas as vivências do campo, mas as vivências pela cidade foram fonte de inspiração de Carmo, conforme versam o ABC: "Escritor que tem vivido, / lutado, amado, sofrido / pelos sertões de Goiás - / Carmo Bernardes, com c'alma, / é a voz da goiana alma / em

tudo o que diz e faz." Para dialogar com essa característica, faz-se referência aqui ao documentário "Carmo Bernardes" (1985)[11]. Neste, a repórter Liza França acompanhou um dia do escritor e registrou sua rotina e seus costumes, os caminhares pelos espaços da cidade de Goiânia, nos quais ele buscava inspiração para seus escritos.

O documentário afirma que as histórias escritas por Carmo Bernardes eram baseadas em fatos verdadeiros, colhidos nas vivências do cotidiano e frutos do ócio criativo, sendo este praticado durante os passeios sem pressa pelo centro da cidade de Goiânia que o autor tinha como costume fazer. Como "amigo do Povo", o escritor frequentava locais nos quais tinha e fazia amizade, falava com as pessoas sobre questões cotidianas e sobre literatura. Os espaços percorridos nas imagens do documentário são o Café Central – no qual batia papo com os amigos e escrevia crônicas; o Supermercado da Cobal – no qual comprava doces e discutia sobre a carestia das mercadorias; a Livraria Cultura Goiana – na qual averiguava como estavam as vendas de seus livros e aproveitava para ler e conhecer as novidades literárias disponíveis.

Como um *flâneur* que vivenciava a cidade, Carmo Bernardes buscava inspiração em meio ao povo, nas praças e feiras, especialmente na Feira Hippie[12] de Goiânia – uma das mais tradicionais da capital. Foi nela que Carmo esteve, por décadas, todos os domingos, conforme mostra o documentário. A respeito desse costume, que "o refazia de todas as amarguras", o escritor assim declara:

> Aqui o contato com o leitor é muito mais amplo como você pode ver, né. Os leitores chegam aqui para comprar livro dos outros, mas a gente tá sempre aí, vê meu nome, vem conversar comigo... e eu estou aqui nessa feira desde a sua fundação. Aqui talvez seja onde eu fiz o maior conhecimento de todas as minhas atividades, foi aqui (Bernardes, 1985 - 4min40s a 5min08s).

[11] oriundo de uma reportagem produzida pela TV Brasil Central, no ano de 1985, com roteiro e entrevista de Liza França, o documentário atualmente faz parte do acervo do Museu da Imagem e do Som do Estado de Goiás, por doação feita no ano de 2004 pela TV Brasil Central.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fuVPFkJw-cs , acesso em 27 out. 2023.

[12] A Feira Hippie de Goiânia-GO é uma das inúmeras feiras de Goiânia, sendo a maior feira ao ar livre do Brasil e da América Latina, com aproximadamente 7.000 barraquinhas e em crescimento. Acontece atualmente aos sábados e domingos sempre na Praça do Trabalhador. Sua história começa na década de sessenta, quando alguns hippies expunham suas peças no Parque Mutirama, posteriormente na Praça Universitária, depois na Praça Cívica até o local que se encontra atualmente, ou seja, na Praça do Trabalhador. Fonte: https://www.curtamais.com.br/goiania/goiania-abriga-a-maior-feira-livre-da-america-latina Acesso em 28 out. 2023.

As cenas do documentário retratam um poeta do povo, andando e sentindo a cidade para traduzi-las em palavras literárias. Um trecho interessante do vídeo se dá quando Carmo Bernardes é questionado sobre seu desencanto com o panorama literário da época:

> (Aos 2min28s - Liz pergunta) Falando em cultura, Carmo, uma vez nós conversamos e você tava meio deprimido com a literatura... você fez uma comparação para mim, dessa cultura que você carrega, que você acha que é uma cultura desnecessária. Como é que é isso? (Resposta de Carmo Bernardes): "É, eu tenho isso, eu ando muito desencantado com o problema da cultura, principalmente agora, depois que a obra da Cora Coralina foi promovida, nesse movimento todo, e pensar que quantos anos Cora fazia aquele tipo de cultura que eu faço, e que eu pretendia fazer, e nunca foi reconhecida. Quero dizer, nesse caso eu teria que esperar quando eu tivesse 95 anos, vivo ou morto, para poder essa literatura que eu faço ser focalizada. Então eu ando muito aborrecido com isso porque um dia desse eu soube que alguém falando aí, uns professores e tal, disse que a minha literatura não aguenta, não resiste a meia hora de exame... discussão, de debates, essas coisas, assim como também falaram da Cora. E isso eu acho perfeitamente natural, porque a vida que o povo leva é totalmente diferente da vida que nós, a elite, levamos. Então nós estamos manipulando uma coisa aí muito elitizada, totalmente desligada das grandes massas do povo, e eu não sou capaz de fazer literatura na cúpula. Eu sou capaz de fazer literatura embaixo, e embaixo eles não entendem" (4min04s).

Aqui o escritor relata sua indignação com a tendencia elitista do mercado literário, que buscava obras com teor diferentes do regionalismo que ele e Cora Coralina fizeram, um retrato das coisas interioranas, do campo, do sertão de Goiás que não era foco das editoras da época. Mesmo revoltado, Carmo Bernardes seguiu escrevendo até o final de sua vida. Falecido em 25 de abril de 1996, em Goiânia, deixou um grande legado composto por dezessete obras publicadas em livro e alguns inéditos. Cumpriu a promessa feita: "Escreverei enquanto tiver vivência", construindo uma ficção regionalista classificada como vanguardista, como afirmou Borges (2018): "Falava do passado comunicando-se com o presente e com os olhos postos no futuro. Sua ficção traz esse traço de vanguarda que se apoia em tradições seculares de homens valentes, criados entre as hostilidades do sertão". O amigo geopoeta-cordelista captou esse vanguardismo nos versos do ABC: "não perde a oportunidade / de – juntando o velho ao novo - / descer da flor à raiz / pra revelar ao país / a alma do seu próprio povo".

Publicado nos periódicos *O Anápolis*, de 17 a 23 de maio de 1996 e *O Top News*, no caderno "Prosa & Verso", de 21 de maio de 1996, conforme recortes originais presentes no acervo acessado, o *ABC de repente feito pra Carmo Bernardes* configurou, para além de um registro historiográfico, uma bela e justa homenagem ao grande escritor regionalista goiano: "Por tudo o que é e o que vale – / que para sempre se fale / no Escritor Carmo Bernardes!...".

Do poeta, do violeiro, do coquista e do trovador – ABC à Casa do Cantador

Fugindo um pouquinho do estado de Goiás, mas sem sair dele, um dos caminhos percorridos pelo geopoeta-cordelista foi a Casa do Cantador. Localizada em Ceilândia-DF, a casa é um espaço bastante significativo da presença da cultura nordestina no Planalto Central. Inaugurada em nove de novembro de 1986, com a finalidade de reunir cordelistas, repentistas, sanfoneiros e demais artistas populares e agregar eventos de diversas naturezas, o espaço amplo e de arquitetura moderna foi projetado por Oscar Niemeyer e construído com recursos do governo distrital e federal, fruto da reinvindicação de diversos artistas populares atuantes na década de 1980 que lutavam pela preservação da tradição trovadoresca, dentre eles Paulo Nunes Batista. Presente desde a reivindicação até a inauguração, ele homenageou a conquista dos poetas populares de diversas gerações com a declamação, na ocasião, de um cordel em ABC de sua autoria:

A CASA DO CANTADOR
É o Palácio da poesia,
O Ninho do Glosador,
O Paço da Cantoria,
A Pousada do Coquista,
O Abrigo do Cordelista
O Chão do Céu da Harmonia!

Beleza de Arquitetura,
É uma pequena obra-prima
Do grande Oscar Niemeyer
Um gênio que o mundo estima:
É Ave o Vôo ensaiando...
Pelo Oceano da Rima...

Ceilândia é o Chão do Planalto
Onde construiu-se o Lar
No coração do Brasil
Do Poeta Popular.
A Cordelista Família
Pode, nos céus de Brasília,
Abrir o Verso e cantar!...

Dentro do espaço poético
Da CASA DO CANTADOR
Há sempre um mote esperando
A glosa de um Glosador...
O Verso espontâneo e quente
De um Poeta do Repente,
De um Versista ou Trovador...

A Casa da Poesia:
É, no Planalto Central,
A Estrela de onde irradia
O Improviso nacional
Onde fabricam seu Mel

As Abelhas do Cordel
Na Colméia musical...

Fazendeiro do Improviso
Bardo, Aedo, Menestrel
Abrindo a Rosa do Riso
Por sob Espinho do fel
Vai o Poeta do Povo
Religando o velho ao novo
No ritual do Cordel...

Gemedeira, Mote e Glosa,
Côco, Dez Pés a Quadrão,
Quadra, Sextilha, Setilha,
Loa, Décima, Mourão,
O Martelo Agalopado,
O trava-língua, o Trocado
Nesta CASA habitarão...

Habitarão nesta CASA,
Com sua beleza agreste,
As Pelejas, os Romances...
Toda a poesia que veste
De Encerramento e Magia,
Nos reinos da Cantoria,
A alma heróica do Nordeste!...

... Inácio da Catingueira
Piauá, Duda, Romano,
Hugolino do Teixeira,
Nogueira, Azulão, Germano,
José Patrício, Nicandro,
Chagas Batista, Leandro,
Cabeceira e Caetano...

... Joaquim Francisco Santana,
Pinto, Jacó Passarinho,
Rio Preto, Pedra Azul,
Bentevi, José Pretinho,
João Melquíades, Junqueira,
Cordeiro Manso, Roseira,
Carneiro, Antônio Marinho...

Luiz da Costa Pinheiro,
Dimas, Lourival Batista,
José Camelo Rezende
O uniVerso Repentista
Tanto novo como o antigo
Encontram lugar e Abrigo
Na Casa do Cordelista...

Manoel Neném, Canhotinho,
Beija-Flor, Manoel Xelé
E Manoel d´Almeida Filho...
Patativa do Açaré,
Rodolfo, Manoel Camilo
Cada qual com seu estilo
Aqui ficarão de pé...

Neco Martin, Louro Branco,

Ivanildo Vila Nova
E João Martins de Ataíde
Fazem a conta, tiram a prova
Com José Alves Sobrinho
Nesta CASA, que é seu Ninho
Feito de Improviso e Trova...

Otacílio, Zé Bernardo,
Zefinha, Xica Barrosa,
Anita Lopes de Almeida
Quem escreve, canta ou glosa
Os Coquistas: Cachimbinho,
Vem-Vem, Geraldo Mousinho
Numa Embolada gostosa...

Pedro, João, Chico Bandeira,
Seu avô Manoel Galdino,
J. Borges, Zé Pacheco,
Curió, Luiz Percino,
Zé Pedro, Guriatã,
Zé Antônio da Cauã,
Grangeiro, Cego Paulino...

Quadrão Grande ou Vai-e-Vem,
A Parcela ou Miudinha,
O Galope Alagoano
Com Arrudinha ou Souzinha
Ou o Oitavão Rebatido
E os Dez de Queixo Caído -
Com Xudu ou Palmeirinha...

Romano Elias da Paz,
Patativa do Arraial,
Cerônimo do Junqueiro,
Zé Cajá do Bananal,
Canção, Lourival Bandeira,
Meia Luz, João Cabeleira,
Firmino T. do Amaral...

Sebastião Nunes Batista
E Rafael de Carvalho,
Cascudo, Orígenes Lessa
Todos, que com seu trabalho
Adubaram esta Semente
Do Cordel e do Repente -
Flor e fruto de um só galho...

Todos - todos os poetas
Que sabem do Verso o xis
Que desde Agostinho Nunes
Alimentaram a Raiz
Do Cordel - recebem a Flor
Da CASA DO CANTADOR,
Na Capital do País!...

Unimos as Mãos Poetas
Num Repente de Louvor
A José Aparecido,
Poeta Governador,
E ao Presidente Sarney

Pela poesia da lei
Que é a CASA DO CANTADOR!...

Vem na Voz, nas Mãos do Vento,
Vem das Montanhas, do Mar,
Das Rodas, das Vaqueijadas,
Vem do Vaqueiro a aboiar
O Canto de Louvação
Que nasce do Coração
Do Poeta Popular...

Xilogravando no Tempo
Este Poema de Paz
O Palácio do Repente
Que de poesia se faz
Cantam Chiquinho e Canário
O Côco Extraordinário
Que a força da terra traz!

Zé Limpeira, Zé Praxédis
O Cordel, a Cantoria
Mandam abraço pro Gonçalo
Quem em Brasília é nosso guia.
Os Poetas Cantadores
Reinam - são Imperadores
No Palácio da Poesia!...
(Batista, 2008, p. 13)

O cordel em homenagem à Casa do Cantador, escrito e declamado por Paulo Nunes Batista em 1986, possui vinte e três estrofes, sendo as duas primeiras sextilhas e as demais septilhas, no esquema de rimas XAXAXA, as sextilhas, e XAXXAXA as septilhas. Na primeira estrofe o autor seleciona um campo lexical muito significativo para anunciar o que a casa significa para os poetas populares: palácio, ninho, paço, pousada, abrigo e chão. Essas palavras mostram que a conquista de ter uma casa para chamar de sua no centro do país fortaleceu a essência desses poetas, que, como o próprio Paulo Nunes Batista, são, muitas vezes retirantes, outras vezes viajantes da geopoesia, que desejavam e desejam ter espaço e abrigo no chão do Brasil, esse país tão rico e diverso culturalmente. Na segunda estrofe há a exaltação do arquiteto Oscar Niemeyer, pela genialidade com que projetou as obras da capital federal e especificamente da Casa do Cantador, uma das poucas obras do arquiteto fora do Plano Piloto de Brasília, e a única obra projetada por ele em Ceilândia-DF.

Com os paradoxos “chão e céu”, o eu poético exalta, na terceira estrofe, o fato da Casa do Cantador estar instalada no centro do país, no “coração do Brasil”, sendo o lar do poeta popular. Destaca o chão de Ceilândia, uma das principais cidades satélites, que possui em seu histórico o fato de ter abrigado toda uma população migrante que veio habitar o solo do Distrito Federal em busca de oportunidades na ocasião da construção da capital federal, trazendo suas

famílias e alojando-as em terrenos ainda não delimitados à época, considerados, portanto, como invasão. O nome "Ceilândia" vem da sigla CEI – Campanha de Erradicação das Invasões", projeto liderado pela então primeira-dama do Distrito Federal, Vera de Almeida Silveira. Em 1971 houve a regularização dos terrenos e a emancipação da cidade distrital, nomeada Ceilândia, aproveitando a sigla da campanha e agregando o sufixo "lândia", que significa terra, lugar. Atualmente Ceilândia é a maior cidade-satélite em termos de população do Distrito Federal.

O céu de Brasília, citado na terceira estrofe, é um ícone do Distrito Federal. Destaca-se pela beleza das cores que se misturam em um céu limpo e claro, influenciado pelo clima seco, pela posição geográfica e pela arquitetura, a qual não é dotada de prédios altos como nos grandes centros. Em reportagem publicada na página eletrônica do G1, destaca-se que o Iphan chegou a receber em 2007 um pedido para que o céu fosse tombado como patrimônio imaterial, mas não houve aprovação, sendo tal processo arquivado em 2014. No entanto, mesmo sem o tombamento, a conhecida frase "O céu é o mar de Brasília", proferida pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa, resume, conforme a reportagem, a relação do brasiliense com o céu de cores fortes (2019). No *ABC à Casa do Cantador* esse céu belo e icônico é saudado como sendo abrigo para a família cordelista, para "abrir o Verso e cantar".

A Casa do Cantador é destacada, na quarta e na quinta estrofes, como o espaço poético do verso espontâneo, do improviso, feito pelos glosadores e repentistas, usando a metáfora "abelhas do Cordel" para ilustrar esse fazer "coletivo" dos poetas populares, "Na colméia musical...". Nas estrofes seguintes são mencionados diversos gêneros da poesia popular, como o Côco, Gemedeira, Glosa, Sextilha, Quadra, Pelejas, Romances, etc., ressaltando que todos esses "habitarão nesta Casa... / A alma heróica do Nordeste!..." A partir da nona estrofe há a menção a vários nomes de poetas e artistas populares, como um chamamento, listando várias gerações de poetas pertencentes aos diversos "galhos" da poesia popular, exaltando cada canto com sua devida importância para a cultura brasileira. Na última estrofe o eu poético afirma que "Os poetas Cantadores / Reinam – são Imperadores / No Palácio da Poesia!...", em uma demonstração de sua enorme devoção à poesia e à cultura popular brasileira, bem como ao espaço a estes dedicado.

Abecedeando temas: os ABC's por causas sociais e políticas de Paulo Nunes Batista

Na dissertação *A poesia de Paulo Nunes Batista*, Salete de Freitas analisa alguns ABCs do poeta-cordelista paraibano-goiano, organizando-os dentro do que denomina "Conjunções temáticas", elegendo como temática-base a educativa:

> Muitas vezes, vamos observar que ao alinhamento de temas corresponde também a conjunção formal, uma vez que a forma, quase sempre, corporifica a mensagem. Sobretudo, se considerarmos que a maioria dos abecês se prende a conteúdos educativos, uma vez que, mesmo aqueles ligados a personalidades e cidades, encerram, no fundo, uma semântica educativa, à medida que transmitem conhecimentos e, sobretudo, consciência política (Freitas, 1995, p. 60.

Ao ser questionado sobre as qualidades próprias e especiais dos folhetos de sua autoria, Paulo Nunes Batista destacou as seguintes características: espontaneidade, o cuidado com a linguagem, a variedade de temas tratados e o cunho educativo, sendo este último considerado por ele como predominante:

> A espontaneidade é, pois, uma qualidade inerente a todos os meus folhetos. Quanto aos temas tratados, variam muito: vão desde a simples "reportagem em versos" até a estória (romance) e o "conto rimado", das pelejas imaginárias até a ficção, das lendas... Mas, a nota predominante, que eu diria ser "qualidade especial" de meus folhetos é a preocupação com os problemas sociais: os desníveis, as injustiças, a carestia, a pobreza, a miséria, etc. Meus folhetos encerram quase sempre uma mensagem, um apelo ao Amor Universal, à solidariedade humana, à compreensão entre os homens (2014, p. 300).

Nos arquivos acessados foram obtidos alguns ABC's com conteúdo ligados à causas sociais e políticas, demonstrando um engajamento pelas causas nas quais o autor se propunha divulgar e informar a sociedade. Um exemplo é o *ABC para o MORHAN*, um dos poemas que teve bastante circulação no estado de Goiás e em outros estados, como a Bahia, por exemplo. MORHAN – Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase - é uma entidade sem fins lucrativos, fundada no ano de 1981, que possui núcleos em diversas cidades e estados brasileiros, inclusive em Anápolis-GO. Sensibilizado e engajado na causa da entidade para auxiliar os portadores de Hanseníase e seus familiares, Paulo Nunes Batista compôs o ABC e buscou divulgá-lo amplamente nos diversos meios de circulação possíveis à época. A data da primeira publicação deste ABC não foi identificada ao certo, mas as publicações em revistas, jornais e folhas volantes acessadas datam da década de 1990, tais como: jornal *O Anápolis*, publicação de 15 de julho de 1990; periódico *O Cavalheiro da Serra*, de Caririaçu-CE, em outubro de 1990; periódico *O Nosso*, de setembro de 1990, local não identificado; Folha Volante de distribuição gratuita datada de janeiro de 2005 em Anápolis-

GO; panfleto distribuído por *A Trombeta*, de Salvador-BA, datado de maio de 1992 (figura 8) e a uma Folha Volante, a qual provavelmente circulou em Anápolis-GO, sem referência de data.

O *ABC para o MORHAN* é composto por 23 estrofes em quadras, predominando o esquema de rimas AABA. Inicia-se com um diálogo do *eu* poético com o leitor, informando que a hanseníase é uma doença curável. Ao longo do poema há informações sobre suas características e as formas de contágio. O preconceito é abordado, sendo que o poema traz um tom de denúncia ao expor a exclusão pela qual os "hansenianos" eram submetidos à época: "os seus portadores / vêm sendo discriminados, perseguidos, maltratados / qual fossem malfeitores...". Em outra estrofe há a orientação de que as pessoas com Hanseníase devem ser aceitas pela sociedade, sem segregação: "Hanseníase se trata sem segregar-se os doentes, / que podem viver ao lado dos pais, filhos e parentes / sem jamais contagiá-los. / Para que encarcerá-los, se eles não são delinquentes?". E segue orientando as pessoas a buscarem ajuda médica profissional, desmistificando o uso de medicações ineficazes: "Tomar certas garrafadas – remédios de curandeiro / sem procurar ir ao médico – é perder tempo e / dinheiro... Quem fez isso – está por fora! / Não deixe pra última hora - / mal de muitos brasileiros!".

A denúncia das mazelas sociais se faz presente no *ABC para o MORHAN*, bem explícitas nas seguintes estrofes:

> **E**ntre os que pegam a doença a maioria é a pobreza/
> gente simples, sem cultura, sem recurso, sem
> defesa... é gente desempregada que não tem vida
> asseada e a quem falta o pão na mesa...
> ...
> **U**m hanseniano pode – quando se trata – viver
> no meio de toda gente trabalhar, sentir prazer,
> estudar, enfim, ser útil – sem esse "remédio"
> fútil de dos outros se esconder...
>
> **V**er os doentes chagados, sem os dedos, se a mão –
> Pedindo esmolas nas ruas só envergonha a Nação!
> Falta AMOR! Falta JUSTIÇA! Estão sobrando:
> Cobiça! Luxo! Ganância! Ambição!...
> (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Paulo Nunes Batista encerra o ABC pedindo que a mensagem seja levada a mais pessoas: "Zele por sua saúde e ajude o Brasil – porquê o / nosso País precisa de todos nós, de você!... / Meu irmão ou minha irmã: dê sua ajuda ao / MORHAN – passe à frente este ABC!".

Figura 8: folha volante com *ABC para o MORHAN*.



"ABC" PARA O MORHAN

Paulo Nunes Batista

Amigos, a hanseníase é doença que tem cura
se o doente quer curar-se e o tratamento procura:
se o doente não se trata a enfermidade o
maltrata, o mutila, o desfigura...

Bacilos de Hansen – são da doença os causadores.
É uma doença comum, porém, os seus portadores
vêm sendo discriminados, perseguidos, maltratados
qual se fossem malfeitores...

Contra o preconceito é que trabalha e luta o
MORHAN para que o hanseniano, na sociedade,
amanhã seja aceito, se reintegre, trabalhe, se sinta
alegre e tenha uma vida sã...

Das moléstias contagiosas a hanseníase é das que
menos se transmitem: muitos doentes, até, que
várias úlceras têm – não contagiam ninguém...
Não lhes negue o seu café!...

Entre os que pegam a doença a maioria é a pobreza
gente simples, sem cultura, sem recurso, sem
defesa... é gente desempregada que não tem vida
asseada e a quem falta o pão na mesa...

Filho de hanseniano não traz dos pais a doença
não nasce hanseniano – como muita gente pensa...
Se os pais estão se tratando – os filhos vão-se
criando sem medo – em sua presença...

Grave erro é separar as crianças dos seus pais
se estes são hansenianos – o que não se usa mais,
Tratando – em cima dos trilhos – os pais – vão
crescendo, os filhos como crianças normais.

Hanseníase se trata sem segregar-se os doentes,
que podem viver ao lado dos pais, filhos e parentes
sem jamais contagiá-los.
Para que encarcerá-los, se eles não são delinqüentes?

Infelizmente, acontece que muita gente, hoje em
dia, adoece e não se trata – às vezes, por covardia...
Aí, sim – sem tratamento, não havendo isolamento
– o doente contagia!...

Já está provado que a mãe pode o filho amamentar
– se ela for hanseniana e estiver a se tratar –
sem ter perigo, porque o seu leite ao seu bebê
não pode contaminar...

Lepra, lázaro, leproso e outros nomes, hoje, não
se empregam – para os doentes.
Os hansenianos são gente, cuja enfermidade se
cura, na atualidade. Pra que discriminação?!...

Manchas na pele, que não doem, nem coçam, cuja
cor é esbranquiçada ou vermelha, insensíveis ao
calor – são sinais que – quem tiver –
homem, menino ou mulher – deve ir mostrar ao
Doutor!...

Nas mãos ou nos pés, quem sinta constante
formigamento; nalguma parte da pele sinal de
adormecimento; bolhas sem dor; nervos grossos –
quem sente algum desses troços é bom fazer tratamento.

O médico, examinando aquele que o procurar,
vai receitar os remédios e o modo de se tratar.
É – conforme o caso – às vezes, o doente, em
poucos meses conseguirá se curar!...

Pode abraçar o doente seu parente ou seu amigo,
pegar qualquer objeto que ele carregue consigo,
sentar-se onde ele se senta – porque isso não
representa pra você nenhum perigo!

Quem sinta dores nos nervos dos braços, das pernas
ou das outras partes do corpo e algumas manchas
notou dormentes – não tenha medo – conte ao
médico "o segredo": quem fez isso – se curou....

Remédios é que não faltam. Nem deve o
hanseniano parar o seu tratamento.
É melhor tratar-se um ano ou o tempo que for,
sem falta, até que o médico – a alta lhe possa
dar, sem engano!...

Se parar de medicar-se, desprezando a medicina,
a doença reaparece (a ciência nos ensina!):
se a forma é contagiante – aos outros, daí por
diante o doente contamina...

Tomar certas garrafadas – remédios de curandeiro
– sem procurar ir ao médico – é perder tempo e
dinheiro... Quem fez isso – está por fora!
Não deixe pra última hora –
mal de muitos brasileiros!

Um hanseniano pode – quando se trata – viver
no meio de toda gente trabalhar, sentir prazer,
estudar, enfim, ser útil – sem esse "remédio"
fútil de dos outros se esconder...

Ver os doentes chagados, sem os dedos, se a mão –
pedindo esmolas nas ruas só envergonha a Nação!
Falta AMOR! Falta JUSTIÇA! Estão sobrando:
Cobiça! Luxo! Ganância! Ambição!...

Xia – o xis da hanseníase é tratar logo do mal
sem precisar de fugir do convívio social.
E o Brasil – com isso – ganha, vencendo a grande
campanha da redenção nacional.

Zele por sua saúde e ajude o Brasil – porquê o
nosso País precisa de todos nós, de você!...
Meu irmão ou minha irmã: dê sua ajuda ao
MORHAN – passe à frente este ABC!...

HANSENÍASE TEM CURA

EXPEDIENTE
Produção: José Carlos (Latinha)
Arte e Diagramação: L. Figueirêdo
Composição: Angélica
Fotolito: Antonio Salles
Impressão: João Pacheco
Impresso na Gráfica Caiçara - Tel.:242-4433

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista.

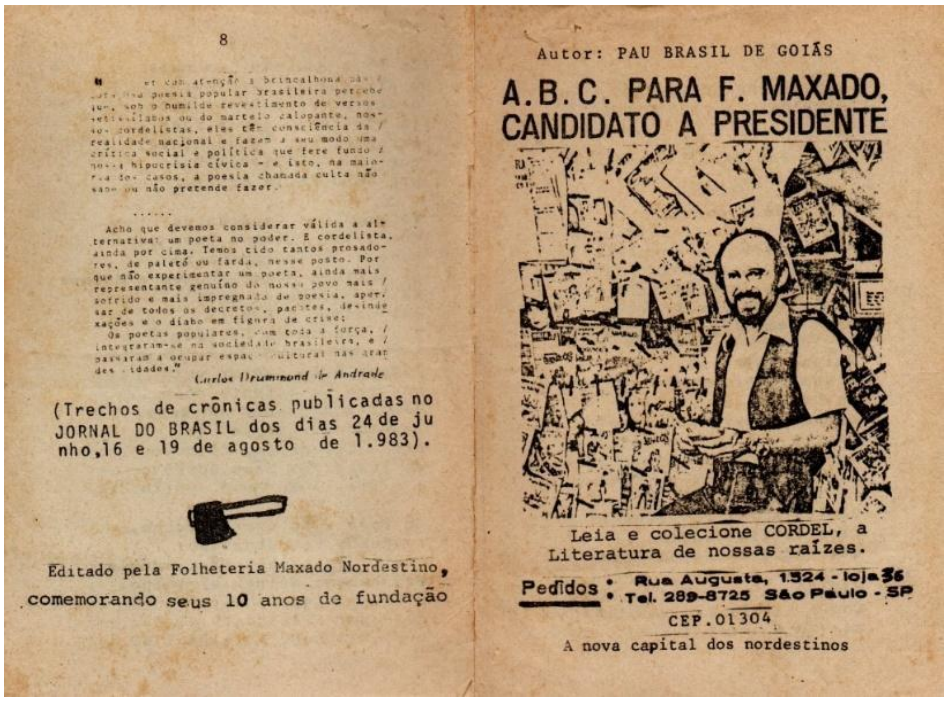
A exemplo de ABC's motivados por causas sociais é possível citar: *ABC para a Transamazônica*, *ABC para a campanha do aleitamento materno*, *ABC-Canto-Oração pedindo paz para o mundo*, *ABC para o lar do adolescente*, *ABC para a APAE*, dentre outros.

Na vertente política, Paulo Nunes Batista compôs ABC's sob encomenda, muitas vezes para candidatos em período eleitoral, outras vezes para promover entidades e pessoas influentes da sociedade. No entanto, conforme declarou o cordelista em entrevista concedida em 2007, esse feitio encomendado foi apenas por determinada fase de sua carreira: "Houve uma época que eu escrevi cordel para ganhar dinheiro, mas hoje não faço mais. Chega candidato querendo me pagar para fazer, mas eu não faço. Não faço cordel para capitalista nenhum. Pode pagar o quanto quiser que eu não escrevo". À época em que escrevia sob encomenda, o cordelista costumava assinar com pseudônimos. Alguns desses pseudônimos, tais como Pau-Brasil de Goiás, Iris Nortense Goiano, Zé Brasil, Pena Brasil e Karajá.

Um exemplo da escrita pseudônimia é o folheto *ABC para F. Maxado, Candidato a Presidente*. Assinado por Pau Brasil de Goiás, com referência de data do ano de 1983, é um folheto que apresenta o poeta baiano Franklin Machado como possível candidato à presidência

do país. Possivelmente a candidatura não se efetivou, tendo em vista o período de referência, pois entre 1983 e 1989 o Brasil passava por um período de transição no sistema eleitoral, impulsionado pelo movimento "Diretas Já" que fazia oposição à ditadura e lutava para que houvesse eleições diretas no sistema democrático, o que veio a ocorrer em 1989. Não foram encontradas fontes com referência à oficialização da candidatura de F. Maxado.

Figura 9: folheto ABC PARA F. MAXADO (Capas).



Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Tendo sido perseguido e preso várias vezes por seu envolvimento e atuação no Partido Comunista do Brasil (PCB), nas décadas de 1940 e 1950, Paulo Nunes Batista defendia, nas décadas posteriores, um movimento político organizado, no qual a população pudesse unir forças em prol das pautas políticas. No *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente* (ANEXO XII), ficam explícitas as vertentes ideológicas do geopoeta-cordelista paraibano-goiano, tais como a luta contra o "Imperialismo vil", a luta contra os latifundiários e contra o coronelismo, a luta contra a fome e por melhor distribuição de renda e geração de empregos. Incentivando a candidatura de F. Machado e apresentando-o como advogado, poeta-cordelista, fiel ao povo e defensor da classe oprimida, o geopoeta-cordelista, por meio da voz poética, demonstra nos versos a ansiedade que pairava à época por eleições diretas: "O Brasil só vai pra frente / se houver eleição direta / para poder atingir / o alvo de sua meta: / quando chegar a

eleição, / para chefe da Nação / vote em MAXADO, o poeta!". Em outra estrofe esse anseio é também expresso: "Um povo que não tem mais / o direito de escolher / o seu próprio Presidente, / já não tem o que perder... / Lutemos, por conseguinte, / por uma CONSTITUINTE - / pra DEMOCRACIA haver!".

Outra vertente contida no *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente* é a de denúncia de alguns temas, tais como o trabalho escravo: "Contra a "lei do coronel" / rico latifundiário, / que escraviza o Lavrador / e oprime o Povo Operário,"; a compra de votos também é abordada: "Não facilite, eleitor, / nada de "voto comprado": / chegando eleições diretas, / dê um voto aproveitado". Denuncia ainda a opressão sofrida por aqueles que manifestavam de forma mais efusiva: "Quebra-quebra não resolve / a Miséria do País, / que está quebrado e mal pago / da copa até a raiz... / Quando a baderna dispara, / o Pobre é quem quebra a cara / sob os cassetetes vis...".

Embora seja um ABC de apresentação de um possível candidato à presidência, Paulo Nunes Batista, sob o pseudônimo Pau Brasil de Goiás, compõe uma voz lírica em primeira pessoa do plural como forma de expressão das raízes do seu povo e pede união em prol de melhores condições de vida para a classe trabalhadora:

> Somos Milhões de Oprimidos
> no Sul, no Centro, no Norte.
> Mas, se estivermos UNIDOS –
> seremos um Povo Forte.
> E esse Povo Organizado,
> tendo na frente um MAXADO –
> vai decidir sua Sorte!
>
> Trabalhadores da Roça,
> Operários da Cidade,
> Profissionais Liberais
> e toda a Comunidade
> a quem a FOME devasta
> é a hora de dizer: - Basta!
> Abaixo à NECESSIDADE!
> (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Os ideais expressos no *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente* acompanharam o geopoeta-cordelista paraibano-goiano por toda a vida. Mesmo não tendo mais ligação direta com o PCB nas últimas décadas de sua vida, Paulo Nunes Batista nunca se desviou das questões ideológicas e procurou exercê-las nos seus escritos, orgulhando-se sempre de declarar que seus cordéis eram arte do povo para o povo, arte de "resistência" no lirismo cordelista.

Outro ABC que segue a linha da militância ideológica a que Paulo Nunes Batista era adepto é o *ABC do Formoso*, que, assim como o *ABC para F. Machado, Candidato a Presidente,* também foi assinado pelo pseudônimo Pau Brasil. Poema escrito por encomenda do PCB, para homenagear o poeta Francisco Guerra Vascurado, que escreveu sobre a guerrilha de Trombas e Formoso, uma das maiores lutas camponesas brasileiras, ocorrida em meados da década de 1950, na região que atualmente é denominada de extremo norte de Goiás. Neste ABC, o eu poético faz um panorama da atuação dos posseiros em defesa da terra que lhes pertencia e descreve a união que levou à vitória dos posseiros sobre os grileiros, fato que faz com que a guerrilha de Trombas e Formoso seja uma referência nacional na luta dos camponeses contra a grilagem: "Aos que não conhecem, ainda, / o heroísmo dos posseiros, / desejo contar quem são / esses heróis verdadeiros, / que lutam pela justiça, / contra a ganância e a cobiça / dos desalmados grileiros."

A versão do *ABC do Formoso* encontrada nos arquivos até o momento (ANEXO XIV) é uma versão resumida, publicada no jornal *A Nova Democracia* em março de 2006. Nela há a informação de que o poema tem ao todo 88 estrofes, "onde a luta de Trombas e Formoso é co(a)ntada com maestria e emoção". Há ainda a nota informativa de que Paulo Nunes Batista utilizou vários pseudônimos, "como o de 'Pau Brasil', com o fim de livrar-se da perseguição policial que, em todo o Brasil, movia-se contra os comunistas." Certamente a versão original e completa do *ABC do Formoso* configura obra importante para a historiografia goiana, pois retrata um episódio de luta de classe que, na maioria das vezes, os meios formais de comunicação se eximem de contar. E Paulo Nunes Batista o cantou com a voz de maestria de um cordelista paraibano-goiano de resistência.

A viagem geopoética realizada neste capítulo, guiada pelos versos de cordel dos ABC's de autoria de Paulo Nunes Batista, objetivou mostrar que, com o olhar do poeta *flâneur* – aquele que olha de forma panorâmica, sente de forma peculiar e registra de forma poética - as cidades e as goianidades foram cantadas nos versos populares. Em cada cidade, vários temas. Em cada nome, várias histórias. Em cada povo, uma esperança, uma canção. Extrair poesia do chão goiano – foi o que fez Paulo Nunes Batista, de forma poética e política – "(r)existindo" por e pela poesia cordelista.

Capítulo IV – Itinerário da geopoesia: arquivos, rascunhos e listas

Os caminhos da pesquisa em geopoesia apresentam desafios no que tange ao acesso ao legado dos autores estudados, pois em sua maioria estes se encontram fora do circuito literário privilegiado, ou seja, fora dos gabinetes legitimados e, embora tenham produzido intensamente, não tiveram ou não tem ainda amplo espaço de divulgação de suas obras. No início do ano de 2020, quando teve início a fase de busca pelo acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista, uma angústia permeou os trabalhos: várias eram as referências ao nome do autor, muitas reportagens em jornais goianos mencionavam o seu nome, mas a disponibilidade das obras era muito escassa. Pouquíssimos eram os cordéis de sua autoria disponíveis em bases digitais de acervo de folhetos. Havia muitas referências a títulos, mas sem disponibilidade de acesso aos seus conteúdos. Para aquisição, igualmente: três ou quatro obras à venda pelo site da editora Luzeiro. Nas bibliotecas regionais visitadas – nada. Na Casa do Cantador em Ceilândia-DF, que possui um acervo considerável de folhetos – apenas dois cordéis de Paulo Nunes Batista.

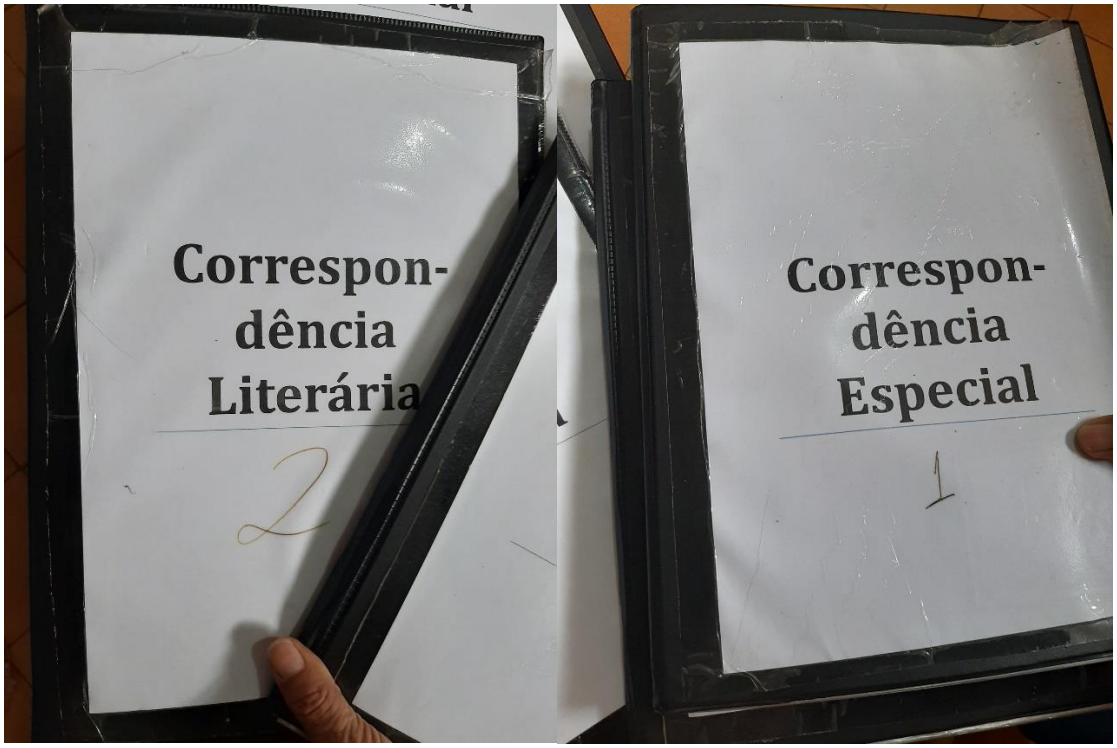
Diante das dificuldades de uma obra à margem, em dezembro de 2021, por meio de informações cedidas pela servidora Ana Maria, da Academia Goiana de Letras, houve o primeiro contado com familiares do geopoeta-cordelista, a fim de conhecer mais sobre o acervo existente. Em fevereiro de 2022 foi realizada uma visita à residência da senhora Marlúcia Batista, filha de Paulo, em Anápolis-GO. Ela conserva sob seus cuidados um grande acervo deixado pelo seu pai, falecido em dezembro de 2019. Nesta visita foi possível acessar parte de um rico arquivo que deu subsídio a este trabalho. Em posse do material gentilmente cedido para esta pesquisa, iniciou-se um esforço no sentido de organizá-lo e separá-lo em pastas, para compreender suas categorias. Muito do acervo que se encontra sob os cuidados da Senhora Marlúcia ainda está por ser organizado, conforme ela mesmo relatou, sendo possível constatar nas fotos feitas na ocasião da visita:

Figura 10: arquivos na residência da Srª Marlúcia.



Fonte: fotos tiradas por Gláucia Mendes da Silva

Figuras 11: arquivos na residência da Srª Marlúcia.



Fonte: fotos tiradas por Gláucia Mendes da Silva

Nas fotos tem-se uma visão parcial do acervo que se encontra sob os cuidados da Senhora Marlúcia Batista, do qual uma pequena parte foi gentilmente fornecida para os fins da pesquisa aqui proposta. Do material obtido, foi possível separar e organizar: 5 pastas catálogo contendo cordéis em ABCs; 1 pasta catálogo contendo materiais relativos a pesquisas do processo criativo de Paulo Nunes Batista para composição dos cordéis; 1 pasta catálogo contendo correspondências e homenagens recebidas pelo poeta; 2 pastas catálogo contendo textos diversos, entre poemas e outros gêneros. Alguns livros publicados por Paulo Nunes Batista também foram cedidos para a pesquisa: *Canto Presente* (1969); *O sal do tempo* (1996); *Sonetos Seletos* (2005); *Cinzas* (2008); *Samburá da Parahyba* – verso e prosa (2009);

...Reticências... (2016); *Alguns poemas – Algemas* (2003); *Turbilhão* – poesias (2016); *Os pássaros cansam... Os pássaros voam* (2013); *Eulina* (2010); *ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês* (1986); *Cartas em Verso* (2010); *Chamego, o Urubu* (1997); *Rumo a D**EU**S* (2015); *Cantigas da Paz* (2003); *Safras Espírita, Espiritualista e Outras* (2008); *Anápolis em Tempo de Música* (1993); *Fortuna Crítica* – o que dizem e escrevem sobre Paulo Nunes Batista e sua obra (2012).

Após a organização do material, teve início a fase de escolha do *corpus* para compor o trabalho: tarefa tão difícil (ou até mais) quanto acessar o acervo. Difícil porque trabalhar com um arquivo tão rico e tão pessoal exige doação, zelo e paciência. Cada poema, cada escrito, cada rascunho, cada bilhete, cada nota, cada rabisco importa. Enquanto pesquisa, todo o material é campo: todo material é história de vida. É geopoesia.

Explorar os manuscritos, os recortes e os rascunhos foi uma tarefa imensamente enriquecedora. A cada leitura e separação dos pedaços de papel, alguns aparentemente aleatórios, uma emoção, uma imaginação, uma curiosidade motivadora e uma vontade imensa de valorizar toda a dedicação à literatura devotada por Paulo Nunes Batista, desde as minúcias (rascunhos, notas, escritos rabiscados etc.) até às obras prontas – publicadas ou inéditas, manuscritos, datiloscritos, recortes de jornais e demais. E é a partir da valorização desses manuscritos em pedaços de papel amarelados e rasgados que, com grande amor, busca-se percorrer neste capítulo um breve itinerário da escritura literária desse grande geopoeta-cordelista paraibano-goiano.

As notas de fim: marcas do improviso, registros e mensagens

Paulo Nunes Batista falou e registrou muito a respeito de seu processo criativo. Um dos registros é uma entrevista datilografada, encontrada em meio aos arquivos, sem data, na qual ele detalhou, em diversos trechos, seu processo criativo:

> O que quase sempre me faz escrever é a Angústia. No que escrevo, reflito – ou tento refletir – o meu mundo interior, cheio de conflitos e frustrações. Meus escritos – em verso ou prosa – abordam de preferência temas espirituais e sociais e são frutos de uma existência sofrida, curtida na luta pela sobrevivência, dura. Não tenho hora certa para escrever: escrevo a qualquer hora, em qualquer lugar (até na privada). A multidão, o ruído, o ambiente negativo não me impedem de produzir, literariamente, o que desejo. Mas, pegando um assunto ao meu jeito, perco o sono, vou noite a dentro, levanto-me alta noite e rabisco o soneto, as trovas, o poema, ou a crônica, o artigo, o conto. Se vou andando rua a fora, ou pedalando a bicicleta (sou agente arrecadador letra "A", sustento onze pessoas e o ganho não dá para comprar e manter um automóvel) e me ocorrem ideias para uma composição literária, paro um minuto,

> anoto as frases, formulo períodos, componho versos ou estrofes inteiras. Sou um escritor (serei um escritor?) anárquico, desordenado, improvisador 100% (Batista, p. 1).

O trecho acima apresenta motivações e angústia da composição, bem como a rotina (ou a falta de rotina) que adotava para o exercício da escrita: a qualquer hora, em qualquer lugar, sem se importar com fatores externos ou ambientais – bastava a ideia surgir que ele escrevia. Mais adiante, na mesma entrevista, Paulo Nunes Batista fala da espontaneidade - forma como ele via e sentia a escrita, autodeclarando-se um repentista:

> Escrever para mim é um ato espontâneo, natural, sem artificialismos. Nunca segui os conselhos de Gilberto Mendonça Teles para trabalhar meus poemas. Já disse: sou repentista. Cada trabalho que produzo, no campo das letras, nasce feito. Talvez eu deva isto ao hábito de redigir para jornais, pois fui redator e repórter durante anos. Então, ponho o papel na máquina e é só ir enchendo as laudas, sem preocupações maiores com literatices e outras chatices. Corrijo muito pouco o que escrevo, e – perdoe o lugar comum, mais este, pois sou um homem comuníssimo, sem nada de especial em mim – geralmente "a emenda sai pior do que o soneto". Assim, não forço nada (Batista, p. 2).

Com essa declaração a característica de improviso que ele fez questão de registrar em muitas de suas composições em ABC's, nos títulos ou nas notas de fim, ganham força. Aliás, as notas de fim dos ABC's fornecem material para um estudo posterior, pois Paulo Nunes Batista exercitou nelas diversas modalidades discursivas: autobiografia, diálogos epistolares, composições poéticas, textos reflexivos, dentre outros. Uma das finalidades impressas nas notas foi a de registrar detalhes a respeito do itinerário criativo, sendo que muitas delas registraram o local e a circunstância em que a composição foi redigida – marcando o caráter do improviso. Para exemplificar essa prática de nota de fim informativa e circunstancial, seguem alguns exemplos transcritos:

> 1) "(NOTA - O presente ABC foi improvisado logo após ouvir a fala-Apêlo do Deputado URSULINO LEÃO, pela Rádio Imprensa de Anápolis, na noite de sábado, 03 de Fevereiro de 1968). Nota presente no final do *ABC da grande marcha da Cidade Industrial*.
> 2) "(Versos improvisados no congresso e lidos na Sessão Plenária, na Praça do Encontro (salão-auditório), em Ceilândia Centro-DF, no domingo, 31 de agosto de 1980)". Nota presente no final do *ABCdando ao Poeta Repentista e ABCordel.*
> 3) "(Improvisado em memória de meu Pai, Francisco das Chagas Batista, cujo 105º aniversário de nascimento transcorreu hoje)". Nota no final do manuscrito do *Improvisado ABC à F.C.R.B.*
> 4) "NB – Trovinhas improvisadas ao correr da mão, com as falhas naturais do improviso. Um dos males do repente é a impossibilidade de burilar o que foi feito. Se corrigir, deixou de ser repente...". Nota no final do *ABC de humildes trovas louvando Adelmar Tavares*, datado de 25/01/1999.

> 5) "(Versos improvisados na Loja Adonhiram, de Goiânia, na Sessão Branca de 09-06-79, por ocasião da 3ª Noite Fraternal de Poesia organizada pelo Movimento Poético Nacional como parte das comemorações de mais um aniversário de existência da Grande Loja do Estado de Goiás O poema-ABC, composto no ato, foi lido pelo autor, no encerramento da parte lítero-artística)". Nota presente no final do *ABC improvisado ao som sem voz da caneta*, com data de 09/06/1979.

Esses são apenas alguns exemplos das notas, transcritas no intuito de demonstrar como o geopoeta-cordelista utilizou-se delas para marcar a característica do improviso que ele praticava ao compor seus versos, bem como para marcar a situação e/ou ocasião na ou para a qual o texto foi composto. Além das notas, muitos dos títulos dos ABC's indicam o método do improviso, tais como: *ABC, na hora, para Francisco Vasconcelos*, *ABC improvisado para Monteiro Lobato*, *ABC improvisado ao som sem voz da caneta*, *ABC improvisado a Veríssimo de Melo*, dentre outros títulos (grifo nosso).

Trajetória reafirmada: as notas autobiográficas nos ABC's

Outra característica muito presente nos arquivos originais datilografados, ou "datiloscritos", conforme denominação da crítica genética, do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista são as notas finais contendo sua autobiografia resumida. A seguir a transcrição de uma delas:

> (Anápolis, 29-07-1990 – 5:10 hs da manhã) Informações sobre o Autor. PAULO NUNES BATISTA nasceu em João Pessoa-Pb em 2 de agosto de 1924, filho do poeta (popular e erudito) Francisco das Chagas Batista e de Hugolina Nunes Batista (filha do Cantador Ugolino do Sabugi). Vem de uma família de cantadores e poetas populares do Nordeste. Morou em mais de vinte cidades e lugares do Brasil, sendo desde trocador de ônibus até professor. Poeta profissional, escreveu mais de 120 folhetos e folhas volantes (cordel), editou-os e viveu de vendê-los em festas, feiras, praças e logradouros de Goiás, da Paraíba e do Rio por mais de quatro anos. Escreve versos desde os dez, doze anos de idade e possui material inédito para vários livros (folhetos em originais, trovas, sonetos, poemas – inclusive em estilo moderno -, crônicas, artigos, contos). Publicou os livros: Canto Presente, Cantigas da Paz, A Caminho do Azul, De Mãos Acesas, ABC de Luz e ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês. Foi premiado algumas vezes em concursos de cordel, em Brasília e Currais Novos-RN. É o cordelista com o maior número de abecês escritos e o maior número de folhas volantes editadas. Compõe um ABC sobre qualquer tema dado na hora, em apenas 30 minutos. Escreve em prosa e verso para jornais e revistas do Brasil e de Portugal. Seu próximo livro a sair – O CORDEL ILUMINADO – é um conjunto de improvisos rimados feitos em sessões espíritas. É formado em Direito, espírita e comunista... (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Esta nota está presente no final do *ABC NA HORA PARA FRANCISCO DE VASCONCELLOS*, e traz um resumo autobiográfico. Interessante a marcação do horário: "5:10

hs da manhã", validando o que ele declarou no trecho da entrevista supracitada, de que não havia hora para exercitar a geopoesia. Outro destaque a respeito do processo criativo é a afirmação feita na nota acima transcrita de que "compõe um ABC sobre qualquer tema dado na hora, em apenas 30 minutos", indicando sua espontaneidade e habilidade para versar a respeito de diversos e variados assuntos.

Importante destacar, a respeito das notas autobiográficas, que elas variam no teor: dentro das que foram possível analisar, notou-se que em algumas foram ressaltados pontos a respeito do número de obras que tinha escrito, em outras aspectos da origem familiar, citações e referências a seu nome em enciclopédias etc., configurando material para um estudo mais amplo, atento e analítico, capaz de representar uma compreensão sobre quais pontos Paulo Nunes Batista mais enfatizou sobre sua trajetória por meio das notas – fragmentos textuais que configuram um material riquíssimo do acervo, o qual abre possibilidades para outros estudos desse acervo dentro da crítica genética e historiográfica. Muitas vezes as notas apresentam outra composição poética, como um complemento ao ABC, conforme se vê na nota a seguir transcrita:

> ACRÓSTICO PARA ALTIMAR
>
> A Última
> Lingada, a Cons
> Trução, O Auto da Cob
> Iça, o Auto de Maria
> Mestra, Pedro Corredor, Viva
> A Nau Cata
> Rineta...
> P. ex.: o Diabo e outras Ent
> Idades
> Míticas no Conto Popular, João R
> Edondo, Teatro do Povo, Estórias
> da Boca da
> Noite,
> Três Peças de João R
> Edondo...
> Literatura de Cordel...
> APS, 06-01-80. PNB.
> (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Nota redigida após a composição *CANTO-ABC-LOUVAÇÃO PARA ALTIMAR PIMENTEL – composto ao correr da mão sobre a pista do papel...* Configura um poema complementar ao ABC. Assim como se vê na transcrição abaixo, de uma nota após o *ABC para Alexandre, o Grande, da Massa Idônea*, datado de 20/08/1986:

ACRÓSTICO PARA ALEXANDRE ALVES DE ALMEIDA

Alexandre,
Lutador do Povo:
Eles – os Inimigos do Povo – te puseram no
Xadrez, tentando imobilizar-te! Mas a tua
Alma de Combatente Popular
Não se deixou
Derrotar:
Resististe
E continuas firme nas Lutas da Liberdade!

A Grande Causa da
Libertação do Povo Brasileiro
Vive em teu espírito e vibra e brilha e age
E arde em Tuas Mãos de
Sonhador Sofredor Lutador!

Damos-te um Título de Cidadão Anapolino:
És Cidadão do Universo desde que nasceste!...

A tua Esposa, os teus Filhos, os teus Companheiros, ó
Lutador do Povo, estendem-te as
Mãos
E o Coração e os Braços num Abraço
Imortal,
Desejando-te: Paz! Saúde! Felicidade!
Amor! Junto ao Povo de Anápolis, do Brasil e do Mundo!...
(Anápolis, 20-08-86)
(Batista, arquivo do acervo pessoal)

O acróstico acima transcrito faz parte da nota de fim do ABC dedicado a Alexandre Alves de Almeida, o qual, juntando as letras iniciais de cada estrofe, na vertical, formam o nome do homenageado – por isso o título de acróstico, tipo de escrito que o geopoeta-cordelista praticou bastante, conforme demonstram os dois exemplos acima.

Como mencionado no Capítulo III, o geopoeta-cordelista compunha ABC's a respeito da vida e da obra de personalidades e muitas vezes essas composições eram enviadas ou entregues aos homenageados, esperando, minimamente, uma correspondência de agradecimento. As notas no final desses ABC's panegíricos continham conteúdos no tom de diálogo epistolar ou "oferenda", conforme o exemplo a seguir:

> CHICO ANÍSIO: quando, há vários anos, Pelé esteve aqui, improvisei um ABC para ele, entregue em mãos (não por mim). Entretanto, o "rei da bola" nunca deu a menor bola pro meu abecê. Gostaria que, ao menos, ele (a quem coloquei "acima das nuvens", graciosamente) acusasse o recebimento do nosso modesto poema popular, o que "o rei Pelé" nunca fez... Tenho (inédito) um livro com mais de 100 (cem) ABCs, do tipo deste seu, aguardando que algum editor se interesse pelo assunto: é cordel e, cordel está na moda: não existe, na literatura brasileira, nem um só livro de ABCs rimados, abordando tudo: gente, cidades, casos, bichos, carestia, o diabo... Senti muito não poder ir conhecê-lo "ao vivo": hoje é véspera de "Cosme-e-Damião" e eu tenho um compromisso (muito sério) num Terreiro da cidade, onde devo compor (de

> repente, como sempre) algum novo ABC... Seu incondicional fã, agradecido (assinatura) (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Nota presente no final do *ABC PRA CHICO ANÍSIO*, datado de 26/09/1981. Resta saber se o Chico Anísio foi mais gentil que "o rei Pelé"...

Outra vertente percebida nas notas que acompanham os ABC's panegíricos é a de informações complementares, como se o que se pretendia dizer não tivesse sido totalmente dito ao longo das estrofes de A a Z, sendo, portanto, complementado por uma nota:

> Nota bene: - Entre outras obras, Monteiro Lobato deixou ainda: "O Macaco que se fez homem", "Mr. Slang e o Brasil", tendo sido traduzido para quase todas as línguas. Era bacharel em direito. Foi promotor em Areias-SP. Em 1927 esteve nos Estados Unidos como Adido Comercial. De volta ao Brasil, em 32, lança a campanha pela exploração do petróleo brasileiro, sendo preso pela ditadura getulista. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, não aceitou a honra, por motivos pessoais, mas pertenceu à Academia Paulista de Letras (cadeira 39). Em 45 foi para a Argentina, supervisionar a edição ali de suas obras. Interessou-se pelo Espiritismo experimental. Seu opúsculo "Zé Brasil" teve toda a edição apreendida pela polícia política. Faleceu em 04-7-48 em S. Paulo.

A nota acima foi escrita na sequência ao *ABC IMPROVISADO PARA MONTEIRO LOBATO*, datado de 09-6-82. Nela percebe-se que são adicionadas informações biográficas sobre o homenageado que o geopoeta-cordelista considerou relevantes e que, provavelmente, não "couberam" nos versos do ABC.

Os rascunhos do geopoeta-fiscal: poesias e versos nos formulários

Em algumas das notas autobiográficas presentes nos datiloscritos dos poemabecês, Batista por vezes declarou que viveu por quatro anos exclusivamente da renda de vender cordéis, além de mencionar o seu trabalho como servidor público do Estado de Goiás: "É agente arrecadador do Fisco no Estado de Goiás", escrevia ele, referindo-se a si próprio em terceira pessoa e à função de agente fiscal que exerceu por vários anos, até se aposentar. Alguns ABC's foram compostos em homenagem ao seu cargo e aos seus colegas de trabalho, a exemplo do *ABC para os colegas fiscais arrecadadores*, escrito e publicado no periódico *Tribuna Fiscal*, de Anápolis, em fevereiro de 1977, do qual se extraem as estrofes abaixo:

> A
> Arrecadador – na sua
> labuta – arrecada a dor...
> Cumprindo os ossos do ofício
> colhe os espinhos da flor...

Mas – o Fiscal – arrecada
no Posto Fiscal, na estrada:
PROGRESSO, com seu labor!

...
G
GUIA DE TRÂNSITO, NOTA
FISCAL, a FOLHA DE ABATE,
o CADASTRO, o ENDEREÇO
se a CARGA é porco ou tomate
- tudo, o Fiscal verifica.
Quando o motorista implica,
pede a Deus que o nó desate!...

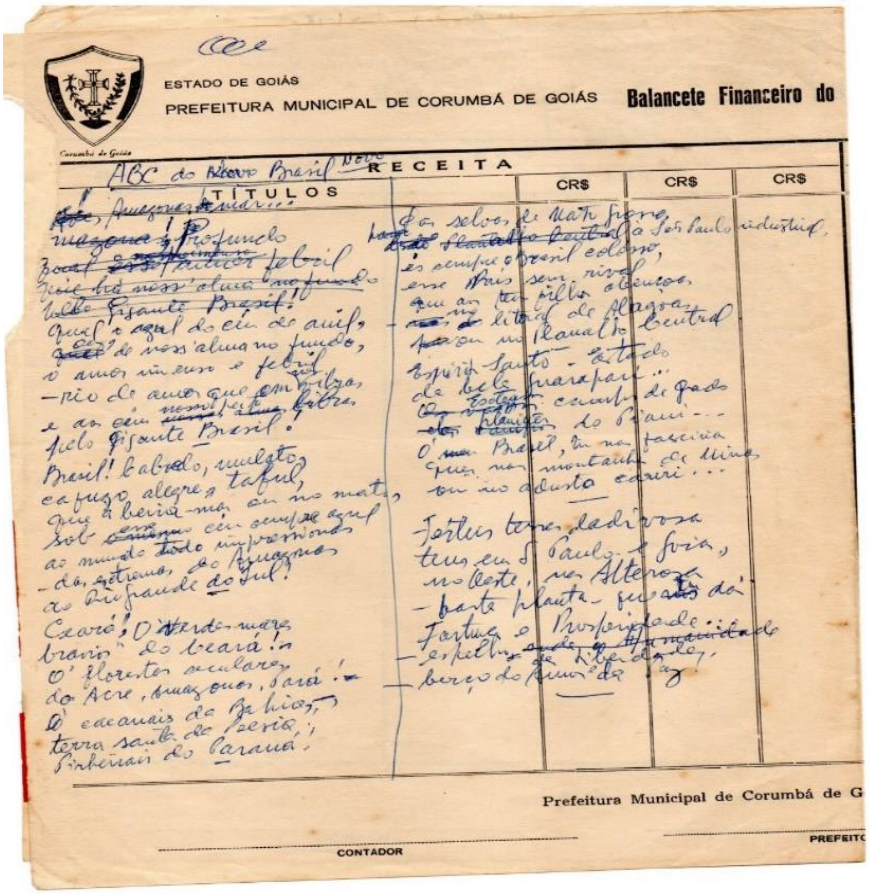
...
O
O Talão – sempre ao seu lado,
quer na pasta ou na gaveta.
Fiscal Arrecadador
não tem medo de careta:
dentro do seu metiê
pega de "a" para "Z"
e vai mandando a caneta...
(Batista, 1977, p. 4).

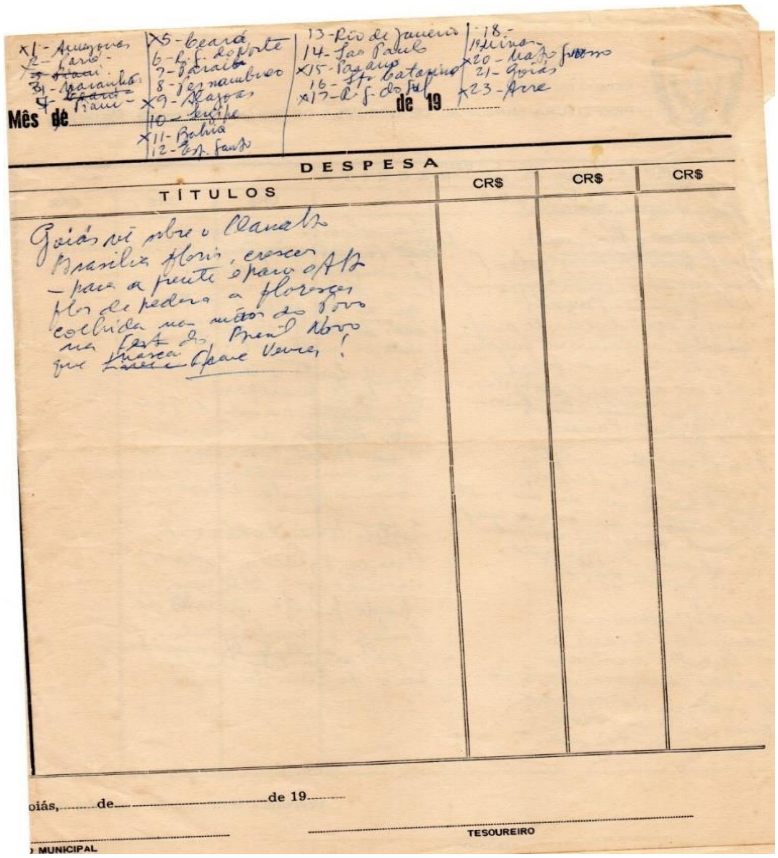
Como acontece com a maioria dos escritores brasileiros, que não consegue se manter somente com a renda de suas publicações, Paulo Nunes Batista se dividiu entre o ofício de escritor e a profissão de fiscal por muitos anos. Divisão essa que pode ter sido árdua ao escritor-repentista para quem os versos jorravam a qualquer hora, de improviso, quando surgia a ideia – deduz-se, daí, que datilografar uma multa fiscal enquanto se almejava datilografar um poema-cordel em ABC foi, por vezes, bastante oneroso. Talvez os versos iniciais do *ABC para os colegas fiscais arrecadadores* (1977) tenham muito a ver com o sentimento do geopoeta-cordelista *flâneur*, para o qual a poesia era o que alimentava a vida, sendo o trabalho como fiscal, os espinhos: "Arrecadador – na sua / labuta – arrecada a dor... / Cumprindo os ossos do ofício / colhe os espinhos da flor...".

Embora o exercício fiscal possa ter sido destoante do desejo inquietante de compor a todo tempo inerente ao escritor-repentista, muitos dos rascunhos preservados em seu acervo demonstram que o fisco não foi para Paulo Nunes Batista apenas um lugar de formulários, talões e guias: foi também lugar de rascunhar e de criar poesias. No artigo *Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura* (1990), Telê Lopez afirma que: "Alguns autores guardam rascunhos, notas e versões; pedem às editoras a devolução dos originais dos livros publicados. Ciosos, protegem a história de seus textos que é a sua própria história" (Lopez, 1990, p. 147). Diante dos rascunhos, recortes e pedaços de papeis preservados no acervo, afirma-se veemente que ele pertenceu a essa plêiade de escritores ciosos.

“Guia de trânsito, nota / fiscal, a folha de abate, / o cadastro, o endereço”, tudo servia de papel para fazer poesia. Dentro do “metiê” de geopoeta-cordelista, os formulários viravam instrumentos que o geopoeta “pega de “a” para “Z” / e vai mandando a caneta...” para criar um ABC, conforme se observa nas imagens abaixo:

Figura 12: rascunhos de Paulo Nunes Batista (Frente e Verso)





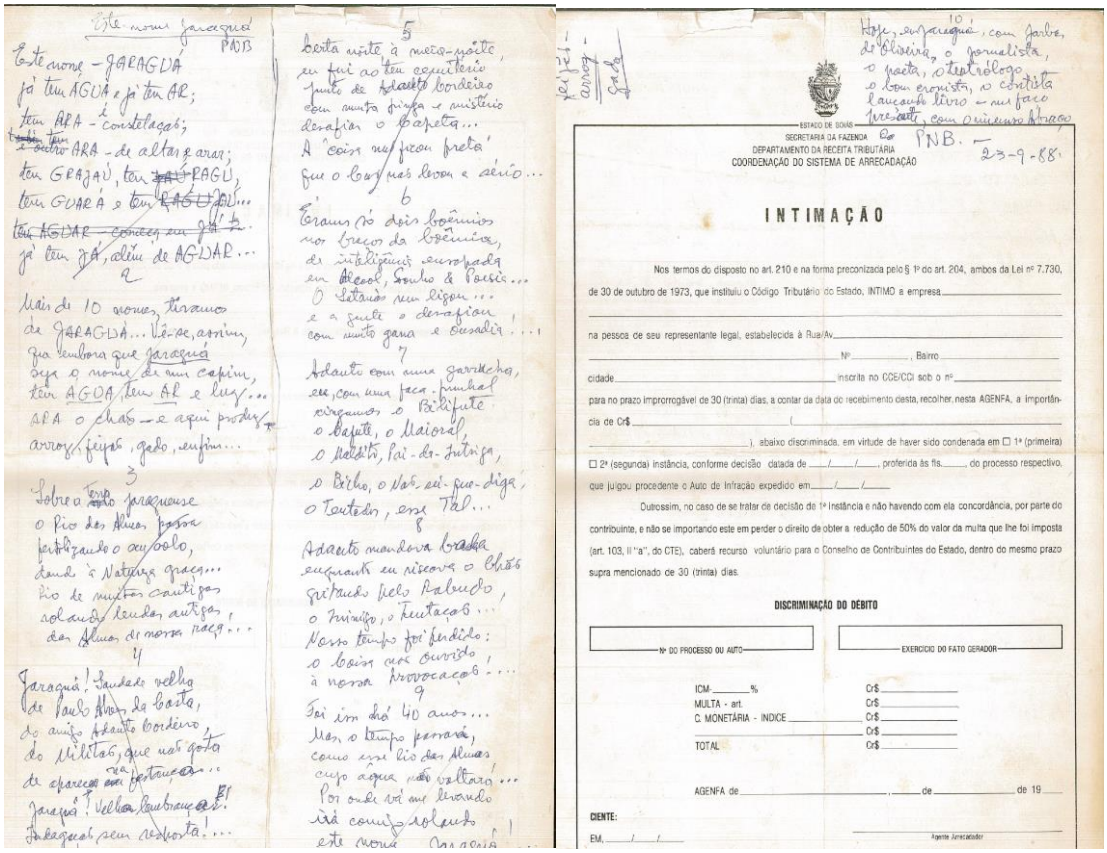
Fonte: Acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

Ao tratar dos materiais que interessam ao campo teórico da crítica genética, Lopez assim afirma:

> Notas, esquemas, esboços que antecedem redações ou versões são reconhecidos pelo caráter fragmentário e indicativo, autorizando, pois, a crítica genética a cunhar a classificação "paratexto". Fisicamente, mostram-se como folhas avulsas, pedaços de papel – até rasgados – o caderno de bolso de quase todos. Lembretes, esboços, sínteses, desgarrados ou não do manuscrito principal, comprimidos nas entrelinhas, na margem de textos impressos, usando trechos de cartas, programas, volantes, o verso de outro trabalho, recortes, páginas arrancadas de livros e tantos outros tipos de caracterização exigem, de quem os analisa, grande paciência e acuidade (Lopez, 1990, p. 150).

Os rascunhos – paratextos – de Paulo Nunes Batista de fato exigem muita acuidade, pois em cada esboço encontrado é possível conter uma parte de um ABC ou parte de uma composição em outro gênero poético. Como um quebra-cabeças, alguns exigiram paciência para identificar sobre qual poema se tratava aquele pedaço criativo.

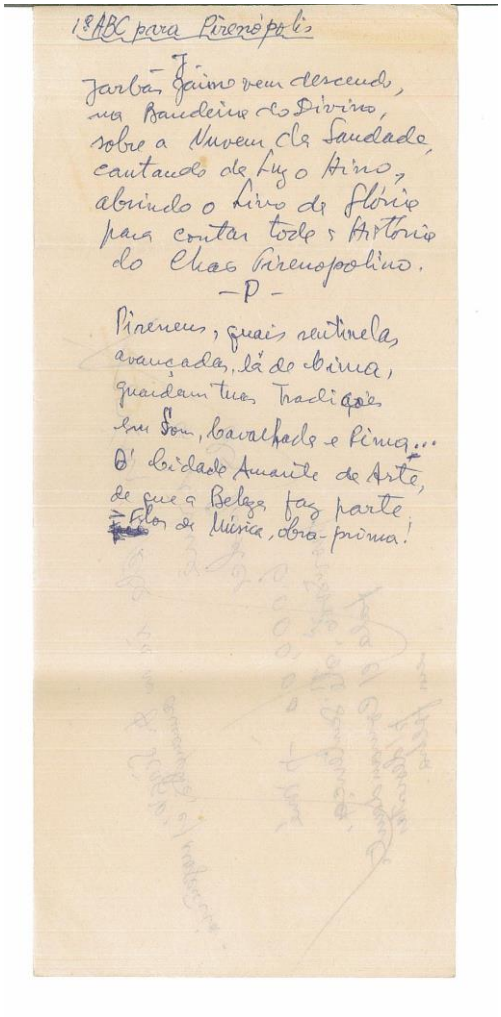
Figura 13: Rascunho de um poema à cidade de Jaraguá



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

O verso ou até mesmo a frente dos formulários foram espaços de criação, utilizados para rascunhar um cordel em ABC. Cada espaço vago do papel servia para o preparo do poema. Neste manuscrito, datado de 23/09/1988, visualizam-se rasuras, correções e riscos, tudo escrito no formulário de Intimação para pagamento de débito fiscal. Preservados pelo geopoeta, esses materiais hoje são paratextos que compõem a história autoral de Paulo Nunes Batista. Em um pedacinho qualquer de papel pode(ria) conter ou caber um pedacinho de um ABC:

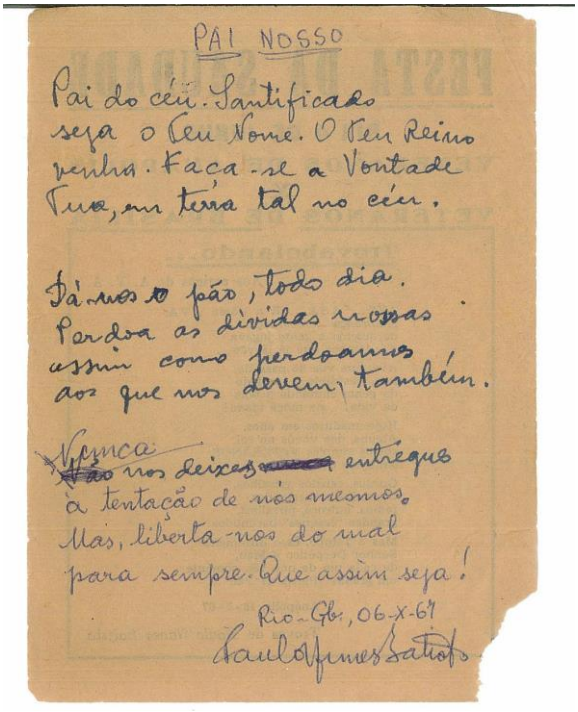
Figura 14: rascunho do *ABC para Pirenópolis.*



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

Não apenas os ABC's, mas outros gêneros, como uma oração, um soneto, em folhas amareladas e envelhecidas pelo tempo são preciosidades para quem se propõe a trabalhar com manuscritos literários.

Figura 15: Manuscrito de Paulo Nunes Batista.



PAI NOSSO

Pai do céu. Santificado
seja o Teu Nome. O Teu Reino
venha. Faça-se a Vontade
Tua, em terra tal no céu.

Dá-nos o pão, todo dia.
Perdoa as dívidas nossas
assim como perdoamos
aos que nos devem também.

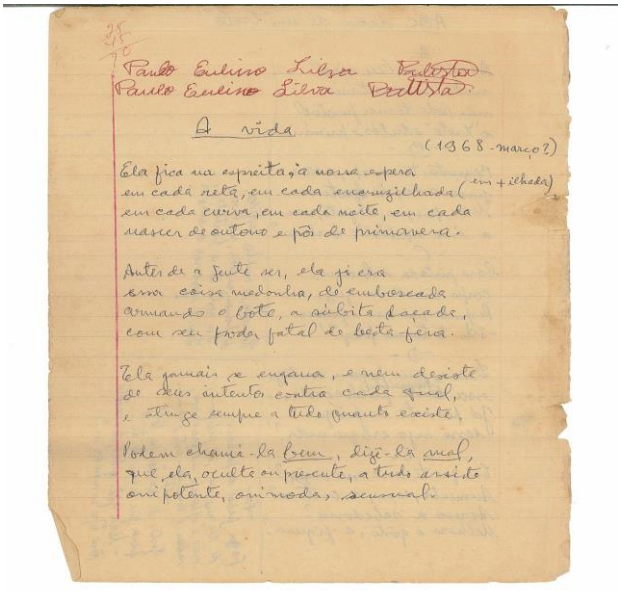
Nunca
~~Não~~ nos deixes ~~[illegible]~~ entregues
à tentação de nós mesmos.
Mas, liberta-nos do mal
para sempre. Que assim seja!

Rio-Gb., 06-X-67
Paulo Nunes Batista

Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

Ou um soneto inacabado (ou acabado) numa folha de caderno amarelada pelo tempo:

Figura 16: Manuscrito de Paulo Nunes Batista



Paulo Eulino Lima ~~Batista~~
Paulo Eulino Lima Batista

A vida

(1968 - março?)

Ela fica na espreita, à nossa espera
em cada reta, em cada encruzilhada (em + ilhada)
em cada curva, em cada noite, em cada
nascer de outono e pôr de primavera.

Antes de a gente ser, ela já era
essa coisa medonha, de emboscada
armando o bote, a súbita façanha,
com seu poder fatal de besta fera.

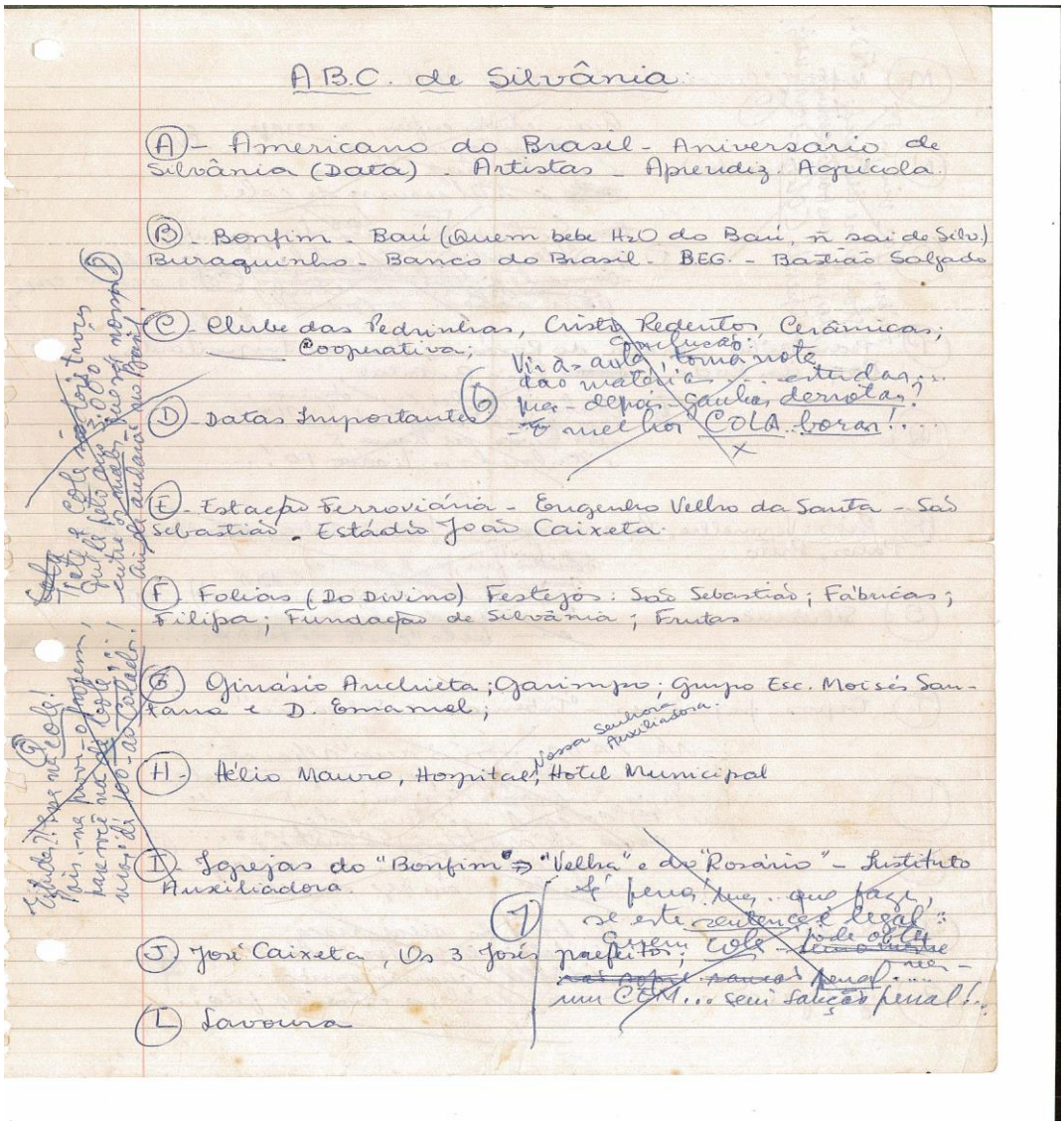
Ela jamais se engana, e nem desiste
de seus intentos: extinta cada qual,
e atinge sempre a todo quanto existe.

Podem chamá-la bem, dizê-la mal,
que ela, oculta ou presente, a tudo assiste
onipotente, onímoda, seminal.

Fonte: Acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

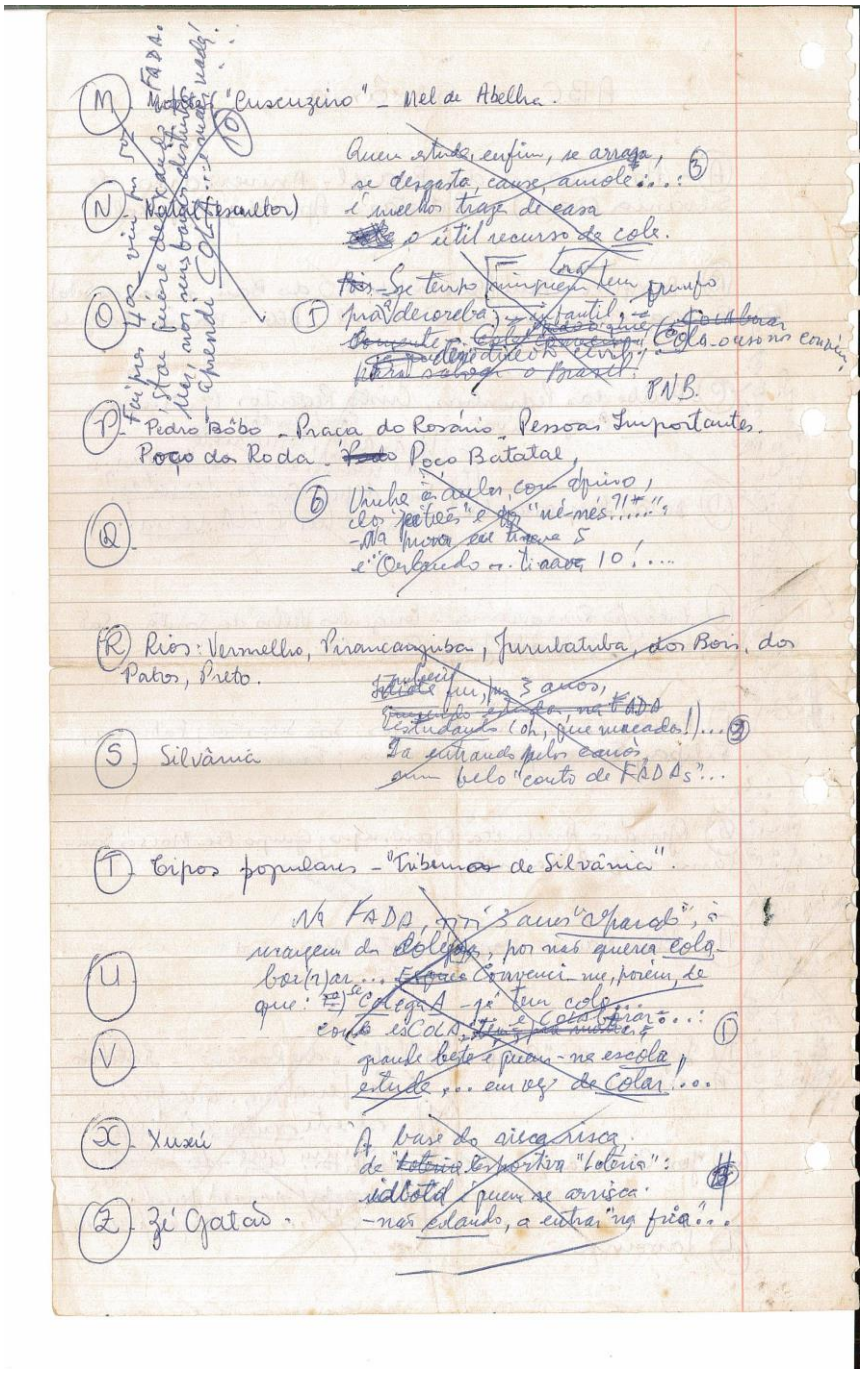
Os manuscritos rasurados revelam as etapas do redigir. Mesmo perante a afirmação feita pelo geopoeta-cordelista, de que raramente revisava seus textos, muitos dos manuscritos presentes no acervo demonstram que havia etapas de elaboração e revisão no seu itinerário de composição, como demonstra a figura a seguir:

Figura 17: manuscrito-rascunho do *ABC de Silvânia*. (Frente)



Fonte: Acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

Figura 18: Manuscrito-rascunho do ABC de Silvânia. (Verso)



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

Neste manuscrito, apresentado em folha pautada, aparentemente destacada de algum caderno, nota-se na primeira lauda uma caligrafia diferente da do geopoeta-cordelista, o que alimenta a hipótese de o itinerário da pesquisa ter recebido contribuição de algum cidadão da cidade de Silvania, conhecedor de elementos importantes que deveriam fazer parte dos

versos do ABC. Em seguida, tem-se a organização das palavras em ordem alfabética, etapa de organização do pensamento para a poesia brotar: aí já há a caligrafia do autor, que escreveu nas margens, nas bordas, complementou, riscou, rabiscou, rasurou... e guardou por anos esse registro do exercício de criação, como prova de um corpo a corpo com o texto, assim definido:

> As rasuras propõem, assim, substituições, supressões, acréscimos, deslocamentos, alterações da pontuação ou da divisão estrófica, correções a incongruências semânticas, a defeitos de estilo e a erros gramaticais. Subvertem a ordem da página, minam as intenções de definitivo do "passar a limpo" que, de repente, perde a graça ante o assomar de novas soluções na mente do autor. Sobrepõem possibilidades, polifonicamente, na margem, entre as linhas quando da escolha não consumada, relatando no inacabado da frase a luta pela precisão semântica, pela palavra exata. As rasuras expandem acréscimos no alto da folha, no rodapé; diversificam a letra apertam-na nas entrelinhas; usam o verso, colam papéis, escrevem verticalmente, na diagonal, de cabeça para baixo. Puxam fios tecendo ligações; anulam, rabiscam, com fúria até (Lopez, 1990, p. 152).

Os manuscritos reproduzidos acima demonstram todos esses atos em busca do texto acabado, exercidos com afinco pelo cordelista apaixonado por ABC's.

Listas, flores e frutos – itinerário de elaboração dos *poemABC's*

Um dos propósitos da crítica genética é, de acordo com Lopez (1990), identificar, a partir das análises dos manuscritos (compreendendo como manuscritos toda e qualquer configuração física que visa ao produto texto), as etapas do redigir, etapas essas que ficam registradas nos textos prévios, paratextos ou prototextos, conforme denominações desse campo científico. Os pesquisadores e estudiosos, ao perseguirem esses textos prévios que abrangem desde os pedaços de papeis aleatórios até os rascunhos rasurados e rabiscados, procuram reconstruir uma história: a história do itinerário da autoria e da criação.

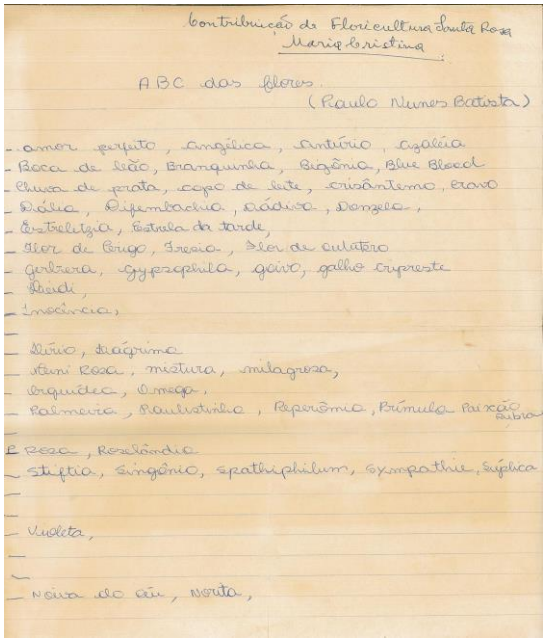
Amparando-se nesse propósito teórico, identifica-se, por meio das análises dos arquivos manuscritos e datilografados (datiloscritos) do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista, pelo menos dois processos criativos distintos: o do improviso e o da pesquisa. O primeiro, muito enfatizado e registrado pelo autor ora nas notas, ora nos títulos, conforme já mencionado, está presente no que se nomeia aqui como ABC's de circunstância – aqueles nos quais o poeta declarou ter composto no método de criação improvisado, sem correções posteriores, "feito na hora". O segundo processo é aquele que revela uma faceta de um incansável pesquisador, que buscava elementos para compor seus ABC's elaborando várias listas sobre diversos assuntos, desde nomes de artistas e personalidades até espécies das mais

variadas, envolvendo elementos da natureza ou outros assuntos – nomeados aqui de ABC's temáticos, a exemplo dos ABC's sobre as cidades, os quais notavelmente são da estirpe da pesquisa, pois apresentam informações históricas e culturais detalhadas, conforme é possível concluir por meio dos materiais analisados. Ilustrando esse método de pesquisa e reunião de elementos prévios à escrita comuns a muitos escritores, Lopez afirma:

> Zola torna-se o pesquisador, quase um jornalista, recolhendo informações sobre a prostituição para garantir a coerência na representação dela em seu romance. Flaubert junta explicações sobre ervas e narcóticos. Guimarães Rosa, viajando, desenha bois, cavalos ou ranchos nos caderninhos de bolso e ali registra, de imediato, expressões e ditos do sertão de Minas Gerais (Lopez, 1990, p. 150).

Dando sequência às exemplificações, afirma-se: Paulo Nunes Batista fazia listas. E a partir dessas listas, é possível traçar uma hipótese itinerária a respeito das etapas que ele percorria para compor um cordel em ABC. Observe-se, inicialmente, a figura:

Figura 19: Lista – campo lexical sobre flores.



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

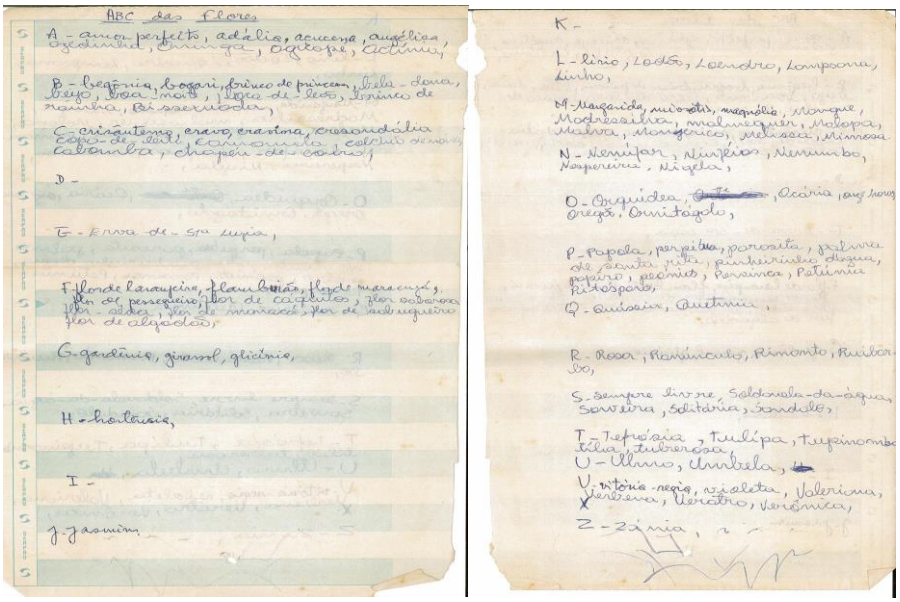
Considerando-se a afirmação de Almuth Grésillon, no artigo *Alguns pontos sobre a História da Crítica Genética*, de 1991, no qual ele afirma que para os estudos dessa área não é o texto final que configura o foco do interesse, mas os caminhos percorridos até que o autor o obtenha; para a análise desses caminhos, os "antetextos", com o conjunto de marcas

conservadas, são os objetos de estudo. Segundo ele "o geneticista, assumindo sua própria subjetividade (portanto sem procurar imitar a do escritor), construirá hipóteses sobre a trajetória escritural do processo em questão" (Grésillon, 1991, p. 11).

Exercendo então esta subjetividade construtiva de hipóteses, a partir da figura acima constata-se que a primeira etapa do itinerário de Batista, para a escrita dos ABC's temáticos, era a de buscar informações sobre o tema, nas fontes que havia disponíveis. Como um bom e típico geopoeta *flâneur*, uma dessas fontes eram os espaços da cidade, conforme nota-se em uma das marcas presentes no manuscrito acima, na qual se lê, com a letra do cordelista: "contribuição de Floricultura Santa Rosa - Maria Cristina". Marca que permite elaborar a hipótese de que o geopoeta-cordelista, decidido a compor um ABC cuja temática seria "Flores", percorreu as floriculturas da cidade solicitando a gentileza de listarem, em ordem alfabética, nomes de flores disponíveis e/ou do conhecimento da casa.

De posse destas listas, gentilmente escritas pelos floricultores (neste caso específico), ele partiu para uma segunda etapa, nomeada aqui de seleção. Era necessário selecionar, dentre tantos nomes, aqueles que caberiam nos versos:

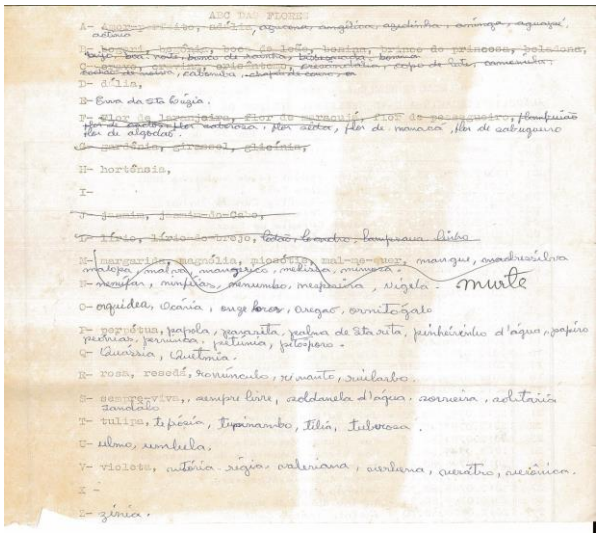
Figura 20: Seleção para compor um ABC (frente e verso)



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

A seleção consistia em organizar os nomes das flores na sequência e em ordem alfabética, facilitando assim a criação das estrofes de A a Z. A próxima fase seria verificar as lacunas e iniciar a composição:

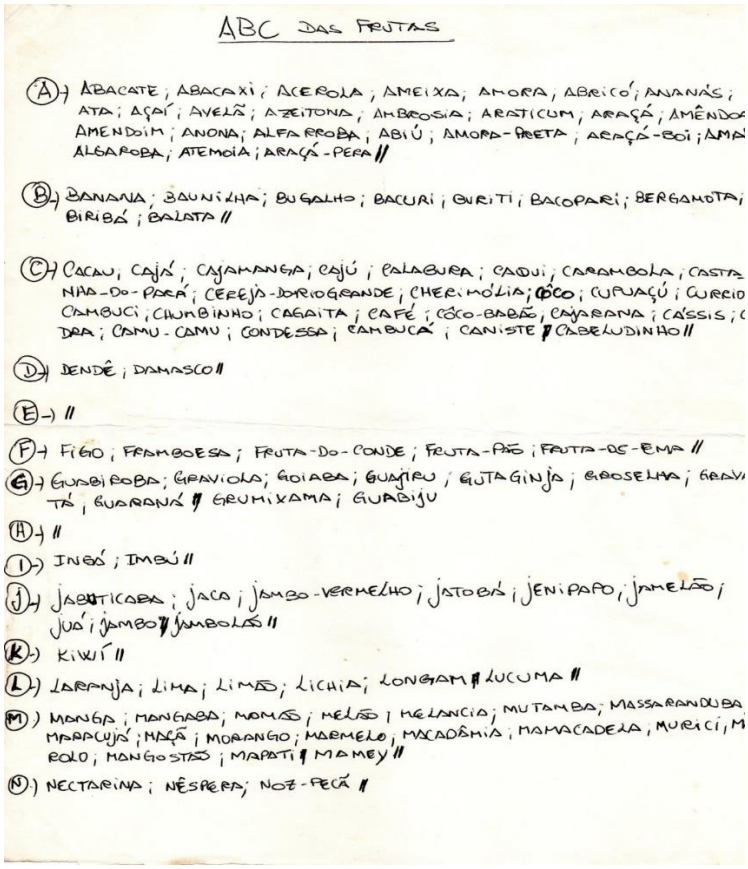
Figura 21: Processo criativo *ABC das Flores*.



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

Essas três figuras exemplificam as diferentes fases dos antetextos do geopoeta-cordelista, visando chegar à composição final do poema-cordel: pesquisa, seleção e organização. Infelizmente não foi possível acessar o *ABC das Flores*, ficando, portanto, essa primeira análise focada nas etapas que o antecederam. Diversas listas sobre variados temas foram encontradas nos arquivos acessados, o que permite afirmar que o conjunto de paratextos do geopoeta-cordelista é formado em grande parte por elas, como anúncio dos ABC's, pois "o paratexto anuncia o texto, além da intenção abstrata de escrever. Equivale ao primeiro marco na gênese da escritura e pode continuar ao longo das diferentes fases do manuscrito, como fiel fornecedor de subsídios" (Lopez, 1990, p. 151). As listas acessadas no acervo simbolizam toda a dedicação e atenção que o geopoeta prestava ao objetivo de compor um ABC. Doação, para além de pesquisa de palavras, nomes próprios ou campos lexicais: doação em busca de imprimir nos versos populares dos cordéis uma função informativa e educativa, confiável e válida. A seguir, outro exemplo das etapas e listas para compor um cordel, desta vez sobre as frutas:

Figura 22: Lista *ABC das Frutas*



ABC DAS FRUTAS

(A) ABACATE ; ABACAXI ; ACEROLA ; AMEIXA ; AMORA , ABRICÓ ; ANANÁS ; ATA ; AÇAÍ ; AVELÃ ; AZEITONA ; AMBROSIA ; ARATICUM , ARAÇÁ , AMÊNDO AMENDOIM , ANONA ; ALFARROBA , ABIÚ ; AMORA - PRETA , ARAÇÁ - BOI ; AMA ALGAROBA ; ATEMOIA ; ARAÇÁ - PERA //

(B) BANANA ; BAUNILHA ; BUGALHO ; BACURI ; BURITI ; BACOPARI ; BERGAMOTA ; BIRIBÁ ; BALATA //

(C) CACAU , CAJÁ ; CAJAMANGA ; CAJÚ ; CALABURA ; CAQUI , CARAMBOLA , CASTA NHA - DO - PARÁ ; CEREJA - DO RIO GRANDE ; CHERIMÓLIA ; COCO ; CUPUAÇÚ ; CURRIO CAMBUCI , CHUMBINHO ; CAGAITA ; CAFÉ ; CÓCO - BABÃO , CAJARANA ; CÁSSIS ; C DRA ; CAMU - CAMU ; CONDESSA ; CAMBUCÁ ; CANISTE // CABELUDINHO //

(D) DENDÊ ; DAMASCO //

(E) //

(F) FIGO ; FRAMBOESA ; FRUTA - DO - CONDE ; FRUTA - PÃO ; FRUTA - DE - EMA //

(G) GUABIROBA ; GRAVIOLA ; GOIABA ; GUAJIRU ; GUTAGINJA ; GROSELHA ; GRAVI TÁ , GUARANÁ // GRUMIXAMA ; GUABIJU

(H) //

(I) INGÁ ; IMBÚ //

(J) JABUTICABA ; JACA ; JAMBO - VERMELHO ; JATOBÁ ; JENIPAPO , JAMELÃO ; JUÁ ; JAMBO // JAMBOLÃO //

(K) KIWI //

(L) LARANJA ; LIMA ; LIMÃO ; LICHIA ; LONGAN // LUCUMA //

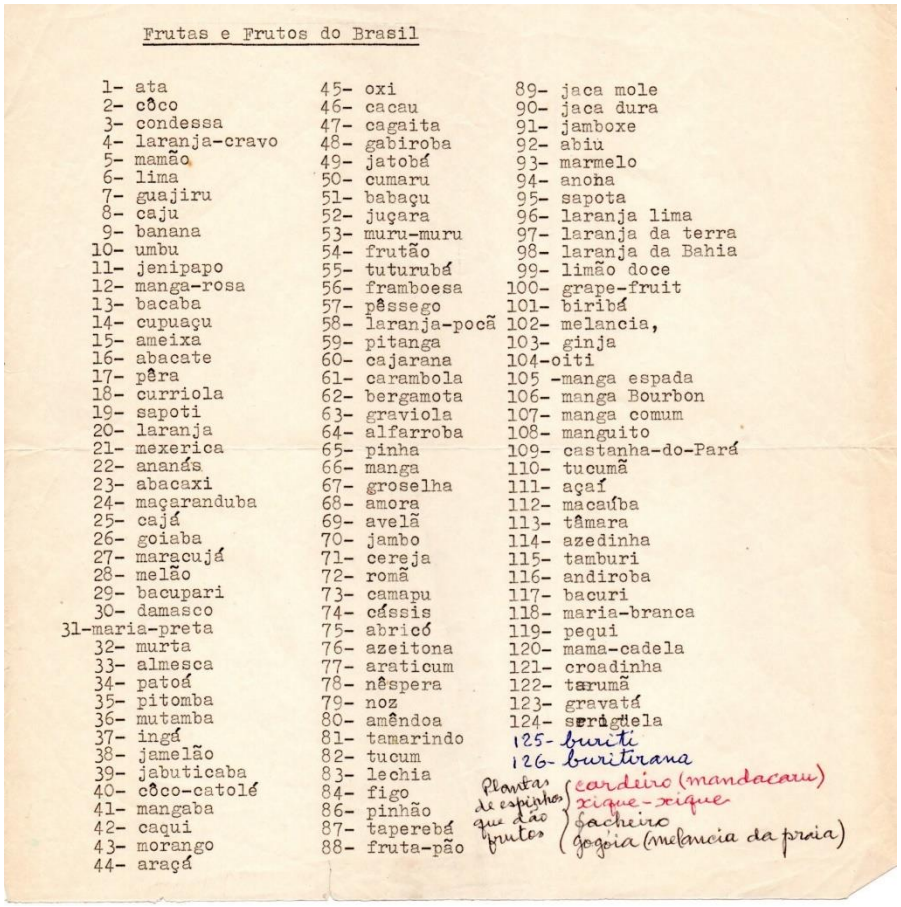
(M) MANGA ; MANGABA ; MAMÃO ; MELÃO ; MELANCIA ; MUTAMBA ; MASSARANDUBA MARACUJÁ ; MAÇÃ ; MORANGO ; MARMELO , MACADÂMIA , MAMACADELA , MURICI , M ROLO ; MANGOSTÃO ; MAPATI // MAMEY //

(N) NECTARINA ; NÊSPERA ; NOZ - PECÃ //

Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

Na primeira etapa, a qual refere-se à pesquisa, encontra-se a lista manuscrita, com as frutas organizadas em ordem alfabética. Pressupondo ser a primeira etapa, em razão de se encontrar manuscrita, embora já esteja organizada em ordem alfabética, fator que abre a possibilidade de essa não ter sido a primeira lista / etapa, podendo ser, talvez, a segunda etapa. Nesse caso, a primeira etapa pode ter sido a lista ampliada, a seguir reproduzida:

Figura 23: Lista datilografada de frutas e frutos do Brasil



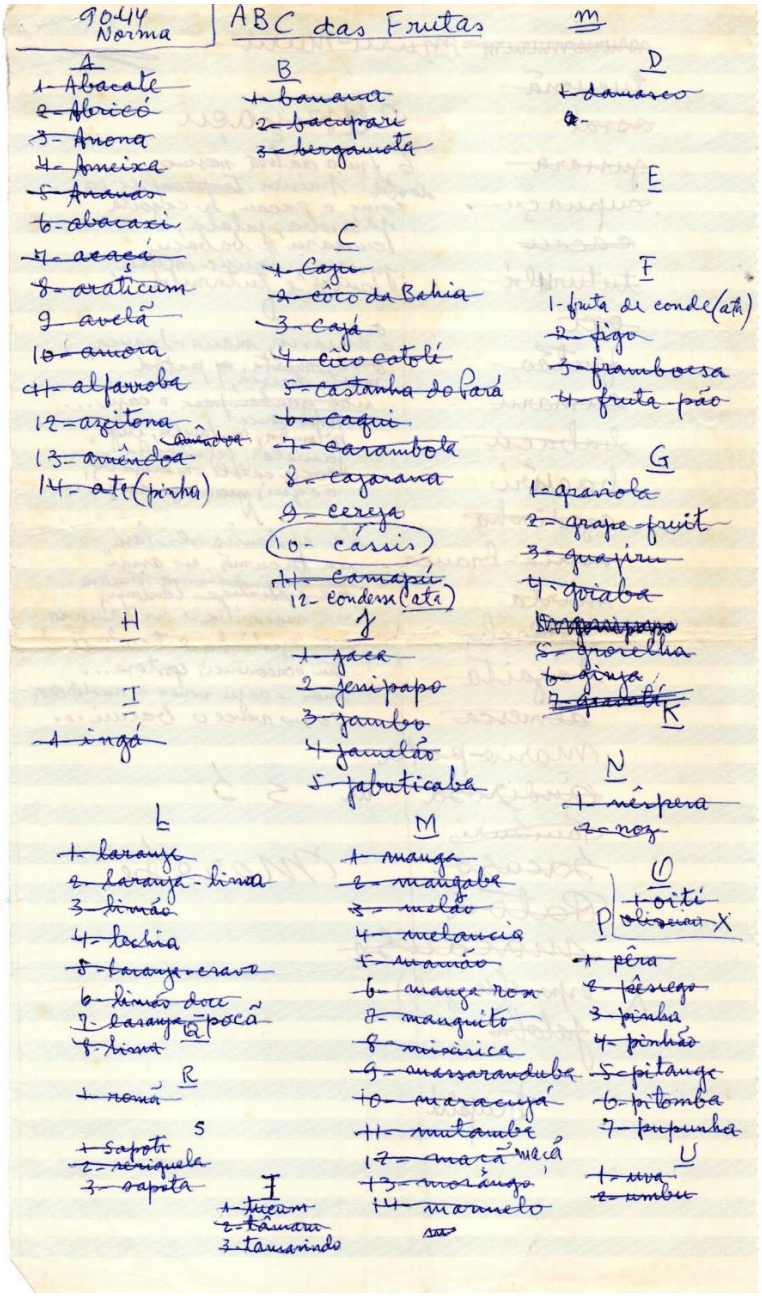
Frutas e Frutos do Brasil

1- ata
2- côco
3- condessa
4- laranja-cravo
5- mamão
6- lima
7- guajiru
8- caju
9- banana
10- umbu
11- jenipapo
12- manga-rosa
13- bacaba
14- cupuaçu
15- ameixa
16- abacate
17- pêra
18- curriola
19- sapoti
20- laranja
21- mexerica
22- ananás
23- abacaxi
24- maçaranduba
25- cajá
26- goiaba
27- maracujá
28- melão
29- bacupari
30- damasco
31- maria-preta
32- murta
33- almesca
34- patoá
35- pitomba
36- mutamba
37- ingá
38- jamelão
39- jabuticaba
40- côco-catolé
41- mangaba
42- caqui
43- morango
44- araçá
45- oxi
46- cacau
47- cagaita
48- gabiroba
49- jatobá
50- cumaru
51- babaçu
52- juçara
53- muru-muru
54- frutão
55- tuturubá
56- framboesa
57- pêssego
58- laranja-pocã
59- pitanga
60- cajarana
61- carambola
62- bergamota
63- graviola
64- alfarroba
65- pinha
66- manga
67- groselha
68- amora
69- avelã
70- jambo
71- cereja
72- romã
73- camapu
74- cássis
75- abricó
76- azeitona
77- araticum
78- nêspera
79- noz
80- amêndoa
81- tamarindo
82- tucum
83- lechia
84- figo
86- pinhão
87- taperebá
88- fruta-pão
89- jaca mole
90- jaca dura
91- jamboxe
92- abiu
93- marmelo
94- anona
95- sapota
96- laranja lima
97- laranja da terra
98- laranja da Bahia
99- limão doce
100- grape-fruit
101- biribá
102- melancia,
103- ginja
104-oiti
105 -manga espada
106- manga Bourbon
107- manga comum
108- manguito
109- castanha-do-Pará
110- tucumã
111- açaí
112- macaúba
113- tâmara
114- azedinha
115- tamburi
116- andiroba
117- bacuri
118- maria-branca
119- pequi
120- mama-cadela
121- croadinha
122- tarumã
123- gravatá
124- sapotilha
125- buriti
126- buritirana
Plantas de espinhos que dão frutos: cardeiro (mandacaru), xique-xique, facheiro, jogóia (melancia da praia)

Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista

Na figura acima são listadas mais de cento e vinte frutas e frutos brasileiros, demonstrando uma pesquisa bastante empenhada e completa. Datilografada, porém sem estar em ordem alfabética, pode ser que esta lista configure a primeira etapa – a etapa da pesquisa. Interessante observar as anotações complementares, de forma manuscrita, demonstrando um cuidado para não deixar escapar nenhuma informação. Na próxima figura nota-se o processo criativo em fase de organização das palavras em ordem alfabética, para compor o ABC:

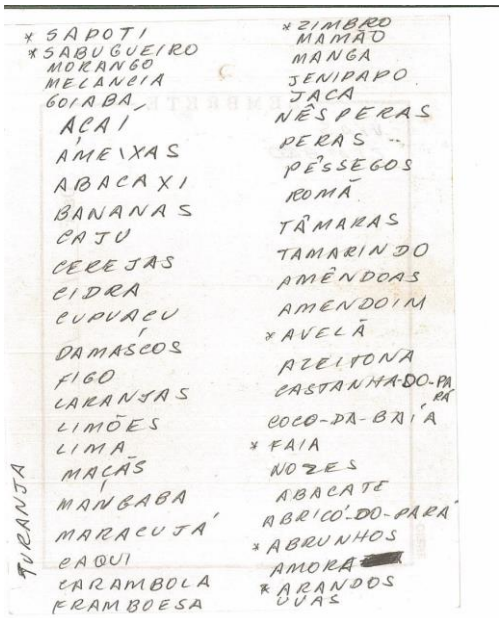
Figura 24: Rascunho *ABC das Frutas*



Fonte: acervo de Paulo Nunes Batista.

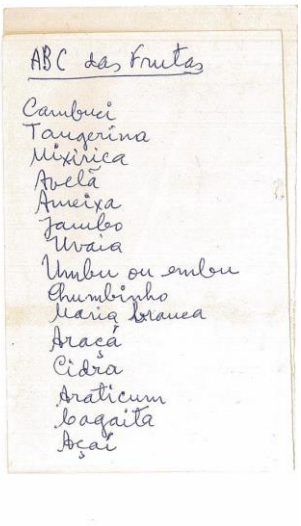
As figuras acima demonstram um processo criativo dos cordéis em ABC desenvolvido nas etapas já observadas anteriormente, de pesquisa, seleção e organização. A quarta etapa configura-se na composição, na qual a hipótese é a de que a poesia flua a partir do que cada elemento, neste caso as frutas, trazem à memória e aos sentidos do geopoeta-cordelista. Listas menores com nomes de frutas foram encontradas nos arquivos, o que motiva a hipótese de que o autor pensou, por vários dias, e anotou em vários momentos, os nomes das frutas que vinham à sua mente:

Figura 25: Lista de Frutas



Fonte: Acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

Figura 26: Lista de Frutas



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

A partir das várias listas e das etapas do itinerário da escritura, o lavrador de palavras plantou versos, dos quais nasceram estrofes que se frutificaram em poesia de cordel de A a Z: o produto – acabado ou inacabado. A liberdade de reconstruir a história do itinerário

permite a afirmação de que o fruto poético oriundo da pesquisa sobre as frutas foi o seguinte poema-cordel:

ABC PARA O CAJU
A
Ata é fruta nordestina,
natural do nosso Chão,
tal como côco, condessa,
laranja-cravo, mamão...
mas – de lima a guajiru –
quem dá mais gosto é o caju
ao Povo desta Nação...

B
Banana é fruta gostosa
e fruta gostosa é umbu...
jenipapo, manga rosa,
bacaba, cupuaçu...
mas – desde ameixa a abacate –
nenhuma delas não bate
na gostosura – o caju...

C
Caju é melhor que pêra,
curriola e sapoti,
que laranja e mexerica,
ananás, abacaxi,
maçaranduba, cajá,
goiaba, maracujá,
melão e bacupari...

D
Damasco, maria-preta,
murta, almesca, patoá –
a todas vence o caju...
pitomba, mutamba, ingá,
jamelão, jabuticaba,
côco-catolé, mangaba,
caqui, morango, araçá...

E
É a fruta nativa mesmo
desta América de cá,
como oxi, cacau, cagaita,
gabiroba, jatobá,
cumaru e babaçu,
juçara, muru-muru,
frutão e tuturubá...

F
Fruta boa é framboesa.
Mas, acha bom, não se zanga
quem tem pêssego na mesa,
laranja-pocã, pitanga,
cajarana, carambola,
bergamota, graviola,
alfarroba, pinha e manga...

G
Groselha dá bom refresco,
mas, caju dá muito mais –
é, de fato, a mais gostosa
das frutas nacionais –
mais do que amora, avelã,
jambo, cereja, romã,
camapu e outras que tais...

H
Há o cássis, o abricó,
a azeitona, o araticum,
a nêspera, a noz, a amêndoa,
o tamarindo, o tucum...
lechia, figo, pinhão,
taperebá, fruta-pão...
melhor que o caju, nenhum...

I
Industrializa-se o suco,
que tem saída tamanha.
Faz-se o doce do caju
e a farinha, da castanha.
Rico em vitamina C –
não tem fruta que lhe dê:
de todas o caju ganha.

J
Jaca mole ou jaca dura,
Jamboxe, abiu – têm valor;
Marmelo – dá marmelada –
doce de belo sabor...
Mas – desde a anona à sapota –
se for caso de dar nota,
o caju sai vencedor...

L
Laranja lima e da terra
ou laranja da Bahia,
limão doce, grape-fruit,
biribá e melancia,
ginja, oití – é tudo fruta...
Mas, se for fazer disputa,
o caju tem primazia...

M
Manga espada é muito boa,
delícia é manga Bourbon,
manga comum e manguito –
cada uma tem seu dom...
Buriti, buritirana...
Mas, caju é que é bacana,
é mesmo pra lá de bom...

N
Na castanha-do-Pará,
na tucumã, no açaí,
na macaúba e na tâmara,

na azedinha e tamburi –
no gosto tudo se engloba...
mas, caju vence a andiroba,
como vence o bacuri...

O
O americano aprendeu
a usar a castanha assada
como o melhor tira-gosto –
e ela é daqui exportada
para a América e pra a Europa.
Quem castanha à mesa topa,
não quer trocá-la por nada...

P
Por nada... pois, a castanha
de caju – nos alimenta:
por cem gramas – calorias
tem 650 –
alto teor energético
e bom valor dietético
que dá vigor e sustenta...

Q
Quem comeu maria-branca,
pequi e mama-cadela,
croadinha e tarumã,
gravatá e seriguela –
depois - chupou caju doce,
diz: Se é por fruta – danou-se!
caju vence a toda ela!...

R
Reza-se até a Novena
do Caju, lá no Pilar
(município paraense)
e em Belém se faz rezar,
nas Festas da Conceição
e Santa Luzia – e então
se canta diante do altar...

S
Suco de caju dá vinhos,
dá refrescos e licores,
aguardente (pra quem gosta
de outros mais fortes sabores...).
Da casca do cajueiro
se utiliza o raizeiro
para seus finas curadores...

T
Tem – a casca – vários usos
medicinais. É frequente
empregá-la como tônica
e também adstringente.
Uma resina fornece
que na farmácia merece
a aplicação competente.

U
Usam-se folhas, raízes
e cascas – na medicina
popular. A cajuada
com leite – tem vitamina.
Caju – é fortificante.
Portanto, é muito importante
essa fruta nordestina.

V
Viam-se os índios tupis
- os donos da terra, nus –
contar os anos, marcando
as colheitas dos cajus...
E – com castanhas – marcavam
os anos que eles contavam
desde quando "viram a luz"...

X
Xodó de menino é ver
cajueiro carregado,
cheio de frutos maduros
cheirando pra todo lado...
É tentação que conquista
não tem esse que resista...:
quando vê, já tá trepado!...

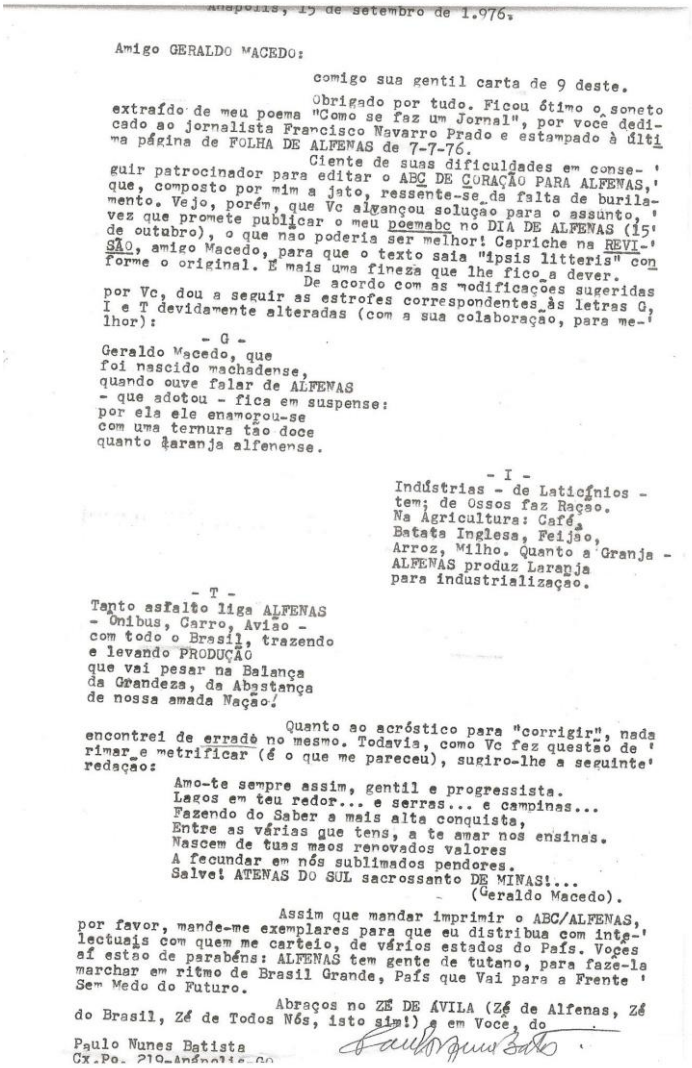
Z
Zunzunam que no estrangeiro
tem frutas de gostos mil...
duvido que – todas juntas
se passarem num funil
ou liquidificador –
possam ter melhor sabor
do que o caju do Brasil!...
(Anápolis, 28/9/87)
(Observação: No ABC acima estão citados os nomes de 126 frutas e frutos do Brasil) (O autor é paraibano do norte, aclimatado em Goiás). (Batista, arquivo do acervo pessoal).

Na liberdade de reconstruir o itinerário de criação literária geopoética de Paulo Nunes Batista, afirma-se que as diversas listas de nomes de frutas e frutos deu origem ao *ABC para o caju*, datado de 28/09/1987, o qual traz como notas de final a observação de que ao longo das vinte e três estrofes "estão citados os nomes de 126 frutas e frutos do Brasil". Destaca-se, a partir da análise do arquivo original datilografado desse poema-cordel, que após sua redação houve uma outra etapa: a de revisão. Esta afirmação se faz possível a partir das seguintes marcas presentes no original: inserção de letras à caneta (na quarta estrofe, a palavra "Damasco" havia sido datilografada sem o primeiro "a" e foi corrigida pelo autor); colagens contendo correções datilografadas em algumas estrofes, substituindo versos inteiros. Isso ocorre nas estrofes de números três, cinco, oito, dez, onze, doze, treze e quinze, sendo que na de número quinze a colagem corretiva abrange a estrofe inteira. Esse registro corretivo de um original "concluído"

mostra que, mesmo considerando que geralmente “a emenda sai pior do que o soneto”, às vezes era necessário realizar alguns ajustes e remendos, para o bem do fruto do escritor-repentista-pesquisador.

Outra demonstração de correção, desta vez por encomenda, é o registro abaixo:

Figura 27: Carta-correção de estrofes do ABC/Alfenas.



Anápolis, 15 de setembro de 1.976.

Amigo GERALDO MACEDO:

comigo sua gentil carta de 9 deste.

Obrigado por tudo. Ficou ótimo o soneto extraído de meu poema "Como se faz um Jornal", por você dedicado ao jornalista Francisco Navarro Prado e estampado à última página de FOLHA DE ALFENAS de 7-7-76.

Ciente de suas dificuldades em conseguir patrocinador para editar o ABC DE CORAÇÃO PARA ALFENAS, que, composto por mim a jato, ressente-se da falta de burilamento. Vejo, porém, que Vc alcançou solução para o assunto, vez que promete publicar o meu poemabc no DIA DE ALFENAS (15 de outubro), o que não poderia ser melhor! Capriche na REVISÃO, amigo Macedo, para que o texto saia "ipsis litteris" conforme o original. É mais uma fineza que lhe fico a dever.

De acordo com as modificações sugeridas por Vc, dou a seguir as estrofes correspondentes às letras G, I e T devidamente alteradas (com a sua colaboração, para melhor):

- G -

Geraldo Macedo, que
foi nascido machadense,
quando ouve falar de ALFENAS
- que adotou - fica em suspense:
por ela ele enamorou-se
com uma ternura tão doce
quanto laranja alfenense.

- I -

Indústrias - de Laticínios -
tem; de Ossos faz Ração.
Na Agricultura: Café,
Batata Inglesa, Feijão,
Arroz, Milho. Quanto a Granja -
ALFENAS produz Laranja
para industrialização.

- T -

Tanto asfalto liga ALFENAS
- Ônibus, Carro, Avião -
com todo o Brasil, trazendo
e levando PRODUÇÃO
que vai pesar na Balança
da Grandeza, da Abastança
de nossa amada Nação!

Quanto ao acróstico para "corrigir", nada encontrei de errado no mesmo. Todavia, como Vc fez questão de rimar e metrificar (é o que me pareceu), sugiro-lhe a seguinte redação:

Amo-te sempre assim, gentil e progressista.
Lagos em teu redor... e serras... e campinas...
Fazendo do Saber a mais alta conquista,
Entre as várias que tens, a te amar nos ensinas.
Nascem de tuas mãos renovados valores
A fecundar em nós sublimados pendores.
Salve! ATENAS DO SUL sacrossanto DE MINAS!...
(Geraldo Macedo).

Assim que mandar imprimir o ABC/ALFENAS, por favor, mande-me exemplares para que eu distribua com intelectuais com quem me carteio, de vários estados do País. Vocês aí estão de parabéns: ALFENAS tem gente de tutano, para fazê-la marchar em ritmo de Brasil Grande, País que Vai para a Frente Sem Medo do Futuro.

Abraços no ZÉ DE ÁVILA (Zé de Alfenas, Zé do Brasil, Zé de Todos Nós, isto sim!) e em Você, do

Paulo Nunes Batista
Cx.Po. 219-Anápolis-GO

Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

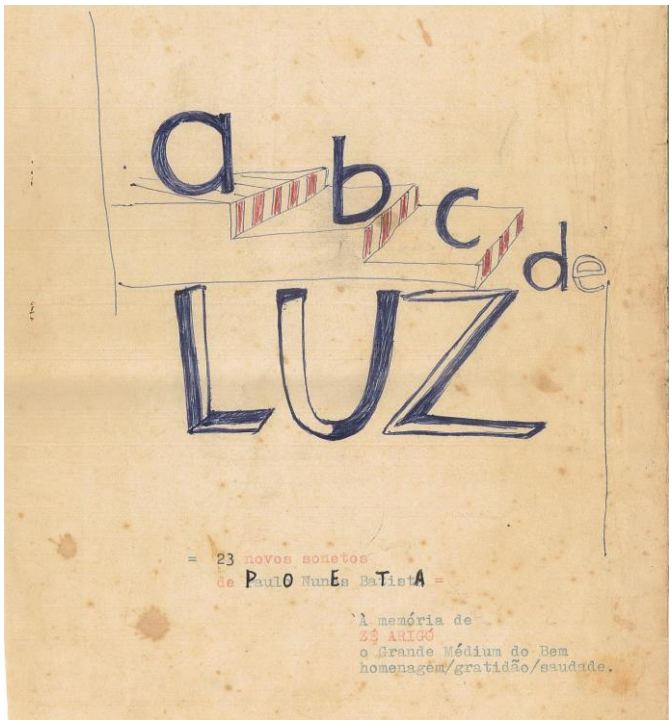
No arquivo acima, o geopoeta-cordelista faz alterações em determinadas estrofes do poema ABC que redigiu e dedicou à cidade de Alfenas, estado de Minas Gerais. Na correspondência solicita que a revisão seja cuidadosa: “Capriche na REVISÃO, amigo Macelo, para que o texto saia “ipsis litteris” conforme o original”, revelando seu zelo pelo conteúdo

poético que entregava para as edições e publicações. Essas listas, com suas enumerações e riquezas de detalhes mostram o pensador e fazedor da cultura popular, ao contrário do que pensam, como um profundo pesquisador. Exatamente como considera-se o geopoeta, na sua força (de) cordelista é que se encontra esse campo aberto e disseminado do engajamento e do "belo".

Letras e cores à caneta – desenhos e colagens nos rascunhos

Para fechar esse breve panorama a respeito dos manuscritos presentes no acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista, destaca-se, por fim, a criatividade em elaborar manualmente projetos de capas para suas composições, conforme demonstra a seguinte imagem:

Figura 28: projeto de capa

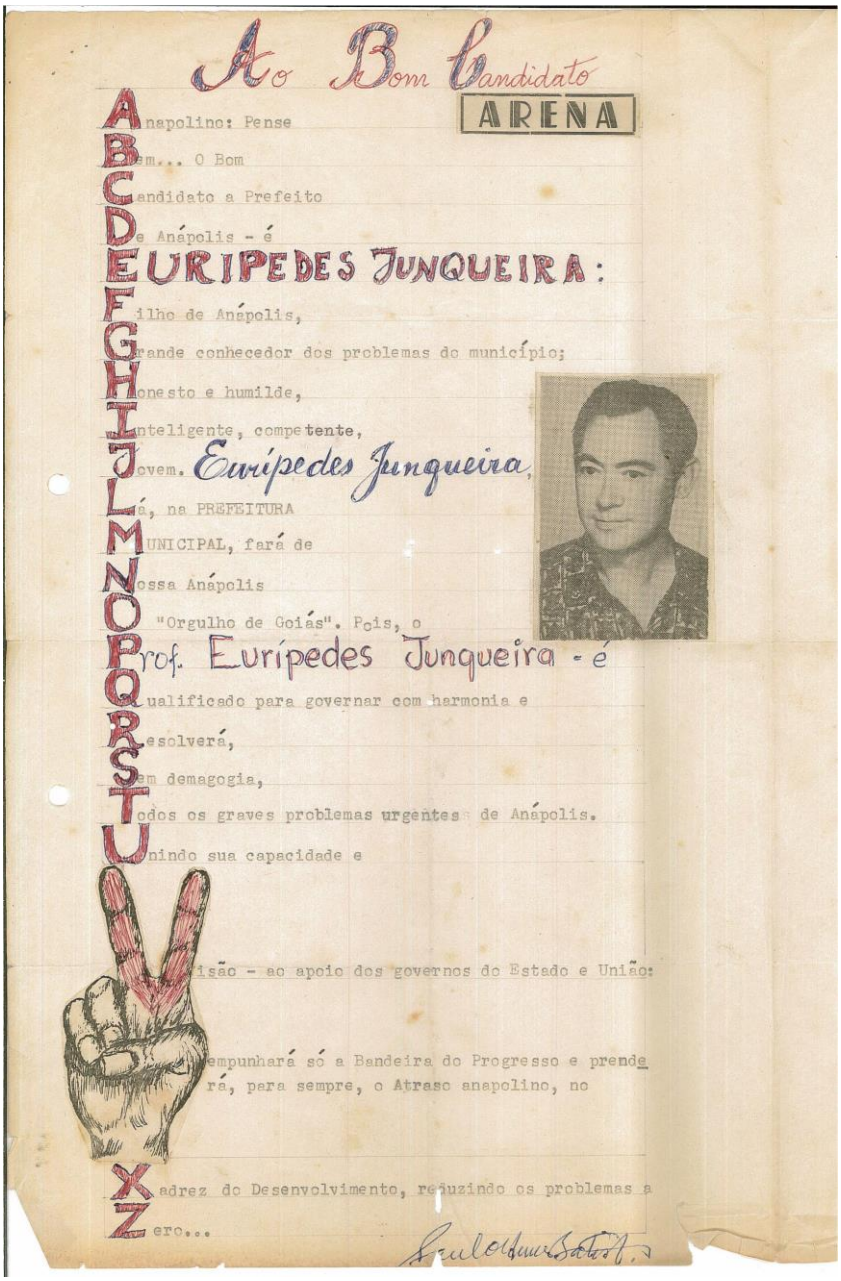


Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista

No manuscrito acima é possível perceber um projeto feito pelo geopoeta-cordelista, aparentemente trata-se de um projeto de capa para uma coletânea de sonetos, conforme as informações datilografadas. Exemplo de dedicação criativa aos projetos literários aos quais se

empenhava, em uma época em que não havia as tecnologias de criação gráfica atuais. E, pelo perfil tradicional e criativo até então traçado, é possível que mesmo que houvesse ferramentas, seu processo criativo manual prevaleceria. A próxima imagem também revela muito desse exercício criativo:

Figura 29: PoemABC *Ao Bom Candidato*



Fonte: acervo do geopoeta-cordelista Paulo Nunes Batista.

Na imagem acima visualiza-se não apenas uma composição em ABC, mas um material ilustrado, no qual foram adotadas diversas estratégias para tornar o texto visualmente atrativo, dando destaque ao nome do candidato Eurípedes Junqueira. Nota-se o colorido das letras que abrem cada estrofe, feito à caneta, além das colagens que imprimem um visual de destaque ao texto: a palavra ARENA, a foto do candidato, provavelmente recortada de algum jornal ou material de campanha e, por fim, dando um toque especial, tem-se a figura da mão fazendo a letra "V" e, ao mesmo tempo representando o símbolo da paz. O projeto visual é o destaque desse ABC, que apresenta nos versos datilografados as qualidades do então candidato a prefeito da cidade de Anápolis. Um rico material historiográfico presente no acervo do geopoeta-cordelista, criativo e versátil, Paulo Nunes Batista.

Nos últimos anos de sua vida, Batista dedicou aos desenhos e à pintura, trabalhos os quais considerava produtos de "inspiração energética" oriunda de uma comunicação astral. "Não me considero desenhista nem pintor. Sei apenas fazer alguma poesia. Sou feliz assim. 'Não sou melhor porque me louvam, nem sou pior porque me criticam: sou o que sou à luz de minha própria consciência'", declarou ele a um repórter da *Revista Planeta Água*, no ano de 2013, citando o escritor e teólogo brasileiro Huberto Rohden. Poeta de várias faces, criativo e inovador dentro do que é tradição: esse foi Paulo Nunes Batista, o geopoeta-cordelista paraibano-goiano, um exímio lavrador de palavras.

Entre acervo e memória, biografia e bibliografia, trabalhos manuais e de pesquisa, papéis do "fisco" e desenhos, apresenta-se essa visão multiplanar de um geopoeta quase perdido na multidão do cânone. Tanta força, tanto fazer geopoético e político ganham contornos, na Tese, de uma vida dedicada à arte. Quantos fazedores assim têm seus escritos, publicações populares e questões profundas do Centro-Oeste guardados nas casas de parentes que guardam porque presumem certo valor, mas que não podem disseminar posto que também vivem tão à margem quanto a escrita do geopoeta Paulo Nunes Batista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado, resultado das pesquisas realizadas ao longo dos mais de quatro anos do curso de Doutorado, foi um grande aprendizado, tanto acadêmico, quanto de vida. Pesquisar literatura popular representou desbravar um mundo novo, apesar de tão antigo e tradicional. Foi um mergulho em uma área que não se fazia presente nos currículos dos cursos de Letras há algumas décadas e, por isso, significou iniciar o estudo pelas bases. O reconhecimento e a identificação não tardaram, pois não ter estudado a cultura popular anteriormente não significava não a conhecer ou não conviver com ela, principalmente para quem é nascido e criado nos sertões goianos e tem nas raízes hereditárias (e no imaginário vivo) os sertões nordestinos...

Aprender e escrever a respeito dos meandros que separam o popular do erudito, percebendo que estes são meramente políticos, tendo em vista que a literatura é parte desse sistema político que na maioria das vezes não prioriza o humano enquanto povo, mas prioriza o valor do humano e, consequentemente, de sua obra, objetivando o lucro que a mesma pode vir a representar, foi engrandecedor e proporcionou uma ressignificação da forma de olhar para as literaturas – a canonizada e as silenciadas – compreendendo não apenas o lugar ocupado por cada uma, mas, principalmente, os fatores que imprimem os valores de cada uma: aprendizado que vai muito além dos estudos literários.

Dito isto, o que dizer da oportunidade de conhecer a obra de Paulo Nunes Batista? As palavras parecem ser insuficientes para expressar a grandeza que foi o contato com o legado do lavrador de palavras. A alegria sentida em cada etapa da pesquisa jamais será esquecida, pois foi ímpar. No início o nome surgido através de uma pesquisa rápida em sites de busca não dava a certeza de que renderia uma tese. Será? Mas a persistência advinda de algo que brotou no coração dizia que sim, que este era um nome forte e que renderia mais do que uma tese... A vontade de tê-lo conhecido em vida ficou só na vontade. Não era para ser esse encontro. O que era para ser aconteceu e está aqui, ao longo das mais de duzentas páginas, distribuídas em quatro capítulos que buscaram contar um pouco da trajetória de um retirante que foi pequeno na estatura, mas gigante na composição de sua narrativa de vida.

Vida marcada por grandes lutas. Viver para o geopoeta-cordelista era lutar. E ele lutou, desde menino, tendo sempre como arma a poesia, munida das palavras, disparadas em versos, rimas e prosa. A luta pelos ideais comunistas, a luta pela sobrevivência sua e da família, a luta pela preservação das tradições, a luta por dar voz à poesia popular nos espaços e veículos

de comunicação, a luta pelo reconhecimento de sua obra etc. Lutas: diversas foram ao longo de seus mais de noventa anos de vida, a maioria deles vividos em Goiás, estado que escolheu para morar e para exercer o ofício literário por mais de sessenta anos de atividade.

Não apenas a trajetória de Paulo Nunes Batista marcou os caminhos percorridos neste estudo, mas também a de nomes ligados a ele ou cantados por ele, como o de Francisco Guerra Vascurado, A. G. Pinto, Carmo Bernardes, dentre outros geopoetas que, como ele, lutaram até o fim da vida por meio da literatura.

Acessar um arquivo tão rico como o que foi oportunizado a esta pesquisa é uma viagem geopoética valorosa. A cada descoberta de um escrito, datilografado ou manuscrito, uma vasta gama de possibilidades se abria... Abertura que gerou angústia em alguns momentos, pois a vontade era a de explorar ao máximo o arquivo, na ânsia de tirar esse material da zona do esquecimento ou do desconhecimento. No entanto, é preciso cautela. É preciso selecionar, delimitar, recortar e analisar. Espera-se ter conseguido realizar aqui um bom recorte.

Refletindo sobre um dos fatores que faz com que uma obra seja relevante - o fato de não se esgotar dentro de suas possibilidades de sentidos - o sentimento que fica para a autora desse estudo é similar a isso: tudo que aqui se mostrou não se esgotou nos sentidos. Pelo contrário, apontou para possibilidades inúmeras de outros estudos sobre a obra de Paulo Nunes Batista, o geopoeta que tanto andou e que tanto poetizou Goiás e que merece ter sua obra amplamente reconhecida nos espaços culturais e nos diversos territórios desse vasto país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010. 419 p.

BATISTA, Francisco das Chagas. **Literatura Popular em Verso**. Antologia. Tomo IV. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. 280 p.

BATISTA, Paulo Nunes. ABC à Casa do Cantador. **Casa do Cantador e sua história**, Ceilândia-DF, p. 13. Maio 2008. (Inauguração).

BATISTA, Paulo Nunes. **ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Itatiaia, 1986. 148 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Alguns poemas**. Goiânia: Kelps, 2003. 144 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Cantigas da Paz**: 100 trovas de amor e luz. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2003. 107 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Canto Presente**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969. 114 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Chamego, o urubu.** Goiânia-GO: Editora KELPS, 1997. 92 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Cinzas**: poesia. João Pessoa: Ideia, 2008. 127 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Como se fosse um discurso rimado... uma cantoria de posse na Academia Goiana de Letras**. Anápolis-GO, 2000.

BATISTA, Paulo Nunes. Cordel em Goiás (1º de uma série). **O Popular**, Goiânia, 26 de dezembro de 1975. Suplemento Cultural.

BATISTA, Paulo Nunes. Cordel em Goiás (2º de uma série). **O Popular**, Goiânia, 11 de janeiro de 1976. Suplemento Cultural.

BATISTA, Paulo Nunes. Cordel em Goiás (4º de uma série). **O Popular**, Goiânia, 18 de abril de 1976. Suplemento Cultural.

BATISTA, Paulo Nunes. Paulo Nunes Batista – O Cordel na poesia do povo. **A Nova Democracia**. Periódico virtual. Ano V, n. 33, fev. 2007. Entrevista concedida a Ana Lúcia Nunes. Disponível em: https://anovademocracia.com.br/no-33/360-entrevista-paulo-nunes-batista-o-Cordel-na-poesia-do-povo. Acesso em: 25 de julho de 2022.

BATISTA, Paulo Nunes. **O Sal do Tempo**. Goiânia: Kelps, 1996. 78 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Resumo cronológico da vida, da luta e da obra de Paulo Nunes Batista**. Goiânia: Kelps, 2014. 103 p. (Coleção Anápolis)

BATISTA, Paulo Nunes. **Reticências**. Goiânia: Kelps, 2016. 74 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Samburá da Parahyba**: verso e prosa. João Pessoa: Ideia, 2009. 110 p.
BATISTA, Paulo Nunes. **Sonetos Seletos**. Petrolina: Editora e Gráfica Franciscana, 2005. 100 p.

BATISTA, Paulo Nunes. **Turbilhão**: poesias. Goiânia: Kelps, 2016. 42 p. (Coleção Anápolis).

BATISTA, Paulo Nunes. **Zé Bico Doce** – o rei da malandragem. São Paulo: Prelúdio, 1960. 32 p.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

BERNARDES, Carmo. **Quarto Crescente**: relembranças. 2ª Ed. Goiânia: Editora da UFG e Editora da UCG, 1986. 236 p.

BRUN, A. A. João Grilo, o desmilingüido: a esperança no imaginário do oprimido. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 1, p. 2876, 2008. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2876. Acesso em: 26 jul. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005. 357 p.

COELHO, Nelly Novaes. Uma voz humanista na Literatura Brasileira. **Jornal Opção**, Goiânia, 8 de jun. 1997. Opção Cultural.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. São Paulo: Global, 2013. 110 p.

CUNHA, J. M. P. **A migração no Centro-Oeste brasileiro no período 1970-96**: esgotamento de um processo de ocupação. Campinas: Núcleo de Estudos de População. UNICAMP, 2002.

CURREN, Mark J. **Relembrando:** a velha Literatura de Cordel e a voz dos poetas. Trafford Publishing (USA & Canada), 2014. 396 p.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 247 p. (Coleção contistas e cronistas do Brasil)

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de janeiro**. Goiânia: ICBC, 2006. 132p.

FERNANDES, José. Diálogos de tempo e poesia: Cora e Paulo Nunes Batista. **Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural:** diálogos de gerações, Campina Grande, p. 1-14, 2009.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas:** edição, comunicação, leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FERREIRA, Lygia Portenha Borges. **A memória do PCB em Goiás:** a experiência do jornal A Luta e a formação da cultura comunista em Goiás (1931/1945). Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

FREITAS, Salete Aparecida Peixoto. **A poesia de Paulo Nunes Batista**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.

GARCIA, José Godoy. Uma vida dedicada à arte. [Entrevista concedida a João Carlos Taveira]. **DF Letras:** a revista cultural de Brasília. Brasília-DF, ano IV, n. 35 / 38. (3-7).

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 255 p.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. **Estudos Avançados**. (7-18) 1991. https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100002

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo:** Histórias na Literatura de Cordel (1900 – 1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2015. 316 p.

Haesbaert e Glauco Bruce, R. (2002). A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia,** *4*(7), 7-22. https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010. 112 p.

LESSA, Orígenes. **Ligeiro perfil de um poeta do povo**. In: BATISTA, Paulo Nunes. ABC de Carlos Drummond de Andrade e outros abecês. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Itatiaia, 1986.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Textos, etapas e variantes: o itinerário da escritura. **Rev. Inst. Est. Bras**. SP: 147-159, 1990. https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100002

LUCENA, Bruna Paiva de. **É fácil ver a chuva quando você não se molha**: os gabinetes da historiografia literária e do cordel e as poéticas a céu aberto. 2016. 180 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de et al. (Orgs). **Os parceiros de Águas Lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de Letras, 2018. 168 p.

MENDONÇA, Henrique Alan Kardec. [**Paulo Nunes Batista: o homem, o pai, o amigo... o poeta**]. Anápolis-GO, 19 de fevereiro de 2022. Entrevista concedida a Gláucia Mendes da Silva.

SILVA JR, Augusto R. Cora Coralina inédita: encontro das águas da geopoesia na Rua do Fogo da literatura de campo. In: Congresso Internacional 2018 da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC. **Circulação, tramas & sentidos na Literatura**. Uberlândia/MG. Anais. 30 de jul. a 03 de ago. p. 3952-3958. Disponível em: https://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547745730.pdf

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. Geopoesia de Cordel: os ambulantes das palavras e as performances de papel. In: Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha. **Viver o Cordel em Teresina**. Ponta Grossa-PR: Atena, 2022, p. 123-136.

TIZZO, L.; MORAES, D. Por que isso é assim? Entenda o que faz o céu de Brasília multicolorido. **G1**, Distrito Federal, 09 jul. 2019. Notícia. Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/07/09/por-que-isso-e-assim-entenda-o-que-faz-do-ceu-de-brasilia-multicolorido.ghtml. Acesso em: 30 ago. 2022.

WHITE, Kenneth. Na autoestrada da História. 1994. **Textos fundadores**. Trad. Márcia Marques-Rambourg. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/109-na-autoestrada-da-historia. Acesso em 20 jun. 2022.

WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. **Textos fundadores**. Trad. Márcia Marques-Rambourg. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica. Acesso em 20 jun. 2022.

WHITE, Kenneth. Uma abordagem científica do campo geopoético. 1994. **Textos fundadores**. Trad. Márcia Marques-Rambourg. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/65-uma-abordagem-cientifica-do-campo-geopoetico. Acesso em 20 jun. 2022.

WHITE, Kenneth. Uma abordagem filosófica da geopoética. 1994. **Textos fundadores**. Trad. Márcia Marques-Rambourg. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/64-uma-abordagem-filosofica-da-geopoetica. Acesso em 20 jun. 2022.

XAVIER, Maria do Socorro Cardoso. O Vôo Inverso do poeta Paulo Nunes Batista. **Jornal de Poesia**. Fortuna crítica. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/mscardoso1c.html. Acesso: 31 de ago. 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Fontes de consulta:

Cordéis e ABC's de Paulo Nunes Batista citados no trabalho

ABC à Casa do Cantador

ABC de Cordelista à Poesia Popular

ABC a Jataí

ABC a Menotti Del Picchia

ABC a Pirenópolis

ABC da Trindade

ABC de Lagolândia

ABC de Silvânia

ABC do Formoso

ABC do MAPA

ABC improvisado a Monteiro Lobato

ABC improvisado a Veríssimo de Melo

ABC improvisado ao som sem voz da caneta

ABC improvisado para Monteiro Lobato

ABC para Caldas Novas

ABC para Carlos Drummond de Andrade

ABC para Chico Anísio

ABC para F. Maxado, candidato a presidente

ABC para o Caju

ABC para o Morhan

ABC para os colegas fiscais arrecadadores

ABC tentando espaço ao "Jornal das Letras"

ABC, na hora para Franciso Vasconcelos

Anápolis em verso

Anápolis... Brasil... Constituinte...

Brasília... em versos rimados

Canto – ABC – Louvação para Altimar Pimentel

Canto de Louvor e Gratidão a Anápolis

Este ABC de repente feito para Carmo Bernardes

História de Santa Dica

Novas proezas de João Grilo

Zé Bico Doce, o rei da malandragem

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Manuscrito do ABC de Cordelista à Poesia Popular

ANEXO II – Entrevista com Henrique Alan Kardec

ANEXO III – Folheto Zé Bico Doce – o rei da malandragem

ANEXO IV – Lista manuscrita de títulos de cordéis de Paulo Nunes Batista

ANEXO V – Relação datilografada de títulos de cordéis de Paulo Nunes Batista

ANEXO VI – Seleção de títulos de cordéis de Paulo Nunes Batista, com observação

ANEXO VII – Texto do Suplemento Cultural do jornal *O Popular* de autoria de PNB – 1º da série "Cordel em Goiás".

ANEXO VIII – Texto do Suplemento Cultural do jornal *O Popular* de autoria de PNB – 2º da série "Corel em Goiás".

ANEXO IX – Texto do Suplemento Cultural do jornal *O Popular* de autoria de PNB – 4º da série "Corel em Goiás".

ANEXO X – Louvação a Bernardo Élis

ANEXO XI – Folheto – ABC a F. Maxado

ABC de Cordelista à Poesia Popular

Por Paulo Nunes Batista

A

A Poesia Popular –
alma de um Povo Poeta –
sai da boca, sai da mão:
vem – veloz como uma seta –
falada, cantada, escrita –
do coração – que palpita...
da mente – que se projeta...

B

Busca sempre o alvo da meta –
o próprio Povo – seu lar...:
poeta – fazendo glosa...
cantador – a improvisar...
na embolada do coquista...
no verso do cordelista –
um cantando... outro a contar...

C

Cantador e Cordelista
são de um mesmo trigo o pão;
são asas do mesmo vôo;
sangue de um só coração;
frutos da mesma semente:
da boca de um – sai Repente,
do outro – sai Verso da mão!...

D

Dos dedos de um cordelista,
da boca de um cantador,
do ganzá ou do pandeiro
de um coquista-embolador –
de repente, o Verso voa:
todo o espaço se povoa
de poesia aberta em flor!...

E

É a voz do céu – no trinado
de um sabiá-laranjeira...
é a voz das águas – cantando
no rolar das cachoeiras...
é a voz da terra se abrindo...
é a Natureza sorrindo
numa Manhã Brasileira...

F

Força de uma Raça inteira
que dá flor pela raiz...
de uma Nação cantadeira
e Profeta, que prediz –
no Repente Nordestino –
que vai o Nó do destino
desatar, neste País!...

G

Grandes nomes do passado
do Repente e do Cordel –
das abelhas do Improviso
do Verso fazendo o mel –
no Folheto ou Cantoria –
deram favos de poesia
no Nordestino painel...

H

Hugolino do Teixeira,
Chagas Batista, Nicandro,
Antônio Batista Quedes,
João Melchiades, Leandro
são fontes do grande rio
da Rima, do Desafio
vencendo salto e meandro

I

(1895 91)

... Inácio da Catingueira,
José Patrício, ~~Antônio da Cruz~~,
Romano, ~~Zé Duda, Romano Elias~~,
Pirauá, ~~Duda~~, José Martins,
~~Aquilão~~, Nogueira, Duda,
~~Aquilão~~, Germano,
Serrador, Pedro Limão,
~~Zé Catinho Muzumbão~~
José da Cruz, Aquilas
Cabreira e Caetano...

J

~~Joaquim Batista de Sena,~~
~~José Canelo, Moco,~~
~~com Manoel d'Almeida Filho,~~
... Joaquim Francisco Santana,
Carneiro, Antônio Marinho,
Rio Preto, Pedra Azul,
~~Pinto~~, Jacó, ~~Ventania~~, Passarinho,
~~Pinto, José da Cruz~~
João Benedito, Rosina,
José Romano, Jaqueira,
Ventania, Canhotinho...

L

... Lourival Batista, Dimas,
Otacílio, Bilinquim,
José Canelo Resende,
Bentevi, Joaquim Sem Fim,
Luiz da Costa Pinheiro,
Beija-Flor, José Cordeiro,
Severino Camocim...

M

... Manoel Raimundo de Barros,
Manoel Nenem, Curió,
Francisco Sales Areda,
Cordeiro Mauro, Moco,
Patativa do Assaré,
Meia Luz, Manoel Xelé,
~~Severina~~, Antônio Biró...
Pinheira,

N

... Neco Martins, Mangabeira,
Guriatã, Audorinha,
Joaquim Batista de Sena,
Maria Bento, Zefinha,
José Siqueira de Amorim,
Manoel Patichulim
~~José Romano~~, Manoel Vieira, Sozinho...

O

Olegário de Maria,

Roteiro para entrevista sobre a vida e obra de Paulo Nunes Batista.

1) Quem foi Paulo Nunes Batista, o homem, o pai, o poeta?

2) Como foram seus últimos anos de vida em relação à sua obra? Continuou escrevendo cordéis? Deixou escritos inéditos?

3) O que significava para ele fazer parte de uma família com uma tradição tão forte na cultura popular Nordestina?

4) De que forma ele buscou conservar suas origens estando em Goiás?

5) O que a Literatura de Cordel foi na vida de Paulo Nunes Batista?

6) O que a Academia Goiana de Letras representou na vida dele, durante o período em que esteve como membro?

7) De que forma o Sr. Paulo Nunes Batista exerceu sua militância política em Goiás?

8) É possível afirmar, em sua opinião, que Paulo Nunes Batista fez um entrelace entre as culturas nordestina e goiana por meio de sua obra?

9) Por que "Pau-Brasil de Goiás"?

Transcrição da entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2022, em Anápolis-GO, em visita à residência de Marlúcia Batista, filha de Paulo Nunes Batista. O entrevistado foi Henrique Alan Kardec Mendonça, escritor e jornalista anapolino que conviveu por três décadas com o geopoeta cordelista Paulo Nunes Batista.

HENRIQUE ALAN KARDEC MENDONÇA - Hoje é dia 19 de fevereiro de 2022, eu sou o Henrique Alan Kardec Mendonça, sou escritor, jornalista e estou concedendo uma entrevista para Gláucia Mendes da Silva, que está fazendo um trabalho de doutorado em Literatura e precisa de algumas informações a respeito do poeta Paulo Nunes Batista. Nesse sentido a gente está disponibilizando algumas informações sobre aquilo que a gente tem conhecimento, devido ao convívio de mais de trinta anos com o poeta. Então estou às suas ordens.

GLÁUCIA MENDES DA SILVA – OK. A primeira pergunta que eu tenho para o Sr. Henrique é: quem foi Paulo Nunes Batista? O homem, o pai, o amigo, o poeta... quem foi esse grande homem, ehhh, na sua visão de amigo?

HAKM – O Paulo Nunes Batista foi uma pessoa muito significativa, como amigo, eu falo por minha pessoa, né, e também vendo o convívio dele com outras pessoas, com os filhos, com os demais circunstantes que tiveram relacionamento com ele. Ele foi uma pessoa muito devotada, muito fiel às suas convicções, ehhh, tanto em vários setores, no setor social, no setor político, no setor religioso, familiar, e teve uma vida, em função disso, teve uma vida eh, muito eh restrita, porque em muitos sentidos isso acabou influindo na sua, na sua vida mesmo, na sua, na, no aproveitamento da vida, não é, ou seja, ele..., traduzindo, ele teve uma vida... ele poderia ter aproveitado mais a vida se ele não tivesse sido tão ehh, rígido para com seus, suas convicções e pensamentos assim. Essa é uma das, das opiniões, né, que eu tenho (sobre ele GMS) é, mas era uma pessoa muito devotada, eh, com muita, com um grande círculo de relacionamento, tanto na (da) área cultural, né, como nos demais seguimentos da sociedade, conhecia muita gente, ele era um... foi uma pessoa muito generosa, ele poderia ter ... ele faleceu com 95 anos, ele poderia ter deixado assim um grande patrimônio, muita coisa, até porque ele foi, ele trabalhou, ele foi funcionário público de um setor crucial do Estado, que é na área de... na área fiscal, mas não foi assim que aconteceu, ele sempre foi muito, devido à sua generosidade, ele sempre teve muita gente dependente dele, não só familiares, mas amigos, pessoas conhecidas, que sempre estavam precisando e ele nunca se negava e em função disso ele praticamente não deixou, os próprios filhos ficaram, depois que ele partiu em 2019, eh, ficaram praticamente sem nada porque ele não teve muito o que deixar, (ele não acumulou GMS) não acumulou, e repetindo, é uma coisa que não, uma coisa que é relativamente inusitada, porque tendo trabalhado, o funcionário público, de modo geral não, mas o funcionário público, principalmente o da área fiscal né, ele tem... é muito raro, ele não, porque aqui a gente tá falando de Brasil, América do Sul e Brasil, é muito difícil você encontrar algum que não se elocuprete (?) de sua situação, né, e que o próprio sistema favorece, por vários fatores que não cabem aqui, mas isso não aconteceu com Paulo Nunes, e até pelas convicções que ele tinha, do ponto de vista metafísico, ele era muito consciente da sua situação de ser, vamos dizer, de ser sobrevivente pos mortem, e ele sempre enfatizava isso e ensinava isso, de acordo com o entendimento dele, e isso influiu também, a lei que ele já trazia de família, uma tendência, já inato um bom comportamento, né, e isso a gente observa também, pelo que a gente vê de uma

certa distância dos outros parentes, irmãos, outras pessoas da família, deve ter herdado do pai, da mãe, e ele usou isso na prática mesmo, então isso é uma das coisas que eu posso falar da parte ética.

GMS – Certo! Como foram os últimos anos de vida dele, mais em relação à obra mesmo, a relação dele com a escrita literária, como ele vivenciou isso nos seus últimos anos?

HAKM – O Paulo Nunes Batista ele nunca deixou, nunca houve um lapso de tempo assim na vida dele que ele esteve afastado, por alguma razão, da literatura, pelo que a gente pode, desde que eu o conheci, passei a ter conhecimento do tempo pregresso, não chegou a acontecer com ele o que acontece com muita gente em várias áreas, a pessoa se dedica a uma atividade, mas é obrigada a ficar afastada por uma ou outra coisa. Pelo que a gente depreende, do que ele conversava e tudo, ele sempre esteve ativo na parte cultural, mais notadamente na literatura, que era a área dele, então ele sempre narrou, ele veio de família de cantadores e repentistas do Nordeste, lá da Paraíba, e ele saiu da sua terra cedo e levou já aquela raiz, trazia desde os pais, dos irmãos mais velhos, e ele sempre esteve ligado à literatura, mesmo na época em que ele estava correndo atrás para sobreviver, longe da família, ele foi para os grandes centros, para a capital federal que era o Rio de Janeiro, ele foi para lá adolescente. Ele foi para o Rio de Janeiro e parece que ele tinha 16 anos, isso está escrito no livro dele. E aí o que aconteceu: ele foi para lá e ele tinha um irmão que morava lá. Aí ele foi pra lá, mas ele não ficou muito tempo com o irmão não, ele logo foi procurar serviço e tudo, e ele esteve no colégio interno, que era a Escola Técnica Mauá, no Rio de Janeiro, hoje ainda existe, mas não é com aquela força que existia no passado. Isso aí nos anos 30 para 40, ele esteve nessa escola por alguns anos, eu não sei exatamente os anos, as séries que ele estudou lá, e mesmo ainda jovem ele se dedicava a fazer poema de cordel, a ler muita literatura, ele narrou isso inclusive, escreveu isso em vários lugares, ele gostava de muitos, principalmente – o grande poeta dele era o Augusto dos Anjos, e tanto que ele sabia grande parte dos poemas do *Eu*, ele conhecia todos, todos não, a maioria, conhecia todos, mas assim que ele recitava de cor é 70 % ou 80, e outros grandes da poesia lírica, e, mas ele nunca abandonou a poesia de cordel, e ele, claro, lá no Rio de Janeiro, ele se encontrou com muitos nordestinos naquelas feiras, naquele tempo era muito comum nas feiras encontrar pessoas vendendo folhetos de cordel, no Rio de Janeiro assim como São Paulo, podia ser considerado um grande reduto de nordestinos, eles iam para lá trabalhar, e muitos desses

trabalhadores, alguns, uma grande parte, eram pessoas de pouca cultura, mas tinham essa cultura popular, mas mesmo assim você encontrava grandes eruditos no meio deles, as vezes até estavam em uma vida difícil, levando uma vida difícil, precisando trabalhar, serviço pesado, mas eram pessoas de cultura, e ele encontrou muita gente assim desse nível no Rio de Janeiro, né, e isso deve ter contribuído também para não ter arrefecido aquela raiz que ele já trazia lá do Nordeste, e que nunca mais perdeu. Aí ele começou, era ainda jovem, eu queria registrar uma coisa importante, porque eu acho que ele gostaria que fizesse isso: quando ele chegou na Escola Técnica Mauá, no Rio de Janeiro, ele ficou conhecendo um jovem da idade dele aproximadamente, pouco mais velho – mas bem próximo, que era o Clécio Fernandes Dutra. O Clécio Fernandes Dutra ele nunca se desenvolveu na área literária, embora ele tivesse uma certa vocação, né? E esse Clécio ficou sendo amigo dele por toda a vida. O que que aconteceu, quando ele chegou (ele narrando), existia dormitório para os alunos, e aonde foi reservado para ser a cama dele, porque era quarto coletivo, ele se deitou e viu que tinha um jovem deitado na cama, mas com o travesseiro apoiando atrás e com um livro na mão, e parece que foi uma coisa providencial, né? Eu creio isso! Poderia falar "não, é acaso, isso não existe! Imagina, é coincidência, é probabilidade!" No meio de, tinha 150 alunos, calhou que foi ele! E ele se deitou na cama do lado e ele achou interessante, e ele sempre foi um pouco introvertido, e ele devia ser mais ainda quando era jovem, e ele na hora não tomou muito conhecimento, mas quando já passou de um dia para o outro, ele falou "Poxa, você gosta de ler? O que você está lendo?" Aí o jovem falou. E era o Clécio Fernandes Dutra, ele gostava muito de ler, já naquela idade, era a paixão dele. Era também de certa forma introvertido, e parece que ficava internado porque tinha problemas de sanidade na família e acho que para evitar que ele estivesse no meio da família e tal, ele foi internado. Eu sei que o Clécio ficou sendo amigo dele pela vida toda, depois com esses giros da vida, o Paulo veio parar em Anápolis, passados 50 anos depois, 40 anos, antes disso, quando o Clécio se tornou maior de idade, ele se tornou funcionário do Ministério da Agricultura, como motorista. Com a transferência da capital federal para Brasília, o Clécio veio para Brasília e veio procurar pelo Paulo Nunes Batista, reatou o contato com ele aqui em Goiás, né. O Clécio gostava de escrever, escrevia alguma coisa, mas ele deixou muita coisa escrita em jornais, revistas, a gente até tem alguns trabalhos dele, porque depois ele até deixou algumas coisas com o Paulo e o Paulo me passou. O Clécio faleceu em 2006, e ele foi muito amigo da família, quando ele veio aí, fez amizade com o Paulo e a dona Eulina, a esposa, e chegou a..., quando o Clécio se aposentou, aposentou relativamente cedo, ele chegou até a dirigir para o Paulo, pois o Paulo, teve um detalhe: ele nunca tirou carteira de motorista. Nunca quis tirar. Igual a um irmão que eu tenho também, ele é da Aeronáutica e nunca tirou carteira.

Então esse Clécio, como era muito amigo da família, teve amizade com os filhos, desde os filhos pequenos e tal, e dirigia, viajava junto. Bom, então esse detalhe, esse pequeno adendo, era só para falar que o Paulo Nunes conheceu o Clécio... daria para falar mais coisas, mas. É... e lá no Rio de Janeiro o Paulo Nunes continuou trabalhando, vivendo aquela vida assim de sobrevivência, chegou até que em um determinado momento, por vários fatores, ele saiu do Rio de Janeiro. Um dos fatores é que ele tinha um irmão que tinha um cargo importante na construção de ferrovias, e ele foi procurar esse irmão, tal, e depois disso ele deixou o Rio de Janeiro e viajou por várias cidades brasileiras, ele conheceu muitas cidades, ele esteve morando em Belo Horizonte, São Paulo, na cidade de Guarujá, litoral de São Paulo, esteve em muitas cidades, viajou, teve muitos problemas que ele narra, narrou, e até que ele veio terminar, depois de muito tempo, ele teve envolvimento desde cedo com o Comunismo. Ele era... ele se tornou convicto na proposta Comunista Marxista Leninista. Ele não chegou, dá a impressão que ele não chegou a se aprofundar em estudos, mas ideologicamente ele se vinculou, de forma que ele narrou que a vinda dele para Goiás se deveu a ele haver sido designado para dirigir, ser um dos dirigentes da parte jornalística aqui em Goiânia. Como não deu certo, por algum desentendimento, ele deixou Goiânia e na época coincidiu que quando aconteceu isso estava sendo construída aqui onde hoje é Ceres, a colônia agrícola nacional de Goiás, que havia sido iniciada pelo governo Getúlio Vargas, mas isso já estava na... já tinha passado a Segunda Guerra, já tinha terminado, então já estava no final da década de 40, e ele foi para lá para Ceres, para a colônia, para tentar conseguir um emprego, embora ele não soubesse exatamente o que fazer, porque uma colônia agrícola, ele não era homem de enxada, né, nem de trator... Mas ele precisava, porque nessa época ele já tinha o primeiro casamento e já tinha duas filhas pequenas, e ele precisava sustentar a família. Aí ele chegou lá e teve um contato direto com o Bernardo Sayão, Bernardo Sayão Carvalho de Araújo, que era uma pessoa de confiança do governo federal, era um administrador dos serviços da colônia, que estava em implantação ainda. Nessa época nem se falava em Ceres e nem em Rialma, que são cidades que surgiram depois, em função da colônia. Aí o que aconteceu: ele chegou (ele contava) quase que suplicando lá e chegou e falou ... falou com a pessoa lá do escritório "olha eu não tenho o serviço, só se você falar com o chefe geral, com o Dr. Sayão, se ele conseguir te arrumar alguma coisa...". Aí ele foi falar, chegou e o Sayão falou "mas o que eu posso arrumar pra você, eu não tenho serviço...". Aí ele falou: "mas eu não tô querendo emprego, eu tô querendo trabalho! Eu tenho família e filho para sustentar!" Aí o Sayão se sentiu tocada e levou ele, indicou ele, falou: "olha, arruma um serviço, alguma coisa para ele fazer". E eles arrumaram um serviço para ele, um serviço muito pesado lá, sabe? Tinha que movimentar carga, coisa pesada, em um almoxarifado, e

aconteceu que por fim as coisas acabaram se acertando, ele conseguiu... alguém percebeu, falou "não, mas você não é dessas coisas aqui, você não vai conseguir ficar fazendo isso por muito tempo, aí o cara chamou ele lá, precisava datilografar uma coisa, precisava escrever um ofício – o cara era semianalfabeto – o pessoal que trabalha em serviço público, até hoje (risos), mas naquele tempo eram praticamente todos, né, era... não tinha nem concurso, era tudo nomeado... Então colocou ele lá, o cidadão lá que era o chefe do almoxarifado pediu para ele fazer um ofício e ele fez. Quando o cara olhou e leu aquilo ele falou: "poxa, mas você entende desse negócio aqui mesmo?" Ele falou: "estou aqui às ordens para o que o senhor precisar", e então ele falou: "então você já pode ficar aqui já". E ele ficou no escritório. E ali ele ficou um bom tempo. Mas não foi tanto tempo. Por que o que aconteceu foi o seguinte, ele ali na colônia logo começou a fazer contato com pessoas que eram ligadas com a área de política, não era todo mundo ... mesmo entre os que estavam ali, com certeza né, devia ter muito... muitos agentes ali, cada um de um jeito, tinha uns talvez até com a inchada na mão, e aí ele se envolveu com o pessoal, e eles se organizaram para fundar uma célula do PCB, que fosse, mesmo que fosse clandestina, mas ali... Eles foram para um local lá, um local meio ermo, e lavraram uma ata, sabe? De como deveria ser, uma ata escrita, e... e o cara que era o secretário pegou a ata, escreveu, ficou de passar à limpo e tal, e mandar lá para a chefia, né, do partido, para a liderança. Só que esse cara era um cara meio volúvel, meio boêmio, e ele foi lá para um bordel, não sei o que lá, teve uma briga, e foi todo mundo preso, inclusive ele, e a ata estava no bolso dele (risos) com o nome de todos os participantes... O Paulo Nunes chegou no dia seguinte para trabalhar, aí o chefe imediato falou "olha, o Sr. Sayão quer falar com você lá no escritório dele"; aí ele pegou, era perto, foi. Ele falou "olha, Paulo, o que que é isso aqui?" Ele disse: "Olha, o que eu posso falar para o senhor? Aí já está escrito, né?" Eu não sei quais foram as palavras corretas, mas ele falou: "olha, Paulo, eu te considero, eu entendo, só que eu não posso fazer nada, diante disso aqui eu não posso ser... você vai me desculpar". O Sayão era um homem grosseiro assim na forma de resolver as coisas, mas ele era uma pessoa afável quando era assim em contato direto, né. Aí ele disse: "não consigo fazer nada, vou ter que te despedir, você vai me desculpar, você não precisava ter feito isso, tal...". Agora tem um detalhe, ele disse: "o que que eu faço com minha família?" Ele falou: "não, a sua casa você fica com ela, você pode ficar morando lá até você achar um outro emprego. Você deixa a sua família aí e vai procurar outra coisa para você fazer fora daqui". Aí o Paulo, foi aí que ele já estava chegando no ano de 1949, que ele teve o primeiro contato com Anápolis, porque ele falou "puxa, eu não sei fazer nada, eu sei escrever, mas o que que eu vou fazer, vou chegar e... ainda mais agora que aconteceu isso aí... qualquer lugar que eu for eles vão pedir informações..." Aí ele veio para Anápolis ele tinha um

folheto já escrito e ele queria publicar. Ele dizia "se eu conseguir fazer um folheto..." naquele tempo não era fácil igual a hoje, né? Hoje você faz um folheto em uma gráfica, pede um prazo, paga com cartão, faz alguma coisa, mas naquele tempo não. Aí ele veio para Anápolis, aí ele falou, Anápolis era o grande centro na época, era maior que Goiânia, aí ele veio para Anápolis para tentar, ver se aqui ele conseguia, ele tinha lá em, em, estando lá na colônia agrícola, ele ouvia falar muito de Anápolis, sabia que Anápolis era uma cidade... tudo que precisava, por exemplo, se tinha que resolver um problema de alguma máquina que precisava fazer manutenção, consertar, tudo era para Anápolis. Precisava fazer compra de papelaria, material, se fosse coisa que fosse demorar mais, porque para vir do Rio de Janeiro, o pessoal vinha correndo aqui para comprar. Até o pessoal que tinha mais recurso vinha, porque lá não tinha nada, aqui tinha cinemas, na época Anápolis tinha cinco cinemas, tinha duas emissoras de rádio... tinha dois, três jornais, era uma micro-capital, não é. O povo era assim meio matuto, mas tinha um jeito de capitalzinha, tinha muitas máquinas de arroz, cerâmica, e gráfica também, pequenas tipografias. Aí o Paulo Nunes Batista veio para cá e procurou pelo... procurou serviço nos jornais, quando ele viu que ia ter uma certa oportunidade. E procurou pela gráfica do Antonino Gomes Pinto – AG Pinto – que era muito conhecido na época. Esse AG Pinto ele tinha, ele foi um homem muito próspero, depois terminou sem nada, mas ele era... ele tinha gráfica, tinha loja de ferragens e tal, e o Paulo Nunes acabou se envolvendo, fazendo até amizade com ele, porque ele tinha um ideal revolucionário... ele falou que ele queria publicar e o AG Pinto facilitou para ele, e ele publicou o primeiro folheto que você vai ver naquelas fotografias que eu te dei no DVD, tem "A vida pitoresca do fulano de tal", né.

GM – Esse foi o primeiro folheto?

HAKM – O primeiro folheto.

GM – Em 1949?

HAKM – 1949 para 50. Que ele fez aqui, a primeira edição. Esse folheto depois ele perdeu, porque no futuro ele recebeu o pessoal da Editora Prelúdio, de São Paulo, achou interessante, porque ficou famoso, ele fez milhares e milhares de cópias e vendeu para o Brasil todo, chegou a ser vendido muito. Eh... ele vendeu para a Editora Prelúdio com os direitos autorais, né? E essa fotografia que você vai ver já é da Editora Prelúdio. Que já deve ser dos anos 60, época que ele já tinha vendido.

GM – Então a edição original não se tem?

HAKM – Nem ele tinha! Ou ele tinha uma edição... eu não lembro direito. Ou tinha um único exemplar... Bom, aí ele fez esse exemplar, com esse exemplar tava resolvido o problema. Por que que tava resolvido? Por que ele conseguiu sair, saía para viajar, ia para Goiânia... Naquele tempo daqui para Goiânia era mais demorado um pouquinho, né? Mas se o tempo não tivesse chovendo igual agora, com umas quatro horas ele conseguia ir, né? Vendia em vários lugares... Brasília não existia, né? Mas o que que ele fazia? Vendia um pouquinho em Goiânia, vendia aqui e nos lugares onde encontrava gente que consumia...

GM – Uma pergunta: ele vendia como? Chegava e oferecia?

HAKM – Chegava e oferecia, em lugares onde tinha por exemplo alguma feira, algum evento, igrejas, onde tinha muito fluxo de pessoas, né. Não existia feiras culturais igual tem agora, nessa parte aqui do Brasil, né. Goiânia foi ter o seu batismo cultural em 47, mas foi uma coisa restrita, uma coisa mais política, não chegou a ter igual tem hoje, né, aquela feira chamada "Feira Hippie", aquelas coisas, não se pensava nisso. Mas era muito comum fazer o seguinte: a pessoa, muita gente, por exemplo, da colônia agrícola era analfabeta, mas o cara comprava porque era quase como se fosse uma relíquia, um suvenir, e também dava para pessoas que sabiam ler, para ler para ele. A pessoa comprava e falava "olha, fulano de tal, que bacana" e o outro "com que é a história?" "Ah, eu não sei ler! Lê pra mim aqui que você vê também!" Então era muito comum isso aí, né? E depois ele começou a viajar... aí o que aconteceu, ele sempre teve um... ele nunca foi muito estável, durante muitos anos da vida, até a década de ... até o final dos anos 50 ele se movimentava muito. Mesmo ele estando aqui, tendo conseguido ser visto depois em alguns jornais que ele trabalhou, né, como redator, ele era um bom redator e era também, fazia muito tanto na parte de jornalismo, na parte de reportagens como na parte de opinião, né, editorial, ele sempre foi muito irrequieto. Em função disso, o que aconteceu, ele ficou aqui um tempo, logo ele resolveu viajar para o Rio de Janeiro outra vez, viajava para a terra dele, né, viajou para alguns lugares do Nordeste e tal, e como ele já tinha... aí já foram vindo outros, né. A essa altura ele já tinha conseguido fazer mais folhetos, produzir mais, né. Quando saiu o primeiro, ele já outros na gaveta, né. Mas aí foi facilitando...aí ele começou a publicar. Aí, o que aconteceu, quando ele foi para os grandes centros, principalmente se falando de Nordeste, principalmente na terra dele, ou em Recife, em João Pessoa, né, Rio de Janeiro e São Paulo, que eram os centros onde tinham o maior fluxo de pessoas, a grande maioria que se interessavam pela Literatura de Cordel. Mas ele também, vez por outra, ele fazia poesia lírica também. Ele era muito conhecido pelo Cordel, popularmente, mas entre uma poesia lírica e outra, entre um cordel e outro, ele ia fazendo, até que teve um número suficiente para fazer a

poesia lírica que está mencionada naquela autobiografia dele, quando saiu a primeira, né. Aí ele começou a ter contato com os poetas líricos também, né, de várias partes do Brasil, alguns do Nordeste... Um famosíssimo que ele teve contato, que é um conterrâneo dele, Eurícledes Formiga. Ele chegou até a (inaudível) o Eurícledes aqui, em Anápolis, na década de 70. Que era um poeta muito famoso, até mundialmente famoso, de família também de poetas, tinha uma irmã, era a... eu não lembro se era Margarida Formiga, também grande poetisa, e outros poetas, o Souto Maior, o Paulo Dantas, escritores até folcloristas. Conheceu o Câmara Cascudo, né. E aí a vida dele foi se generalizando, generalizando, em matéria de contatos com pessoas da Literatura. Com a inauguração de Brasília começaram a acontecer grandes eventos de Cordel em Brasília, e aí ficou fácil dele manter contatos. De vez em quando tinha grandes eventos, congressos, simpósios sobre Literatura de Cordel e ele comparecia a esses eventos, e a partir dessa vinda dele... Pode-se marcar 1950 – 49 / 50 – como a vinda dele para Goiás, porque depois ele viajava, mas já era fixado aqui, né. Ou seja, calcula a idade de 1924 para 1950, são 26, ele estava com 26 anos de idade aproximadamente, né, e ele depois falava muito sobre isso, que ele tinha uma coisa interessante que ele observou, que ele... Ele dizia o seguinte... eu não sei se existe algum estudo científico, mas ele preconizava muito esse princípio da sincronicidade. Que nós trazemos no nosso nome, no nome, na formação das letras do nosso nome, os aspectos importantes da nossa história, da nossa vida. Então ele dizia que do nome Paulo Nunes Batista você escreve a palavra Anápolis, escreve Eulina – que foi a esposa dele, a esposa que ficou com ele até o final da vida, e muitas outras coisas.

GM – E POETA, né? Ele fazia a brincadeira com o nome...

HAKM – E poeta também! Poeta, com Paulo Nunes Batista... então ele falava que ele veio para Anápolis e Anápolis foi a cidade que ele ficou para o resto da vida, ele que era tão... ele viajava muito depois, ainda mais quando ele... na década de 70, ele teve uma vida muito difícil. Para sustentar os filhos – ele teve onze filhos – ele sempre foi muito responsável com todos eles, ele sempre sustentou e todos tiveram ligação com ele. Nenhum filho ficou afastado, todos vinham até visitá-lo, né, até depois de velhos. Alguns moravam no Rio de Janeiro, duas... E aí o que aconteceu: ele ficou morando aqui em Anápolis, mas tinha contato com as outras cidades e quando ele chegou em 1970 e... eu não me lembro se foi em 1974... ou 1972... ele fez um concurso público para fiscal do governo do Estado, e ele, com muita dificuldade, conseguiu entrar, passou. E isso foi um divisou de águas na parte financeira e até na vida mesmo em si, né, porque aquela vida tão sofrida, que era trabalhava hoje para comer amanhã, trabalhava de manhã para comer à noite, aí no que aconteceu isso facilitou para ele em matéria de publicar

livros, ele teve mais facilidade, né. E em função disso aconteceram muitas coisas, muita gente... ele ajudou muitas pessoas que precisaram, e ele acabou tendo facilidade para viajar mais. Coisa que era difícil, feita quase que na base da carona antes, aí ele já tinha, já comprou um carro, já tinha condição de viajar com a família, até para fazer um lazer. E ele foi trabalhando e também tendo contato com essas pessoas da literatura, porque antes era difícil para ele. Muita gente que morava em Santa Catarina, em Belo Horizonte, em outros lugares do país, Rio Grande do Sul, outras cidades do Nordeste, aí ficou fácil, ele tinha facilidade. Ele ampliou de forma substancial, né. Embora a grande verve dele fosse na área literária, na área da poesia propriamente dita, dos versos, ele tentou muitas, deixou muitos trabalhos e tentou várias na parte da prosa, aí você vai observar alguns contos, entendeu? Até porque ele foi da área de jornalismo, né? Isso foi o que eu apreendi.

GM – Certo. Como ele lidava com a questão da tradição? Com a tradição nordestina. Como era isso para ele, ele buscava preservar, ele fazia questão de dizer das raízes dele, das origens, como que ele vivenciou essa tradição aqui em Goiás?

HAKM – Essa parte da tradição nordestina para ele era uma coisa fundamental, foi até o último suspiro o Paulo sempre enfatizou, fez questão de ressaltar as raízes nordestinas, e não apenas nordestinas, mas a família, ele dava muito valor à questão da família, e também a parte cultural da família, porque você vai ver escrito, está registrado, os pais, tanto do lado do pai, quanto do lado da mãe, eles eram pessoas de tradição, da cultura da literatura de cordel e da cantoria. Por que a gente que não conhece, não faz diferença, mistura, mas existe uma certa diferenciação, embora sejam do Nordeste, existe o cantador, existe o poeta de cordel, existe o repentista, todos estão ligado a um mesmo tronco, né, mas são ramos que surgem de um mesmo tronco. E na família dele você encontra todos esses, né, e essa tradição ele chegou a fazer uma retrospectiva de famílias, ele encontrou familiares até em Portugal, os Nunes de Portugal, que já tinham ligação com as trovas. Então ele ressaltava isso, ele fazia questão de ressaltar, e não era só por causa dele, ele lamentava que o... lembrando essa tradição antiga da humanidade como um todo, em relação à própria transmissão da história através do poema, através da poesia, porque antes de existir a história escrita, ela era uma história narrada, ela era feita (você já sabe disso porque você estudou, mas só vou deixar gravado aqui) ela era transmitida através de verso, métricos, senão rimados, quase sempre rimados, para facilitar a memorização e para que a notícia fosse

transmitida através de grandes espaços geográficos e de grandes espaços temporais. Então as pessoas saíam viajando através de longas distâncias, transmitindo informações, muitas às vezes verídicas e muitas às vezes míticas, simbólicas, para poderem passar essas informações de um lugar para outro, até de gerações. E o Paulo mencionava isso. E ele lembrava, enfatizava, quando sempre, ele fazendo palestras, ele falava isso nas palestras, ele lembrava e falava... ele lamentava, falava "poxa, isso é uma coisa tão importante, que essa nova sociedade até mundial, globalizada está perdendo". Isso com certeza não vai ser perdido de tudo, sempre vão existir pessoas que vão, de alguma forma, preservar isso, de um jeito ou de outro, né. Que são pessoas como você, a Gláucia, que está procurando fazer e algumas outras pessoas que fazem, e fazem no Brasil, como fazem no Japão, fazem na Alemanha, fazem na Argentina, preservando as tradições do passado. Então isso para ele era sim uma coisa importante.

GM – Nós já falamos um pouco da atuação política dele, não é... e como foi para ele ser eleito para uma cadeira na Academia Goiana de Letras? Como ele recebeu essa nomeação, como ele a vivenciou e a exerceu?

HAKM – Segundo o que ele contava pra gente, ele... quando ele recebeu o aviso de que ia ser, de que o nome dele estava em... como pré-candidato para ser um dos membros da academia, ele recebeu assim, ele dizia "eu não esperava isso, até porque a minha área principal que era a Literatura de Cordel, eu sempre fui conhecido por isso". Ele tinha alguns trabalhos, a essa época ele tinha já vários trabalhos na poesia lírica e fazia palestras, tudo mais, mas ah... "eu não estava esperando, eu pensei que já tinha passado até a época de alguém me chamar, mas, de qualquer forma, eu não estava esperando isso e também não estou interessado agora, nessa altura do campeonato". Porque isso já foi chegando aos anos 2000. Aí ele... mas aí um amigo dele que ele já conhecia muito, que era um literato, que foi uma pessoa que contribuiu bastante na divulgação do nome dele, na poesia lírica, que muita gente não conhecia, que era o Gilberto Mendonça Teles, o professor Gilberto Mendonça Teles, que morava já no Rio de Janeiro, mas tinha sempre um contato com Goiânia, que é a terra dele, né, de Hidrolina, e o irmão dele, José Mendonça Teles, morava em Goiânia e tal. E o Gilberto procurou por ele e falou "você precisa aceitar, porque é importante o seu nome, até para você fazer justiça, para você ser um porta-voz, para você levar a poesia de Cordel para dentro da Academia. É muito importante. Se você deixar de ir, você pode até fazer isso, mas acontece que se você for, você não vai por você, você

vai pela poesia de Cordel, até pela tradição que você sempre fala, tal". Isso aí acho que ajudou um pouco a convencê-lo, sabe? Aí ele foi e passou a participar da Academia, mas ele já não tinha muito interesse. Teve uma época que chegando perto dos anos, antes um pouco dos anos 2000, já passando os anos 90, 95 em diante, ele não tinha mais predisposição, ele falou "olha eu não quero mais participar de nenhuma Academia". Nem da Academia local aqui da cidade, ele já tinha participado antes, ele lembrava de Academias que tinham surgido, mas tinham desaparecido, sem nem serem extintas, simplesmente deixaram de existir, as pessoas foram deixando de comparecer, né e... mas aconteceu um fenômeno que eu vou registrar. Você me perguntou da Academia Goiana de Letras, eu respondi alguma coisa. Mas teve um fato aqui em Anápolis que foi a criação da União Literária Anapolina. Em 1998 tinha uma senhora muito nobre, muito amiga, uma pessoa muito fina, que era uma professora aposentada, já octogenária, Dona Laurentina Murici de Medeiros, conhecida por Dona Loló. A última atividade dela havia sido... ela tinha sido professora no passado, professora do município, já era viúva há muito tempo, mãe de... tinha vários filhos, duas delas – duas filhas de criação, sobrinhas que ela havia criado... e essa Dona Loló, o último trabalho dela no município foi como Diretora da Escola de Artes Plásticas, Escola de Artes Osvaldo Verano, uma escola de artes plásticas que existe aqui em Anápolis ainda, é uma escola da prefeitura. Ela se aposentou, deixou o cargo, e aí ela falou "agora eu vou ficar sem muito o que fazer, então eu queria colocar em prática uma ideia que eu já trago há muito tempo. Por que Anápolis já procurou ter Academias muitas vezes e nunca deu certo, várias que foram fundadas não foram para a frente. Eu vou tentar agora ver se a gente consegue uma Academia, mas eu vou ficar até morrer, eu vou ficar enquanto eu tiver força eu vou ficar para não fechar, vou procurar contratar pessoas..." E ela pôs essa proposta em 1998, ela colocou essa proposta em pauta assim, divulgando com as pessoas, né, convidando pessoas, mas não dava muito certo, não aparecia pessoas, muitas pessoas. Mas chegou um momento que... tudo tem sua hora certa. Aí uma das coisas que o Paulo Nunes disse, ele falou "olha, eu não quero participar, mas eu vou dar uma sugestão: não fundem Academias, fundem alguma entidade, um grêmio literário, porque Academia, o nome já fala, é para agregar pessoas de uma elite literária, procurem congregar, fazer uma entidade que congregue pessoas populares, às vezes a pessoa é um estudante, uma pessoa que quer escrever uma poesia, quer recitar, tem um espaço para ela". Aí isso aí foi acatado, as pessoas levaram isso aí para a frente, acharam interessante a proposta, em função disso acabou surgindo a União Literária Anapolina – ULA. O nome foi sugerido por ele, porque ele disse que em uma língua, uma dessas línguas eslavas, uma língua lá do Oriente, ULA significa montanha, tal, então ele falou "olha, ULA é um nome interessante porque seria, tem esse significado já, né, e dá com o que a gente está querendo

fazer, que é uma União Literária Anapolina". E foi fundada em 2000. Aí os fundadores dessa instituição, os fundadores oficiais foram o Paulo Nunes Batista, a Dona Loló em primeiro lugar, que é a idealizadora, o Paulo Nunes Batista e o Jarbas de Oliveira, que era um grande amigo dele também, colega do fisco, e grande poeta. O Jarbas de Oliveira era poeta e dramaturgo, deixou muitas peças, deixou trabalhos na imprensa, né, e eles eram muito amigos, tanto o Jarbas de Oliveira quanto a Dona Loló faleceram em 2009.

GM – E até hoje existe a ULA? Ela tem uma sede?

HAKM – A ULA existe até hoje, tem uma sede. Essa sede ela funcionou por vários anos em espaços emprestados pela prefeitura e quando foi por volta de 2012 ela conseguiu da prefeitura, entre 2011 para 2012, ela conseguiu da prefeitura um espaço exclusivo, que fica no bairro Maracananzinho. É um bairro não muito longe, é um bairro até relativamente nobre, fica muito próximo, a menos de 200 metros do Cartório Eleitoral... eu estou tentando lembrar o nome, mas logo eu lembro, me recordar o nome da rua, e esse espaço foi concedido, foi construída uma sede que é a sede própria da ULA, com espaço com tempo de utilização para ser renovado, e é um espaço que tem um pequeno auditório, tem sala de espera, tem espaço de biblioteca, tem sanitários. Eu vou dizer o nome da rua, chama Rua Ernesta de Pina, no bairro Maracananzinho.

GM – E na sua opinião a ULA hoje exerce a função que o Paulo Nunes idealizou no ato da fundação?

HAKM – Exerce, exatamente. Congrega pessoas de diferentes níveis literários, desde pessoas estudantes, pessoas às vezes até de 1° grau, aprendendo na escola, até pessoas de todos os níveis, aposentados, pessoas que quiserem, grandes escritores, qualquer coisa, lá é aberto, né. Agora, em função desta situação que está acontecendo, político-sanitária, houve uma certa restrição, mas ela tem assim uma atividade aberta, visitava escolas, levando eventos em escolas, principalmente escolas municipais, mas não só. E mesmo depois do falecimento da Dona Loló e do Jarbas de Oliveira, continuou com essas atividades. O Paulo ele se afastou, de certa forma, nos últimos 5, 6 anos antes dele falecer, ele estava afastado até pela dificuldade de locomoção. E esta entidade que é a União Literária Anapolina ela serviu de esteio, ou de ... vamos chamar assim de tronco para que surgisse uma Academia e que esta sim, tivesse uma sobrevivência,

uma vivência que até hoje, nos dias de hoje continua. Essa se chama Academia Anapolina de Letras – ANALE. E essa Academia ela funciona, ela tem várias cadeiras e o Paulo nunca quis participar, conforme ele já tinha falado que não ia participar mais de Academias. O último trabalho da ANALE, eu vou passar para você aqui. Não foi propriamente só da ANALE, foi da ULA e da ANALE. Esse aqui é da ULA, saiu agora, *Filhos da quarentena*. Você vai encontrar meu nome aí, não ao certo meu nome, mas você vai encontrar.

GM – Ah sim, eu vi que seu pseudônimo é Mulato Paulista... interessante.

HAKM – Sim, Mulato Paulista. Aí você vai encontrar aí dentro. Esse é um trabalho. Aquele outro trabalhinho que eu dei para você, que eu falei que tem capa de plástico, é o primeiro grande trabalho da ULA, que saiu em 2004, que é uma coletânea de obras, inclusive do Paulo Nunes Batista, inclusive tem a gente aí também, né. E em função disso foram saindo outros trabalhos que depois eu posso te passar.

GM – Obrigada! Bom, a última questão, eu gostaria de saber como surgiu esse "Pau-Brasil de Goiás" e como ele usava esse pseudônimo?

HAKM – Esse Pau-Brasil ele se enquadra naquela lítero-clípto nomenclatura, certo? Ele teve muitos pseudônimos, alguns que ele teve no passado ele dizia que era por questão política, para não se dar a conhecer, não queria colocar o nome. Então ele teve, por exemplo, Pena-Brasil. Pena-Brasil você vai ver que tem o nome dele, como um anagrama. Então antes disso com certeza houve outros, mas depois de um certo tempo, né ele usou esse critério e... Como é esse que você perguntou agora por último?

GM – Pau-Brasil de Goiás.

HAKM – Pau-Brasil de Goiás... É, tem um significado aí, que a gente vê né, como diz o outro, ele era pau para toda obra, como ele foi no passado, porque ele trabalho em muitos serviços, né, mesmo ele sendo da caneta, da pena, da máquina de escrever, ele exerceu muitas atividades,

né, porque precisava às vezes, nem sempre estava no ponto aquilo que ele queria e poderia fazer. Então aí ele coloca... e o amor que ele teve por Goiás. Ele tinha assim um carinho por Goiás, a terra que o acolheu, ele sempre mencionava isso. Ele nunca abandou, para você ver, uma pessoa que vem com 24, 26 anos e fica em Anápolis 70 anos fatalmente ele... isso é uma coisa natural na linguística, na antropologia, ela vai moldando até a forma de falar, de conversar. O Paulo Nunes não perdeu isso. O Paulo Nunes se ele chegasse na terra dele, não acontecia como acontece comigo, que eu vou a São Paulo, depois de 30 anos, e as pessoas falam "poxa, Henrique, você é daqui de São Paulo?", quem não me conhece, eu falo sou, sou nascido aqui. Eles falam ah, achei que você fosse de Minas, nem falam Goiás... Eh, os daqui falam "você não é daqui"... O Paulo Nunes não. O Paulo em qualquer lugar em que ele chegasse, a pessoa podia até não saber se ele era da Paraíba ou do Pernambuco, mas ia saber que ele era... quem tinha um pouco mais de convívio, ia saber que ele era do Nordeste. O nordestino sabia que ele era da Paraíba, eles sabem. O nordestino, a gente vai aprendendo também né, mais ou menos eu tenho uma noção de diferenciar o cearense do paraibano, o baiano, é diferente, é bem diferente, e o baiano do cerrado é diferente do baiano da caatinga. Então, o Paulo Nunes não. Ele conservou essa marca registrada do sotaque, ficou sempre uma coisa sagrada para ele, ele conservou. Uma característica dele. Conservou aquilo que ele trazia no corpo, na voz, de forma que quando ele falava de Cordel, porque Cordel é uma coisa que não há nenhuma lei escrita que determina que é do nordeste, mas assim por naturalidade, o Cordel floresceu no Nordeste. Por que as raízes brasileiras são nordestinas. O Brasil, não a terra, mas o Brasil político ele nasceu no Nordeste. Tudo que se desenvolveu no Brasil, os grandes pensadores do século XVIII são nordestinos, né. Não existia Rio de Janeiro, antes de 1750, quando você falasse de alguma coisa grandiosa em matéria de literatura você ia se reportar a Salvador, Recife, aquela parte principalmente, Olinda... de formas que tudo é nordestino, então a literatura até no século XIX os grandes literatos, como José de Alencar, eles foram publicar coisas no Rio de Janeiro, mas ele eram né, Augusto dos Anjos, todo esse pessoal, sem exceção, eram a maioria do Nordeste, e o Paulo Nunes ele preservava, ele sabia disso, ele não apenas sabia, como conservava isso como um registro cultural e isso que ele escreve aí, esse pseudônimo, tem um pouco disso também, mas ele sempre respeitou e sempre teve um carinho muito grande por Goiás. Tanto que ele coloca o nome de Goiás.

GM – E remete um pouco também à origem do nome Brasil, à árvore que deu o nome ao nosso país e ele coloca também o estado que o acolheu...

HAKM – Isso, exatamente.

GM – Genial. Sr. Henrique, eu agradeço demais pela entrevista, pela aula, foi uma aula para mim.

HAKM – Foi com base naquilo que a gente convive, tem muitas outras coisas que daria para falar ainda, mas assim de uma forma resumida, pelo pouco que a gente teve possibilidade de saber são esses dados. Qualquer outra coisa que você precisar para complementar, pois pode ser que eu tenha saído um pouco da linha dos fatos, mas você vai encontrar naquele texto escrito, na autobiografia dele.

GM – Ok, muito obrigada.

59:52.80

EDITORA LUZEIRO

Contribuindo para EDUCAÇÃO
do POVO BRASILEIRO

Tel.: (11) 5585-1800 / 5589-4342
www.editoraluzeiro.com.br
e-mail: vendas@editoraluzeiro.com.br
Rua Nogueira Martins, 538 - Saúde - CEP 04.143-020 - SP

PAULO NUNES BATISTA

ZÉ BICO DOCE
O REI DA MALANDRAGEM



LITERATURA DE CORDEL

COLEÇÃO LUZEIRO
LITERATURA DE CORDEL

ABC dos Namorados
Amigos do Barulho e o Bandido Carne Frita
Amor de Mãe
Amor e Martirio de uma Escrava
Amor em Face do Destino
Amor entre a Verdade e o Punhal
Amor que Venceu a Morte
Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos
Antônio Silvino – Vida, Crimes e Julgamento
Astúcias de Camões
Aventuras de João Desmantelado
Aventuras de Simbá, o Marujo
Batalha de Oliveiros com Ferrabrás/A Prisão de Oliveiros
Belisfronte, o Filho do Pescador
Bicho de Sete Cabeças
Boi Leitão ou O Vaqueiro que não Mentia
Boi Misterioso
Bom Pai e o Mau Filho
Briga de Dois Matutos por Causa de um Jumento
Briga de São Pedro com Jesus por Causa do Inverno
Cabras de Lampião (edição especial-48 páginas)
Cachorro dos Mortos
Cangaceiro do Nordeste
Cangaceiro Isaías
Capitão do Navio
Carta de Satanás a Roberto Carlos
Cavaleiro das Flores
Celeiro Poético
Chegada de Lampião no Céu
Chegada de Lampião no Inferno
Chegada de Lampião no Purgatório
Chicuca, o Professor dos Ladrões
Cidrão e Helena/ João Besta e a Jia da Lagoa
Coco Verde e Melancia
Como Ser Feliz no Casamento
Comprador de Barulho
Confissão de Antônio Silvino
Conselhos do Destino
Contador de Mentira
Coragem de Juquinha pelo Amor de Ivonete
Coragem de um Vaqueiro em Defesa do Amor
Corisco, o Sucessor de Lampião
Daniel e seus amigos disputando uma Princesa
Dimas e Madalena nos Labirintos da Sorte
Disputa de Bocage com um Padre
Dois Amigos Leais
Donzela Teodora
Duquesa de Sodoma
Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte
Encontro de Cancão com Vicente o Rei dos Ladrões
Encontro de Lampião com Adão no Paraiso
Encontro de Lampião com Dioguinho
Encontro de Lampião com Saturnino no Inferno
Encontro de Tancredo com Getúlio Vargas no Céu
Enfrentando a Morte
Enjeitado de Orion
Escrava do Destino
Escravo Fiel
Exemplo do Menino que Falou no Ventre da Mãe
Fera de Petrolina
Ferreiro das Três Idades
Festa da Bicharada
Filha da Louca do Jardim
Filha de um Pirata entre a Espada e a Sorte
Filho de Evangelista do Pavão Misterioso
Filho de Juvenal e a Serpente de Fogo
Filho do Herói João de Calais
Força do Amor (Alonso e Marina)
Geraldo e Silvina
Gigante Quebra – Osso e o Castelo Mal Assombrado
Grande Combate de Neve Branca com João Cabeleira
Grande Debate de Camões com um Sábio
Grande Debate de Lampião com São Pedro
Grinaura e Sebastião
Helena, a Virgem dos Sonhos
Herói da Montanha Negra
Herói João Canguçu
Heróis do Destino e o Monstro da Mata Escura
História, Vida e Morte de Luiz Gonzaga
Horácio e Enedina
India Neci
Intriga do Cachorro com o Gato
Já Bebi, Não Bebo Mais! Bebo Até Lascar o Cano!
Jerônimo, o Grande Herói do Sertão
Jesus Cristo e o Mestre dos Mestres
Jesus e o Homem do Surrão Misterioso
Joana D'Arc, a Heroina da França
João Acaba – Mundo e a Serpente Negra
João Cambadinho e a Princesa do Reino de Mira-Mar
João da Cruz
João sem Direção
João Soldado
João Terrivel e o Dragão Vermelho
João Valente e a Montanha Maldita
Jogador na Igreja
Josafá e Marieta
Juvenal e o Dragão
Lagoa Misteriosa e o Cavalo Encantado
Lágrimas de Amor
Lampião e Padre Cicero num Debate Inteligente
Lampião e Maria Bonita no Paraiso
Lampião e sua História Contada Toda em Cordel
Lampião, o Rei do Cangaço
Lobisomem Encantado
Louca do Jardim
Luta de Zé do Caixão com o Diabo
Manassés e Marili
Maria Bonita, a Mulher Cangaço
Mariquinha e José de Souza Leão
Martim Tomba Serra e o Gigante do Deserto
Martirios de Genoveva
Martirios de uma Mãe
Massacre de Canudos
Menino das Abelhas
Menino dos Bodinhos e a Princesa Interesseira
Mistério dos Três Anéis
Mistérios da Princesa dos Sete Palácios de Metal
Moça que se Casou 14 Vezes e Continuou Donzela
Mofino que virou Valente
Monstro sem Alma
Morte de Leandro. Saudades...
Morte, Testamento e Enterro de João Grilo
Mulher que Enganou o Diabo
Mulher que se Casou 18 vezes
Mulher Roubada
Negrão do Paraná e o Seringueiro do Norte
Nequinho e Jandira
Neto de José de Souza Leão
Noiva do Diabo
Novas Proezas de Bocage
Olhos de Dois Amantes por Cima da Sepultura
Padre Cicero, o Santo do Juazeiro
Pai que Forçou a Filha Sexta Feira da Paixão
Papagaio Misterioso e os Sofrimentos de Jobão
Pavão Misterioso
Pedrinho e Julinha
Peleja de Azulão com Palmeirinha
Peleja de Manoel do Riachão com o Diabo
Peleja de Rodolfo Coelho com Manoel D'Almeida Filho
Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte
Peleja de Zé Pretinho com Manuel do Riachão

PAULO NUNES BAPTISTA

★

Direção de
GREGÓRIO NICOLÓ

ZÉ BICO DOCE
O REI DA MALANDRAGEM

Registrado na Associação Nacional de Violeiros e Trovadores

© Copyright 1960 — Editôra Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil
Reservados à Editôra todos os direitos de propriedade literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.468

★

EDITORA LUZEIRO
Rua Dr. Nogueira Martins, 538 CEP 04143-020
São PauloTel/Fax (11) 5585-1800
CNPJ 43.826.643/0001-00
Inscr.Estadual 109.085.107.110
Editora Luzeiro Limitada

PAULO NUNES BAPTISTA

ZÉ BICO DOCE
O REI DA MALANDRAGEM

★

Leitores, eu vou contar
A vida de Bico Doce
O sujeito mais sabido
Que neste mundo encontrou-se.
O proprio Cancão de Fogo
Com êle um dia embrulhou-se.

Zé Bico Doce nasceu
Disse-me quem assistiu
Antes do tempo esperado
Para o mundo êle existiu;
Nasceu andando e falando
Coisa que nunca se viu.

O pai de Zé Bico Doce
Era um ladrão de primeira,
Profissional do baralho
E batedor de carteira,
Passar "contos do vigário"
Foi sempre a sua carreira.

A mãe de Zé Bico Doce
Era a maior linguaruda:
Falava da vida alheia
Que era "um Deus nos acuda",
Vivia à custa dos outros
Pedindo, sempre, "uma ajuda"...

Já diz aquele ditado:
"Filho de peixe é peixinho".
Zé Bico Doce saiu
Aos pais em tudo igualzinho
E, seguindo seus exemplos,
Foi pelo mesmo caminho.

Na infância de Bico Doce
Falarei só de passagem:
E certo é que êle criou-se
No meio da malandragem
Não achou nunca um menino
Que lhe levasse vantagem.

Quem foi ao Rio conhece
O tal Morro de Mangueira:
Foi ali que o Bico Doce
Passou sua infância inteira
Cantando samba e brigando,
Treinando a passar rasteira.

Aos seis anos já sabia
Manejar uma navalha;
Já fumava e já bebia;
Tinha ganho uma medalha
Num "Concurso de Mentiras"
Era um perfeito canalha.

Os segredos do baralho
Seu proprio pai lhe ensinou,
Mas dentro de pouco tempo
No pai a perna passou
Daí pra diante, ninguem,
Nunca, um jôgo lhe ganhou.

Com sua conversa mole
Já sabia conquistar...
Toda garôta que via
Já queria namorar
A todas pedia beijos
E prometia casar...

Passava os dias atôa
Ou no jogo de baralho.
Dizia: — "Não fui criado
Para viver de trabalho...
E enquanto houver gente tola
No mundo eu não me atrapalho".

Um dia fugiu de casa
E lá nunca mais voltou.
Os quatro cantos do mundo
Bateu, mexeu, revirou.
Até o proprio diabo
Zé Bico Doce enganou.

Tirou carta de malandro,
Diploma de vagabundo.
Sentia pelo trabalho
O desprezo mais profundo.
Foi o maior vigarista
Que já viveu neste mundo.

Nunca pegou no pesado
Nem teve nunca patrão:
Passar a perna nos trouxas
Era a sua profissão
Tinha uma sorte danada
Nunca conheceu prisão.

Era muito respeitado
Pelos malandros do Rio
O bôlso de Bico Doce
Nunca se encontrou vasio.
Tinha uma bôa aparencia
Andava sempre "no fio".

Dinheiro e mulher bonita
Sempre teve com fartura
Era um mulato escolado,
Gostava da côr escura.
E não passava êsse dia
Sem fazer uma aventura.

A ler, contar e escrever
Por si mesmo êle aprendeu.
Do grande livro do mundo
Todas as páginas leu
E com letras de aventuras
A sua história escreveu.

Com relações a mulheres
Zé Bico Doce era "o tal",
Não engeitava parada
E nem se saía mal,
Causava mais sensação
Do que o proprio "Amaral".

Teve mais de mil mulheres
Foi pior que Barba Azul,
Comprou um "harém" de escravas
Na cidade de Estambul,
Fez moça tomar veneno
Desde o Norte até o Sul.

Como já diz o seu nome
O moleque era bicudo,
Tinha uma fala bem mansa,
Macia que só veludo,
Com êle a mulher soltava
Coração, dinheiro e tudo!

"Mulher é como sapato"
Costumava êle dizer:
"Só presta bonito e novo
E mole, pra não doer...
Tem que usar bastante graxa
Pro couro velho render..."

"Mas, desgraçado do homem
Que fizer o que ela quer
Se não for duro já sabe
Que perde logo o mistér...
Precisa muita ciência
Para lidar com mulher!"

"E' preciso sempre usar
Muita cabeça e carinho,
Porque há mulheres que são
Pedaços de mau caminho
Quanto mais o homem dá flôres
Elas só nos dão espinho..."

Certas mulheres só vão
Com muito cuidado e jeito:
Muitas delas quando gostam
Dizem logo — "Não aceito!..."
Quem fizer o que elas dizem
Acaba louco perfeito..."

"Infelizmente há mulheres
Que são duras de roer...
A gente estuda cem anos
E nunca chega a entender...
Com essas não aconselho
Ninguem seu tempo perder."

"A mulher só vence o homem
Por meio da traição.
Conforme se lê na Biblia
Mãe Eva enganou Adão
Tentando êle a comer
O fruto da perdição..."

"Dalila traiu Sansão
E continua hoje em dia
A mesma história de sempre
Com Chica, Antonia ou Sofia,
Mas, em falas de mulher
Só um bobo é quem se fia..."

Zé Bico Doce dizia
Que nunca se apaixonou
E muita dona bacana
De queixo mole deixou...
Pois da sua bicaria
Ninguem nunca se livrou.

Zé Bico Doce uma vez
Passando pelo sertão,
No Estado de Goiaz,
Na cidade de Matão
Roubou uma linda môça,
Fez enorme confusão.

Era num dia de festa
Quando êle em Matão chegou:
Pôs uma banca de jôgo
Depois que o impôsto pagou,
E o dinheiro da cidade
Em poucas horas tomou...

Depois que a turma "alisou"
Bico Doce disse assim:
"Já que não tem mais dinheiro
A festa acabou pra mim...
Vocês vão me desculpando
Não ficar até o fim..."

Com o bôlso cheio da nota
Êle ia se retirar
Quando um grupo de donzelas
Perto dele viu passar
E deu-lhe logo vontade
De uma delas conquistar.

Para poder começar
Um assunto de namôro
Êle fez que tropeçava,
Somente por desafôro,
E pôs no dedo da moça
Uma aliança de ouro.

A coisa foi tão ligeira
Que somente ela notou,
O Zé lhe pediu desculpa
Na hora que tropeçou...
Mas, a aliança no dedo
Da dita môça ficou...

A môça desconfiou,
Quiz a aliança tirar,
Porem ficou tão vexada
Que nem podia falar,
Bico Doce aproveitou
Logo pra se declarar...

Disse: — "Eu ia viajar
À procura da esperança
Agora vejo que achei
A rainha da bonança
E o Destino já botou
Entre nós, uma aliança..."

A môça ficou mais mansa
E a conversa prosseguiu.
Zé pôs sua bicaria
E o tal "brotinho" caiu:
Antes de findar a noite
Com êle a môça fugiu.

A moça não era boba
Embora sendo da roça,
Só falava em casamento
E o Zé levando na troça
Mas de repente êle viu
A coisa ficando grossa...

E' que a tal moça fujona
Que se chamava Maria
Descobrindo ainda a tempo
Que o Zé casar não queria,
Resolveu voltar pra casa,
Dizer que se arrependia.

Desta vez Zé Bico Doce
Ficou bastante encrencado,
O pai de Maria era
Um valentão afamado,
Já tinha perdido a conta
Dos que êle tinha matado.

Quando descobriu a fuga
Da filha com o Bico Doce
Foi dizendo a todo mundo:
"Hoje o diabo soltou-se...
Se eu não encontro êsses dois
Pra mim o mundo acabou-se..."

Saiu feito um condenado
Pelas ruas de Matão
Buscando a filha fujona
E o Bico Doce ladrão,
Descobriu o rumo deles
E seguiu na direção.

Alugou um caminhão
E saiu estrada afora.
Disse: — "Toca para Anápolis,
Não podemos ter demora...
Fé em Deus e pé na táboa
Que está passando da hora..."

Leitor, vejamos agora
O que é que acontecia
Lá na Estação de Anápolis
Na hora que o trem partia:
Bico Dôce procurava
Inda convencer Maria.

Quando o trem já se movia
O pai da moça chegou:
Zé, sem perda de um minuto
O último carro pegou
O velho inda deu dois tiros
Mas Bico Doce escapou...

A moça foi quem levou
Uma surra de primeira
E nunca mais quiz saber
Dessa triste brincadeira...
E o Bico Doce dizia:
"Não vou bem, desta maneira..."

Entre outras muitas façanhas
Que o Zé Bico Doce fez
Tem uma de um tal noivado
Que eu vou contar a vocês:
Êle tratou casamento
Com três moças de uma vez...

Levou na conversa as três
Com sua panca exquisita.
Uma se chamava Rosa,
Outra se chamava Rita
E a outra era uma escurinha
Por nome de Benedita.

Dessas três a mais bonita
Era Rosa, uma lourinha.
Era formada em fogão,
Professora de cozinha,
Trabalhava no Leblom
E só andava na linha.

Foi coroada "Rainha"
Num baile de gafieira.
Bico Doce estava lá
No meio da brincadeira
Despertou na tal lourinha
Uma paixão verdadeira.

Por uma semana inteira
O Zé conquistou a Rosa:
Ela foi nas águas dele
Toda faceira e pancosa
Noivaram e trataram o dia
Para fazer a entrosa.

O Zé com a sua prosa
Deixou Rosa caidinha
Quando ela estava segura
Dando fita e dando linha.
Bico Doce começou
Namorando com Ritinha.

A Ritinha era morena,
Trabalhava de enfermeira,
Ganhava um bom ordenado
Num hospital de primeira,
Trajava na última moda
E era namoradeira.

Pela seguinte maneira
Bico Doce procedeu:
Fingiu que cortava um dêdo
E para o hospital correu
Procurando uma enfermeira
Foi Rita quem lhe atendeu.

Zé Bico Doce meteu
A bicaria sem pena
De tarde saiu de bonde
Conversando a tal morena,
Pediu Rita em casamento,
Comprometeu a pequena.

Pouco depois desta cena,
Controlando Rosa e Rita,
Zé Bico Doce firmou
Namôro com Benedita,
Esta era uma mulata
Muito "bôa" e bem bonita.

A mulata era perita
Em pontos de candomblé:
Dançava numa macumba,
No feitiço tinha fé
Ficou gostando do tipo
E da conversa do Zé.

Bico Doce tomou pé
E bancou o "Pai de Santo"
Deu uns passes na mulata
Para tirar o quebranto
Dizendo com seus botões:
"O amor dessa eu garanto..."

Já fazia um mês e tanto
Que êle a coisa controlava:
Um dia encontrava a Rosa,
No outro com Rita estava
E às sextas, no candomblé
Por Benedita esperava.

Com todas as três falava:
"O meu desejo é casar
Daqui para o fim do ano,
Não posso mais esperar..."
Rosa, Rita e Benedita
Começaram a se aprontar.

A Rosa tinha um irmão
Dono de alfaiataria,
Apresentou Bico Doce
Com toda diplomacia
Trataram logo do terno
Que era para o grande dia.

Rita tinha economia
De uns quarenta mil cruzeiros,
Foi logo com Bico Doce
Nos melhores costureiros...
Zé andava numa pinta
Que invejava aos companheiros.

Benedita apresentou
Bico Doce ao povo dela,
Tinha um tio que era rico
E estimava a donzela
Prometeu dar tudo aos noivos
Da roupa ao véu e à capela.

Bico Doce arranjou tudo
Quanto tinha precisão:
Comprou um apartamento
Com entrada e prestação,
O tio de Benedita
Foi fiador na questão.

Cavou logo com o irmão
Da Rosa, uma gaita bôa...
E foi controlando a coisa
Ligeiro como quem vôa,
Trabalhando com a cabeça,
Não perdia tempo à tôa.

Estava chegando o dia
De fazer o casamento:
Rosa, Rita e Benedita,
Todas três num só momento
Esperavam o fim do ano
Pra realizar seu intento...

Conforme seu pensamento
Bico Doce planejou:
Com as três, para um só dia
O casamento marcou...
Findava o mês de Dezembro
Dia trinta e um chegou!

Conforme êle combinou
Deveria se encontrar
Com cada uma das noivas
Na igreja, aos pés do altar...
Na hora determinada
Todas três foram esperar...

Leitor, pode imaginar
Como foi interessante
Quando as três noivas chegaram,
Cada qual mais elegante,
Seguidas de seus padrinhos
À espera de seu amante...

Começa a passar da hora
E o Zé nada de chegar...
As três noivas, já nervosas,
Começaram a conversar:
A Rosa, que era de briga,
Pegou a desconfiar...



A Rita pôs-se a chorar,
Benedita se amuou!
"Quéde o noivo que não vem?"
O tio lhe perguntou.
Ela disse: — "Minha gente!
Que fim o Zézin tomou?..."

Nisto a Rosa perguntou:
"Seu noivo chama Zezinho?"
Benedita respondeu:
"E' o nome do meu noivinho".
A Rita disse: — "Parece
Que eu já descobri tudinho..."

Tinha um retrado do Zé
Que ela guardava no seio,
Perguntou a Benedita:
"Será seu noivo êste feio?"
Disse ela: — "E' êste mesmo!
Mas, por que foi que não veio?"

Saiu até tiroteio
Na hora da confusão:
Rita se atracou com Rosa,
Rolaram as duas no chão,
O padre correu dizendo:
"Mas, meu Deus, que barulhão!..."

Nesta mesma ocasião
Zé Bico Doce embarcava
Num avião bem veloz
Que para Cuba voava,
Bôas roupas e dinheiro
Em duas malas levava...

Fez ainda três bilhetes
Um para Rosa, outro pra Rita,
E finalmente o terceiro
Mandou para Benedita
Dizendo: "Com véu de noiva
Você deve estar bonita!..."

Depois que fez esta fita
Bico Doce se ausentou
E alguns anos viajando
Por toda parte ficou.
Um dia teve saudades
E à sua terra voltou...

Mas desde então procurou
Andar sempre disfarçado.
Depois do caso das noivas
Andava desconfiado
E nunca dormiu no ponto.
Sempre agia com cuidado.

Certa vez Zé Bico Doce
Levava a pior num jôgo,
Com um preto desconhecido
Que tinha os olhos de fôgo,
Que não era deste mundo
Zé Bico Doce viu logo.

O negro estava ganhando,
Não perdia uma partida...
Zé Bico Doce exclamou:
"Minha fama está perdida!
Mas, o diabo deste preto
Daqui não me sai com vida..."

Era a última jogada,
Bico Doce estremeceu...
Todo o dinheiro que tinha
Para o tal negro perdeu
Mas teve uma grande idéia
E assim êle procedeu:

Gritou pro negro: — "Colega!
Você é mesmo de fato?"
O negro se levantou
Tinha os pés como os de um pato...
Bico Doce então lhe disse:
"És o cão, mas eu te mato!..."

O negro, que era o Diabo,
Dando uma grande risada
Respondeu pro Bico Doce:
"Que é isso meu camarada?
Não tenha mêdo de mim
Que eu não vou lhe fazer nada..."

"Não lhe preciso dizer,
Você sabe quem eu sou...
Mas quero ser seu amigo
E porisso aqui estou:
Mil vezes o seu dinheiro,
Se você quer, eu lhe dou..."

"Você perdeu vinte contos
Vinte mil lhe posso dar!
E o que se passa entre nós
Prometo a ninguem contar...
Trago aqui um compromisso
Para você assinar!"

"Quando der a meia-noite
Nós vamos ao cemitério
Ninguem mais pode saber
Deste segrêdo o mistério:
Você assina com sangue,
Pois o contrato é bem sério..."

"O contrato diz assim:
Declaro que recebi
Vinte mil contos de réis
Por minha alma, que vendi,
Ao Diabo, nesta data.
Disso não me arrependi."

Bico Doce respondeu:
"Escuta, amigo, tem dó!
Acha que vendo a minha alma
Por vinte mil contos, só?!
Vê que a minha alma é granfina,
Vale mais que ouro em pó..."

"Se você quizer me dar
O que der meu pêso, em ouro,
Eu assino o seu contrato
Por menos é desaforo!
Sei que isso não vale nada
Pro seu imenso tesouro..."

Disse o Diabo: — "Seu Zé,
Não gosto de brincadeira!
Veja bem que hoje é meu dia
E' noite de sexta-feira...
E hoje eu ganho a sua alma
De uma ou de outra maneira."

Bico Doce então lhe disse:
"Vamos fazer uma aposta.
(Se não fôsse por você
Não faria essa proposta...)
More bem no meu assunto
Depois me dê a resposta."

"A proposta é a seguinte:
Vamos jogar novamente.
Eu quero um jôgo sem roubo,
Jôgo de gente decente...
Se ganhar, eu levo os vinte
Contos que perdi, somente...

"Se eu perder, minha alma é sua!
Faça dela o que quizer...
Pode assá-la na fogueira
Como melhor lhe aprouvér...
Não acha bôa a proposta?
Me diga, seu Lucifér!"

"Mas tem inda uma coisa:
Eu jogo é com o seu baralho.
Pra não dizer que eu roubei!
Não quero lhe dar trabalho...
Eu jogo de olhos fechados
E sei que não me atrapalho..."

Disse o Diabo: — "Está feito!
Aperte aqui minha mão...
Sei que você vai perder
Mas não quero discussão.
Se eu perder, em vez dos vinte
Contos, lhe pago um milhão..."

Zé Bico Doce sabia
Que o baralho era marcado.
Sendo assim, de todo jeito
O diabo estava atolado...
Botaram as cartas na mesa,
Cada um sentou de um lado.

Já na primeira saída
Zé Bico Doce ganhou...
Disse o diabo: — "Ladrão!
Desta vez você roubou...
A próxima vez é minha
Que a sua sorte acabou."

Na segunda, novamente,
Quem perdeu foi satanaz,
Que, irritado, reclamava:
"Eu não me equilibro mais...
Meu baralho está marcado,
Êle é sabido de mais..."

Mas já tinha feito o trato,
Não podia recuar.
Zé Bico Doce ganhou,
O cão teve que pagar
O dinheiro prometido
Não tinha outro jeito a dar!

Foi assim que o Bico Doce
Enganou o próprio cão.
Saiu muito satisfeito
Carregando o seu milhão,
O preto deu um estouro,
Desaparecendo, então.

Bico Doce em pouco tempo
Meteu o pau no dinheiro,
Fazendo as maiores farras,
Passeando no estrangeiro:
Fez coisas do arco-da-velha,
Correu quase o mundo inteiro.

Seguiu logo para a Europa:
Foi ver a França e París!
París das mulheres belas,
Das francesinhas gentís,
Dos cabarés afamados
Aquele grande país!

De París seguiu pra Londres,
Foi ver de perto as inglesas.
Foi à Itália e viu Roma.
Visitou as holandesas,
Namorou as espanholas,
Não gostou das portuguesas.

Da Europa foi à Ásia,
Visitou China e Japão;
A Índia, a Síria, a Turquia,
A Sibéria e o Indostão.
Tambem esteve na África
Viu o Saára e o sultão.

De volta dessa viagem
Veio sair na Argentina.
Já estava quase sem grana
Mas não maldizia a sina:
Arranjou uma viuva
Cheia da gaita e granfina!

Da Argentiná, Bico Doce
Volta ao Rio de Janeiro.
Separou-se da viuva
Quando acabou-se o dinheiro.
Disse: — "Prá viver quebrado
Prefiro mais ser solteiro"...

Um dia Zé Bico Doce
Cancão de Fôgo encontrou.
Que era um sujeito sabido
Sem demora êle notou.
"Como vai você, velhinho?!"
Zé Bico Doce o saudou.

Cancão de Fôgo lhe disse:
"Estou muito mal de vida!
Imagine que, outro dia,
Minha mulher foi vendida
Por mim, na feira, a um sujeito
Pra defender a comida..."

"Não tenho ninguem no mundo:
Nem irmão, nem mãe, nem pai.
Minha casa é minha roupa
Para onde eu vou ela vai.
Tudo que é meu vou levando
Qualquer prazer me distrai..."

"Gostei muito do seu tipo:
Você parece direito...
Deve ter bom coração,
Sei que não é mau sujeito!
Acho que eu hoje encontrei
Um amigalhão do peito!..."

"Eu estou na pindaíba,
Há dias não como nada...
Me empresta aí cem cruzeiros...
Não vai me fazer ursada!
Como é mesmo a sua graça?
Me diga, meu camarada!..."

"Eu me chamo Bico Doce,
Apelidado Zezinho.
Fui muito com sua cara,
Quero ser seu amiguinho.
Gostei da sua conversa
E tambem do seu jeitinho."

"Tenho aqui vinte cruzeiros
Entre nós vou repartir...
Vamos já matar o bicho
Naquele boteco ali...
Porem, me diga o seu nome
E onde você vai dormir!..."

"Me chame Cancão de Fôgo,
Sou o seu menor criado.
Ando à toa pelo mundo,
Pois sou meio avariado...
Costumo dormir nas praças
Não tenho quarto marcado."

"Entre nós tudo está certo,
Portanto, não tem perigo...
Você é bastante esperto,
Mas uma coisa eu lhe digo:
Não queira me tapear
Porque se estrepa comigo..."

"Nem precisa pensar nisso!..."
Cancão de Fôgo atalhou
"Já lhe conheço de nome,
Sou seu admirador...
Quando precisar de mim
Às suas ordens estou."

Depois que ficaram juntos
Zé Bico Doce e Cancão
Todo dia havia roubo
Não se encontrava o ladrão:
Um, agia com a cabeça,
O outro, empregava a mão...

A policia andava doida
Com os furtos misteriosos.
Só se via nos jornais:
"Os ladrões são perigosos!"
"Quem tiver dinheiro, esconda!"
"Cuidado com os criminosos!"

Certa vez, chegou ao Rio,
De Minas, um fazendeiro
Que fôra dar um passeio
Levando muito dinheiro:
Queria gosar a vida
Pelo Rio de Janeiro...

Quando o trem chegou no Rio
Que êle saltou na Estação
Não poude escapar das garras
De Bico Doce e Cancão
Tomaram até sua roupa
E seu último tostão...

O caso passou-se assim:
Zé Bico Doce arranjou
Um automovel de praça
E para a Estação levou,
Uma carta de chofér
Cancão de Fôgo roubou.

Logo assim que o fazendeiro
Saltou na Estação Central
Bico Doce ofereceu
Como é muito natural
O carro para levá-lo
Para o hotel principal...

Cancão dirigiu o carro
Para a mata da Tijuca.
Foi então que o fazendeiro
Viu que estava na arapuca...
Ninguem podia livrá-lo,
Porém, daquela sinuca!

Pararam o carro na estrada
E assaltaram o fazendeiro:
Tomaram tudo o que tinha
A mala, a roupa e o dinheiro!
Deixaram "o pato" na estrada
Nú, e fugiram ligeiro...



Mas, por causa desse assalto
Houve grande confusão:
Zé Bico Doce acabou
Foi brigando com Cancão
Cancão queria levar
Do roubo a maior porção!

Bico Doce lhe dissera:
"Vamos fazer o seguinte
Roubamos quarenta contos,
Cada qual fica com vinte".
Cancão de Fôgo, porém,
Tomou isso como acinte.

Disse: — "O trabalho foi meu,
Você quase não fez nada...
Eu só lhe dou cinco contos
Porque sou seu camarada;
Pelo direito, devia
Ser toda minha a bolada..."

Foram dividir o lucro
No quarto de uma pensão,
Começaram conversando
Depois saiu discussão.
Bico Doce então lhe disse:
"Tenha calma, meu irmão!..."

"Vamos dormir, que é melhor...
Precisamos descansar...
Você está meio afobado
Mas precisa se acalmar...
Amanhã, nós poderemos
As contas logo acertar..."

Deixaram a gaita guardada
Debaixo do travesseiro;
Deitaram na mesma cama,
Pra garantir o dinheiro...
Mas, nenhum dos dois dormiu
Com o olho no companheiro!

Quando foi de madrugada
Cancão, sagaz, levantou-se:
Tirou da cinta um punhal
Para matar Bico Doce
Êste, que estava acordado,
Ligeiro com êle agarrou-se.

Então, foi aquele rôlo:
Lá vai tabefe e vem tapa.
Todo mundo se acordou
Na pensãozinha da Lapa
Bico Doce apaga a luz,
Pega o dinheiro... e se escapa!

Quando a policia chegou
O quarto estava vazio:
Cancão saltou da janela,
Sumiu nas ruas do Rio...
Nunca mais viu Bico Doce,
Andava triste, sombrio...

Bico Doce escapuliu,
Viajou para a Bahia,
Dizendo: — "Senhor do Bomfim
Há de ser sempre o meu guia!
Eu vou trabalhar sozinho,
Não quero mais companhia..."

Na Bahia, Bico Doce
Foi certa vez a uma Igreja.
Saudou o padre, dizendo:
"Que Jesus louvado seja!
Vim convidar "seu" Vigário
Pra tomar uma cerveja..."

Zé Bico Doce sabia
Que ali se enchia da grana:
O padre punha dinheiro
Num baú, toda semana,
Que estava escondido atrás
De uma imagem de Sant'Ana.

O padre disse: — "Meu filho,
Isso é pecado mortal!
Só bebo vinho de Missa,
Pois é coisa natural...
Mas, tomar bebida forte
Para mim não é legal!"

Bico Doce então lhe disse:
"Padre, eu vim me confessar...
Eu tenho um grande pecado
E quero ao senhor contar:
Depois, faço penitência
Para Deus me perdoar!"

O Padre chamou: — "Irmão,
Vamos ao confessionário."
Entrou e disse: — "Meu filho,
Minha bôca é um sacrário
Conte todos os pecados,
Pode crer no "seu" Vigário..."

Bico Doce começou:
"Padre, minha mãe matei..."
O Vigário se assustou,
Disse: - "Filho, eu não escutei...
Repita o que você disse,
Pois eu mal interpretei!"

Bico Doce prosseguiu:
"Seu" padre, eu matei meu pai...
Matei tambem meu irmão...
E, desse jeito que vai,
Eu mato até o senhor
Se daqui logo não sai..."

De medo o padre tremia,
Foi saindo, devagar...
Correu pra porta da rua
Como um possesso a gritar...
Enquanto Zé Bico Doce
O cofre estava a buscar.

Atrás da imagem, de fato,
Êle encontrou o caixão
Onde o vigário guardava
A grana, com devoção...
Quando pegou no caixote
Foi chegando o sacristão.

Bico Doce, sem demora,
Passou-lhe uma capoeira.
O sacristão atirou-lhe
Na cabeça uma cadeira;
Bico Doce, se livrando
Desabalou na carreira.

Quando abriu o baúzinho
Viu que ali gaita era mato...
Os jornais só publicavam:
"O assaltante é um mulato;
Se a policia não prendê-lo
Isso é mais que um desacato!..."

Da Bahia Bico Doce
Seguiu para Pernambuco:
Fez tanto roubo em Recife
Que o povo ficou maluco;
Um Delegado matou-se
E outro acabou caduco.

No Rio Grande do Norte
Fez assaltos em Natal,
No Assú, em Baixa Verde,
Em Mossoró e em Macau;
Andou vestido de padre
Com o nome de Menelau.

No Ceará fez um furto
Num hotel de Fortaleza
Onde se hospedou seis meses
E não pagou a despeza:
Levou dez lençóis de cama
E uma toalha de mesa.

Meteu-se no Piauí
Como comprador de gado:
Fez um negócio da china
Comprou cem rezes fiado,
Deu tudo num caminhão
Mudou-se para outro Estado.

No Pará, Zé Bico Doce
Fez muita coisa tambem:
Um tal ladrão "Mão de Sêda"
Êle encontrou em Belem
Tomou-lhe até a camisa,
Deixou-o sem um vintém.

Do Pará, Zé Bico Doce
Foi finalmente a Manaus
Ali, quase não fez nada:
Os tempos estavam maus,
Borracha estava sem prêço,
Tudo em verdadeiro cáos.

Resolveu voltar ao Sul
Descendo pelo sertão.
Em Goiaz deu golpes certos
Em Goiânia e Catalão.
De lá seguiu pra São Paulo
Viajando de avião.

Em São Paulo êle encontrou-se
Com um rival perigoso
O bandido "Sete Dedos",
Um nome muito famoso;
Disse: — "Procuro outra praça
Pois não sou ambicioso".

Encontrou bons trabalhinhos
No Estado do Paraná:
Passou o conto do paco
Num bôbo, em Paranaguá;
Fez um assalto em Londrina,
Dez roubos em Maringá.

Levando cincoenta contos
Foi a Santa Catarina
Onde abriu casa de jôgo,
Fez dinheiro como mina
Deixou um sócio que tinha
Na mais completa ruina.

Seguiu até Pôrto Alegre
Mas não quiz saber do frio
Veio clandestinamente
Embarcado num navio
E, numa bela manhã,
Saltou de novo no Rio.

Foi morar no barracão
Do famoso Zé da Ilha,
Dizendo: — "Aqui onde estou
Nunca a policia me pilha.
Se vierem me buscar
Faço luta de guerrilha..."

Ficou uns tempos parado,
Trabalhando com moamba.
Era um "az" da batucada
E na rasteira era um bamba...
Se ainda não levou fim
Até hoje está no samba!...

★

HINO DA INDEPENDÊNCIA

Música: Dom Pedro I

Letra: Evaristo da Veiga

Já podeis da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil.
Já raiou a liberdade,
Já raiou a liberdade,
No horizonte do Brasil.

Coro

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil,
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

II

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil,
Nos imensos ombros, logo, (bis)
A cabeça ergue o Brasil.

Coro

Brava gente...

III

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil,
Houve mão mais poderosa, (bis)
Zombou deles o Brasil.

Coro

Brava gente...

IV

O Real Herdeiro Augusto,
Conhecendo o engano vil
Em despeito dos tiranos, (bis)
Quis ficar no seu Brasil.

Coro

Brava gente...

V

Revoaram tristes sombras
Da cruel guerra civil,
Mas fugiram apressados (bis)
Vendo o anjo do Brasil.

Coro

Brava gente...

VI

Parabéns ó brasileiros
Já com garbo juvenil;
Do Universo entre as nações (bis)
Resplandece a do Brasil.

Coro

Brava gente...

Composto por:
Programa Produções Gráficas Ltda.
C.G.C. 47.398.110/0001-17
Rua Domingos de Morais, 1757, cj. 8
SÃO PAULO

COLEÇÃO LUZEIRO
LITERATURA DE CORDEL

Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum
Perguntas do Rei e as Respostas de Camões
Piadas do Bocage
Pistoleiro Invencível
Prantos de Cacilda e a Vingança de Raul
Prêmio da Consciência
Presidente Tancredo, a Esperança que não Morre
Princesa Anabela e a Filha do Lenhador
Princesa da Pedra Fina
Princesa do Reino do Mar sem Fim
Princesa Rosamunda e a Morte do Gigante
Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões
Príncipe Enterrado Vivo e a Rainha Justiceira
Príncipe Formoso
Príncipe João - sem - Medo
Príncipe Natan e o Cavalo Mandingueiro
Prisioneiro do Castelo da Rocha Negra
Proezas de Bróca da Silveira
Proezas de João Grilo
Promessa da Vingança
Quando a Coragem Triunfa
Quatro Sábios do Reino e a Princesa Encarcerada
Quengo de Pedro Malazarte no Fazendeiro
Recompensa do Diabo
Rei Orgulhoso na Hora da Refeição
Renato e Mariana
Roberto do Diabo
Rogacino e Angelita
Romeu e Julieta
Rosinha e Sebastião
Rufino, o Rei do Barulho
Segunda Vida de Cancão de Fogo
Sertanejo Antônio Cobra Choca
Sino da Torre Negra
Sofrimentos de Alzira
Sofrimentos de Célia
Sorte do Amor
Tiradentes, o Mártir da Independência
Touro Preto que Engoliu o Fazendeiro
Traição de Dalila e a Força de Sansão
Três Cavalos Encantados e Três Irmãos Camponeses
Três Conselhos da Sorte
Três Conselhos Sagrados
Triste Sorte de Jovelina
Tubiba, o Desordeiro
Uma das Maiores Proezas que Antônio Silvino fez no Sertão de Pernambuco
Uma Tragédia de Amor ou A Louca dos Caminhos
Vaca Misteriosa
Valdemar e Irene
Valentão do Mundo
Valente Sertanejo Zé Garcia
Valente Vilela
Vaqueiro Damião
Vaqueiro do Barulho
Verdadeira História de Chico Xavier
Verdadeiro Romance do Herói João de Calais
Vicente e Josina
Vicente, o Rei dos Ladrões
Vida de um Nordestino em São Paulo
Vida e Testamento de Cancão de Fogo
Vida, Vingança e Morte de Corisco
Vingança de um Inocente
Vingança de uma Fada e um Anão Misterioso
Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira
Vitória do Príncipe Roldão no Reino do Pensamento
Volta de Lampião ao Inferno
Voando nas Asas da Asa Branca - Luiz Gonzaga
Zé Baiano, Vida e Morte
Zé Bico Doce, o Rei da Malandragem
Zezinho e Mariquinha

COLEÇÃO POPULAR DE LITERATURA DE CORDEL
FOLHETOS COM 16 PÁGINAS

Apuros de Chico e a Astúcia de João Grilo
Briga do Major Ramiro com o Diabo
Cantoria de um Caçador com o Diabo
Condessa Rosa Negra
Encontro de Lampião com Antônio Silvino no Inferno
Encontro de Lampião com o Coronel Pinga-Fogo
Exemplo do Ateu e o Vaqueiro que tinha Fe em Deus
História da Moura Torta
Horácio de Matos, o Herói da Chapada Diamantina
Idade do Diabo
João Azarento na Corte da Rainha Maravilha
Maria Besta Sabida
Matança de Corisco para vingar a Morte de Lampião
Nordeste, Terra de Bravos
Palhaçadas de João Errado
Peleja de Ivanildo Vila Nova com Guriatã do Norte
Peleja de Leandro Gomes com uma Velha de Sergipe
Peleja do Mestre Azulão com o Negro dos Pes Redondos
Príncipe que Trouxe a Sina de Morrer Enforcado
Raul Seixas entre Deus e o Diabo
Romance do Príncipe do Reino do Limo Verde
Serra do Ramalho – Um Brasil que o Brasil Precisa Conhecer
Três Folhas da Serpente
Ultimos Dias de Antônio Conselheiro na Guerra de Canudos
Valente João Corta-Braço e o Negrão Endiabrado
Zé Ruela

PEDIDOS EDITORA LUZEIRO
Rua Dr. Nogueira Martins, 538 - Saúde - Cep.: 04143-020
Fone.: (11) 5585-1800 / 5589-4342
www.editoraluzeiro.com.br - e-mail.: vendas@editoraluzeiro.com.br

Título da obra	N. Registro	Espécie
117) ABC para o Ano Novo (Ans., Dez. 1960)	42.353 — L.46-F.285 23-9-87	Folha Volante
118) ABC para o "Dia das Mães" (Ans., 1961)	42354 — L.46-F.286 23-9-87	Idem
119) ABC Sentimental do Trânsito (1ª edição) (Ans., Out. 02-1967)	42355 — L.46-F.287 23-9-87	Folheto
120) ABC das Águas (1ª e 2ª edições) (Brasília 1968 / 1969)	42356 — L.46-F.288 23-9-87	Separata do folheto do Benvindes
121) No Centenário da Vó — F. Vol. — Ans. 1988	63.101 — L.69-F.349-20-2-90	"Justiceiros e Fanatismo no Nordeste"
122) Ao Povo de Galheiros: (Leia e passe à frente)	63.102 — L.69-F.350-20-2-90	
123) Euclides da Cunha - Vida - Obra - Grandeza - Tragédia - Rio, 1989	63.103 — L.69-F.351-20-2-90	
124) Astúcias de Bertoldo - 32 p. (Prelúdio) 1/0	11.514 - L.9-F.459 - 04-8-58	
~~125) Furto de um Trovador~~	~~42.341 - L.46-F.279 - 23-9-87~~	
125) Um drama nas selvas do Amazonas 11 3/0	11.516 - L.9-F.460 - 7-8-58	
126) O filho do Valente Zé Garcia 4 6/0	12.484 - L.10-F.313 - ?	
127) Lábias do boré Mãozinha 4 7/	15.784 - L.12-F.340 - ?	
128) Onegrinho do pastoreio / Cantoria de Lourival Bandeira com Paulo Batista 2/0	11.515 - L.9-F.460 - 7-8-58	
129) Novas proezas de João Grilo 4/0	11.517 - L.9-F.460 - 7-8-58	
130) Zé Bico Doce, o rei da malandragem 5/0	12.468 - L.10-F.306 - 4-3-60	
131) O cordel iluminado	114.054 - L.171 - F.387 - 4-7-96	
132) História do Boi Mansinho e o Beato Zé Lourenço	114.055 - L.171 - F.388 - 4-7-96	
133) Meu ABC de cordel a Juazeiro do Norte	114.056 - L.171 - F.389 - 4-7-96	
134) Galheiros... e por que não?	114.057 - L.171 - F.390 - 4-7-96	
135) A vida e a obra em cordel de F. das Chagas Baptista	113.164 - L.169 - F.467 - 17-6-96	
136) Anápolis em tempo de música —	114.053 - L.171 - F.386 - 04-7-96	
137) O sal do tempo —	137.499 - L.220 - F. 3 - 17-9-97	
138) A vida atrapalhada do Zé Bico Doce Jan./49 — 18 p.	137.500 - L.220 - F 4 - 17-9-97	Tip. "A Luz"
139) ABC a Allan Kardec - F. Vol. - Ans. - Set./80	137.501 - L.220 - F. 5 - 17-9-97	
140) ABC da Lei de Umbanda F. Vol., 1967/Ans. — s/nome do autor	137.502 - L.220 - F. 6 - 17-9-97	
141) Candidato dos Trabalhadores F. Vol./maio/62	137.503 - L.220 - F. 7 - 17-9-97	
142) ABC improvisado ao som sem voz da caneta - F. Vol. - 58,79	137.504 - L.220 - F. 8 - 17-9-97	

(segue à p. 06) →

(06)

Título	Nº Reg.	Esp.	Data Reg.
143 – ABC para motoristas e pedestres – F. Vol. – Am.	137.505	L.220-F.9	17-9-97
144 – ABC do Professor (Mimeografado – F. Vol. Ano Out/97	137.506	L.220-F.10	17-9-97
145 – ABC do Novo Rio... (mimeogr. – Rio Jan./96	137.507	L.220-F.11	17-9-97
146 – Chamego, o urubu (contos) –	137.514	L.220-F.20	17-9-97

Obs. – Há 05 (?) folhetos da ex-Prelúdio, editados, dos quais não tenho números de Reg. nem data. Escrever pº a Luzeiro, em SP, ver se os obtenho.

Anotação em 02-12-97

01 –

RELAÇÃO GERAL DAS PUBLICAÇÕES DE CORDEL DE AUTORIA DE PAULO NUNES BATISTA

- FOLHETOS E FOLHAS VOLANTES -
FOLHETOS

	Título	Nº p.	Local/Data edição
1)	A vida atrapalhada do Zé Bico Doce	18	Anápolis/GO-1949
2)	Zé Bico Doce, o rei do roubo (2ª ed., modificad)	16	Anápolis/GO-1953
3)	Zé Bico Doce, o rei da malandragem (3ª e nov.ed.)	32	Prelúdio/SP-S/d.
4)	Proezas e peripécias de Dom Pedro Malazarte II	16	Anápolis/GO-1953
5)	Aventuras de Pedro Malazarte Segundo (2ª ed. - conj. c/Desafio de João Fava (Camponês) com Juca Baiacu (Praieiro) - 2ª edição -	12	Prelúdio/SP-S/d.
6)	Desafio de João Fava (Sertanejo) com Juca Baiacu ((Praieiro))	24	J.Pessoa/PB-1952
7)	Desafio de João Fava (Camponês) com Juca Baiacu (Praieiro) - 2ª ed., conj.-ver nº 5 acima -	19	Prelúdio/SP-S/d.
8)	Os namoros de Anápolis	8	Anápolis/GO-S.d.
9)	O menino-rato do Corumbá	8	Anápolis/GO-S.d.
10)	O disco voador	8	Anápolis/GO-S.d.
11)	O Disco Voador - 2ª edição - conj. c/Zé da Pinga e João do Contra	8	Ed. Souza/SP- ?
12)	O Disco Voador - 3ª edição - idem	8	Ed. Souza/SP-59
13)	ABC da Festa da Trindade	8	Anápolis/GO- ?
14)	A mulher que vive sem comer	8	Goiânia/GO- 1955
15)	Discussão de Xaxado e Domingão	8	Goiânia/GO- 1955
16)	Zé da Pinga x João do Contra	8	Goiânia/GO- 1956
17)	ABC de Tânia Maria	8	Anápolis/GO-1957
18)	A carne(de boi) faz falar fino?	8	Idem -1958
19)	A. B. C. para Dr. Juca	16	Idem -1969
20)	ABC da bicicleta	8	Idem - S.d.
21)	ABC do Motorista	8	Idem -1959
22)	ABC do Caminhão	12	Idem -S.d.
23)	A. B. C. de Brasília	8	Anápolis/GO-1957
24)	Brasília... em versos rimados	16	Idem -S.d.
25)	ABC do Doutor Sayão	8	Idem -1959
26)	A morte do Doutor Sayão (2ª edição)	8	Idem -1959
27)	ABC quase lírico de Anápolis	24	Idem -1960
28)	Arigó, voz do Invisível (pseud. Trovador Menor)	8	Idem -1963
29)	ABC da Festa do Gorino (pseud. Zé Goiano)	8	Idem -1962
30)	Um caso de honestidade	12	Idem -1960
31)	ABC do Formoso (pseud. Trovador Pau Brasil)	24	Idem Goiânia/GO -1957
32)	ABC do bom chofer (em quadras)	6	Idem Anápolis/GO -1960
33)	ABC sentimental do trânsito (Em quadras)	12	Idem -S.d.
34)	ABC sentimental do trânsito - 2ª edição -	12	Idem -1968
35)	ABC de Luz da Creche	8	Idem -S.d.
36)	ABC da APAE	8	Idem -1970
37)	ABC do Seguro (Assinado: P. N. Batista)(quadras)	14	Idem -S.d.
38)	ABC das Águas (inserido no opúsculo Misticismo e Fanatismo no Nordeste, de Aldenor Jayme Alencar Benevides - c/ 7 edições, em: Brasília-DF/1969 - 33 pp.; idem/1970 - 32 pp.; idem/sd; idem, digo: Juazeiro do Norte-CE, sd; Fortaleza-CE, 1982; c/ 39 pp.; Fortaleza-CE/1982 - 46 pp., e Juazeiro do Norte-CE/1999 - 44 pp. Obs.: Da 3ª ed. o autor não possui exemplar, e a 4ª ed. tem 46 pp.-)	8	

(cont. na fl. 02)

	Título	Nº p.	Local/Data edição
39)	ABC de Câmara Cascudo	20	Natal-RN, sd
40)	O homem que tocou pandeiro no inferno	16	Anápolis/GO- 1978
41)	O homem que tocou pandeiro no inferno	12	Rio/RJ - sd
42)	ABC do Dr. Sayão (3ª ed.)	8	Rio/RJ - sd
43)	J. K. pra Senador (Pseud. Trovador Pau Brasil)	8	Anápolis/GO- sd
44)	Votar é nosso dever (Psd. Pau Brasil)	8	Goiânia /GO - sd
45)	Uma voz contra o martírio do camponês... Zé Porfírio (Psd. Trovador Pau Brasil)	14	Anápolis/GO- 1962
46)	A história de Anápolis em versos	16	Idem - 1978
47)	A história de Anápolis em versos	16	Idem - 1979
48)	Pescarias... Pescadores...	16	Idem - 1978
49)	Vida e imortalidade de Alfredo Nasser (2 abcs)	16	Idem - 1978
50)	Eu, Paraíba e Brasília / O que vi, o que ouvi no congresso cordelista (cada um c/8 páginas)	16	Idem - 1978
51)	Eliodório... Sinhozinho (misto: cordel, prosa)	16	Idem - 1979
52)	O caso de Todi Rolf ou A História de uma injustiça	16	Idem - 1979
53)	ABC a Goianápolis (conj. c/texto em prosa Goianápolis Histórico, de Waldomiro R. Bitencourt, de 16 pp.)	8	Idem - 1980
54)	O Goleiro Campeão (1ª ed.)	20	Idem - 1980
55)	O Goleiro Campeão (2ª ed.)	20	Idem - 1982
56)	Um ABC para o Rotary	8	Idem - 1980
57)	A FAIANA e a cidade	16	Idem - 1980
58)	A história malassombrada do vira-latas Barão	16	Idem - 1980
59)	ABC para a Seicho-no-Iê	8	Idem - 1980
60)	Improvisos Espirituais (cordel e poes. culta)	16	Idem - 1980
61)	Argentário das 3 Barras	8	Idem - 1981
62)	ABC do Contador	8	Idem - 1981
63)	O Dentista em abc	8	Idem - 1981
64)	ABC Casa da Montaria	8	Idem - 1981
65)	Um abc da GOBRÁS	8	Idem -1982
66)	Ruy Gramático Maníaco ou Ho mem que quis consertar a língua	8	Idem - 1982
67)	ABC do Corretor de Imóveis	8	idem - 1982
68)	Reinaldo Reis: Violão/Canção	16	Idem - 1982
69)	Pondo o preto no branco... (Ps. Patativa do Pará)	16	Idem Idem - Sd
70)	A Voz do Povo falou... (Ps. Carlos Lino L. Horta)	8	Idem Idem - Sd
71)	15: A votação certeira - Para Prefeito João Moreira (Ps. Catalano Goiano do Brasil)	8	Idem - Sd.
72)	A. B. C. para F. Maxado, candidato a Presidente (Pseudônimo: Pau Brasil de Goiás)	8	S.Paulo/SP - Sd.
73)	História de Santa Dica	32	Anápolis/GO- 1983
74)	ABC para a F:. E:. E:: U:.	8	Idem - 1983
75)	A reportagem fiel deste IV Festival Nacional do Cordel em cordel nacional	8	Rio/RJ - 1983
76)	ABC para "O Peão Negro" de Enéas Athanázio	8	Blumenau/SC- 1983
77)	ABC a Pirenópolis	8	Anápolis/GO- 1983
78)	ABC para Haydée	8	Idem - 1984
79)	Poema de Pedra e Gesso	8	Goiânia/GO - 1970
80)	Um drama nas selvas do Amazonas (orig.vend.56)	32	Prelúdio/SP- SD.
81)	O Negrinho do Pastoreio (em conj. c/Cantoria de Lourival Bandeira com Paulo Batista, 10 p.)	22	Prelúdio/SP- Sd.
82)	Cantoria de Lourival Bandeira com Paulo Batista (ver citação acima nº 81)	10	Idem - Sd.

(cont. na fl. 03)

	Título	Nº p.	Local/Dat.ed.
83)	Novas proezas de João Grilo	32	Prelud./SP- Sd
84)	Autúcias de Bertoldo	32	Idem - Sd
85)	Novas astúcias de Bertoldo	32	Idem - Sd
86)	A herança que minha sogra deixou	32	Idem - Sd
87)	Lábias do Coré Mãozinha	32	Idem - Sd
88)	Os crimes do Goianão	32	Idem - Sd
89)	ABC do amor moderno	32	Idem - Sd
90)	O filho do Valente Zé Garcia	32	Idem - Sd
91)	O "X" do Doutor Peixoto (Pseud. Zé Trovador)	8	Anápolis/GO/198
92)	Um ABC sobre a mágica	8	Idem -1984
93)	Desafio de Eleitor Desiludido com Votante Esperançoso (Pseud. Zé Massa)	4	Idem -1986
94)	A reportagem rimada do VIII Festival Nacional de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas	8	Ceilândia/DF/85
95)	Pelo Brasil... e por você, vote no PT! (Pseud. Pretinho)	8	Anápolis/GO-86
96)	História rimada de um Candidato Porreta - Ele enfrentou a ditadura sem ter medo de careta (Pseud. L. Heitor)	10	Idem -1986
97)	ABC para Chico Xavier	8	Idem -1985
98)	ABC para o pintor	8	Idem -1985
99)	Aviso de um trovador ao Povo de Pirenópolis (Sem nome de autor)	8	Idem - Sd
100)	Agradecimento (nº XVIII Festival Nacional de Repentistas Campeões e Poetas Cordelistas)	8	Brasília/DF-89
101)	Euclides da Cunha - Vida-Obra-Grandeza-Tragédia	20	Rio/RJ - 1989
102)	I Encontro Artístico e Cultural realizado em Jaraguá - Improviso em Jaraguá	15	Jaraguá/GO- 84
103)	ABC de Aldo Arantes (Pseud. Zé Povão)	8	Goiânia/GO- 98
104)	No Festival 23 (XXIIIº Festival Nacional de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas) / Encontro dos Cantadores sobre o Monte da Oração / Um apelo cordelista feito ao Presidente Collor	16	Brasília/DF-91
105)	História do Boi Mansinho e o Beato Zé Lourenço	20	Juazeiro do Norte/CE-88
106)	Meu ABC de cordel a Juazeiro do Norte	8	Idem - 1990
107)	A vida e morte de Oripe, um chofer de caminhão (com duas edições feitas em computador, por Floriano Régis, cônsul do Brasil, em Colônia-Alemanha, e ilustradas com fotografias)	18	- 1998/99
108)	Galheiros... e por que não?! (Pseud. Zé da Onça de Galheiros)	10	Anápolis/GO-91
109)	A vida e a obra (em cordel) de F. das Chagas Baptista (pequena tiragem em computador)	6	Idem - 1992

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

a) De alguns dos folhetos acima relacionados foram tiradas mais de uma edição, a saber: I) Proezas e peripécias de Dom Pedro Malazarte II, a 1ª edição foi feita p/Autor (1953); nova edição saiu, sem data, em S.Paulo/Prelúdio, c/título de Aventuras de Pedro Malazarte Segundo.- II) Desafio de João Fava (Sertanejo) com Juca Baiacu (Praieiro) teve 1ª ed. em 1952; 2ª ed., c/ título de Desafio de João Fava (Camponês) com Juca Baiacu (Praieiro), s/d., saiu p/Prelúdio/SP. III) O Disco Voador - 1ª ed., do A., s/d; 2ª ed., p/Ed. Gráfica Souza Ltda./SP (o A. não possui exemplar); 3ª ed., idem, 1959. IV) Zé da Pinga x João do Contra - 1ª ed, em Goiânia-GO, 1956, do A.; 2ª - Ed. Souza (o A. não tem exemplar); 3ª ed., conjunta c/O disco voador, Ed. Souza/1959. V) ABC do Doutor Sayão, 1ª ed. do A., Anápolis/59; 2ª ed., c/título A morte do Doutor Sayão, idem; 3ª ed., ABC do Dr. Sayão, Gráf. Ed. GED, Rio/1978. VI) ABC Sentimantal do Trânsito (em quadras), 1ª ed./ Insp. Reg. Serv. Trânsito/Anápolis, 1968; 2ª ed., p/Ananias Braga,

(segue fl. 04)

Tip. Singra, Anáps./68. VII) ABC das Águas, com sete ed., conforme anotado às fls. 01, nr. 38. VIII) O homem que tocou pandeiro no inferno, 1ª ed. do A., Anáps./78; 2ª ed., Gráf. GED, Rio/78. IX) A história de Anápolis em versos - 1ª ed. do A., Tip. Glória, Anáps. 1978; 2ª ed., idem, 1979. X) O Goleiro Campeão - 1ª ed. do A. - Tip. Glória, APS/1980; 2ª, idem/1982. XI) A vida e morte de Oripe, um chofer de caminhão - 1ª e 2ª ed. feitas em computador, por Floriano Régis, cônsul do Brasil na cidade alemã de Colônia, c/várias fotografias. XII) O Negrinho do Pastoreio, 1ª ed.Prelúdio, sd.; 2ª ed. em Porto Alegre-RS. O A. não tem essa ediçao.

b) Paulo Nunes Batista vendeu os direitos autorais de edição dos seguintes folhetos: I) Zé Bico Doce, o rei da malandragem; II) Aventuras de Pedro Malazarte Segundo; III) Desafio de João Fava (Camponês) com Juca Baiacu (Praieiro); IV) Um drama nas selvas do Amazonas; V) O Negrinho do Pastoreio; VI) Cantoria de Lourival Bandeira com Paulo Batista. VII) Novas proezas de João Grilo; VIII) Astúcias de Bertoldo; IX) Novas Astúcias de Bertoldo; X) A herança que minha sogra deixou; XI) Lábias do Coré Mãozinha; XII) Os crimes do Goianão; XIII) ABC do amor moderno; XIV) O filho do valente Zé Garcia. Todos estes folhetos publicados em várias edições com grande tiragem, sendo que o Zé Bico Doce, o rei da malandragem, originais vendidos em 1955, vem sendo publicado em sucessivas edições com altas tiragens, há 44 anos, até hoje, e distribuído por todo o Brasil.

Além dos 14 originais supracitados - todos vendidos (direitos de edição) à empresa A. A. Lopes & Souza / Gráfica Editora Prelúdio, de São Paulo/SP -, o autor vendeu mais 3 (três): Bertoldinho, o filho de Bertoldo; Cacasseno, filho de Bertoldinho e neto de Bertoldo (ambos de 32 páginas) e ainda História do Índio Afonso (64 págs.), que a empresa editora nunca publicou.

PNB tentou readquirir os direitos autorais de seus folhetos Zé Bico Doce, o rei da malandragem, História do Índio Afonso e outros, mas a empresa editora adquirente alegou que um incêndio destruíra parte do seu acervo de originais, cujos direitos editoriais foram por ela comprados de diversos poetas cordelistas do Nordeste, inclusive do autor, razão da não publicação dos mesmos. À época, dita empresa tinha por nome de fantasia Editora Prelúdio Ltda. Sua sucessora denomina-se Editora Luzeiro Ltda, digo, Limitada, estabelecida na Rua Almirante Barroso, 730 - São Paulo-SP - CEP 03 025-001 - telef. 01411-292-3188. A Prelúdio enriqueceu editando cordéis de autoria dos melhores autores, enquanto estes ficaram mais pobres, abandonando a poesia popular.

c) Os direitos de edição do ABC da Bicicleta foram vendidos pelo autor à empresa Agência Humber, de Anápolis-GO.

Anápolis, 10-9-99

Seleção de trabalhos de cordel de autoria de Paulo Nunes Batista, feita pelo próprio autor:

Folhetos

Título	Nº págs.
1 - História de Santa Dica	36
2 - Os crimes do Goianão	32
3 - O filho do Valente Zé Garcia	32
4 - Desafio de João Fava (Camponês) com Juca Baiacu (Oraieiro)	24
5 - Um drama nas selvas do Amazonas	32
6 - O Negrinho do Pastoreio	22
7 - A herança que minha sogra deixou	30
8 - ABC de Brasília	8
9 - Uma voz contra o martírio do camponês... Zé Porfírio	14
10 - ABC do Formoso (Pseudônimo: Trovador Pau Brasil) (Pseudônimo: Pau Brasil)	24
11 - ABC da Bicicleta	8
12 - ABC do Caminhão	12
13 - ABC do Dr: Sayão	8
14 - Arigó, Voz do Invisível (Pseudônimo: Trovador Menor)	8
15 - ABC das Águas	8
16 - ABC de Câmara Cascudo	8
17 - O homem que tocou pandeiro no inferno	16
18 - Eu, Paraíba e Brasília	8
19 - O caso de Todi Rolf ou A história de uma injustiça	16
20 - Um ABC para o Rotary	8
21 - A história malassombrada do vira-latas Barão	16
22 - O dentista em abc	8
23 - Ruy Gramático Maníaco ou O homem que quis consertar a língua	8
24 - A.B.B. para F. Maxado, candidato a Presidente (Pseudônimo: Pau Brasil de Goiás)	8
25 - ABC para o "Peão Negro" de Enéas Athanázio	8
26 - Euclidesd da Cunha, vida, obra, grandeza, tragédia	20
27 - História do Boi Mansinho e o Beato Zé Lourenço	20
28 - Meu ABC de cordel a Juazeiro do Norte	8
29 - A morte de Francisco Alves, o "Rei da Voaz" (inédito)	16
30 - A tragédia de Mangeuira (inédito)	16

(conclui à fl. 02)

Folhas Volantes

Título

1 - A. B. C. e Louvação de Castro Alves
2 - ABC para Luiz Gonzaga, o "Rei do Baião"
3 - A Bezerra de Menezes, o "Kardec Brasileiro"
4 - ABC improvisado para Monteiro Lobato
5 - ABC para o HORHAN
6 - ABC para Carlos Drummond de Andrade
7 - ABC para a Campanha do Aleitamento Materno
8 - PoemABC dos Cantos e Danças do Brasil
9 - ABC a Auta de Souza
10 - UM ABC sobre os olhos

Observação:

Só no gênero ABC sou autor de mais de 160 trabalhos, dos quais 28 foram enfeixados no meu livro ABC DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E OUTROS ABECÊS. A maior parte está inédita.

Em posterior releitura é possível selecionar algo melhor do que os aqui incluídos.

Logo seguirão os originais, folhetos, folhas volantes acima relacionados, para sua apreciação.

Grande parte dos meus trabalhos, editados e inéditos, foi doada à Fundação Casa de José Américo, de João Pessoa-PB, através de Neuma Fechine Borges e Altimar de Alencar Pimentel.

Também à UFPB de Campina Grande foram doados muitos dos meus trabalhos, inclusive ao escritor Átila de Almeida e ao pesquisador/poeta José Alves Sobrinho. Ali poderão ser consultados.

Anápolis, 18 de agosto de 1999

PAULO NUNES BATISTA

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO – O POPULAR

SUPLEMENTO CULTURAL – GOIÂNIA, 28 de dezembro de 1975

CORDEL EM GOIÁS (1º DE UMA SÉRIE) Paulo Nunes Batista

A poesia cordelista, fenômeno literário típico do Nordeste brasileiro, tem tido seus cultores, embora esparsa e esporadicamente, também em outras regiões do País.

Já tivemos em mãos alguns exemplares (raros) de folhetos de poesia popular escritos e editados no Rio Grande do Sul, por versejadores sulinos. Diga-se logo que diferem, geralmente, na apresentação e no conteúdo, das tradicionais edições de estórias rimadas nordestinas. Enquanto que os folhetos da Paraíba, de Pernambuco, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Alagoas, Sergipe e Bahia usam, invariavelmente, a sextilha na composição dos romances e contos rimados, já no Sul há preferência pela quadra e a oitava, sendo comum em vez das rimas alternadas de uso corrente na região do cordel, as rimas seguidas e muitas vezes repetidas.

No Norte, Belém do Pará apresenta em feiras e mercados, os tradicionais livrinhos em versos, mas quase sempre os seus autores são nordestinos, às vezes maranhenses e paiauienses.

No Rio de Janeiro conhecemos um poeta popular carioca – Gabriel Nascente, então residindo (1968) à Rua 9, n. 77 – Apto. 101 – bairro da Penha -, o qual escrevera, publicara e ele mesmo vendia, nos subúrbios, um bom folheto rimado sobre a vitória do Brasil, na Copa do Mundo daquele ano. Entretanto, na ex-Capital Federal estão domiciliados muitos poetas populares nascidos no Nordeste. Entre estes, privamos da amizade de João José dos Santos (o cantador Azulão), Cícero Vieira da Silva (Mocó), Manoel Messias (cantador), Rafael de Carvalho (ator de televisão – O "Coronel Coriolano" da recente novela de "Gabriela", de Jorge Amado – e irmão do proprietário das Casas Rio, de Goiânia), além do paraibano Apolônio que, em 1960, juntamente com Mocó, viera trabalhar em Brasília.

Embora tenhamos residido em Minas (mais de ano em Belo Horizonte), viajando grande parte do estado, não encontramos um só folhetista mineiro, nem dentro nem fora das Gerais.

No Centro-Oeste, sabemos que em Mato Grosso existem folhetos em versos, mas as notícias são de que tais obras são ainda de versejadores nordestinos. Em Goiás, onde residimos há mais de 25 anos, sabemos da existência de um único poeta popular goiano -

Antonio Geofrey Wanderley, atualmente Promotor de Justiça em Goiânia -, cujos versos bem feitos lemos com prazer, nos distantes dias de 1956, quando morávamos na capital goiana. Tudo o mais, em matéria de poesia popular, em Goiás (cordel), está diretamente ou por tabela ligado ao Nordeste Brasileiro, sendo nordestinos todos os autores de estórias, pelejas, abecês publicados em terras anhanguerinas, até onde vai o nosso conhecimento do assunto. Vejamos, um por um, entre outros, quais os nomes e alguma coisa dos mais importantes poetas populares, escritores de folhetos em versos publicados em Goiás.

1) FRANCISCO GERRA VASCURADO – F. Guerra Vascurado, como se assinava em alguns de seus trabalhos poéticos, era pernambucano. Agrimensor prático, deixou família no Recife, mudando-se para Goiás há cerca de 30 anos, onde, na cidade de Anhanguera, constituiu nova família, com a senhora dona Orcantina Vieira de Jesus, que dele teve os filhos Eunira, Eulino, Eusa e Albino, todos vivos, residentes em Goiânia, onde o poeta Guerra faleceu e foi sepultado (como indigente) em 1956. Guerra Vascurado era espírita, defendendo um socialismo-cristão em muitos de seus versos. Guerra compunha também sonetos e poemas, além das "estrofes de cordel", tinha boa oratória e escrevia com facilidade, rima espontânea e fertilidade de imagens, nem sempre respeitando a métrica, que quebrava com frequência. Conheci-o em 1948, em Ceres, tendo ele com a família morado alguns dias em nossa casa. Depois, novamente moramos juntos em 1950, já em Anápolis, onde, na Tipografia d'A Luta, vibrante periódico do jornalista anapolino ANTÔNIO GOMES PINTO (A. G. Pinto), começamos, eu e o Guerra, a publicar, em terras goianas, nossos primeiros folhetos rimados. Já em 49 o A. G. Pinto editara meu primeiro folheto – "A vida Atrapalhada de Zé Bico Doce".

Mas F. Guerra Vascurado trazia, de Pernambuco, uma bagagem cordelista, tendo ali editado vários folhetos, entre os quais O TRIUNFO DA INOCÊNCIA, O BALÃO DO DESTINO E A MENINA DA ILHA, O MONSTRO, O ÍNDIO E O MENINO, que o poeta e editor de cordel João Martins de Ataíde vinha, há muito publicando como de sua autoria. Em seu trabalho "Restituição da Autoria de Folhetos do Catálogo...", incluído no volume de estudos – Literatura Popular em Versos – Tomo I – MEC – Rio de Janeiro, 1978 -, o folclorista Sebastião Nunes Batista põe os pontos em muito is, esclarecendo como mestre Martins de Ataíde se apropriava de obras rimadas alheias, incorporando-as, depois, ao seu acervo de poesia popular (pecado, aliás, não apenas dele, mas de vários outros autores-editores do ramo).

Em artigo meu, estampado n'O Popular de 17/12/67 (pág. 16), focalizei a figura de Guerra Vascurado, que fez e foi um pouco de tudo: jornalista amador, professor primário, prático de farmácia, pequeno comerciante, funileiro, colchoeiro, vendedor ambulante e poeta popular entre outras coisas. Sempre a braços com grandes dificuldades financeiras, o velho

Guerra teve vida acidentada, com mudanças e andanças, frustrações e sofrimentos. Em Anápolis, no antigo Largo de Bom Jesus, e em Goiânia, na feira da antiga Vila Nova, Guerra Vascurado e eu vivemos da nossa poesia, vendendo os versos de nossa lavra. Em Goiás FRANCISCO GUERRA VASCURADO publicou os seguintes folhetos: AS CURAS DO CARMELITO, AS QUATRO CLASSES VALOROSAS, DESAFIO DE CAVACO COM COTIA, A BOMBA ATÔMICA E O ABC DA GUERRA, O HOMEM QUE VIROU ONÇA, A COMUNICAÇÃO DE LAMPIÃO, ABC DO ESPIRITISMO, ABC DOS MÉDIUNS, ABC DO PRESIDENTE DE CENTRO, todos editados pela A LUTA de Anápolis.

Ainda há pouco o escritor Nortan Macedo, reeditando seu livro sobre Lampião, transcreve na íntegra A COMUNICAÇÃO DE LAMPIÃO, de F. Guerra Vascurado, informando que o conseguiu através do escritor Orígenes Lessa, o qual entrevistou o poeta Vascurado em Anápolis, quando este ainda possuía uma banca de folhetos no Mercado Municipal desta cidade.

São do folheto ABC DOS MÉDIUNS, de Guerra Vascurado, as seguintes estrofes:

"Aprender constantemente
a Doutrina santa e pura
legada por Jesus Cristo
para toda criatura;
viver sempre vigilante
combatendo a desventura.

Deixar de parte o Orgulho,
a Baixeza e a Maldade,
proceder corretamente,
com toda dignidade,
distribuindo com todos
a maior simplicidade.

Há moradas infinitas
na casa do Pai Divino.
Foi revelação de Jesus,
gravada no Seu ensino.
Existem também as trevas
pra todo filho malino.

Mediunidade é um dom
que se recebe da altura,
para vir servir na Terra
a toda e qualquer criatura.
Não é casa de negócio,
nem balcão de coisa impura.

Varrer todos pensamentos
contrários à caridade,
não ter ódio de ninguém,
conservar Fraternidade,
pedindo sempre a Jesus
a paz para a Humanidade".

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO DO JORNAL O POPULAR GOIÂNIA 11/01/76

SUPLEMENTO CULTURAL

CORDEL EM GOIÁS (2º de uma série)

Paulo Nunes Batista

Há mais de quinze anos venho publicando, na imprensa goiana, artigos e reportagens sobre a poesia cordelista. Em "O Anápolis" (diário de que fui um dos redatores por mais de ano, hoje extinto) e "A Imprensa", de Anápolis; em "O Popular" e "Cinco de Março", de Goiânia, tenho vez por outra escrito a respeito da poesia popular editada em folhetos, no Brasil, citando alguns dos principais autores de cordel e mostrando a importância que essa poesia tem como veículo de informação para as populações do interior. Um desses meus artigos – POESIA POPULAR EM GOIÁS – foi reproduzido (de "O Popular" – Suplemento Literário de 14-1-1968) no volume I da obra ASPECTOS DA CULTURA GOIANA, a cargo do folclorista Ático Vilas Boas da Mota e do escritor Modesto Gomes. Infelizmente, a transcrição está prejudicada em quase trinta por cento, bastante truncada, com sérios erros de revisão.

Em 5-5-1960, no artigo O NOSSO PRÓXIMO CONGRESSO, DOS TROVADORES, estampado em "O Anápolis", eu dizia: 'Talvez pareça muito arrojo pretender colocar o trovador acima do que sempre foi: um pária das letras; o mais pobre de todos os artistas populares, embora dispondo de grande público; ignorado, esquecido e menosprezado pelos "donos da arte"... Mas arrojo não nos falta e, se apoio encontrarmos entre os nossos irmãos da arte, lá, na capital econômica do Brasil, em setembro que aí vem, apresentaremos um plano de ação para a elevação da classe trovadoresca, situando-a em seu legítimo lugar no cenário da arte nacional. O congresso referido era o 1º Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, realizado em São Paulo, capital, de 1 a 7 de setembro daquele ano (1960) e ainda não tinha ocorrido a cisão entre os poetas trovadores (autores de TROVA), liderados por Luiz Otávio, e os trovadores-poetas (autores de folhetos de cordel), encabeçados por Rodolfo Coelho Cavalcante. Atualmente, no Brasil, por trovador entende-se aquele que escreve trovas (composição poética de quatro versos, com sete sílabas métricas cada linha, rimando pelo menos a segunda com a quarta linha e com sentido completo), enquanto o poeta popular escritor de livrinhos

rimados (folhetos de cordel) autor de estórias, abecês, pelejas, etc. que emprega geralmente a sextilha e a setilha em suas composições poéticas é denominado poeta popular, folhetistas, autor de cordel, cordelista, etc. A briga entre os eruditos trovadores e os semi-letrados rimadores de cordel teve seu lado positivo: serviu de divisor de águas, dando a cada um o seu nome certo, sem prejuízo, aliás, para ninguém.

Quanto às nossas ótimas intenções, expressas no trecho extraído daquele nosso artigo citado linhas acima, foram todas por águas abaixo: o poeta popular escritor de folhetos está em plena decadência e vai desaparecer por completo do cenário cultural brasileiro...

Em excelente trabalho de pesquisa, publicado no "Correio Braziliense" de 31-8-1975, anexo 7, Archibaldo Figueira e José Luiz Salles, sob o título CORDEL, UM VEÍCULO DE MASSA, dão bem a medida do que seja (mais realisticamente do que era) o folheto popular em versos, no Brasil, principalmente no Nordeste. Com base em opiniões de gente abalisada, como Rachel de Queiroz, Orígenes Lessa, Djacir Menezes, entre outros, demonstram, os autores daquela importante reportagem, que "mais do que nunca esse folheto artesanal é um veículo de comunicação de massa, o qual, ao atingir as grandes cidades, não apenas vai reconquistando o público imigrante do interior, como também obtendo novos adeptos", mas, por outro lado, dão ênfase à entrevista dada por um dos mais famosos folheteiros do Recife, o poeta de Cordel JOÃO JOSÉ DA SILVA (editor substituto de João Martins de Ataíde), que afirma, a certa altura de seu depoimento: "Era só chegar assim, encostar, e haja povo comprando... Já escrevi pra mais de 200 folhetos entre criação e filme verdadeiro. Gosto de escrever de acordo com a opinião do povo. Daí ser de agrado. Edição de meus folhetos era de 10 mil exemplares e se esgotava três a quatro vezes por mês, não minto. Vários de meus folhetos, tirei mais de 200 milheiros... Folheto de poeta popular sempre foi jornal do povo, era livre de imposto... anote: pela Varig e pela Real já transportei milhares e milhares de folhetos meus, e de Ataíde, de quem sou representante aqui. O frete era barato e nada de imposto. Eu exportava muito para o Sul e para o Norte, mais para o Norte, desde a Bahia até o Pará. Hoje? Ora, hoje é a maior dificuldade. Eu não mando mais nada, nada mesmo. Para melhor completar, hoje eu não vendo nem varejo. Como pode? Pode não, de jeito nenhum. Imagine que tiro a mesma edição de dez mil e levo mais de ano para vender. Está compreendendo?... isto significa sabe o que? QUE A POESIA ESTÁ CAINDO PARA NUNCA MAIS SE LEVANTAR (grifo meu). Se inventou cobrar imposto de vendas e consignações igualmente a outras indústrias... A figura da pessoa do folheteiro me parece

indispensável, uma necessidade. MAS VAI DESAPARECER (grifo meu) com tanto imposto, com tanto chão cobrado pelas prefeituras, com tantas multas... Tenho muita pena de trair a poesia, de procurar outro rumo. Fui feliz com ela, não posso me queixar, devo muito à poesia. A casa que eu tenho, e o resto, abaixo de Deus foi a poesia que me deu. Note uma coisa: Jornal faz muita falta, é artigo de primeira necessidade. O CULPADO PRINCIPAL DE TUDO É O CUSTO DE VIDA (grifo meu). Não sobra tostão para se ir juntando e comprar folheto. Outro culpado é o preço do material de impressão. E ainda há o desapoio das autoridades, cobrando imposto igual ao de outras indústrias mais rendosas".

Até aí a palavra autorizada do meu confrade João José da Silva, em linguajar típico do pernambucano, dizendo a verdade sobre o futuro do cordel. Mas os autores do trabalho a que nos reportamos concluem, completando as amargas declarações do poeta popular, explicando que: "Se examinarmos a questão do desaparecimento do cordel apenas considerando a sinceridade do cantador e editor João José da Silva, e lembrando a já imensa quantidade de rádios de pilha que invade o meio rural, ou que mesmo em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo surgem folhetos como O MOMENTOSO CASO LOU, assinado por Álvaro Armando e Pedro Cantador, possivelmente pseudo-poetas populares, composto e impresso por uma das maiores gráficas cariocas e distribuído por Fernando Chinaglia, seremos fatalmente compelidos a afirmar que até mesmo a tecnologia trama contra o cordel".

Ora, se o cordel está morrendo lá no seu próprio berço e reinado – o Nordeste -, como o denuncia João José da Silva, um dos seus mais genuínos representantes, em Goiás – onde apenas vingou por transplante e por um período relativamente curto – já está morto e sepultado, há anos... Quem, presentemente, publica folhetos em versos populares em terras goianas? Que eu saiba, ninguém. O último folhetista (ou folheteiro) que fez da poesia popular, meio de vida, em Goiás, faleceu (quase de esmolas) em dezembro de 1972, em Anápolis. Deixou mais de uma dúzia de folhetos (dos quais possuo apenas 8, em meu arquivo) e é dele que falaremos a seguir.

2) NAPOLEÃO GOMES FERREIRA (que assinava apenas Napoleão Gomes, em quase todos os seus "romances") era natural de Benedito Leite, Maranhão, mas criou-se em Ribeiro Gonçalves (Estado do Piauí). Entrando em Goiás, há mais de vinte anos, morou neste estado em Natividade (onde foi fazendeiro em Ponta d'Água), Porto Nacional, Peixe, Gurupi, Alvorada e Anápolis. Era filho de César Gomes Ferreira e Clementina Gomes Miranda.

Todos os folhetos de NAPOLEÃO GOMES foram editados em território goiano. O primeiro – ROMANCE DO SENHOR DO BOMFIM – publicado em Natividade (1951) e o último – ROMANCE DA LUA – dado a lume em Anápolis (1971).

Conheci o velho NAPOLEÃO, que era diabético e teve uma perna amputada, vendendo seus folhetos numa cadeira de rodas, na Estação Rodoviária de Anápolis, em 1969. Comprei dele alguns dos seus folhetos, mas quando ele soube que eu também escrevia cordel, fez questão de presentear-me com outros livrinhos seus, tendo eu, por minha vez, lhe feito presente de alguns dos meus. Três anos depois, vinha ele a falecer (1972) e, com ele, desaparecia o último remanescente da poesia de cordel, ainda vivo, em Goiás. Digo último no sentido de ser NAPOLEÃO MENDES o derradeiro poeta popular que fez do cordel uma profissão, dela vivendo, neste estado. Porque há outros, como ANTONIO SENA ALENCAR, com bagagem respeitável no campo cordelista, que, embora vivos, já nada mais publicam, como eu...

NAPOLEÃO MENDES, casado com a maranhense Maria de Lourdes Miranda, deixou os filhos Elza, Berenice e Jurandir (este cego), todos vivos e residentes em Anápolis. Escreveu e publicou os seguintes folhetos: ROMANCE DO SENHOR DO BONFIM, ROMANCE DA CODESPAR, ROMANCE DO PREFEITO DE GURUPI – CHIQUINHO SANTANA, ROMANCE DA MOÇA QUE VIROU COBRA, OS MILAGRES DO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE, ROMANCE DOS SONHOS, ROMANCE DE ZÉ ARIGÓ, ROMANCE DA TRANSAMAZÔNICA, ROMANCE DOS CABELUDOS, ROMANCE DA MINISAIA e ROMANCE DA LUA.

NAPOLEÃO MENDES costumava quebrar muito os seus versos, como, por exemplo, nesta sextilha de ROMANCE DE ZÉ ARIGÓ:

“Meus leitores se adoecerem
Fechem os olhos e fiquem só
Elevem o pensamento a Cristo
Cheio de pena e dó
Invoque pra lhe curar
O espírito de Arigó”.

Mas, no mesmo folheto, há versos bem melhores, como:

“Foi um emissário de Cristo
tinha o coração humano
salvou mais de cem mil doentes

de sofrimento tirano
auxiliado por Jesus
nosso pastor soberano.
No dia do seu enterro
que pezar na multidão
que acompanhava o cadáver
com imensa exclamação
quando chegaram no cemitério
não estava mais no caixão”.

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO – O POPULAR

SUPLEMENTO CULTURAL – GOIÂNIA, 18 de abril de 1976

CORDEL EM GOIÁS (4º DE UMA SÉRIE) Paulo Nunes Batista

ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL, estudioso do folclore nordestino (premiado em 1º lugar com o seu livro "O Diabo no Conto Popular Paraibano", em concurso promovido pela Comissão Nacional de Folclore) além de elogiado teatrólogo (com prêmio nacional do Serviço Nacional de Teatro), atualmente radicado em Brasília, publicou no Caderno Cultural do "Correio Brasiliense" (1ª pág. 06-7-73) interessante estudo sob o título "Literatura de Cordel" – I – Origens e formas. Nesse trabalho, entre muitos outros folhetos citados estão cinco dos meus livretos de cordel, todos publicados em Goiás (Goiânia e Anápolis): BRASÍLIA EM VERSOS RIMADOS, ABC DO CAMINHÃO, ABC DE BRASÍLIA, ABC PARA DOUTOR JUCA e ABC DO DOUTOR SAYÃO.

MANUEL BANDEIRA, o grande poeta de "Estrela da Vida Inteira", em seu "ANDORINHA, ANDORINHA" ("seleta de textos pela primeira vez divulgados em livro e abrangendo 40 anos de colaboração na imprensa do país"), às págs. 34/35, assim termina a crônica "SEMANA CHEIA":

"Um quarto cantador, Paulo Nunes Batista, "Pau Brasil" (pois, cantador que se preze tem que ter outro nome), ofereceu-me dois folhetos – O Filho do Valente Zé Garcia e O Negrinho do Pastoreio, com dedicatória em verso, me arrastando "pelos céus da Fantasia", nas asas soltas do Sonho". Êta eu! (23.IV.1958)" ("Andorinha, Andorinha" – Seleção e Coordenação de Textos por Carlos Drummond de Andrade – Edição comemorativa do 80º aniversário de Manuel Bandeira – 388p. – Livraria José Olympio Editora – Rio de Janeiro – 1966).

Esses dois folhetos de minha autoria, mencionados por mestre BANDEIRA, foram ambos escritos em Anápolis, em 1956, e publicados em 57 pela ex-Gráfica Editora Prelúdio, da Paulicéia, à qual vendi, a preço vil, dezoito originais dos meus contos rimados, perdendo, sobre os mesmos, todos os direitos autorais. Por sinal, essa Prelúdio – que hoje tem outro nome – é no presente a maior editora de folhetos do Brasil, tendo os seus proprietários enriquecido nas costas dos poetas populares do Nordeste, de folhetistas como Manoel d'Almeida Filho, Enéas Tavares, Antônio Teodoro dos Santos, Antônio Sena Alencar (de quem tratei no 3º artigo desta série, neste Suplemento Cultural) eu e muitos outros. Enquanto a Prelúdio aumentava o seu

poderio econômico, nós, os escritores de cordel do Brasil, ficávamos mais pobres, abandonando – quase todos – a profissão de poeta popular por outras que nos garantissem a subsistência.

O Poeta maior CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, em saborosa crônica – "DESPEDIDA DE CORDEL", no "Jornal do Brasil" – Caderno B – do Rio, 08-11-75, pág. 5 – põe, o seguinte lembrete-conselho, que muito me desvanece:

"- Me esquecia: carece tomar tento com as lábias do Coré Mãozinha. Olhe que Zé Bico Doce é o rei da malandragem". (O grifo é meu).

Ora, o grande CARLOS DRUMMOND relaciona, nesse escrito, mais de 50 estórias, dos mais famosos romancistas de cordel do Brasil-Nordeste. E, entre estas, inclui dois folhetos de minha lavra, frutos de minha criação poético-popular em Goiás, pois os nomes daqueles personagens são extraídos, com todas as letras, dos meus livrinhos LÁBIAS DO CORÉ MÃOZINHA e ZÉ BICO DOCE, O REI DA MALANDRAGEM, rimados em Anápolis, editados em São Paulo, pela já conhecida "Prelúdio".

No Tomo I – ESTUDOS – de LITERATURA POPULAR EM VERSO (Coleção de Textos de Língua Portuguesa Moderna (4) – Fundação da Casa de Rui Barbosa – MEC – Rio, 1933), vê-se, à pág. 408, fac-símile do CONTRATO SOBRE DIREITOS DE "PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA firmado entre mim – como autor – e a firma A.A. Lopes & Souza, proprietária da ex-Gráfica Editora Prelúdio da capital bandeirante. Pelo referido contrato – onde consta meu endereço residencial de então: Praça Bom Jesus, 554, 2º andar, Anápolis, Estado de Goiás – eu vendi àquela editora paulista a obra de minha autoria "UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS" (um romance de 32 páginas, em sextilhas populares), pelo preço de Dois Mil Cruzeiros (cruzeiros velhos) em 28 de maio de 1956. Um exemplar de folheto de 32 p. da Prelúdio custa, no varejo, Um Cruzeiro (velho), à época.

Assim, por qualquer tutaméia, eu e muitos outros cordelistas nordestinos fomos alienando a nossa obra, o que de melhor havíamos composto em versos ao gosto do povo até então. Na cláusula contratual referente ao objeto da venda, lê-se que "O(s) outorgante (s) Autor (es) cede (m) vende (m) e transfere (m) à Editora, em plena propriedade para todo o mundo, a (s) seguinte (s) obra (s) da sua autoria, a saber: "UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS" – abrangendo a alienação o exercício de todos os direitos e faculdades de caráter explorativo-patrimonial inerentes à propriedade literária e artística, e dentre eles:

a) o direito de edição gráfica, em todas as suas modalidades ou processos;

b) o direito de elaboração nas formas usuais, inclusive as previstas pelos artigos 656, 658, 664 e 665 do Código Civil, inclusive adaptação para fins de radiodifusão ou televisão;

c) o direito de elaboração e reprodução fonomecânica e cinematográfica ou para fins cinematográficos;

d) o direito de tradução para outro idioma".

No item Publicação, reza o contrato que: "A editora assume a obrigação de publicar, pôr à venda e divulgar.

O lançamento das edições, a forma, o tipo, a tiragem e o preço de venda são da livre escolha da editora que, por ser proprietária, não terá obrigação de numerar ou de qualquer forma identificar os exemplares lançados.

Para finalizar, dispõe o documento que a outorgada – editora – pagaria ao(s) autor(es) "uma reserva de 50% (cinquenta por cento)":

- "no produto de eventuais reproduções ou adaptações fonomecânicas ou cinematográficas que a editora receber;

- sobre o que a editora receber de sub-editor estrangeiro;

- sobre o que a editora receber da concessão de licença para a adaptação radiofônica ou teleradiofônica", e que, "dessas reservas percentuais a editora dará conta ao(s) autor(es) cada seis meses, em sua sede comercial".

Nas bases acima, a Prelúdio adquiriu, por bagatelas, dos melhores autores de folhetos rimados do Brasil, dezenas de originais, entre os quais o que esses autores populares haviam produzido de melhor. A coisa chegou a um ponto que, dentro de alguns meses, a parte mais importante da obra de Manoel d'Almeida Filho (talvez o melhor dos autores de cordel que ainda escrevem, hoje, no Brasil) estava toda em poder da Prelúdio, em São Paulo, enquanto o poeta, lá em Aracaju, já não podia mais editar os seus famosos folhetos – justamente os mais procurados pelo público ledor de cordel – e, como ele vivia dessa atividade intelectual-comercial, via-se obrigado a comprar, da Prelúdio – ao preço de venda que ela impunha – os exemplares de seus próprios folhetos, enroupados em edições sofisticadas mas inacessíveis ao bolso do freguês habitual, aficionado ao gênero no Nordeste. Resultado: o grande poeta popular Manoel d'Almeida Filho, meu conterrâneo de Paraíba, vive hoje em Aracajú, de vender gibis e esses livrinhos safados de cobóis (caubóis), pois a poesia não dá mais (para) viver. Comigo deu-se o mesmo: sendo revendedor, eu vendia meus originais em troca de exemplares dos folhetos-Prelúdio, já não mais podendo editar o que era meu. E como a editora não tinha compromisso de editar com prazo marcado o que ia comprando, muitos dos nossos originais – vendidos a ela há mais de 20 anos – até hoje nunca foram dados à luz. Um exemplo, para ilustrar: A HISTÓRIA DO ÍNDIO AFONSO, inspirada no romance "O índio Afonso", de Bernardo Guimarães, e com uma apreciação-relâmpago do escritor Ursulino Leão, vendida por mim à Prelúdio,

constituindo-se num folheto de 64 páginas, nunca foi por ela dado a lume, nem eu posso fazê-lo editar, já que alienei todos os direitos que tinha sobre esse trabalho em benefício daquela poderosa empresa publicadora.

No 2º volume, verbete "CORDEL", da "Grande Enciclopédia Delta Larousse", meu modesto nome aparece ao lado do de Manuel d'Almeida Filho (ver edição de 1970), citado como um dos autores que têm folhetos editados pela Prelúdio, cujas edições diferem da dos tradicionais folhetos de cordel impressos no Nordeste. Estes, geralmente, apresentando-se em tamanho menor, papel inferior, capa com xilogravura clichê a uma só cor, acabamento rústico. Enquanto dos folhetos da Prelúdio – e os da sua sucessora no ramo, a Luzeiro Editora Limitada, dos mesmos donos da anterior, que "faliu" (?), mas continua firme e forte (!) – mostram capa envernizada em policromia, com sugestivos desenhos, tamanho maior, tipo almanaque de produtos farmacêuticos – clichês internos e ótima impressão.

Noventa e nove por cento dos folhetos da Prelúdio (hoje Luzeiro) são de autoria de poetas populares nordestinos, isto, quanto ao setor de cordel, pois, além de estórias, aquela editora imprime também livrinhos de canções populares, modinhas, modas de viola, receitas, cartas de amor, orações, etc. Existe, aliás, uma generalizada má vontade da parte de muitos folcloristas, em incluir as edições Prelúdio no rol dos folhetos de cordel. Não vejo, contudo, razão para isso e no próximo trabalho desta série, pretendo defender este meu ponto de vista, provando que, literatura de cordel é, sobretudo, contudo, a temática versada, o jeito de poetar, a construção e disposição das estrofes, a linguagem típica empregada pelo escritor popular, sendo, o aspecto exterior do folheto irrelevante, totalmente secundário para caracterizar a estória, a peleja, o abc.

Quis, até aqui, provar, com as citações transcritas, deixar claro que existe literatura de cordel em Goiás, obras aqui escritas e publicadas, transpõem as fronteiras goiana e são lidas, colecionadas, referidas em estudos, artigos, revistas, livros de folclore. Já havendo, antes, abordado os nomes dos poetas populares FRANCISCO GUERRA VASCURADO, NAPOLEÃO GOMES FERREIRA (cujo nome correto é este, e não Napoleão Mendes, como, por lapso meu, saiu por três vezes no nº 2 desta série – "Suplemento Cultural" – O Popular de 11/01/76 – Pág. 6) e ANTÔNIO SENA ALENCAR, além do meu, reservei para hoje, o do cordelista CAROLINO LEOBAS (que abre a boca e lê obras, dele, em praça, mercado, rua, estão de rádio e tevê, vivendo de sua poesia em Goiânia, Brasília, Anápolis e no resto do Brasil, como autêntico menestrel andejo e inquieto).

CAROLINO LEOBAS é natural da Bahia, mas viveu grande parte de sua vida em Mato Grosso, onde num garimpo, em que tentava a vida, veio a descobrir um homicídio que

lhe deu matéria para o seu primeiro folheto rimado – O CRIME DO POÇO, editado, com sucesso, pela afamada Prelúdio, há uns vinte anos. Daí para cá, tem percorrido o país, de São Paulo ao Amazonas, estado este onde imprimiu o ano passado o que chama seu "livro" um volume de 138 páginas contendo diversos dos seus folhetos rimados.

CAROLINO já apareceu em programas de rádio e televisão, como os do Cidinho e do Chacrinha, e ainda outro dia (em 1975) foi a vedete do programa UBE Cultural, da TV Anhanguera, em Goiânia, lendo ou declamando versos seus. Há um reparo, todavia, a ser feito, a bem da verdade: LEOBAS não é repentista. Os versos que ele diz são antes por ele escritos e decorados. Dos quatro poetas de cordel de quem já falei, com exceção de mim, aqui nesta série de artigos, o único repentista é o ANTÔNIO SENA ALENCAR. Quanto a mim, todos que me conhecem sabem que só componho de improviso – seja abc, sextilha, trova, soneto, poema, etc. O repentismo é um dom, e quem não tem de berço jamais o obterá em compêndios e escolas. CAROLINO LEOBAS verseja com fluência, escreve como quem fala, com simplicidade e alguma verve. É fértil e já conta com boa bagagem cordelista. Além de poeta popular tem sido garimpeiro e corretor imobiliário. Viaja muito. Ao contrário dos *cantadores de folheto* nordestinos, ele apenas lê seus versos, não os cantando. Ultimamente o meu amigo LEOBAS prefere oferecer os seus folhetos – agora é seu *livro* que custa Cr$ 15,00 o exemplar – em escritórios, casas comerciais, bares e cafés, a pessoas mais cultas. Peleja, ao que parece, para tornar-se "intelectual", *escritor de uma elite*, abandonando o nível do *poeta popular*...

Entre os folhetos de CAROLINO LEOBAS, muitos deles compostos e impressos em Goiás (Goiânia, Anápolis) e Brasília, além do O CRIME DO POÇO, cito: PERCORRENDO O MEU BRASIL, AS RIQUEZAS DO AMAZONAS, AS RIQUEZAS E BELEZAS DE RORAIMA, A MEMÓRIA DE UM POETA, HISTÓRIA DE RIO BRANCO EM MATO GROSSO, O VALOR DO NORDESTINO (folhetos que variam de 8 a 16 páginas). Tendo residido em Goiânia, tanto aí como em Anápolis ficou conhecido, oferecendo os seus livretos rimados pelo que deve por justiça ser incluído entre os que fizeram ou fazem cordel em Goiás. Aí vão duas septilhas de PERCORRENDO O MEU BRASIL (com minha gratidão, apesar de exagero evidente).

"De lá fui à Paraíba
Que a simpatia conquista
Berço de um grande poeta
É poeta e jornalista
É meu colega e amigo
O nome dele eu lhe digo
É Paulo Nunes Batista".

“Eu fiz sucesso em São Paulo
Em Minas tenho cartaz
Sou querido em Mato Grosso
Da mesma forma em Goiás
Assim em todos Estados
Por onde eu tenho passado
Sou aplaudido de mais”.

LOUVAÇÃO A BERNARDO ÉLIS

Paulo Nunes Batista

Alto, feito um buriti
aberto em flor de amplidão,
com seu jeito de água pura
brotando do Olho do Chão,
Bernardo Élis Goiano
traz todo o mar do Altiplano
na palma de sua Mão.

Buriti, Bernardo Élis,
Flor dos "Ermos e Gerais",
é o Araguáia das Letras
do Coração de Goiás:
Homem do Brasil do Centro,
põe a alma da terra, dentro
de cada livro que faz.

"Caminhos e Descaminhos"
por esses Goiás andou...
É "O Tronco" de angico forte
que a queimada não queimou:
é o Goiano, o Brasileiro
"Veranico de Janeiro"
que Deus ao Sertão mandou!

Dentro de Goiás há três
Bernardos de citação:
um - Bernardo Guimarães;
depois - Bernardo Sayão
e - o maior de todos eles -:
o grande Bernardo Élis,
com fardão ou sem fardão.

Ele, Bernardo, resume
a Alma Goiana: é raiz,
TRONCO, ramos, flor e fruto
do coração dos Brasis:
deste País Brasileiro
tem - da terra - a cor, o cheiro
e aquele jeito feliz...

Força é esse Bernardo Élis
das águas nas corredeiras,
nos funis, nas chuvas grandes,
no ronco das cachoeiras...
Força de Mãos calejadas
pelas foices e as enxadas -
Goianas Mãos Plantadeiras...

Goiano rio é Bernardo
Élis... vales, arrozais...
garapa, mel, rapadura,
a viola, a moda, os ai-ais...
o arroz-com-pequi, a ema,
o boi, a tropa, o poema
desses "Caminhos Gerais"...

Homem do Povo, Bernardo
Élis é Povo: é catira...
Zé Ninguém do Guatambu
nas unhas do "tatuíra"...
É carro de boi gemendo
e os Pés chatos percorrendo
a Distância... que se estira...

Índio, caboclo, Bernardo
Élis é esse boi carreiro -
retrato de um Brasil velho
batido de corpo inteiro...
É todo o Sertão sofrido,
doído, compadecido...
"Veranico de Janeiro"...

Jabuticaba madura
chupada em cima do pé...
um côco d'água de pote...
a caneca de café
torrado em casa, cheirando -
Bernardo Élis, contando
as suas histórias, é...

Livro de Bernardo é canto
natural de passarinhos...
é baque de saltos d'água
e arrulos doces de ninhos
desses Goiás de meu Deus
que ele nos canta, nos seus
"Caminhos e Descaminhos"...

Mago do Conto, ele é Sangue
plantado no Coração,
desabrochando em Trabalho
na Rosa de cada Mão...
renascendo das ruínas
é - "A Terra e as Carabinas" -
sofrer que se faz Canção...

(conclui à fl. 02)

Nos Contos, Bernardo Élis
deixa na alma do leitor
marcas da terra, da gente
com seus sonhos, sua dor,
seu suor, sua alegria,
sua autêntica poesia
de "espinho cheirando a flor".

Onde nasceu? - Corumbá
de Goiás. Republicano
de berço, nasceu num 15
de novembro, sendo o ano
de 15 (mil novecentos...):
um dos grandes nascimentos
deste nosso Chão Goiano.

"Primeira Chuva" caindo
nos "Caminhos dos Gerais"...
a terra todo se rindo
pelos olhos vegetais...
Sua vida é sua obra:
fidelidade de cobra
aos instintos ancestrais...

Que "Assombramento" é o primeiro
conto que Bernardo fez
no piso de Afonso Arinos,
quem sabia? - em 26...
Em 44 edita
"Ermos e Gerais": palpita
seu gênio, aberto de vez.

Rede de apanhar Beleza
nos olhos Bernardo tem:
"Caminhos e Descaminhos"
em 65, vem
dar-lhe glória, não dinheiro;
"Veranico de Janeiro",
em 66, também...

Sessenta e sete lhe traz
o "Jabuti" de presente:
prêmio tido pelo "O Tronco" -
romance de "tempo quente",
de Abílio Wölney, jagunços,
brigas, polícia, furdunços:
Goiás - alma, terra e gente!

Tirou-se, em 68,
de "O Tronco", nova edição.
72: novo prêmio,
por outro livro, lhe dão -
"Marechal Xavier Curado".
Bernardo Élis, lembrado,
sobe mais de cotação.

Um 76 de glória: -
é, para a A.B.L., eleito,
ganhando de JK
num leal, renhido pleito.
Imortal, entre imortais!
Seu "Caminhos dos Gerais"
se edita: livro bem feito!

Vem 77: a Block
faz editar o "Goiás" -
um livro muito importante
sobre Estudos Sociais.
"Bernardo Élis - Seleta"
o autor goiano projeta
pelo Brasil, mais e mais.

Xibios e pedras brilhantes
de tamanhos que enchem a vist
estão nas minas dos livros
desse Eminente Contista.
Bernardo Élis, n' "A Enxada",
mostra a força concentrada
de um mestre regionalista.

Zé Américo, Zé Lins
do Rego, Graciliano
Ramos, ou um Jorge Amado
ou mesmo esse soberano
- o Mestre Guimarães Rosa -
nenhum deles vence, em Prosa,
Bernardo Élis GOiano!...

(Anápolis, 13-4-78)

A.B.C. PARA F. MAXADO, CANDIDATO A PRESIDENTE

Autor: PAU BRASIL DE GOIÁS

Advogado e poeta,
baiano, macho inteirado -
uma existência completa
do Povo lutando ao lado -
contra o Imperialismo vil,
pra governar o Brasil
nós temos FRANKLIN MAXADO !

Baiano destolado,
à sua origem fiel -
na Defesa da Justiça
cumprindo bem seu papel -
contra o Erro ele batalha,
sendo seu Verso a metralha
nas trincheiras do Cordel !

Contra a"lei do coronel"
rico latifundiário,
que escraviza o Lavrador
e oprime o Povo Operário,
MAXADO em seus Versos diz:
Com o Latifúndio infeliz
acabar é necessário !

Do nosso Problema Agrário
MAXADO sabe a equação,
conhece o xis do problema -
a única solução:
sem demagogia e/ou guerra
distribuir logo a terra
com todos que plantam o Chão !

É, MAXADO, um nosso irmão
Sofredor e Lutador -
sabe o que sofre o Operário
e o que sofre o Lavrador.
Da Nação tendo a Chefia,
não vai haver mordomia
nem tem vez o Explorador !

FRANKLIN começa com F
de Fiel, Força e Fazer:
Fiel ao Povo - ele é Forte!
Conseguindo se eleger,
teremos algo de novo
no Brasil: MAXADO é Povo
e o Povo vai pro Poder !...

Gananciosos, os donos
das multinacionais
fazem do nosso Brasil
o quintal dos seus quintais...
O dólar sobe sem dó
e o cruzeiro vira pó
nas unhas desses chacais !

Homem que conhece os mais
e os menos deste País -
que ele andou de ponta a ponta,
pondo os pinguinhos nos is, -
MAXADO pode falar:
sabe, sem medo de errar,
onde tem o seu nariz !

Inimigo do Inimigo
do Povo - ele denuncia
nos seus versos, a Inflação,
a FOME de todo dia
que de Dor o Povo veste:
com ou sem Seca - o Nordeste
se acaba na Carestia !

Jovem: Você que é Estudante
e enfrenta a Dificuldade,
porque não pode pagar
o preço da Faculdade -
aprenda as "regras do jogo":
quem elege demagogo
trai a nacionalidade !

Leitora Dona de Casa:
Você que sofre a agonia
de ver a Necessidade
comer toda economia,
lembre que só um MAXADO
do gume firme e afiado
pode cortar essa orgia ...

MAXADO é - Melhor Salário
pro Povo Trabalhador !
Isso só será possível
quando o Povo unido for ...
pondo a frente da Nação
quem combata a Exploração,
tirando do Povo a Dor!...

Não facilite, eleitor,
nada de "voto comprado":
chegando eleições diretas,
dê um voto aproveitado
votando em gente da gente
e elegendo Presidente
do Brasil - FRANKLIN MAXADO !

O Brasil só vai pra frente
se houver eleição direta
para poder atingir
o alvo de sua meta:
quando chegar a eleição,
para Chefe da Nação
vote em MAXADO, o poeta !

Poeta de sentimento,
tem de Deus a Inspiração:
MAXADO na Presidência,
Trabalho não falta não:
a Mordomia se encerra:
o Lavrador vai ter terra,
o Operário vai ter Pão !...

Quebra-quebra não resolve
a Miséria do País,
que está quebrado e mal pago
da copa até a raiz...
Quando a baderna dispara,
o Pobre é quem quebra a cara
sob os cassetetes vis ...

Resolve é - Protesto firme,
inteligente e sensato
no Campo, nas Oficinas,
no Centro urbano ou no mato !
resolve - é a Organizaçao,
a Poderosa União
no Bairro e no Sindicato !

Somos Milhões de Oprimidos
no Sul, no Centro, no Norte.
Mas, se estivermos UNIDOS -
seremos um Povo Forte.
E esse Povo Organizado,
tendo na frente um MAXADO -
vai decidir sua Sorte !

Trabalhadores da Roça,
Operários da Cidade,
Profissionais Liberais
e toda a Comunidade
a quem a FOME devasta,
é a hora de dizer: - Basta !
Abaixo a NECESSIDADE !

Um Povo que não tem mais
o direito de escolher
o seu próprio Presidente,
já não tem o que perder ...
Lutemos, por conseguinte,
por uma CONSTITUINTE -
pra DEMOCRACIA haver !

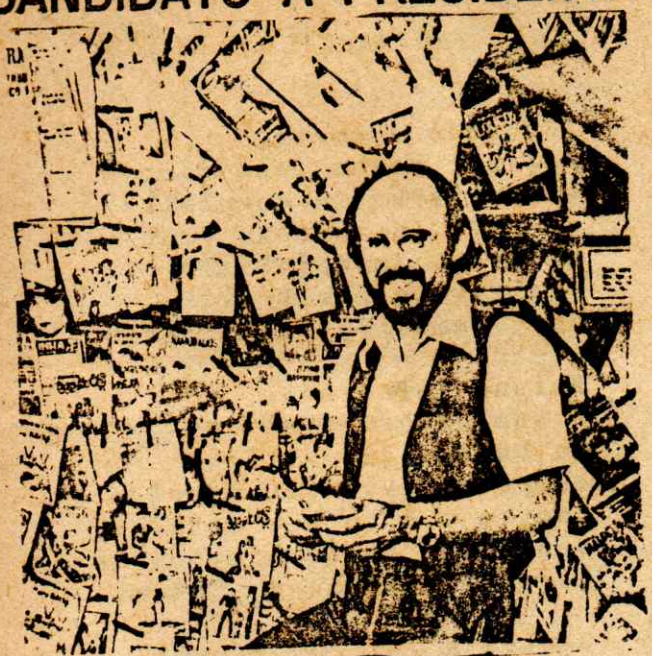
Votemos nos Candidatos
que sabem o que o Povo quer:
contra a Discriminação
de Índio e Negro, homem e Mulher !
MAXADO mandando aqui
vai mandar o F.M.I.
pros fundos de Lucifer !

Xingar e só gastar vela
nos pés de defunto ruim ...
Vamos conquistar as Ruas,
fazendo voltar, assim,
com a Esperança, de novo
as Praças às Mãos do Povo
e o Brasil ao Povo, enfim !

Zé Povo não quer baderna,
confusão nem desatino:
quer - Trabalho, Pão, Escola
pra homem, mulher e menino.
O Brasil quer o direito
de - por Presidente eleito -
ter (M)ACHADO NO(R)DESTINO !...

Autor: PAU BRASIL DE GOIAS

A.B.C. PARA F. MAXADO, CANDIDATO A PRESIDENTE



Leia e colecione CORDEL, a Literatura de nossas raízes.

Pedidos • Rua Augusta, 1.524 - loja 36
• Tel. 289-8725 São Paulo - SP
CEP.01304

A nova capital dos nordestinos

...et com atenção a brincalhona más / ...sa poesia popular brasileira percebe que, sob o humilde revestimento de versos setissílabos ou do martelo galopante, nossos cordelistas, eles têm consciência da / realidade nacional e fazem a seu modo uma crítica social e política que fere fundo / nossa hipocrisia cívica - e isto, na maioria dos casos, a poesia chamada culta não sabe ou não pretende fazer.

.....

Acho que devemos considerar válida a alternativa: um poeta no poder. E cordelista, ainda por cima. Temos tido tantos prosadores, de paletó ou farda, nesse posto. Por que não experimentar um poeta, ainda mais representante genuíno do nosso povo mais / sofrido e mais impregnado de poesia, apesar de todos os decretos, pacotes, desindexações e o diabo em figura de crise:

Os poetas populares, com toda a força, / integraram-se na sociedade brasileira, e / passaram a ocupar espaço cultural nas grandes cidades."

Carlos Drummond de Andrade

(Trechos de crônicas publicadas no JORNAL DO BRASIL dos dias 24 de junho, 16 e 19 de agosto de 1.983).



Editado pela Folheteria Maxado Nordestino, comemorando seus 10 anos de fundação